

FEBRE DE ARREBATAMENTO

A PARALISIA DO
DISPENSACIONALISMO
E SUAS CAUSAS



GARY NORTH

FEBRE DE ARREBATAMENTO

**A PARALISIA DO DISPENSACIONALISMO
E SUAS CAUSAS**

GARY NORTH

**TRADUÇÃO
DANIEL P. RODRIGUES**

pm
POS-MILENISMO
PRODUÇÕES

Publicado originalmente em inglês sob o título
Rapture Fever: Why Dispensationalism is Paralyzed
Institute for Christian Economics
Disponibilizado de forma livre e gratuita por publicador original em website

É permitida a livre reprodução e distribuição do presente material,
sem necessidade de permissão, desde que não o seja para fins comerciais

Pós-Milenismo Produções
www.posmilenismo.com.br
editor@posmilenismo.com.br

1ª Edição: 2025
ISBN: 978-65-01-56886-7

Tradução: Daniel P. Rodrigues
Diagramação: Daniel P. Rodrigues

Citações bíblicas foram extraídas da Bíblia King James Fiel 1611,
salvo indicação do contrário
Copyright © 2017 por BKJ 1611 Editora LTDA

ACF, Almeida Revista e Corrigida © 1994, 1995, 2007, 2011
Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil

KJC, King James Clássica © 2017 de Editora Hagnos LTDA.
Todos os direitos reservados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

North, Gary, 1942-2022

Febre de arrebatamento : a paralisia do dispensacionalismo e suas causas
/ Gary North; tradução Daniel P. Rodrigues. -- 1. ed. -- Sumaré, SP : Daniel
Pereira Rodrigues, 2025.

Título original: Rapture Fever: Why dispensationalism is paralyzed.
ISBN 978-65-01-56886-7

1. Arrebatamento (Escatologia cristã) - Ensino bíblico 2. Apocalipse
(Teologia) 3. Dispensacionalismo 4. Escatologia - Ensino bíblico 5.
Profecia - Cristianismo - Ensino bíblico I. Título.

25-284259

CDD-230.04

Índices para catálogo sistemático:

1. Dispensacionalismo : Cristianismo 230.04
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este livro é dedicado a

Kenneth L. Gentry, Jr.

cujos livros teriam paralisado os teólogos dispensacionalistas desta geração, se não fosse pelo fato de já estarem paralisados pelas revisões constantes que fizeram ao sistema.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Prefácio	23
Introdução	37
1. Infundáveis Profecias Falsas Produzem Paralisia	57
2. Medo de Homens Produz Paralisia	79
3. Pessimismo Produz Paralisia	101
4. O Dispensacionalismo Remove A Esperança Terrena	115
5. Um Compromisso com a Irrelevância Cultural.....	131
6. Uma Escatologia de Gueto	149
7. A Casa das Sete Confusões.....	167
8. Revisando o Dispensacionalismo Até a Morte	183
9. Dispensacionalismo vs. Criacionismo de Seis Dias.....	201
10. Dispensacionalismo vs. Santificação	211
11. Esquizofrenia Teológica.....	219
12. A “Babilônia” Caiu e o Dispensacionalismo Também	227
13. O Estranho Desaparecimento das Instituições Dispensacionalistas.....	235
Conclusão	243
Bibliografia	263
Um Desafio Ao Seminário de Dallas	277
Uma Estratégia de Três Anos Para Pastores	278
Uma Estratégia de Três Anos Para Leigos	279

À DESTRA DE DEUS, ATÉ QUE...

Salmo de Davi.

O SENHOR disse ao meu Senhor: **Assenta tu à minha destra, até que eu faça teus inimigos o teu escabelo.** O SENHOR enviará a vara da tua força desde Sião; **governe tu no meio dos teus inimigos.** Teu povo estará se voluntariando no dia do teu poder, nas belezas da santidade desde o útero da manhã; tu tens o orvalho da tua juventude. O SENHOR jurou, e não se arrependará: Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque. **O Senhor, à tua mão direita,** atingirá os reis no dia da sua ira. Ele julgará entre os pagãos, ele encherá os lugares com cadáveres; ele ferirá as cabeças através de muitos países. Ele beberá do ribeiro no caminho; portanto ele levantará a cabeça. (Salmo 110:1-7; ênfase adicionada)

Mas, agora é Cristo ressuscitado dos mortos, tornando-se as primícias dos que dormem. Pois desde que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como em Adão todos morrem, igualmente também em Cristo todos serão vivificados. Mas cada homem em sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda. **Então virá o fim, quando ele tiver entregue o reino a Deus,** ao Pai, e **quando ele tiver derrubado todo o governo, e toda a autoridade, e poder.** Pois ele deve reinar, até que ele tenha colocado todos os inimigos debaixo de seus pés. **O último inimigo que será destruído é a morte. Porque ele colocou todas as coisas debaixo de seus pés.** Mas, quando ele diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, está claro que exclui-se aquele que colocou todas as coisas sob ele. E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o mesmo Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus possa ser tudo em todos. (1 Coríntios 15:20-28; ênfase adicionada).

APRESENTAÇÃO

(para ser lida)

Porque qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro para calcular o seu custo, para ver se tem o suficiente para acabá-la? Para não acontecer que, depois de haver posto os alicerces, e não sendo capaz de acabá-la, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não foi capaz de acabar. (Lucas 14:28-30)

Calcule os custos, Jesus disse. Mas também devemos nos lembrar de calcular os benefícios. Nesta Apresentação, falarei de três grandes dons que estão disponíveis a todos os cristãos por serem membros da Igreja da Nova Aliança de Deus. A existência destes dons extraordinários tem sido negada por muitos teólogos. Milhões de cristãos leigos, por consequência, têm sido relutantes em aceitar estes benefícios da mão de Deus. Concluí que já era hora de um leigo cristão responder a isso. Eu sei ler a Bíblia, também, e eu estou convencido que todos estes três dons não apenas estão disponíveis ao povo de Deus, mas que Ele também está grandemente insatisfeito quando negamos a existência deles e, assim, os rejeitamos.

Há uma razão para a hesitação de cristãos em admitir a existência e disponibilidade destes dons. Eles sabem que todas as bênçãos de Deus acompanham deveres e obrigações. Nunca recebemos alguma coisa por nenhuma razão. Até mesmo a salvação exige com que homens vivam novas vidas que rompam com seu passado maligno (1 Cr. 6:9-10; Ef. 5:1-5). Milhões de Cristãos acham que podem fugir de muitos deveres e obrigações se simplesmente se recusarem a aceitar as bênçãos de Deus. Esse é um erro terrível. É análogo a uma pessoa rejeitar o dom da vida eterna por saber que precisará viver de forma diferente após recebê-lo. Ela prefere recusar o dom da salvação ao invés de permitir que Deus mude sua vida para melhor.

O Dom da Vida Eterna

Em julho de 1959, um homem sentou-se comigo após um culto. Ele abriu a Bíblia. Nunca tinha lido a Bíblia inteira; eu tinha 17 anos, e vivia num lar não-cristão. Este é o primeiro versículo que ele me mostrou:

Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.
(Romanos 3:23, ACF)

Eu sabia que isso era verdade. Homens não são Deus, e Deus é perfeito. Lá em 1959, um pagão poderia passar pela educação pública americana e ainda saber disso. Eu sabia que eu estava incluso nas palavras “porque todos”. Mas, então, ele me mostrou outro versículo:

Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor. (Rm. 6:23, ACF)

Este versículo chega a uma conclusão a partir do anterior: todos os homens irão morrer. Meu amigo me disse que era melhor que eu também cresse nas conclusões da Bíblia sobre o salário do pecado, se eu já cresse na premissa bíblica de todos terem pecado. Eu cheguei a essa mesma conclusão. Meu pai fora um policial militar e era, na época, um agente do FBI, um dos homens de J. Edgar Hoover.¹ Eu sabia que havia causa e efeito em quebrar leis e receber punição. Então, eu aceitei a verdade do alerta: “Porque o salário do pecado é a morte.” Mas há uma maneira de escapar da morte. A segunda metade do versículo é crucial: “mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor”. Jesus Cristo é o Senhor. Ele oferece um dom, um presente. Era melhor que eu aceitasse, alertara meu amigo, e assim eu o fiz.

Havia um custo em não o aceitar: a morte. Havia um benefício de grande valor em o aceitar: vida eterna. Mas o que ele não me disse – o que poucos fundamentalistas-dispensacionalistas² chegam a dizer àqueles com

¹ Primeiro diretor do FBI americano [N. T.]

² Menções ao fundamentalismo neste livro referem-se ao movimento fundamentalista, que emergiu no século XX em oposição ao liberalismo teológico. Este caracteriza-se por uma interpretação estritamente literal do texto bíblico e, em seu desenvolvimento nos EUA, passou frequentemente a adotar uma hermenêutica dispensacionalista e escatologia pré-tribulacionista [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

os quais compartilham a mensagem de salvação – é que *há custos em aceitar o dom*. É um dom gratuito no sentido de ser oferecido gratuitamente àqueles que não o merecem, mas não é um dom gratuito no sentido de não exigir mudanças na vida de uma pessoa – uma vida inteira de mudanças. Por exemplo:

Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis; nem os fornicadores, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os abusadores de si mesmos com os do sexo masculino, nem os ladrões, nem os cobiçosos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os extorquidores, herdarão o reino de Deus. (1 Coríntios 6:9-10)

É bem claro, né? Certamente, foi bem claro para aqueles que receberam o alerta de Paulo, uma vez que alguns deles vieram desse mesmo estilo de vida: “E assim foram alguns de vós, mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus.” (1 Co. 6:11).

Há alguns benefícios disponíveis para você, cristão, que você não está disposto a reivindicar sendo dispensacionalista. Assim como o dom gratuito da graça que deve ser reconhecido e aceito por quem o recebe para que a transação da salvação seja concluída, estes outros dons também devem ser reconhecidos e aceitos por quem os recebe para que sejam eficazes. Mas milhões de cristãos ouviram de seus mestres e amigos que estes dons não são para cristãos. Estes dons, supostamente, são apenas para aqueles que se converterão a Cristo durante um milênio futuro. Até lá, teólogos dispensacionelistas insistem, é para nem mexer! Estes dons, supostamente, não são para essa dispensação.

Com este livro, desejo persuadi-lo a aceitar tanto a realidade destes dons quanto as responsabilidades atreladas a eles, assim como esse meu amigo no ano de 1959 me persuadiu a aceitar o dom da vida eterna.

Dom nº 1: Nossa Participação no Reino Terreno de Deus

Sobre a vida eterna, Jesus diz que ela não começa no momento da morte física. Ela começa quando uma pessoa aceita como sua possessão a vida perfeita de Jesus Cristo, Sua morte e ressurreição corporais, e Sua

Apresentação

ascensão à glória à destra de Deus *na história*. A vida eterna começa na história:

Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; e aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele.
(João 3:36)

Similarmente, Jesus nos diz que, como membros de Sua Igreja eterna, somos herdeiros do reino da Antiga Aliança que Deus dera por graça aos judeus. *A Igreja recebe como herança o reino de Israel*. Jesus não disse isso apenas aos Seus discípulos, mas também aos judeus de Seus dias, que o odiaram por lhes ter dito isso:

Portanto eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos. (Mateus 21:43)

Essa nova “nação” não é alguma entidade política ou geográfica; ela é uma entidade internacional e espiritual: Sua Igreja. Mas a igreja é mais que apenas espiritual: ela é uma instituição, composta de seres humanos reais e vivos. O reino de Deus é mais amplo que Sua Igreja.

Benefícios

Como membros do reino de Cristo, cristãos regenerados tornam-se herdeiros de todas as promessas atreladas a tal condição. Jesus disse em seu famoso Sermão da Montanha: “Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” (Mt. 6:33). *Todas estas coisas*: comida para comer, bebida para beber e roupas para vestir (Mt. 6:31). Sendo mansos diante do Deus Todo-Poderoso, Cristãos podem ser corajosos diante dos homens. É por isso que Jesus prometera antes em seu sermão: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra” (Mt. 5:5, ACF). Ele não quis dizer mansos diante dos homens, mas sim mansos diante de Deus.

Até bem recentemente, dispensacionalistas negavam que essa promessa era dada aos Cristãos. Ainda assim, ensinavam que o reino de Deus em Mateus 6:33 é o mesmo reino prometido em Mateus 21:43. Isso pode ser visto na Nota 1, página 1029, da *Bíblia de Referência Scofield* original (1909). Ela diz que o reino que estava prestes a ser transferido aos

FEBRE DE ARREBATAMENTO

gentios era o reino de Deus. A nota direciona o leitor a outra nota em Mateus 6:33: reinos idênticos.³

Mas então Scofield discute as “bem-aventuranças”. Ele diz que elas se referem apenas ao reino dos céus (Nota 2, que começa na página 999). “Nesse sentido, o Sermão da Montanha é pura lei...” (pg. 1000). Scofield, então, remove tanto os deveres quanto a herança da Igreja: “Por tais razões, o Sermão da Montanha, em sua aplicação primária não confere nem privilégio nem dever à Igreja” (pg. 1000). Ele faz uma distinção entre o reino de Deus (para a Igreja) e o reino dos céus (para os judeus do milênio): “O reino dos céus ainda há de ser estabelecido” (pg. 1029). Logo, *as bênçãos externas do reino de Deus retornarão a uma Igreja judaica durante o milênio; a Igreja da Nova Aliança nunca as recebe como parte de sua legítima herança.*

O que pouquíssimos dispensacionalistas percebem é que os teólogos dispensacionalistas mais recentes abandonaram a distinção entre reino de Deus e reino dos céus. O Professor Craig Blaising do Seminário Teológico de Dallas escreve no periódico acadêmico do Seminário, *Bibliotheca Sacra*: “Muitos teólogos dispensacionalistas contemporâneos negam que exista uma *única* interpretação dispensacionalista do Sermão da Montanha.”⁴ Referindo-se à distinção entre o reino de Deus e o reino dos céus, ele diz que a ideia remonta a John Nelson Darby, que é geralmente considerado como o fundador do dispensacionalismo⁵. Ela foi ensinada por Scofield e pelo fundador do Seminário de Dallas, Lewis Sperry Chafer⁶. Mas então, ele acrescenta: “Publicações subsequentes por dispensacionalistas mostram sinais de revisão.” Ele cita J. Dwight Pentecost, Alva McClain e John F. Walvoord. “Outros dispensacionalistas abandonaram essencialmente qualquer distinção entre o reino dos céus e o reino de Deus.” Ele cita a *Bíblia de Estudo Ryrie*, Clarence E. Mason Jr., Stanley Toussant e Robert

³ “Percebe-se que Mateus aqui, assim como no versículo 31, usa a expressão mais longa, reino de Deus (Cf. nota em Mt. 6:33) ... o reino de Deus e Sua justiça são tirados de Israel nacionalmente e dado aos gentios (Rm 9:30-33)” [N. T.]

⁴ Craig Blaising, “Development of Dispensationalism by Contemporary Dispensationalists”, *Bibliotheca Sacra* (jul.-set. 1988), pg. 259

⁵ Ibid.

⁶ Ibid., pg. 260

Saucy. Ele conclui: “Novamente, isso mostra que o dispensacionalismo não é um conjunto fixo de interpretações confessionais, mas que ainda ocorre desenvolvimento.”⁷ Uma distinção teológica que, por mais de um século, foi considerada crucial para o sistema dispensacionalista agora é opcional.

Isso significa que não há mais nenhuma boa razão teológica para que dispensacionalistas continuem a rejeitar a magnífica herança que todos os outros ramos da Igreja Cristã aceitaram desde a igreja primitiva: o reino de Deus, que é o mesmo que o reino dos céus. Estes são os dois termos usados para descrever o reino de Jesus Cristo, tanto na história quanto na eternidade.

O reino de Deus não é uma experiência puramente interior: ele é o domínio da autoridade de Deus na história, a verdadeira civilização de Deus, onde nossas igrejas, nossas famílias, nossas escolas, nossos negócios e nossos governos operam para agradar a Deus, de acordo com a vontade dEle. Como Jesus nos ensinou a orar: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt. 6:10, ACF). *Esta oração é respondida progressivamente na história, não meramente no céu*, assim como “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” é respondido em nossas vidas. É por isso que H. Wayne House, um teólogo dispensacionalista e ativista social, pode escrever o seguinte sobre o reino de Deus:

Além disso, à medida que nós cristãos espalhamos as boas novas de Cristo a outros e compartilhamos a compaixão e o amor de Deus, o reino vindouro se torna o reino nesta terra. Os céus gradualmente vêm à terra, apesar que, certamente, um dia isso ocorrerá em plenitude e glória.⁸

Que tremenda oportunidade: um benefício! Mas, que tremenda responsabilidade: um custo!

⁷ Ibid., pg. 262

⁸ H. Wayne House, “Creation and Redemption: A Study of Kingdom Interplay”, *The Journal of the Evangelical Theological Society* (mar., 1992), pg. 11

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Custos

Não há como fugir da obrigação de fazer decisões éticas responsáveis nesse reino. Obviamente, essa transferência de posse do Israel da Antiga Aliança não poderia ser adiada para alguma sociedade judaica futura pelo menos 1.960 anos após Jesus tê-la anunciado. Ele lhes disse que o seu reino seria removido deles e dado a outros, não mantido em algum tipo de congelamento por dois milênios. Ele seria dado a uma nação rival que daria os frutos do reino. Então, devemos abandonar os frutos da injustiça. Paulo escreveu à igreja em Éfeso:

Sede, pois, seguidores de Deus, como filhos queridos; e andai em amor, como também Cristo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. Mas a fornicação e toda impureza ou avareza nem ainda se nomeiem entre vós, como convém a santos; nem imundícia, nem conversas tolas, nem gracejos, que não convêm; mas, antes, ações de graças. Porque bem sabeis isto: que nenhum devasso, ou pessoa impura, ou homem avarento, o qual é idolatra, tem herança alguma no reino de Cristo e de Deus. (Ef. 5:1-5)

Há leis que regem a herança do reino. Devemos obedecer a Deus através do poder do Espírito Santo. Se nós não guardarmos os Seus mandamentos, não somos o povo santo e remido de Cristo:

E nisto sabemos que o conhecemos, se guardarmos os seus mandamentos. (1 João 2:3)

E qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos as coisas que são agradáveis à sua vista. (1 João 3:22)

Nisto sabemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos. (1 João 5:2)

Dessa forma, concluímos: como Cristãos, temos parte em uma grande herança: *a terra inteira*. Nós legitimamente reivindicamos essa herança de duas formas: (1) confiando na perfeita obediência de Jesus Cristo, uma perfeição que é imputada a nós judicialmente por Deus; e (2) operando nossa salvação na história: “De sorte que, meus amados, assim como

sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor” (Fl. 2:12). Em suma, devemos *crer e observar tudo quanto ordenar*.⁹ Cristãos cantam isso nas igrejas, mas será que eles acreditam nisso após sair dela? Será que cantar isso testifica contra sua teologia?

Dom nº 2: Nossa Autoridade Sobre Satanás e Seu Reino

Satanás tem um reino na história, assim como Cristo. Cristãos são parte de um exército – angélico e humano – que luta contra o exército de Satanás: demoníaco e humano. Cristãos receberam autoridade sobre as tropas no exército de Satanás, tanto as demoníacas quanto as humanas:

E ele chamou a si os doze, e começou a enviá-los de dois em dois, e deu-lhes poder sobre os espíritos imundos. (Marcos 6:4)

Veio também uma multidão até das cidades circunvizinhas a Jerusalém, trazendo pessoas enfermas e atormentadas de espíritos imundos, e todos eram curados. (Atos 6:16)

Benefícios

Quando homens são salvos pela graça, recebem poder do Espírito Santo: “Mas recebereis o poder quando vier sobre vós o Espírito Santo; e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até a última parte da terra.” (Atos 1:8). Isso é o que capacita a Igreja a vencer o poder de Satanás na história: “E o Deus de paz esmagará em breve a Satanás debaixo de vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém.” (Rm. 16:20). No início da Igreja, esse recebimento de poder incluía o de operar sinais e maravilhas, mas, no longo prazo, o aspecto mais importante desse poder é a sabedoria: a capacidade de discernir verdade do erro.

Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de **sabedoria e de revelação** no conhecimento dele, tendo os olhos do vosso entendimento iluminados, para que saibais

⁹ Orig. ‘*trust and obey, for there’s no other way*’, trecho do hino *Trust and Obey*, adaptado em português no hino 301 do Cantor Cristão, *Crer e Observar*. [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

qual é a esperança do seu chamado, e quais **as riquezas da glória da sua herança nos santos**, e qual é a suprema grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo **a operação do seu grande poder**, que manifestou em Cristo, quando o ressuscitou dos mortos e **o colocou à sua própria destra nos lugares celestiais**, muito acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste mundo, mas também no que há de vir. E **colocou todas as coisas sob seus pés**, e o fez ser cabeça da igreja sobre todas as coisas. (Ef. 1:17-22; ênfase adicionada)

Custos

Com poder sempre vem responsabilidade. Devemos obedecer a Deus. Recebemos poder do Espírito Santo para obedecermos a Deus.

Não vos tem sobrevindo tentação que não seja comum aos homens; mas Deus é fiel, o qual não permitirá que sejais tentados acima do que sois capazes; mas também com a tentação fará um caminho para escapar, para que sejais capazes de suportá-la. (1 Cr. 10:13)

A sabedoria bíblica, portanto, inclui obediência: não meramente para sabermos o que é certo, mas para termos a coragem de fazer aquilo que é certo. Saber o que é certo não é o bastante: “Portanto, aquele que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado.” (Tiago 4:17). Recebemos poder para fazer boas obras *na história*, o que é parte de nossa gloriosa herança *na história*. Por quê?

Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, **sendo frutíferos em toda boa obra** e crescendo no conhecimento de Deus; **fortalecidos com todo o poder, segundo a sua força gloriosa**, em toda a paciência e longanimidade, com alegria, dando graças ao Pai, que nos fez dignos de sermos **participantes da herança dos santos na luz**. Ele nos livrou do poder das trevas, e nos transferiu para **o reino do seu Filho amado**. (Cl. 1:10-13; ênfase adicionada)

Assim, Deus dá ao Seu povo poder e sabedoria, mas também lhes dá responsabilidade. Uma vez que Ele nos dá poder sobre Satanás e seu reino,

devemos exercer essa autoridade nos termos de Jesus Cristo e de Seu reino. Em suma, *Deus requer que trabalhemos pesado para substituir o reino de Satanás na história pelo reino de Deus na história*. Temos que derrotar algo maligno com algo bom. Será que isso é possível na história? É claro!

E eu também te digo que tu és Pedro, e sobre esta rocha eu edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. (Mt. 16:18)

Perceba: a passagem não menciona que as portas ou portões dos céus resistirão e prevalecerão contra o reino de Satanás (imagem defensiva do cristianismo); mas que os portões do inferno não prevalecerão contra a Igreja de Deus (imagem ofensiva).

Dom nº 3: Nossa Vitória na História

Jesus triunfou sobre Satanás ao ressuscitar dos mortos? É claro. Ele triunfou sobre a história ao ascender aos céus, para assentar-se à destra de Deus? É claro. *Jesus não é um perdedor na história*. Mas, se isso é verdade, então devemos concluir: *nem são Seus servos terrenos*. Ou seja, nós!

Jesus expande Seu domínio na história através de Sua Igreja. Ele expande seu domínio *representativamente*, assim como Satanás o faz. Satanás não precisa se assentar num trono terreno para expandir seu reinado, e nem Jesus. Nada pode parar essa expansão de Seu reinado na história. Davi escreveu:

Servi ao SENHOR com temor, e regozijai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que ele não se ire, e pereçais no caminho, porque em breve sua ira se inflamará. Abençoados são todos aqueles que põem sua confiança nele. (Salmo 2:11-12)

Este mandamento do Antigo Testamento é cumprido em Cristo:

Mas, agora é Cristo ressuscitado dos mortos, tornando-se as primícias dos que dormem. Pois desde que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como em Adão todos morrem, igualmente também em Cristo todos serão vivificados. Mas cada homem em sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua

FEBRE DE ARREBATAMENTO

vinda. Então virá o fim, quando ele tiver entregue o reino a Deus, ao Pai, e quando ele tiver derrubado todo o governo, e toda a autoridade, e poder. Pois ele deve reinar, até que ele tenha colocado todos os inimigos debaixo de seus pés. O último inimigo que será destruído é a morte. (1 Cr. 15:20-26).

Jesus Cristo deve continuar a reinar sobre a história até que todos os Seus inimigos sejam postos debaixo de Seus pés. Isso é o que o texto diz. Mas sabemos que Ele atualmente se assenta à destra de Seu Pai. Assim, Ele deve permanecer assentado em Seu trono celestial, até o dia em que Ele retornar em juízo final para pôr fim à morte. Isso é o que Paulo ensinou. Não poderia ser mais claro.

Benefícios

Somos os representantes de Cristo na história. Nós, portanto, somos os Seus agentes para que Ele expanda o seu domínio. Quando Jesus celebrou a Páscoa com Seus discípulos, Ele lhes deu a seguinte promessa com relação à sua autoridade na história:

E eu vos designo um reino, como meu Pai me designou, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel. (Lucas 22:29-30)

Scofield adiciona o subtítulo: “O lugar dos apóstolos no reino futuro.”¹⁰ O problema é que tal interpretação depende de fazermos uma distinção absoluta entre o reino dos céus e o reino de Deus, uma distinção na qual os dispensacionalistas modernos não mais insistem.

À medida que a Igreja amadurece, nós ganhamos mais experiência e maior confiança em nossa capacidade de governar. Fazemos isso como pais em nossas famílias. Fazemos isso como líderes em nossas igrejas. Em que base isso deve ser restrito a famílias e igrejas? E a educação? E os nossos negócios? Não exercemos nosso domínio na história aqui? Então por que cristãos deveriam esperar a derrota na história? A Bíblia não ensina nada disso.

¹⁰ *Scofield Reference Bible*, pg. 1108; cf. notas 1 e 2, pg. 1026

Custos

Com grandes sucessos vem grandes responsabilidades. Jesus alertou pecadores que esse seria o caso; quanto mais não o seria para o Seu povo, que possui um conhecimento maior do que o pecador! Ele alertou:

E o servo que sabia a vontade do seu senhor e não se preparou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites. Mas, o que a não sabia e fez coisas dignas de açoites, será castigado com poucos açoites. Porque a quem quer que muito for dado, muito será requerido dele; e para o homem que muito foi confiado, muito mais se exigirá dele. (Lucas 12:47-48)

Assim como um pai tem mais responsabilidade diante de Deus que seu filho, assim também aqueles que se tornam bem-sucedidos. Eles recebem bênçãos maiores, mas também carregam responsabilidades maiores. Mas os nossos sucessos devem fortalecer nossa confiança no cumprimento das promessas pactuais de Deus na história, o que deve produzir obediência maior, o que deve aumentar a nossa confiança, e por aí vai, até que Ele venha novamente em juízo final. Isso constitui numa *retroalimentação positiva*: progresso. Mas, cuidado, Deus também alerta

para que não digas em teu coração: O meu poder e a força da minha mão me trouxeram esta riqueza. Mas te lembrarás do SENHOR teu Deus; porque é ele que te dá o poder para obteres riqueza, para que ele possa estabelecer o seu pacto que ele jurou aos teus pais, como é neste dia. (Dt. 8:17-18)

Deus nos oferece a possibilidade de marchar de vitória em vitória, se O obedecermos cumprindo Sua lei. Mas há muitos cristãos que preferem acreditar na derrota da Igreja na história, para que assim possam viver sob as leis dos humanistas, em vez de sob a lei de Deus. Eles até mesmo proclamam esta subserviência a políticos, juízes e legisladores humanistas como o plano de Deus para Sua Igreja.

Eu digo que há uma escolha melhor. É por isso que escrevi este livro.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Faça a Si Mesmo Estas Três Perguntas

Primeiro, você espera que seu trabalho na terra deixará um legado positivo para gerações futuras, não importando o quão pequeno tal legado seja, mesmo que ninguém no futuro lembre de quem você foi ou do que você fez? É claro que você espera. *Segundo*, a Palavra de Deus volta para Ele vazia? Não. *Terceiro*, como um cumpridor do pacto diante de Deus, você pode legitimamente esperar que suas boas palavras e boas ações terão mais impacto no futuro que suas más palavras e más ações? Não estou falando meramente de acumular tesouros nos céus; estou falando também do seu legado na história para seus herdeiros terrenos. Estou falando de *herança* no sentido mais amplo possível.

Se a sua resposta é *sim*, creio que você tenha a atitude correta sobre si mesmo e seu trabalho para o reino de Deus. Se a sua resposta é *não*, eu acho que você precisa de aconselhamento cristãos profissional. Você está caminhando em direção a uma crise mental. *Primeiro*, você tem um problema com a sua falta de autoestima (e cumpridores do pacto tem um direito à autoestima, como filhos legalmente adotados de Deus: João 1:12). *Segundo*, você tem um problema com sua falta de confiança com relação à disposição de Deus para abençoar o seu trabalho. Você despreza a promessa de Deus: “Por isso o SENHOR Deus de Israel diz: Eu disse, verdadeiramente, que a tua casa, e a casa de teu pai, deveria andar diante de mim para sempre; mas, agora, o SENHOR diz: Esteja isso longe de mim; pois honrarei os que me honram, e aqueles que me desprezam serão pouco estimados.” (1 Sm. 2:30).

As três perguntas que fiz aqui com relação às suas legítimas expectativas sobre o resultado histórico de seus esforços *pessoais* também precisam ser feitas com relação ao cristianismo no geral: *o reino (civilização) de Deus*. Quando começamos a buscar respostas bíblicas a essas três questões com referência ao reino de Deus na história, nós necessariamente levantamos a questão da filosofia bíblica da história.

Se todos os nossos esforços pessoais serão inevitavelmente engolidos e aniquilados durante uma Grande Tribulação futura, então qual a utilidade terrena deles? Similarmente, se todas as boas obras da Igreja serão aniquiladas durante essa mesma Grande Tribulação, para quê tentar trabalhar para o Reino? Por que cristãos deveriam sacrificar para construir

universidades e outras grandes instituições se todas elas serão roubadas ou arruinadas após o Arrebatamento (e talvez até antes)? Isso é o que milhões de cristãos concluem. É por isso que eles estão preocupados com os custos de trabalhar duro hoje: os benefícios não sobreviverão à Grande Tribulação. Sim, o povo de Deus estará são e salvo nos céus após o Arrebatamento, mas a sua herança será destruída. Que efeito terrível e debilitante tal crença tem nos sonhos e esperanças do povo! Felizmente, essa é uma crença incorreta, como esse livro mostrará.

A Bíblia nos mostra que aqueles que são redimidos pela graça de Deus recebem uma tarefa: expandir o Seu domínio na história (Gn. 1:28; 9:7). Essa é tanto nossa grande honra quanto nossa grande responsabilidade. Está na hora de cristãos pararem de procurar por brechas teológicas para fugir dessa responsabilidade.

Conclusão

Este livro apresenta o argumento contra esse mesmo aspecto do dispensacionalismo: a evasão deliberada de responsabilidade através da invenção de uma falsa doutrina: o Arrebatamento “secreto”. Tal evasão de responsabilidade vem com um alto custo: a negação pública das bênçãos terrenas de Deus para o Seu povo. Está na hora dos cristãos calcularem o custo terrivelmente alto de evadir suas responsabilidades como agentes designados de Deus na história, os embaixadores do Seu reino, que progressivamente se expande pela face da terra através da obra missionária e do evangelismo. Está na hora do povo de Deus reconhecer a grandeza da Grande Comissão de Cristo¹¹ e parar de ficar inquieto com a assim chamada Grande Tribulação, que foi *a grande tribulação para Israel em 70 d.C.*, não um evento futuro.¹² Nosso trabalho não será destruído pelo Anticristo ou a Besta (que morreu em 68 d.C.) num futuro período de tribulação de sete anos. Nosso trabalho permanecerá: uma herança para as gerações futuras. E assim a promessa de Deus será cumprida: “O bom homem deixa uma herança aos filhos de seus filhos, e a riqueza do pecador é depositada para o justo.” (Pv. 13:22).

¹¹ Kenneth L. Gentry Jr., *A Grandeza da Grande Comissão* (Editora Monergismo, 2025)

¹² David Chilton, *A Grande Tribulação* (Pós-Milenismo Produções, 2025)

PREFÁCIO

(também para ser lido)

Vendo muitas coisas, porém tu não observas. Abrindo os ouvidos, porém ele não ouve. O SENHOR está bastante satisfeito por seu amor à justiça. Ele engrandecerá a lei e a fará ser honrada. Porém, este é um povo despojado e saqueado. Eles estão, todos eles, capturados em covas e eles estão escondidos em cárceres. Eles são por presa e ninguém liberta; por um despojo e ninguém diz: Trazei de volta. Quem dentre vós dará ouvido a isto? Quem escutará e ouvirá no tempo vindouro? (Isaías 42:20-23)

É hora de os cristãos começarem a trabalhar para a restauração. Mas o que, exatamente, os cristãos são moralmente obrigados por Deus a restaurar? E como devem fazê-lo? Com relação a estas duas perguntas cruciais, o dispensacionalismo fica em silêncio de forma deliberada. É por isso que ele está paralisado. É por isso que ele entrou em sua fase terminal. Deixe-me oferecer evidências indireta disso.

Exceto nos casos historicamente raros em que uma nação vai à guerra para defender uma ideia, e então perde a guerra, movimentos não abandonam suas ideias do dia para noite. Grandes números de pessoas não batem em retirada de um movimento, nem abandonam em uníssono seus antigos sistemas de crença. Então, por que movimentos desaparecem? *Desgaste*. Eles fracassam em recrutar novos membros, seja entre pessoas de fora, ou dentre sua própria juventude.

Isso é o que está acontecendo agora com o dispensacionalismo. Não é que milhões de dispensacionalistas roxos abandonaram o pré-milenismo abertamente, se tornando ou amilenistas ou pós-milenistas. O que ocorre é que os filhos dos dispensacionalistas estão sendo enviados para as universidades públicas pelos seus pais, onde abandonam a religião de seus pais. Desde a década de 1870 até a década de 1970, dispensacionalistas, de forma deliberada, se refugiaram do mundo em um tipo de gueto cultural e emocional. Mas, nos anos que seguiram a Segunda Guerra Mundial, eles começaram a mandar seus filhos para a faculdade, geralmente universidades humanistas financiadas com o dinheiro de impostos. Eles queriam que seus filhos subissem a escada da mobilidade econômica, e isso significava

fazer uma faculdade. Há um alto preço a ser pago por essa mobilidade – o risco de pagar a taxa de matrícula com a própria alma. Pais cristãos reconhecem isso superficialmente, mas pensam “Meu filho está pronto para esse desafio.” É seguro supor que metade deles não estão, e essa ainda pode ser uma estimativa otimista demais.

Sobrevivendo à Faculdade

Para sobreviver ao desafio da faculdade secular, um estudante inteligente precisa de defesas: emocionais, institucionais e intelectuais. Ele não recebe estas defesas em seus anos de ensino médio, a menos que tenha sido submetido a um currículo cristão. Poucos fundamentalistas enviam seus filhos a escolas cristãs. E menos ainda educam seus filhos em casa. Em seus excelentes seminários de duas semanas realizados nas férias de verão, David Nobel pergunta a cada grupo de 150 estudantes quantos estudam ou estudaram em escolas públicas. No mínimo 80% dos estudantes levantam suas mãos. Nobel diz que duas de suas sessões tem uma porcentagem muito menor: a primeira, realizada antes de as escolas geralmente entrarem em recesso, já que esta é frequentada por estudantes educados em casa; e a última, sobre o criacionismo de seis dias.¹³

Isso reforça meu argumento principal: o dispensacionalismo está perdendo a guerra para o humanismo. Deveria existir um esforço sistemático por parte de pais cristãos para ensinar seus filhos no caminho que devem seguir, mas pais dispensacionalistas não estão dispostos a fazer isso. Eles voluntariamente entregam seus filhos para que os humanistas os eduquem. E, então, enviam seus filhos para faculdades financiadas por impostos ou faculdades cristãs altamente influenciadas pelo humanismo, que concluem o processo.

Um Complexo de Inferioridade Intelectual

Na batalha pelas mentes dos homens letrados, dispensacionalistas sempre se viram como estando em desvantagem e caminhando em direção à derrota inevitável. Isso é exatamente o que o pré-milenismo dispensacionalista ensina: a derrota da Igreja no presente tempo, a assim

¹³ Summit Ministries, 935 Osage Ave., Manitou Springs, Colorado 80829

FEBRE DE ARREBATAMENTO

chamada 'Era da Igreja', a dispensação do mistério, o Grande Parêntese. No passado, antes da Segunda Guerra Mundial, poucos dos estudantes que concluíam o ensino médio iam para a faculdade, e menos ainda entre os fundamentalistas, que raramente tinham o dinheiro, a educação acadêmica exigida, ou a insistência de pais e amigos para que entrassem. Isso mudou após a Segunda Guerra Mundial, quando a Lei de Reajuste de Militares de 1944 fez faculdades se tornarem mais acessíveis para os militares que retornaram do conflito. O ensino superior financiado por impostos se tornou universal, e fundamentalistas começaram a aproveitar o subsídio. O resultado foi o processo de desgaste.

Quando estudantes fundamentalistas brilhantes chegam na faculdade, imediatamente dão de cara com o humanismo. A maior parte deles não sobrevive à investida. Eles não têm nenhum corpo de intelectualidade cristã dispensacionalista para ajudá-los em seus cursos nas áreas de psicologia, filosofia, economia, educação e artes. O dispensacionalismo ainda não produziu nenhum material acadêmico nessas áreas. Professores humanistas se aproveitam bastante dessa falta de defesas bem conhecida. O curso introdutório de Civilização Ocidental é projetado para separar cristãos dos preconceitos de seus pais. Eu sei. Fui aluno dos dois acadêmicos que escreveram em conjunto um dos livros didáticos mais populares sobre o assunto no período pós-Segunda Guerra. Um deles, um historiador, odiava o cristianismo de todo coração; o outro, um filósofo, simplesmente achava graça da fé cristã.

Não há dinheiro investido em intelectualidade cristã. Há apenas uma batalha que dura a vida inteira. Produzir intelectualidade cristã no assim chamado mundo secular – o secularismo, na realidade, é altamente religioso – exige uma vida de estudo e uma disposição de desafiar publicamente os burocraticamente certificados, altamente educados e bem financiados mestres acadêmicos desta era. Para fazer esse desafio, um Cristão precisa de uma visão de mundo e de vida unicamente cristã, o que inclui um sistema rival de lei e verdade. Dispensacionalistas possuem uma visão rival de verdade, mas não uma de lei. Eles adotaram a visão de lei exposta pelo humanismo pré-Darwin, que não é mais levada à sério no meio acadêmico ou na política: a lei natural. Dispensacionalistas ainda não desenvolveram sua visão própria de lei baseada na criação bíblica. Darwinistas capturaram a lei, a ciência política, a história e as artes em três décadas após o

aparecimento de *A Origem das Espécies* (1859). Dispensacionalistas ainda não tentaram conquistar essas áreas de estudo nos termos de sua visão anti-darwinista da origem do universo (Cf. Capítulo 9).

O Objetivo Deste Livro

Escrevi este livro pela mesma razão que escrevi por volta de vinte livros sobre intelectualidade cristã, e publiquei dezenas de outros com o meu próprio dinheiro ou dinheiro que eu arrecadei: eu estou determinado em oferecer aos cristãos, especialmente a estudantes de faculdade, uma alternativa bíblica para o humanismo. Quero dá-los algo que ninguém me deu.

Fui convertido a uma fé salvífica em Jesus Cristo em julho de 1959, no verão entre meu último ano do ensino médio e meu primeiro ano na faculdade. Isso ocorreu quando um amigo meu convidou para frequentar uma igreja bíblica local: pré-milenista, dispensacionalista e fundamentalista. Fui um estudante muito bom por todo o meu ensino médio. Ganhara uma bolsa de estudos do Estado da Califórnia para me matricular na mais prestigiosa faculdade de artes liberais da costa oeste americana, *Pomona College*. O meu orientador no *Pomona College*, mais tarde, chegaria a ficar a um ponto percentual de vencer Jerry Brown na disputa pelo governo da Califórnia. Assim, eu fui lançado no meio do corredor polonês humanista aos 17 anos, com apenas dois meses de conversão.

No segundo semestre do meu primeiro ano, me transferi para a Universidade da Califórnia em Riverside, que, à época, era a única faculdade de artes liberais com bacharelado de quatro anos no sistema de ensino superior da Universidade de Califórnia. Ela só passaria a oferecer cursos de pós-graduação quatro anos mais tarde. Estudei lá, intermitentemente, por mais doze anos, concluindo meu doutorado em 1972. Mas o que mais me marcou foi o momento no segundo semestre de meu primeiro ano em que cheguei à conclusão de que não havia uma abordagem cristã para a área da economia. Percebi que a economia de livre-mercado era verdadeira e que a economia socialista não o era. Eu sabia que a Bíblia era verdadeira. Portanto, concluí que a Bíblia deveria possuir algo único para dizer sobre a economia.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Passei os três próximos anos procurando por alguém que escrevera sobre economia cristã. Não encontrei nada. Não havia nada.¹⁴ Hoje, três décadas depois, as coisas estão muito melhores. Há alguns livros que abordam a economia cristã, incluindo uma dezena deles escritos por mim. Há até mesmo uma Associação de Economistas Cristãos, apesar de suas centenas de membros raramente escrevem sobre economia explicitamente cristã; em vez disso, são cristãos que escrevem artigos academicamente aceitáveis sobre assuntos que são ocasionalmente interessantes para outros acadêmicos cristãos. Mas, em 1959, não havia nada.

Não havia nada nas outras áreas, também. Ninguém falava sobre uma visão de mundo e de vida explicitamente cristãos exceto por um punhado de estudiosos calvinistas holandeses-americanos cujo trabalho era desconhecido fora de Michigan. A obra *Christian Concept of Culture* [O Conceito Cristão de Cultura]¹⁵ de Henry Van Til apareceu em 1959, mas eu não me deparei com ela até me matricular no Seminário Teológico de Westminster, uma instituição calvinista, em 1963. Para um estudioso fundamentalista, não havia nada disponível em 1959. Não existia nem mesmo *The Genesis Flood* [O Dilúvio de Gênesis], que apareceu em 1961, e apenas porque o estudioso calvinista R. J. Rushdoony interveio para persuadir a *Presbyterian & Reformed*, uma pequena editora calvinista, a publicar o livro, depois da editora fundamentalista *Moody Press* rejeitar o manuscrito devido à sua completa oposição à evolução teísta e ao criacionismo dia-era.¹⁶

Para um fundamentalista em 1993, ainda não há nada, exceto sobre o criacionismo, onde Henry Morris e outros dispensacionalistas romperam com a “teoria do intervalo” de C. I. Scofield (ver Capítulo 9). O estudante

¹⁴ O tabloide bimestral chamado *Christian Economics* [Economia Cristã] era, na realidade, um periódico humanista de livre-mercado financiado por um bilionário calvinista: J. Howard Pew. Não havia tentativa alguma por parte de seus escritores de usar a Bíblia para fornecer o conteúdo de suas opiniões e análises econômicas.

¹⁵ Edições posteriores lançadas com o título *The Calvinistic Concept of Culture* [O Conceito Calvinista de Cultura]. Traduzido e lançado em língua portuguesa pela Editora Cultura Cristã sob esse mesmo título [N. T.]

¹⁶ Henry M. Morris, *History of Modern Creationism* (San Diego: Master Book Pubs., 1984), pg. 154

fundamentalista ainda depende de outros para suas defesas acadêmicas.

Dispensacionalismo vs. Academia

O que eu sustento nesse livro é que uma visão de mundo que nega a possibilidade de erudição acadêmica cristã em áreas de estudo “seculares” é inerente à visão dispensacionalista da lei. Para desafiar o humanismo em qualquer área, você deve possuir uma visão bíblicamente única de Deus, do homem, da lei e do tempo.¹⁷ A negação do dispensacionalista de que a lei do Antigo Testamento é válida nos tempos do Novo Testamento os despoja de qualquer visão unicamente bíblica da lei. Ele, então, é forçado a adotar uma ou outra dentre as visões humanistas da lei. Mas esse é apenas o começo dos seus dilemas intelectuais. A visão dispensacionalista do futuro da Igreja na presente dispensação conclui o sepultamento da erudição acadêmica cristã. O dispensacionalista insiste que não há tempo suficiente para que cristãos trabalhem para desenvolver alternativas para a cultura humanista, quanto mais para substituí-la em si. Isso paralisou dispensacionalistas que possuem inteligência e habilidades técnicas acadêmicas para produzir alternativas bíblicas. A sua recusa em pôr a mão no arado acadêmico, por sua vez, deixou estudantes universitários intelectual e conceitualmente sem defesa alguma contra humanistas nas salas de aula às quais seus pais inocente e confiantemente os enviam.

E então o João da Silva e a Maria dos Santos são deliberadamente postos em andares de dormitórios mistos, ou pior, moradias estudantis mistas. Se você pensa que os humanistas não têm consciência de seus métodos de destruição da resistência intelectual à sua cosmovisão, você está acometido de ingenuidade terminal. São os fundamentalistas que não têm consciência, não os humanistas.

Em 1985, eu contratei o Gary DeMar para escrever um manuscrito que mais tarde se tornou um livro: *Surviving College Successfully: A Complete Manual for the Rigors of Academic Combat* [Sobrevivendo à Faculdade com Sucesso: Um Manual Completo dos Rigores do Combate Acadêmico] (1988). Em 1993, eu finalmente completei um manuscrito que escrevera

¹⁷ Gary North, *Unconditional Surrender: God's Program for Victory* (3rd ed.; Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1988), Part I.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

em 1975: *Politically Incorrect: A College Survival Manual for Parents and Students* [Politicamente Incorreto: Um Manual de Sobrevivência à Faculdade para Pais e Estudantes]. Não pude encontrar uma editora cristã para a versão original desse livro em 1975: não era espiritual o bastante, não tinha um mercado visível, e era obviamente irrelevante para “a vida cristã normal.” A editora que expressou certo interesse nele enviou o manuscrito para ser reescrito por um homem que passou sete anos tentando obter um bacharelado, mas que, no fim, largou a faculdade. Isso foi, e ainda é, o mundo do fundamentalismo.

Sou o cofundador, junto a R. J. Rushdoony, do que é conhecido como Reconstrucionismo Cristão.¹⁸ O Reconstrucionismo Cristão oferece alternativas ao humanismo: intelectuais, acadêmicas e culturais. Estamos na batalha pelas mentes dos homens de forma deliberada, e não apenas pelas suas mentes: por seu comprometimento vitalício. Somos acadêmicos. O que eu estou dizendo é que dispensacionalistas não o são – não em sua capacidade como dispensacionalistas.

Dispensacionalismo Acadêmico: Um Elo Perdido Permanente

Dispensacionalistas podem produzir – e de fato produzem – obras acadêmicas em certas áreas estritamente definidas de estudos bíblicos, mas raramente o fazem como dispensacionalistas. Eles podem ser proficientes nos idiomas bíblicos ou em alguma área técnica relacionada, mas suas obras acadêmicas raramente são dispensacionalistas de forma explícita. Em nossos dias, raras são as vezes em que tentam definir e defender as categorias amplas da teologia dispensacionalista. As obras clássicas do dispensacionalismo foram produzidas, no mínimo, uma geração atrás e não são mais publicadas.

Isso não é aleatório. Isso é o resultado de uma visão específica da história e da lei. O dispensacionalismo se tornou paralisado intelectualmente nesta década de 1990. Este livro mostra por que e como isso aconteceu. Eu creio, porém não tento provar aqui, que essa paralisia intelectual levará a uma paralisia mais generalizada em duas décadas. Para evitar essa

¹⁸ Gary North e Gary DeMar, *Christian Reconstruction: What It Is, What It Isn't* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1991)

paralisia, os líderes intelectuais no campo dispensacionalista devem repensar as categorias do dispensacionalismo tradicional e fazer o sistema se tornar relevante. Acredito que isso não possa ser feito sem jogar fora o dispensacionalismo em si e inventar algo novo. Poderá até ser chamado de dispensacionalismo, no fim, mas não o será. Tal sistema terá abandonado cada um dos distintivos teológicos pelos quais os fundadores dos vários seminários teológicos dispensacionalistas tanto sacrificaram para defender. Esse abandono já começou, como mostrarei nesse livro. E mais que isso: esse processo de abandono já está em seus estágios finais. Esse é o “segredinho” que os líderes do dispensacionalismo tentaram fazer de tudo para esconder de seus patrocinadores desde 1985.

O Silêncio dos Cordeiros Sacrificiais

Essa deserção intelectual começou no ano de 1945. Esse foi o ano em que O. T. Allis, o principal estudioso do Antigo Testamento nos EUA à época, escreveu *Prophecy and the Church* [Profecia e a Igreja]. Tal livro foi implacável e metucioso em sua refutação da escatologia dispensacionalista, ponto por ponto. Acadêmicos dispensacionalistas adotaram uma estratégia fadada ao fracasso para lidar com Allis: uma conspiração do silêncio. Eles brincaram de “faz-de-conta”: vamos fazer de conta que nossos estudantes nunca lerão nesse livro, nossos patrocinadores nunca ouvirão falar dele, e nossos críticos nunca perceberão a natureza de nossa estratégia defensiva.

Quarenta anos depois, continuaram usando essa mesma estratégia. Não há dúvidas de que os críticos mais vocais do dispensacionalismo têm sido os reconstrucionistas cristãos. Nossa visão da lei e do futuro – teonomia e pós-milenismo – é a antítese do dispensacionalismo. Onde o dispensacionalismo floresce, a visão e os objetivos do Reconstrucionismo Cristão não podem prosperar. Devido a isso, decidi no início da década de 1980 a dedicar o quanto dinheiro fosse necessário para refutar em meio impresso cada aspecto da teologia dispensacionalista.

Em 1984, decidi que eu gostaria de ser conhecido na história da igreja como o homem que financiou a morte intelectual do dispensacionalismo em seu tempo de maior crise. *Institucionalmente, o dispensacionalismo está cometendo suicídio à luz do dia*: ao não ser capaz de produzir uma única

FEBRE DE ARREBATAMENTO

teologia sistemática nesta geração; ao não ser capaz de responder às suas críticas publicadas por O. T. Allis (1945) até o presente; ao não ser capaz de fornecer alternativas ao humanismo, mesmo no campo da educação; e, acima de tudo, pelo silêncio aterrorizado diante da questão controversa do aborto. *Roe v. Wade*¹⁹ foi um caso que começou na cidade de Dallas, mas o Seminário Teológico de Dallas adotou a abordagem dos três macacos: não ouça o mal, não veja o mal, e não fale palavra profética de alerta. Em 1973, o Seminário Teológico de Dallas cometeu suicídio moral através de seu silêncio, assim como cada seminário que permaneceu em silêncio. Isto é, a maioria deles.

O evangelicalismo é incapaz de identificar assassinato em massa quando o vê, sendo assim moralmente falido. *O evangelicalismo se tornou o parceiro silencioso do humanismo*. Quando o colapso inevitável do humanismo vier, acabará levando embora o evangelicalismo junto consigo. O dispensacionalismo é o maior ramo do evangelicalismo. É por isso que decidi financiar uma alternativa para o dispensacionalismo. Financiei uma estratégia de duas frentes positiva e negativa. Afinal, “você não pode derrotar alguma coisa com nada.”

Financiei os seguintes livros antidispensacionistas desde 1984: o meu próprio *75 Bible Questions Your Instructors Pray You Won't Ask* (1984), seguido pelas seguintes obras de David Chilton: *Paraíso Restaurado* (1985, trad. 2024), *Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation* (1987), e seu livro menor *A Grande Tribulação* (1987, trad. 2025). Em seguida, veio a obra de Greg Bahnsen e Kenneth Gentry *House Divided: The Break-Up of Dispensational Theology* (1989), uma resposta devastadora ao (então) professor do Seminário de Dallas H. Wayne House e seu assistente de pesquisa, Thomas D. Ice. (House deixou Dallas logo depois). Então veio as obras de Gentry *Before Jerusalem Fell: Dating the Book of Revelation* (1989), *The Beast of Revelation* (1989), *A Grandeza da Grande Comissão* (1990, trad. 2025), e sua enorme exposição, *He Shall Have Dominion: A Postmillennial Eschatology* (1992). Também foram publicadas nesse período *The Reduction of Christianity: A Biblical Response to Dave Hunt* (1988) de Gary DeMar e Peter Leithart, as obras de DeMar *The Debate Over*

¹⁹ Litígio judicial de 1973 nos Estados Unidos, que levou à revogação de diversas leis federais e estaduais sobre o aborto. [N. T.]

Christian Reconstruction (1988) e *Last Days Madness* (1991; não publicada por mim), e a minha própria *Millennialism and Social Theory* (1990). Acima de tudo, houve *That You May Prosper: Dominion By Covenant* (1987), escrito por um mestre em teologia pelo Seminário Teológico de Dallas, Ray Sutton. Dr. Sutton hoje é o presidente do *Philadelphia Theological Seminary* e é o reitor de educação da Igreja Episcopal Reformada. Em face a tudo isso, o Seminário de Dallas permaneceu em silêncio, exceto por uma breve resenha literária ocasional de John Walvoord ou Robert Lightner.

Apenas dois autores dispensacionalistas responderam em detalhe ao Reconstrucionismo Cristão: House e Ice. (Dave Hunt nunca dedicou mais do que algumas páginas para nós, e a infeliz tentativa de Hal Lindsey de identificar todas as teologias não-dispensacionalistas como sendo inerentemente antissemiticas não representa nem o dispensacionalismo, muito menos de pesquisa acadêmica séria)²⁰. Desde sua saída do Seminário de Dallas, o Dr. House não publicou mais nada sobre teonomia ou reconstrucionismo, o que não é de se surpreender, dado o que o Dr. Bahnsen fez com ele diante dos olhos de todos em mais de 130 páginas em *House Divided*. Isso deixa apenas o Rev. Ice em campo, que publica vários boletins mensais a partir de sua igreja bíblica local em Austin, Texas. Os teólogos do Seminário de Dallas, pelo seu resolutivo silêncio com relação às numerosas críticas do reconstrucionismo ao dispensacionalismo, transferiram por omissão o papel de porta-voz do dispensacionalismo ao Rev. Ice. Em resumo, *a defesa intelectual do sistema dispensacionalista tradicional como um todo integrado agora está posta totalmente sobre os ombros de Tommy Ice*. Isso não é um bom agouro para o dispensacionalismo tradicional.

Em 1945, essa estratégia do silêncio funcionava porque leigos dispensacionalistas não deram atenção a um livro acadêmico como *Prophecy and the Church* de Allis. Dispensacionalistas ainda acreditavam que poderiam viver em segurança dentro de guetos psicológicos e eclesiais. O declínio moral da cultura americana após 1965 fez essa suposição parecer ridícula. Assim que começaram, com hesitação, a defender visões cristãs e conservadoras de como a sociedade deve operar,

²⁰ Hal Lindsey, *The Road to Holocaust* (New York: Bantam, 1989). Para uma resposta, ver Gary DeMar e Peter Leithart, *The Legacy of Hatred Continues: A Response to Hal Lindsey's The Road to Holocaust* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

leigos dispensacionalistas foram levados a sair de seus guetos em direção à arena do conflito político. Isso levou a uma divisão dentro do dispensacionalismo: os ativistas vs. os pessimistas. Conforme já disse repetidamente, psicologicamente falando, um dispensacionalista ativista já se tornou um pós-milenista funcional. Ele não luta para perder. Essa divisão dentro do dispensacionalismo pode ser vista na breve e malfadada parceria que produziu *Dominion Theology: Blessing or Curse?* [Teologia do Domínio: Bênção ou Maldição?] (1988). Dr. House é um ativista cristão que debateu publicamente Dave Hunt sobre a legitimidade do ativismo cristão; Rev. Ice é um pietista declarado e um isolacionista cultural que se uniu a Hunt para debater contra mim e Gary DeMar sobre esse mesmo assunto em 1988.

De 1965 em diante

Essa divisão pós-1965 dentro do campo dispensacionalista – ativismo social vs. passividade pietista – levou a estratégia de silêncio dos teólogos acadêmicos a ser questionada. Quando dispensacionalistas se tornam social e politicamente ativos, muitos deles começam a buscar justificativas teológicas para o seu ativismo. Eles não podem encontrá-las no dispensacionalismo; elas existem apenas no reconstrucionismo e na teologia da libertação. Mas esta é liberal e esquerdista; além disso, o fracasso do Comunismo, 1989-91, a deixou sem muito apoio em lugar nenhum, muito menos nos círculos conservadores dispensacionalistas. É por isso que dispensacionalistas ativistas começaram a adotar as conclusões e, às vezes, muito da teologia do reconstrucionismo. É por isso que acadêmicos dispensacionalistas devem nos responder através de obras publicadas: *nós teonomistas estamos tomando os melhores e mais brilhantes de seus seguidores*. Mesmo assim, os líderes têm medo de nos desafiar, uma vez que um ataque público ao nosso ativismo social teologicamente consistente os faria parecer exatamente o que são: defensores teologicamente consistentes da necessidade histórica da rendição cultural e política do cristianismo ao humanismo.

Vou dizer isso da forma mais clara possível: esse silêncio dos teólogos agora se tornou suicida. É o silêncio dos cordeiros sacrificiais. Silêncio em face do humanismo, silêncio em face do reconstrucionismo, silêncio em

Prefácio

face tanto do criacionismo de seis dias quanto do darwinismo e, acima de tudo, *silêncio em face do aborto legalizado*: essa não é a estratégia de um movimento que espera sobreviver. Essa é a estratégia de um movimento que aguarda e ora constantemente por uma libertação sobrenatural das realidades e limites da história. Essa libertação nunca chega. Seu atraso tem produzido paralisia.

Conclusão

A teologia dispensacionalista leva à paralisia moral. Paralisia moral produz paralisia intelectual. Paralisia intelectual produz paralisia institucional. Paralisia institucional produz extinção através do desgaste. O dispensacionalismo está agora em seu último estágio. Parece que estamos testemunhando o nascimento da geração terminal – não a geração terminal da Igreja de Jesus Cristo, mas do dispensacionalismo.

Dê-me uma oportunidade para provar meu caso. Continue lendo.

TENTE ENCONTRAR O ARREBATAMENTO SECRETO...

Apresentou-lhes outra parábola, dizendo: O reino do céu é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Mas, enquanto dormiam os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e seguiu o seu caminho. Mas, quando o caule cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Assim, os servos do dono da casa vieram, e disseram a ele: Senhor, tu não semeaste boa semente no teu campo? De onde então vem esse joio? E ele disse-lhes: Um inimigo é quem fez isso. E os servos lhe disseram: **Queres, então, que vamos e o colhamos?** Ele, porém, disse: Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. **Deixai-os crescer juntos até a colheita; e, no tempo da colheita,** eu direi aos ceifeiros: **Colhei juntos primeiro o joio,** e amarrai-o em fardos para ser queimado, mas o trigo recolhei no meu celeiro (Mt. 13:24-30; ênfase adicionada).

Então Jesus despedindo a multidão, entrou na casa. E vieram até ele os seus discípulos, dizendo: Explica-nos a parábola do joio do campo. E ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente é o Filho do homem; **o campo é o mundo;** a boa semente são os filhos do reino; mas o joio são os filhos do perverso; o inimigo, que o semeou, é o diabo; **a colheita é o fim do mundo;** e os ceifeiros são os anjos. Portanto, **como o joio é colhido e queimado no fogo, assim acontecerá no fim deste mundo.** O Filho do Homem enviará os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo que escandaliza, e os que praticam a iniquidade; e lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai. **Quem tem ouvidos para ouvir, ouça** (Mt. 13:36-43; ênfase adicionada).

INTRODUÇÃO

*Vós sois o sal da terra; mas se o sal perder seu sabor, com que se há de salgar?
Para nada mais é bom senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens.
(Mt. 5:13)*

Em 1970, Hal Lindsey e sua escritora-fantasma C. C. Carlson escreveram um livro, *A Agonia do Grande Planeta Terra*. Tal obra, no fim, acabaria vendendo mais de 35 milhões de cópias. Ela se tornou o livro de não-ficção mais vendido nos anos 70. Antes da publicação deste livro, Lindsey era conhecido, se o era, apenas como um pastor de jovens em idade universitária, que atuava no sul da Califórnia, na região da UCLA.²¹ Após sua publicação, ele se tornou o principal porta-voz internacional do dispensacionalismo.

Isso pôs o dispensacionalismo num impasse. O seu representante mais conhecido não era um teólogo. Ele teve de empregar uma assistente para escrever seus livros.²² A base de sua reputação foi um livro popular sensacionalista que fez uma série de previsões com relação à nação de Israel e o iminente retorno de Cristo em segredo para arrebataram os cristãos para os céus: a doutrina do arrebatamento pré-tribulacional. O livro abordava profecia contemporânea, não teologia permanente. Lindsey fez uma fortuna com ele (se Lindsey era um homem honesto, C. C. Carlson fez uma fortuna, também).

Lindsey e Carlson escreveram mais dois livros sobre profecia: *Satanás Está Vivo e Ativo no Planeta Terra* (1972, trad. 1975) e *The Terminal Generation* [A Geração Terminal] (1976). Dois outros livros por Lindsey tinham apenas seu nome na folha de rosto: *There's a New World Coming* [Há um Novo Mundo Vindo] (1973) e *Os Anos 80: Contagem Regressiva para o Juízo Final* (1980, trad. 1981). Ele estabeleceu o padrão: ganhos enormes com direitos autorais através da venda de livros sobre profecia. Pelos anos

²¹ Universidade da Califórnia em Los Angeles [N. T.]

²² Isso não é inerentemente uma má ideia. Existe divisão de trabalho na vida (1 Co. 12). Muitos autores poderiam sinceramente se beneficiar de um escritor-fantasma creditado. Mas empregar um nunca foi considerado como uma prática academicamente aceitável.

70, e até o presente, houve muitos imitadores. Eles continuam a escrever livros populares sobre profecia. Há um problema, porém: as profecias nunca se cumprem.

O silêncio público dos que treinaram Lindsey no Seminário de Dallas tem sido testemunha por mais de duas décadas que eles voluntariamente entregaram a liderança a ele, e estão contentes com isso. No caso de John Walvoord, ex-presidente do Seminário de Dallas, que escreveu *Armagedom, Petróleo e Crise do Oriente Médio* (1974; edição revisada, 1990; trad. 1975), ele não apenas cedeu a ele, mas o imitou. A lição de moral: “Se um conjunto de falsas profecias não se concretiza, é só reembalar e tentar de novo!”

Essa é a maldição da febre do arrebatamento. Ela é altamente contagiosa.

Febre de Arrebatamento: A Bomba do Momento

A febre de arrebatamento é uma condição psicológica induzida deliberadamente. O número de suas vítimas tem aumentado rapidamente desde 1970. Milhões de leitores repetidamente injetam em si mesmos aquilo que poderia ser mais bem descrito como um entorpecente psicoativo viciante: uma espécie de expectativa da vinda iminente de Jesus Cristo, mas uma vinda que os removeria de suas aflições ao tirá-los da história. Os resultados desse vício são previsíveis: uma “brisa” inicial, seguida de uma decepção debilitante, seguida dos sintomas dolorosos de abstinência (reentrar mentalmente na rotina enfadonha do mundo), que são seguidos por outra injeção. Repetidamente, milhões de cristãos emocionalmente vulneráveis voltam para os seus “traficantes” em busca de uma nova “dose”.

Mesmo assim, há esperança. Alguns “ficam limpos.” Dizem a si mesmos: “Nunca mais!” Eles se recusam a permitir que sejam submetidos a outra rodada da febre. É claro, assim como com alcóolatrás e outros viciados, muitos dispensacionalistas bem-intencionados largam a substância profética viciante, apenas para acabar voltando para ela assim que o próximo traficante aparece com um livro de brochura comercial com uma capa brilhante e multicolorida. “É só R\$ 9,95! Seja o primeiro em sua igreja a saber da bomba do momento!” Afinal de contas, quem não quer

saber da bomba do momento? E, repetidamente, milhões se toram viciados.

Hal Lindsey é o traficante mais bem sucedido na história comparativamente breve do dispensacionalismo. Ele fez uma fortuna e construiu uma reputação vendendo as ‘bombas do momento’. Como parte de seus ‘entorpecentes proféticos’, Lindsey escreveu sobre a geração terminal. Esse também é um tema subjacente em *Febre de Arrebatamento*. Estamos testemunhando nos dias de hoje o nascimento da geração terminal do dispensacionalismo. A tocha que está sendo passada a ela está ao ponto de apagar. Em sua lápide, estas são as palavras que devem ser escritas: “Morreu de overdose de sensacionalismo”.

Uma Breve História da Breve História do Dispensacionalismo

O dispensacionalismo foi inventado por volta de 1830²³, ou pela jovem de 20 anos Magaret Macdonald, que recebeu uma visão referente a um arrebatamento pré-tribulacional em um transe^{24,25}, ou por John Nelson Darby.²⁶ Sua popularidade aumentou nos EUA após a Guerra Civil (1861-65), especialmente quando William E. Blackstone (W.E.B.) escreveu *Jesus is Coming* [Jesus está Voltando] em 1878. As conferências proféticas se

²³ Alguns dispensacionalistas alegam existir evidências do sistema dispensacionalista anteriores a Darby, p. ex., William Watson em *Dispensacionalismo antes de Darby*. No entanto, tais esforços geralmente baseiam-se em encontrar pontos utilizados pelo sistema (p. ex. pré-milenismo, filosemitismo ou mesmo o uso do termo ‘dispensação’) e, a partir disso, tomá-los como evidência da existência de alguma forma deste antes de Darby, o que é uma inferência errônea (cf. Keith Mathison, *Dispensationalism Before Darby?*) [N. T.]

²⁴ Dave MacPherson, *The Unbelievable Pre-Trib Origin* (Kansas City, Missouri: Heart of America Bible Society, 1973).

²⁵ Narrativa geralmente contestada, tanto devido ao fato de o arrebatamento ‘visto’ por Macdonald não ser estritamente pré-tribulacional, quanto pela existência de crenças similares, porém não amplamente difundidas, anteriores a Darby e Macdonald (cf. Francis X. Gumerlock, *Irmão Dolcino e sua menção a um Arrebatamento pré-tribulacional?*, Revista Cristã Última Chamada). No entanto, é provável que tal contexto era adjacente ao meio em que Darby estava envolvido (cf. Brian Schwertley, *A Origem do Ensino de um Arrebatamento Pré-Tribulacional*, Monergismo) [N. T.]

²⁶ Essa é a visão convencional.

tornaram regra. Então surgiu a imensamente bem-sucedida *Bíblia de Referência de Scofield* (1909). Após a amplamente divulgada vergonha do “Julgamento do Macaco” de Scopes em 1925²⁷, protestantes evangélicos recuaram para uma espécie de concha profética. A teologia dispensacionalista foi usada para justificar essa atitude. A criação do Estado de Israel em 1948 parecia provar que a mensagem profética do dispensacionalismo estava se concretizando: após muito tempo, finalmente havia uma nação para o exército do invasor do Norte cercar e sitiá-lo. A Grande Tribulação pós-arrebatamento dos judeus havia se tornado geograficamente possível. Durante a Grande Tribulação, de acordo com a teologia dispensacionalista, dois terços dos judeus do mundo certamente pereceriam.²⁸

Mas uma mudança no prognóstico começou em 1976, com a nomeação de Jimmy Carter como o candidato à presidência pelo Partido Democrata. Inicialmente, para muitos eleitores, ele parecia ser um evangélico. Bob Slosser, que mais tarde se tornou o escritor-fantasma²⁹ de Pat Robertson, coescreveu *The Miracle of Jimmy Carter* [O Milagre de Jimmy Carter] (1976), e a editora Logos Books publicou. Quando a presidência de Carter demonstrou ser nada mais que um experimento humanista em internacionalismo, assim como conservadores e libertários previram, os evangélicos não recuaram em direção ao isolamento político. A candidatura de Reagan em 1980 os mobilizou em torno de uma causa comum. Assim nasceu a Direita Cristã. Sua primeira manifestação foi a *National Affairs Briefing Conference* [Conferência de Atualização sobre Assuntos Nacionais] da Religious Roundtable³⁰, realizada em Dallas em Agosto de 1980, quando milhares de Cristãos vieram à Reunion Arena³¹

²⁷ Refere-se a um julgamento ocorrido na cidade de Dayton, Tennessee, em que John T. Scopes, professor de Ensino Médio, foi acusado de violar a Lei Butler, que proibia o ensino do evolucionismo em escolas públicas do estado. [N. T.]

²⁸ John F. Walvoord, *Israel in Prophecy* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic, [1962] 1988), pg. 108

²⁹ Pat Robertson (com Bob Slosser), *The Secret Kingdom* (Nashville: Nelson, 1982).

Slosser mais tarde escreveu (com Cynthia Ellenwood) *Changing the Way America Thinks* (Dallas: Word, 1989).

³⁰ Organização cristã conservadora de cunho político fundada por Edward McAteer em 1979 [N. T.]

³¹ Estádio esportivo em Dallas, Texas, demolido em novembro de 2009 [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

para participar de três dias de educação política (ver Capítulo 11).

Com o retorno dos fundamentalistas à política, veio um silencioso e quase constrangedor engavetamento da doutrina do arrebatamento pré-tribulacional iminente. Esta doutrina já tinha servido a eles por bastante tempo como uma justificativa teológica para passividade. Afinal de contas, se todas as boas obras de um indivíduo e todos os esforços da igreja para reformar este mundo serão inevitavelmente esmagados pelo Anticristo durante a Grande Tribulação de sete anos, então não há nenhum fruto terreno para tais ações. Conclusão: é melhor apenas se concentrar em distribuir panfletos evangelísticos.

Temos visto pouquíssimos panfletos evangelísticos sendo distribuídos por cristãos norte-americanos desde os anos 70. A era dos panfletos evangelísticos parece ter acabado. Eles foram substituídos pelos boletins, fitas cassete e revistas independentes. Pequenas mensagens curtas escritas em panfletos minúsculos não são mais suficientes; uma grande quantidade de texto é necessária para preencher um boletim, quanto mais uma revista. Você não pode preencher uma revista mensal com 24 páginas de breves mensagens sobre “como ser salvo”. O mesmo também se aplica à programação de 24 horas de redes de televisão a cabo ou satélite. *A tecnologia forçou o fundamentalismo americano a mudar sua abordagem.* As mudanças tecnológicas produziram uma mudança silenciosa, mas significativa, nas táticas fundamentalistas e, portanto, também em sua teologia. Essa mudança teológica está atrasada em comparação com as mudanças tecnológicas, mas está ficando óbvia àqueles que prestam atenção ao que está sendo escrito e falado em público, e também ao que não é mais escrito ou falado em público.

O Desaparecimento da Liderança Acadêmica

Em 1980, existiam três seminários de maior importância que ensinavam o dispensacionalismo: Talbot (La Mirada, Califórnia), Grace (Winona Lake, Indiana), e Dallas. Em 1988, Talbot já havia abandonado o dispensacionalismo clássico de forma silenciosa. Em dezembro de 1992, o presidente do Grace anunciou uma reestruturação do seminário. Nenhum dos sete membros do corpo docente que trabalhavam em tempo integral teriam seus contratos renovados. Os programas de mestrado e doutorado

em teologia seriam encerrados. Haveria uma nova missão para o pouco do que restasse do antigo seminário. O presidente escreveu aos patrocinadores do seminário:

A sua missão é: “formar líderes ministeriais cristãos capazes de influenciar a cultura com uma visão bíblica integrada de mundo e de vida.”

Entre os Três Grandes, apenas o Seminário de Dallas continua em campo. Mas ele permanece notavelmente em silêncio. Os membros do seu corpo docente não mais escrevem livros acadêmicos detalhados em defesa do dispensacionalismo. Nos dias de hoje, suas publicações acadêmicas não têm quase nenhum impacto na comunidade dispensacionalista em si. Charles Ryrie³² se desligou do corpo docente no início dos anos 80. Alguns dos professores que se aposentaram ainda atualizam, ocasionalmente, os livros que escreveram em seus dias de influência, porém eles não mais dirigem o seminário. Ocasionalmente, um destes escreve um livro de brochura não-acadêmico, mas pouco do que vem do Seminário de Dallas pode ser considerado como acadêmico e dispensacionalista simultaneamente. Assim, não há praticamente nenhuma liderança intelectual no dispensacionalismo. Tudo o que resta são os escritores de livros de profecia sensacionalistas populares.

Os líderes acadêmicos do dispensacionalismo estão agora na defensiva dentro da comunidade cristã (eles raramente se envolveram em confrontos contra a comunidade não-cristã, exceto sobre a questão da evolução biológica e geológica e, ainda assim, apenas após 1960). Isso não era verdade em 1970 ou antes disso, mas o é hoje. *Pelo fato de os líderes acadêmicos do dispensacionalismo estarem na defensiva, o movimento hoje vivencia uma mudança de paradigma.* Dentro de uma geração, essa mudança de paradigma poderia facilmente concluir a derrocada do dispensacionalismo. Assim como os marxistas soviéticos, que estavam supremamente confiantes na vitória sobre o ocidente capitalista em 1970, os dispensacionalistas em 1970 estavam supremamente confiantes no fracasso do Evangelho na Era da Igreja. Estavam supremamente confiantes de que o

³² Um dos teólogos dispensacionalistas americanos mais influentes do século XX, que serviu como professor de Teologia Sistemática e deão de estudos de doutorado no Seminário Teológico de Dallas [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Arrebatamento ratificaria sua profecia da derrota inevitável do cristianismo na história e, portanto, da prudência, e talvez obrigação moral, do isolamento cultural por parte dos cristãos. O que aconteceu com o marxismo soviético dentro de um período de vinte anos, 1970 a 1990, pode muito bem acontecer com o dispensacionalismo. Depende do quão rápido essa mudança de paradigma se espalhará para as pessoas nos bancos das igrejas.

O que é uma Mudança de Paradigma?

Em seu importante livro, *The Structure of Scientific Revolutions* [A Estrutura das Revoluções Científicas] (1962)³³, o historiador da ciência Thomas Kuhn argumenta que um paradigma é um sistema intelectual que focaliza a atenção de um investigador para que ele assim possa resolver problemas delimitados. O investigador faz apenas algumas perguntas específicas e aplica um sistema de investigação estreitamente circunscrito para resolver estes problemas. Em outras palavras, somos criaturas limitadas. Não podemos entender tudo sobre tudo, então delimitamos nossas perguntas, nossas abordagens e a gama de respostas aceitáveis em nossa tentativa de aprender algo preciso sobre qualquer assunto.

Um certo tipo de corporação acadêmica impõe penalidades sobre qualquer um que continue a fazer perguntas que o atual paradigma adotado por ela não pode prontamente resolver. Quando membros mais jovens da corporação, ou pessoas de fora que sejam especialmente habilidosas, levantam novas questões que são cada vez mais constrangedoras para os líderes da corporação, uma batalha pelo seu controle se inicia. Os atuais líderes devem fornecer respostas plausíveis e práticas para essas questões constrangedoras, porém urgentes, ou, no mínimo, estratégias investigativas que poderiam eventualmente gerar respostas para elas. Se eles não puderem fornecê-las, tentarão suprimir qualquer um que ouse insistir em tais questões, e desconsiderarão aqueles que não puderem suprimir como não-profissionais (isto é, hereges) ou equivocados.

Quando os líderes da corporação não puderem mais persuadir os membros mais jovens que a estratégia de investigação recebida – o

³³ University of Chicago Press. Edição revisada, 1970.

paradigma – é capaz de lidar de forma adequada com essas questões novas e importantes, uma mudança de paradigma ocorre. Raramente os membros mais velhos aceitam o novo paradigma, mas estes se aposentam no final. Quando os membros mais velhos se aposentam, eles são substituídos por homens que não mais compartilham da fé no paradigma. Dessa forma, o sinal de que uma mudança de paradigma se aproxima é a incapacidade ou indisposição dos líderes da corporação de lidar com as novas questões que os membros mais novos consideram como cruciais.

Se os líderes verem que é institucionalmente impossível suprimir ou ridicularizar os que buscam respostas para essas questões embaraçosas, eles adotam uma estratégia alternativa. Esta estratégia é marcada pela disposição dos líderes mais velhos da corporação em aceitar (geralmente apenas por correspondência particular) alterações nos detalhes do paradigma que nunca seriam aceitáveis antes. Os líderes acreditam que podem defender a integridade do paradigma em si ao fazer concessões de forma gradativa em algumas frentes. Essas frentes perdidas são então redefinidas pelos líderes como sendo periféricas. A razão pela qual essa estratégia geralmente fracassa é que o paradigma em si é perdido em milhares de qualificações e revisões (ver Capítulo 7).

O sinal de que a estratégia de rendição gradativa foi adotada pelos líderes é a ausência de qualquer apresentação geral de um paradigma “revisado e atualizado” que incorpore todas as novas revisões sugeridas, enquanto mantém a coerência do sistema original. Os livros de referência mais antigos são raramente citados em obras contemporâneas. Acabam até mesmo saindo de circulação, mas nada é oferecido no lugar deles. O sistema original já foi verdadeiramente abandonado em tudo, exceto em nome. Sustento neste livro que esse é o ponto em que o dispensacionismo está no início dos anos 90.

Pressão por uma Mudança de Paradigma

Um paradigma é uma forma de pensar, uma abordagem para a busca de soluções para problemas. Por quase um século, 1875 a 1975, a solução proposta pelo mundo fundamentalista era recuar da maior parte dos problemas que estavam fora dos estreitos limites da igreja local, da família, e da ética pessoal. Política, educação, literatura, artes e cultura no geral eram

FEBRE DE ARREBATAMENTO

todas desconsideradas como sendo, na melhor das hipóteses, irrelevantes para o modo de vida cristão e, no pior dos casos, uma ameaça para o crescimento espiritual. “A política é suja por natureza” era o grito de guerra, especialmente após 1925, e todo o resto era visto como, no mínimo, precisando de uma boa lavagem – em meio a uma comunidade isolada com pouco sabão. Fundamentalistas deliberadamente restringiram a definição de evangelismo da Grande Comissão para reduzir assim sua percepção das zonas de responsabilidade pessoal e institucional da Igreja.

Por via de necessidade, tal atitude exigiu uma ampla transferência de autoridade a não-cristãos, um passo que fez a vida mais fácil para eles. A partir de então, eles não mais enfrentariam desafios de fundamentalistas e pietistas. Eles receberiam uma plena liberdade cada vez maior para fazer o que quisessem e, o melhor de tudo, fazer com os impostos retirados do bolso de cristãos. *As principais instituições do humanismo americano foram construídas com o dinheiro dos cristãos.* Os cristãos nunca reclamaram disso até o fim dos anos 70, quando finalmente começaram a perceber três coisas: (1) o crescente fracasso das instituições humanistas em prover os serviços prometidos; (2) a quantia total paga em impostos; e (3) a não-neutralidade do humanismo – isto é, sua guerra contra a fé cristã.

Hoje, o fundamentalismo americano está profundamente dividido. Há muitos que ainda sustentam a velha teologia e a velha visão de mundo – não nos Três Grandes seminários, mas nos púlpitos e bancos de igreja. A solução que propõem lembra a tática usada por comboios de carroças nas Grandes Planícies em 1870: “Formem um círculo com as carroças!” Eles esperam e oram pela chegada iminente da cavalaria do Calvário: Capitão Jesus e Suas tropas angélicas, com som de trombeta, que os levarão com segurança ao seu destino final – não a Califórnia; o céu. O problema é que essa tática psicológica e institucional não é uma estratégia válida, já que ninguém realmente quer gastar a vida toda dentro de um círculo de carroças cobertas, com uma horda de selvagens sanguinários – muitos deles com doutorados de universidades de prestígio – atacando o perímetro do acampamento.

Um número cada vez maior dentre os encurralados no estreito e pequeno círculo defensivo fundamentalista estão ficando cansados, tanto dos selvagens fora do acampamento, quanto dos líderes no lado de dentro.

Eles estão prontos psicologicamente para levar a guerra diretamente ao inimigo. Mas não sabem como. Eles não foram treinados para lutar uma campanha ofensiva. Na melhor das hipóteses, são apenas especialistas em defesa. As armas necessárias para conduzir uma campanha ofensiva já há muito têm sido negadas a eles, mais notavelmente *uma educação superior abrangente e declaradamente bíblica*.

Questões que foram desprezadas por muito tempo como irrelevantes para cristãos são hoje perguntadas por fundamentalistas. A pergunta principal é aquela que o pré-milenista, porém não-dispensacionalista, calvinista Francis Schaeffer perguntou em 1976: *Como viveremos?* Schaeffer nunca ofereceu uma resposta, mas a sua pergunta permanece. À medida que os selvagens humanistas continuam a atirar suas flechas flamejantes em direção às carroças altamente inflamáveis do fundamentalismo, fica claro para uma minoria destes encurralados que a tática defensiva tradicional do fundamentalismo não está mais funcionando. O Capitão Jesus ainda não veio visivelmente. Mas aqueles em posições de liderança que se recusam, de forma obstinada, a considerar a alternativa – uma investida ofensiva – têm apenas uma resposta: “O Capitão Jesus está chegando em breve! Dessa vez, Ele vai vir! Confie em nós!”.

Isso é Febre de Arrebatamento. A febre de arrebatamento destrói a vontade de estender os princípios de justiça e restauração de Deus para além das fronteiras estreitas de um gueto religioso. Sua manifestação pública é uma série de apelos cada vez mais frenéticos para que todos passem a crer que “a história pertence aos selvagens, e ela já está prestes a acabar.” Sua filosofia da história é simples de ser resumida: “Todos os esforços dos cristãos em construir um mundo que cada vez mais refletirá a glória e a justiça de Cristo estão fadados ao fracasso em nossa presente dispensação.” Qual é a prova? Não há prova. Apenas um apelo: “Confie em nós!”

Um número cada vez maior de fundamentalistas faz a si mesmos, e ocasionalmente também aos seus companheiros, as seguintes perguntas: “Por que deveríamos confiar neles? Eles erraram sobre o arrebatamento iminente por mais de um século e meio. Por que cristãos não deveriam agir na ofensiva, nem que seja uma vez? Por que deveríamos viver nossas vidas dentro desse pequeno círculo, com o vento e os selvagens uivando

FEBRE DE ARREBATAMENTO

em nossos ouvidos até morrermos ou sermos arrebatados, seja lá o que vier primeiro?” Essas perguntas exigem respostas. É por isso que uma mudança de paradigma começou no evangelicalismo de maneira geral, e no dispensacionalismo em particular.

Questões que Produzem a Mudança de Paradigma no Dispensacionalismo

Nos bancos das igrejas fundamentalistas, pessoas simples e fieis ainda aceitam os pontos gerais do paradigma dispensacionalista recebido, mesmo que sejam incapazes de se sentar, com a Bíblia na mão, e explicar para um não-dispensacionalista as evidências para as suas crenças, versículo a versículo. Quando procuram por versículos específicos – um evento raro em suas vidas – eles ficam totalmente confusos bem rapidamente. Todavia, eles se apegam à fé recebida, desde que não se tornem ativos na política ou na batalha contra o aborto ou contra a pornografia. Desde que não se envolvam na educação no lar. Desde que se recusem a dedicar tempo e dinheiro às atividades recomendadas pelo *Eagle Forum*³⁴ de Phyllis Schlafly ou a *Concerned Women for America* de Beverly LaHaye³⁵. Em outras palavras, *desde que permaneçam contentes em perder cada uma das principais batalhas na história*, eles continuarão a se agarrar à fé dispensacionalista recebida. Ela os consola. Ela os assegura de que a sua dedicação pessoal em não fazer nada para melhorar a sociedade é o jeito de Deus de não fazer nada, já que tudo o que Deus planeja que o Seu povo realize nesta dispensação é nada.

Então, não estou falando aqui das tropas leais sentadas nos bancos de igreja, sentadas em casa e, acima de tudo, das que contribuem com seus talões de cheque. Estou falando de líderes teológicos. Estou falando de uma série de ideias e das instituições acadêmicas que deveriam lidar com elas. Estou operando sob o pressuposto de que ideias têm consequências, que homens se tornam cada vez mais consistentes com o que creem, e

³⁴ Organização conservadora fundada pela ativista cristã Phyllis Schlafly em 1972. [N. T.]

³⁵ Esposa do pastor americano Tim LaHaye (conhecido por escrever a famosa série de ficção *Deixados para Trás*), que também atuou como ativista conservadora, fundando o *Concerned Women for America* em 1978, organização cristã conservadora direcionada a mulheres. [N. T.]

sociedades se tornam cada vez mais consistentes com o aquilo que a maioria dos seus membros vem a se tornar. Também creio que pessoas podem mudar de ideia – às vezes, em massa. Evangelismo é sobre isso: oferecer às pessoas a oportunidade de mudarem de ideia e, então, assim que o fazem, persuadi-las a viver de forma consistente com as suas novas crenças.

Aqui estão algumas das perguntas que cristãos norte-americanos têm feito a si mesmos nas últimas duas ou três décadas. Devido à única batalha intelectual em que uns poucos porta-vozes do fundamentalismo decidiram participar – a defesa pública do relato da criação em seis dias literais encontrado em Gênesis 1 – alguns fundamentalistas foram forçados a começar a refletir sobre essas questões. Essas questões requerem respostas específicas, mas a busca por elas está minando progressivamente o paradigma dispensacionalista recebido. Também contribuem para esse processo as *evasões deliberadas* por parte dos poucos teólogos acadêmicos que estão dispostos a defender o dispensacionismo tradicional em obras publicadas. Tais teólogos raramente adotam o criacionismo de seis dias, especialmente os que se formaram no Seminário Teológico de Dallas, que, seguindo as notas de Scofield, nunca fez a criação em seis dias um teste de ortodoxia (Scofield defendia a “teoria do intervalo”: um intervalo de tempo indefinido entre Gênesis 1:1 e 1:2. Ver Capítulo 9). Aqui estão só algumas entre as perguntas que exigem respostas, mas que não receberam nenhuma através de obras publicadas por dispensacionistas:

- A evolução é a fé religiosa que fundamenta cada uma das instituições humanistas do mundo de hoje?
- A Bíblia ensina evolução ou criação?
- Deveria o criacionismo bíblico também ter efeitos comparáveis em cada instituição humana?
- Quais são as alternativas criacionistas para o evolucionismo no pensamento social?
- Onde encontramos informações sobre elas?
- Os criacionistas dispensacionistas alguma vez discutiram essas alternativas criacionistas sociais de forma detalhada?

FEBRE DE ARREBATAMENTO

- O humanismo é religiosamente neutro?
 - O humanismo é moralmente neutro?
 - As escolas públicas são religiosamente neutras?
 - Se não o são, onde encontramos escolas dispensacionalistas, especialmente faculdades, que fornecem alternativas abrangentes para o humanismo em cada área de estudo?
 - A neutralidade intelectual é um mito?
 - Se a neutralidade intelectual é um mito, a Bíblia fornece alternativas intelectuais aplicáveis no mundo real?
-
- O pecado é abrangente, chegando ao ponto de afetar tudo na história?
 - Todos os homens são completamente responsáveis diante de Deus por cada pecado que cometem?
 - O evangelho é tão abrangente quanto o pecado?
 - O poder de cura do evangelho é tão abrangente quanto o poder do pecado?
 - Existem alternativas bíblicas para os pensamentos e práticas pecaminosas em cada área da vida?
 - Se existem, quais são elas, especificamente?
 - Onde as descobrimos, especificamente?
 - Quem ensinou sobre elas de forma detalhada?
 - Algum dentre os que abordaram tais questões é ou foi dispensacionalista?
 - A frase “estamos debaixo da graça, não da lei” é aplicável a criminosos? A policiais e juízes civis? A advogados?
 - A política é suja?
 - Seria o Evangelho de Jesus Cristo capaz de limpar a política?
 - Se a maioria dos políticos se convertesse a uma fé salvífica em Jesus Cristo hoje, que mudanças poderíamos esperar amanhã? Em um século? Em um milênio?
 - Se a resposta é “nenhuma”, o Cristianismo é politicamente irrelevante, então?
 - Se a resposta é “muitas”, onde na Bíblia deveríamos buscar pelo conteúdo real dessas mudanças específicas?
-
- Se a lei do Antigo Testamento não é válida na era do Novo Testamento, onde encontramos os padrões legais do Novo Testamento para a ética social?

Introdução

- Que autor dispensacionalista escreveu um estudo detalhado da lei e da ética social do Novo Testamento?
- Que instituição dispensacionalista ensina cursos sobre a ética social do Novo Testamento?

- O aborto é pecado?
- O aborto é razão para excomunhão?
- O aborto é um crime?
- Onde podemos encontrar na Bíblia uma lei contra o aborto, além de Êxodo 21:22-26?
- Que tipo de posicionamento público os seminários adotaram em 1973 quando a decisão do caso *Roe v. Wade* foi proferida? E em 1983? E em 1993?
- Deveriam professores de seminário pregar ativamente contra o aborto em aulas de ética?
- Seminários dispensacionistas oferecem cursos sobre ética?

- A homossexualidade é pecado?
- A homossexualidade é considerada crime na Bíblia?
- Onde ela é declarada como crime na Bíblia?
- Deveríamos considerar o surgimento da AIDS em 1981 como um “evento eticamente aleatório”, da mesma forma que consideramos a catapora?
- A bestialidade é pecado?
- A bestialidade é considerada crime na Bíblia?
- Onde a bestialidade é declarada como crime na Bíblia?

- Se não pudermos encontrar os padrões legislativos do Novo Testamento, poderia o dispensacionalismo estar errado sobre a lei do Antigo Testamento?
- Será que a teologia dispensacionalista se tornou irrelevante?

Estas questões nunca são abordadas por meio de obras publicadas pelos teólogos dispensacionistas mais velhos. Elas também raramente o são pelos mais jovens, já que eles têm medo de perderem seus empregos. Se eles derem uma resposta errada – isto é, uma que claramente rompe com algum dos dogmas oficiais do sistema dispensacionalista – eles poderiam ser demitidos. Não em Talbot, é claro. E não há mais posições

FEBRE DE ARREBATAMENTO

em tempo integral em Grace. Mas em Dallas você poderia perder seu emprego. Então, o sábio membro do corpo doente no Seminário de Dallas segue o conselho de Salomão: “O homem prudente oculta o conhecimento” (Pv. 12:23a). Ele mantém sua boca calada e suas obras publicadas focadas em algum outro assunto que não seja inerentemente dispensacionalista. Assim, o dispensacionalismo hoje não possui líderes intelectuais.

Obras acadêmicas de referência e tratados teológicos tradicionais do dispensacionalistas estão saindo de circulação. Os professores que as escreveram e ainda estão vivos, agora nos seus oitenta anos de idade, não escrevem mais obras novas. Nem os mais jovens. Nesse sentido, os líderes teológicos do dispensacionalismo adotaram a estratégia de isolamento prudente. Assim como aqueles peregrinos aterrorizados acudados dentro do perímetro de suas carroças sempre em formação circular, eles oram para que o Capitão Jesus chegue antes que saia a notícia de que o dispensacionalismo está em estado terminal.

Evidências de uma Mudança de Paradigma

Eu já discuti um dos maiores sinais dessa mudança: a derrocada silenciosa e oculta do dispensacionalismo em seus tradicionais seminários. Primeiro, sem instituições para treinar a próxima geração de pregadores na teologia recebida, há pouca possibilidade de que os líderes de igrejas no futuro proclamarão, ou ao menos defenderão de forma entusiasmada, o sistema dispensacionalismo tradicional. Segundo, o corpo docente nesses seminários puseram em risco seu próprio futuro. Se não estão mais dispostos e não são mais capazes de investir o dinheiro necessário para treinar seus sucessores, então os seminários dispensacionalistas em breve perderão todo o seu corpo docente, se isso já não o ocorreu. A derrocada do dispensacionalismo nos seminários testifica para a precisão de minha previsão (não uma profecia): estamos presenciando o nascimento da geração terminal do dispensacionalismo.

Há outros sinais de que uma mudança de paradigma está minando o dispensacionalismo tradicional. Eu os listarei aqui brevemente. Entenda, eu não estou falando da queda do número dos que dizem ser dispensacionalistas. Ainda não. Eu estou falando das mudanças aparentemente sutis

que ocorreram dentro do campo dispensacionalista, em especial em ministérios paraeclesiásticos, que estão nas linhas de frente do confronto contra o humanismo.

- Os ativistas que ainda dizem ser dispensacionalistas não mais discutem o arrebatamento e suas implicações anti-motivacionais.
- Eles continuamente falam da possibilidade de vitória, especialmente em seus apelos para arrecadação de fundos.
- Eles recrutam seus seguidores para um confronto de longo prazo contra o humanismo e religiões rivais.
- Eles falam da “próxima geração” de ativistas cristãos.
- Eles adotaram a frase “princípios bíblicos” como um código verbal para “lei do Antigo Testamento”
- Eles adotaram a frase “visão cristã de mundo e de vida”
- Eles proclamam: “A Bíblia tem as respostas para todos os problemas da vida.”
- E então buscam no Antigo Testamento pelas respostas para problemas fora do escopo da igreja local e da família.
- Eles falam de forma positiva da ideia de uma “América Cristã”, ou, pelo menos, de “fazer a América voltar às suas raízes cristãs.”
- Eles falam dos juízos vindouros de Deus contra a América, a menos que haja arrependimento a nível nacional, e então citam passagens do Antigo Testamento que se referem a Israel como comprovação.
- Eles não mais proclamam a infrutividade inerente da ação social cristã.
- Eles raramente citam as obras de referência e manuais teológicos tradicionais do dispensacionalismo.
- Eles são raramente formandos de seminários dispensacionalistas.
- Quando o são, reclamam da indisposição de seus antigos professores em se envolver com seus projetos de reforma específicos.
- Eles falam da fraqueza inerente do humanismo secular.
- Eles encorajam alguns de seus discípulos a fazerem faculdade, para prepará-los para o combate social.
- Eles continuam a falar sobre nossas responsabilidades e da prestação de contas diante de Deus.
- Alguns deles até falam de “aliança” e “pacto”.
- Eles continuam a introduzir seus programas de ação social com a frase “Não sou um reconstrucionista, mas...”

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Vemos os líderes das organizações cristãs ativistas adotarem a percepção de tempo do pós-milenismo e a ética social da teonomia, mas nunca em nome destes. Vemos dispensacionalistas declarados adotando estratégias que são apropriadas de reconstrucionistas. Mesmo assim, quase ninguém quer admitir publicamente o que está acontecendo. Aqueles que fazem parte de tais organizações não querem afugentar seus membros. Dispensacionalistas que não participam delas – exceto Dave Hunt³⁶ – não querem mais se parecer com aquilo que sempre foram em princípio: derrotistas pietistas. Assim, a mudança de paradigma raramente é deliberada. Mas está em progresso. Os novos líderes recusam a proclamar sua dependência seja no dispensacionalismo tradicional ou no reconstrucionismo cristão. Os dispensacionalistas de 1970 não tinham problema algum em identificar sua teologia e suas implicações sociais. Os dispensacionalistas de hoje têm. *Isso é evidência do seu abandono silencioso do dispensacionalismo tradicional.*

Conclusão

Primeiro, eu faço seis perguntas bem simples sobre a principal instituição dispensacionalista de teologia do mundo, o Seminário Teológico de Dallas: (1) Qual é a posição do Seminário Teológico de Dallas sobre o aborto? (2) Qual é a sua posição sobre a legitimidade da educação pública? (3) Onde está o livro de referência sobre a ética social do Novo Testamento? (4) Onde está sua teologia sistemática? (5) Por que o seminário se recusou a republicar a *Teologia Sistemática* de Lewis Sperry Chafer (1948) em 1988? (6) Por que ninguém do corpo docente escreveu uma refutação ponto-a-ponto de *Prophecy and the Church* de O. T. Allis? (omito Charles Ryrie, cuja tentativa de refutação em sua obra *Dispensationalism Today* [Dispensacionalismo Hoje] em 1965 foi parcial e breve, e que subsequentemente desapareceu do corpo docente.)

Segundo, eu faço cinco perguntas sobre o dispensacionalismo no geral: (1) Onde se pode encontrar uma universidade dispensacionalista

³⁶ Teólogo e palestrante dispensacionalista americano, escritor do livro *Whatever Happened to Heaven?* [O que aconteceu com o céu?], que questiona, entre outros pontos, a esperança do estabelecimento de uma civilização cristã. [N. T.]

com um programa de doutorado (além da *Bob Jones University*)? (2) Onde se pode encontrar uma faculdade dispensacionalista cujo corpo docente em cada departamento estabelece a Bíblia como o fundamento e a última palavra para o real conteúdo de seus cursos? (3) Onde estão as obras de referência a nível acadêmico que apresentam uma visão dispensacionalista da filosofia, educação, psicologia, economia, governo civil, geologia e paleontologia? (4) Onde se pode encontrar uma faculdade de direito dispensacionalista não-carismática? E de medicina? (5) Qual a razão de dispensacionistas carismáticos terem dominado a programação da televisão a cabo em vez dos dispensacionistas tradicionais?

Aqui está minha pergunta principal: Será que a ausência de liderança dispensacionalista em todas as da vida é relacionada à teologia dispensacionalista em si? Eu creio que seja. Alguns leitores talvez discordem. Que outra explicação poderia fazer sentido a não ser a natureza da própria teologia do dispensacionismo – sua visão de Deus, homem, lei e tempo? Em suma, será que a ausência de posições intelectuais dispensacionistas é relacionada à febre de arrebatamento?

Aqui está uma pergunta bem prática: Será que a febre de arrebatamento baixou entre os líderes fundamentalistas que muito provavelmente definirão o posicionamento da maior parte da próxima geração de fundamentalistas? Se a resposta é *sim* – como creio que seja – então essa nova liderança em breve herdará o movimento criando algo totalmente novo, embora seus líderes não o chamarão por um termo diferente por muitos anos. Esse processo de substituição já está acontecendo. Uma nova geração de líderes substituirá os dispensacionistas tradicionais que proclamam a derrota inevitável na história e então não fazem nada para alcançá-la.

Dispensacionistas tradicionais creem que, até que as coisas fiquem realmente terríveis, o arrebatamento não acontecerá; portanto, eles concluem: “vamos nos alegrar no declínio inevitável do Ocidente que antes fora cristão. Se pudermos acelerar o processo de declínio ao não fazer nada, vamos fazer nada com convicção.” Mas qual é o seu futuro terreno, de acordo com suas próprias crenças? *Deserdação por Deus na história*. Isso é completamente justo da parte de Deus, já que eles proclamam uma teologia da deserdação histórica por Deus da Igreja do

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Seu Filho. Eles recebem exatamente o que esperam: *derrota na história*. A profecia deles é uma profecia autocumprida.

Hoje, testemunhamos a geração terminal do dispensacionalismo: um povo que deliberadamente se isolou culturalmente e que, por questão de princípios, escolheu não ter um papel significativo para o futuro – o futuro tecnológico, intelectual e moral do cristianismo. Hal Lindsey é o profeta dessa geração terminal. Isso não é um bom agouro para o dispensacionalismo.

1

INFINDÁVEIS PROFECIAS FALSAS PRODUZEM PARALISIA

Quando um profeta falar em o nome do SENHOR, se o assunto não se cumprir nem acontecer, este é assunto que o SENHOR não falou, mas o profeta falou presunçosamente; não o temerás. (Dt. 18:22)

Durante os anos 70, quando A Agonia do Grande Planeta Terra estava vendendo mais do que qualquer outra coisa, o arrebatamento era o assunto do momento. Pastores pregavam sobre o céu, e cristãos ansiosamente aguardavam serem arrebatados a qualquer momento para encontrar com seu Senhor nos ares. Quando Cristo não voltou 40 após o estabelecimento de um novo Israel em 1948 sem o cumprimento dos eventos profetizados, um sentimento de desilusão começou a se instaurar.³⁷

Em 1977, um livro escrito pelo historiador pré-milenista Dwight Wilson foi lançado: *Armageddon Now!: The Premillennial Response to Russia and Israel Since 1917* ³⁸ [Armageddon Agora!: A Resposta Pré-Milenista sobre Rússia e Israel Desde 1917].³⁹ Esse livro registrou os ensinamentos de centenas de livros e panfletos com relação ao Anticristo, à Besta e temas proféticos similares na Bíblia, todos sendo aplicados a eventos da época – sem sucesso algum, no fim – por autores pré-milenistas dispensacionalistas. O livro recebeu elogios com reservas por parte do deão dos acadêmicos dispensacionalistas, John F. Walvoord, que serviu como presidente do Seminário Teológico de Dallas por três décadas. Ele dissera que dispensacionalistas modernos poderiam “aprender com ele muitas lições

³⁷ Trecho de texto de contracapa do livro de Dave Hunt, *Whatever Happened to Heaven?* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1988).

³⁸ Republicado em 1991 pelo *Institute for Christian Economics*.

³⁹ A ser lançado pela Pós-Milenismo Produções no futuro como *Armageddon Agora!: Dispensacionalismo e o Estado de Israel* [N. T.]

importantes aplicáveis à interpretação [das profecias] hoje.”⁴⁰ Mas um certo acadêmico dispensacionalista foi incapaz de aprender uma única lição com o livro de Wilson: John F. Walvoord.

À medida que uma guerra dos EUA contra o Iraque se aproximava no fim de 1990, Walvoord revisou seu livro, *Armagedom, Petróleo e Crise do Oriente Médio* e vendeu mais de um milhão e meio de cópias – um milhão em fevereiro de 1991.⁴¹ Tal marca foi atingida através da rejeição do alerta do Dr. Wilson: não usar interpretações sensacionalistas das profecias bíblicas para vender livros. Se você o fizer, ele alertou, você será visto como um charlatão em retrospecto, e você também irá prejudicar a reputação de Cristo e de Sua Igreja. Mas a tremenda tentação dos benefícios do sensacionalismo – dinheiro com vendas de livros e fama – foi grande demais para o Dr. Walvoord. Um frenesi dispensacionalista por livros de profecia estava em força total à medida que uma guerra no Oriente Médio se aproximava na segunda metade de 1990. O Dr. Walvoord decidira alimentar esse frenesi.

Foi nesse momento que Walvoord rejeitou publicamente sua antiga crença na doutrina de “arrebato a qualquer instante”. Isso foi a prova de que ele abandonara o dispensacionalismo acadêmico tradicional e adotara o ‘dispensacionalismo popular’ de Hal Lindsey, Dave Hunt e Constance Cumbey – o que eu gosto de chamar de **dispensacionalismo** (a maioria dos seus colegas no Seminário Teológico de Dallas permaneceram, como sempre, discretamente silenciosos. Eles sabem exatamente como pagam suas contas: com as doações de leigos completamente viciados em profecias sensacionalistas.)

Os líderes do dispensacionalismo americano não resistiram à tentação de enormes ganhos com a venda de livros e de momentos nos holofotes públicos que a doutrina do “relógio profético corrente” lhes oferece. Numa entrevista para um jornal de circulação nacional, *USA Today* (19 de jan. de 1991), três dias após os EUA atacar o Iraque, um repórter teologicamente bem informado perguntou ao Dr. Walvoord: “Então o relógio profético está correndo?” Walvoord respondeu enfaticamente: “Sim.” Ele havia

⁴⁰ J. F. Walvoord, “Review of Armageddon Now!”, *Bibliotheca Sacra* (abr.-jun. 1981), pg. 178.

⁴¹ *Time* (11 de fev. de 1991).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

começado a entrevista com a seguinte afirmação: “As profecias bíblicas estão se cumprindo todos os dias.” Isso foi uma mudança radical em seu posicionamento teológico de proporções surpreendentes. Ele jogou uma vida inteira de estudos acadêmicos fora por um momento de fama. Ele vendeu sua primogenitura teológica em troca de um guisado – um guisado de sensacionalismo que vende jornais e livros populares. Ele traiu o dispensacionalismo ortodoxo no geral e o pouco do que restava do dispensacionalismo ortodoxo no Seminário Teológico de Dallas⁴². Ele comprou o relógio profético do dispensacionalismo popular.

O Relógio Profético Silencioso do Dispensacionalismo Ortodoxo

A doutrina do relógio profético é central à teologia dispensaciona-
lista. Esta ideia se apoia na interpretação dispensacionalista da 69ª semana
de Daniel (Dn. 9:24-27). Walvoord escreveu em 1979 que “A interpretação
de Daniel 9:24-27 é de suma importância ao pré-milenismo, assim como
ao pré-tribulacionismo.”⁴³ Por que esse seria o caso?

O dispensacionalismo levanta a hipótese de um intervalo de tempo
indefinido entre o cumprimento das profecias da 69ª semana na crucifixão
de Cristo e as profecias que (supostamente) ainda devem se cumprir, que
ocorreriam durante a 70ª semana, denominada por eles como a era da
Grande Tribulação, que se iniciaria após o Arrebatamento, isto é, após os
cristãos serem removidos da Terra e levados secretamente aos céus por
Jesus. Como Walvoord insistiu, “um parêntese de tempo envolvendo toda
a era presente é indicado.”⁴⁴ Isso quer dizer que, *desde a crucifixão de Cristo
até o Arrebatamento, o relógio profético não pode fazer nem um tique, muito
menos um taque*. Isso significa que nem uma única profecia bíblica pode se
cumprir durante esse intervalo, que os dispensacionalistas chamam de “o
parêntese” e “a Era da Igreja”. (A teologia não-dispensacionalista insiste
que todo o período da Nova Aliança é a Era da Igreja. A doutrina da Era
da Igreja é um dos pilares centrais dos princípios dispensaciona-
listas de

⁴² O currículo revisado do Seminário de Dallas, introduzido no outono de 1991, indica o
quão pouco ainda resta dessa tradição.

⁴³ John E Walvoord, *The Rapture Question*, edição revista e ampliada (Grand Rapids,
Michigan: Zondervan, 1979), pg. 25.

⁴⁴ *Ibid.*, pg. 26.

interpretação bíblica – talvez o pilar central. Se algum “Sansão” cego dentro do templo do dispensacionalismo um dia por suas mãos sobre esse pilar e empurrá-lo para baixo, isso irá acabar com o dispensacionalismo.)

O que nenhum livro dispensacionalista popular de profecia do tipo *‘Dessa Vez, o Armagedom está Realmente Próximo!’* jamais discute é que o dispensacionalismo ortodoxo oficialmente ensina um relógio profético parado no tempo presente, na assim chamada Era da Igreja. Se o relógio profético do Antigo Testamento começar a correr novamente na Era da Igreja (pré-arrebatamento), então deve existir *continuidade judicial* entre o Israel do Antigo Testamento e a Igreja do Novo Testamento. Juízos específicos de Deus na história, anunciados pelos profetas de Israel, deveriam se cumprir na era da Igreja.

O que Hal Lindsey ensina? Ele escreve em *A Agonia do Grande Planeta Terra*: “O que é impressionante para nós que estudamos as Escrituras proféticas é que estamos assistindo o cumprimento dessas profecias em nossos dias. Alguns dos eventos futuros que foram previstos centenas de anos atrás parecem coisas que lemos nos jornais de hoje.”⁴⁵ Isso é “exegese de jornal”. Psicologicamente, esse é o coração do “dispensacionalismo popular”. Esse é o coração da febre de arrebatamento.

Teologicamente, é a negação do dispensacionalismo ortodoxo. Tal visão do cumprimento de profecias mina totalmente o ensino original do dispensacionalismo, que frisa que a Igreja é um “Grande Parêntese” que não era nem conhecido nem profetizado no Antigo Testamento. A Igreja do Novo Testamento (pré-arrebatamento), supostamente, não possui ligação alguma com a dispensação da lei mosaica. Portanto, se as profecias do Antigo Testamento se aplicam em qualquer sentido à Igreja, em vez de exclusivamente ao Israel nacional, o sistema dispensacionalista inteiro desmorona.

C. I. Scofield entendia isso muito bem. Dispensacionalmente falando, não pode haver nenhum evento bíblicamente profetizado entre a fundação da Igreja e o Arrebatamento. Citando Mateus 4:17b, “Arrependei-vos, pois o reino do céu está próximo” (KJC), Scofield escreveu: “Próximo’

⁴⁵ Hal Lindsey (with C. C. Carlson), *The Late Great Planet Earth* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1970), p. 20. Cito a 35ª reimpressão, nov. de 1973.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

nunca é uma afirmação positiva de que a pessoa ou a coisa que é dita como estando 'próxima' imediatamente aparecerá, mas apenas que nenhum evento conhecido ou predito deve transcorrer."⁴⁶ Portanto, o arrebatamento pode acontecer *a qualquer momento*. Mas, se isso é verdade, então o seu corolário também o é, necessariamente: o arrebatamento não pode ser tido como *iminente para nossa geração*. Pode ser, mas também pode não ser. Um dispensacionalista ortodoxo não pode dizer legitimamente quando acontecerá, de uma forma ou de outra. Não se pode legitimamente dizer que o arrebatamento será *quase inevitável* amanhã, mês que vem ou ano que vem. As 88 razões para o Arrebatamento em setembro de 1988 de Edgar Whisenant estavam erradas – todas as 88.⁴⁷ Assim como as suas 89 razões (revisadas) para 1989.⁴⁸ (Como o cartunista Stayskill disse numa de suas charges: quantas razões será que ele vai listar no ano 2000?) Mesmo assim, o atrativo do sistema às massas é a sua marcação de datas a curto prazo.

O Alerta de Walvoord em 1979

Foi essa doutrina dispensacionalista de *não existirem eventos proféticos intervinientes* que Walvoord ensinou enfaticamente aos seus estudantes nos anos 70.⁴⁹ No livro de Walvoord, *O Arrebatamento* (1979, trad. 2019), ele rejeitou abertamente a interpretação de que as profecias bíblicas estão em curso nos dias de hoje, e por uma razão teológica muito boa: ela nega a doutrina dispensacionalista tradicional de Arrebatamento a qualquer instante. Se quaisquer profecias estão em cumprimento nos dias de hoje, ele escreve, isso significaria que há eventos na Era da Igreja que devem se cumprir antes do Arrebatamento. Portanto, o Arrebatamento não poderia

⁴⁶ *Scofield Reference Bible* (New York: Oxford University Press, 1909), pg. 998, nota 3.

⁴⁷ Edgar C. Whisenant, *88 Reasons Why the Rapture Will Be in 1988*. Também foi publicado como *The Rosh Hash Ana 1988 and 88 Reasons Why* (1988)

⁴⁸ Uma matéria de 1989 da *Associated Press* noticiou as previsões revisadas de Whisenant. O Arrebatamento estava marcado para setembro de 1989. Ele publicou *The Final Shout: Rapture Report – 1989* [O Grito Final: Alerta de Arrebatamento]. “O tempo está acabando”, disse ele. “Tudo aponta para isso. As evidências estão se acumulando.” *Tyler Morning Telegraph* (25 de ago. de 1989). Algo definitivamente se acumulou, mas não foram evidências.

⁴⁹ Um graduado do Seminário Teológico Dallas, o Dr. Ray R. Sutton, disse-me isso.

vir a qualquer momento antes do cumprimento de tais profecias. Tal visão de “sinais cumpridos em nossos dias” nega a doutrina de Arrebatamento a qualquer instante.

Walvoord viu claramente em 1979 que a doutrina de eventos proféticos intermediários levaria ao mesotribulacionismo ou ao pós-tribulacionismo ou, pior ainda, ao pós-milenismo. Numa subseção, “Sem Eventos Intervenientes”, de um capítulo chamado “A Iminência do Arrebatamento”, Walvoord escreveu: “A esperança do retorno de Cristo para arrebataram os santos aos céus é apresentada em João 14 como uma esperança iminente. Não há ensino sobre quaisquer eventos intervenientes. O prospecto de ser levado aos céus na vinda de Cristo não é qualificado pela descrição de quaisquer sinais ou eventos precedentes necessários.”⁵⁰ Esse é o coração da teologia formal do dispensacionalismo pré-tribulacional e pré-milenarista: *o relógio profético está parado*.

Todavia, há um problema grave com a doutrina do Arrebatamento a qualquer instante: ela reduz as vendas de livros que promovem a ideia de que as profecias bíblicas estão se cumprindo nos dias de hoje. Esses livros populares de profecia bíblica do estilo de “notícias quentes, o relógio está correndo” vendem bem, às vezes até muito bem. Nenhum dos autores dispensacionalista que escrevem esses livros populares – e nestes dias, aqueles que o fazem se tornam os porta-vozes do movimento – jamais estaria disposto a dedicar a Introdução ou o primeiro capítulo de seu livro a uma discussão teológica sobre o porquê de os eventos dos seus dias não poderem possivelmente ser cumprimentos das profecias bíblicas se a teologia dispensacionalista ortodoxa estiver correta. No máximo, seriam apenas sombras das coisas que estão por vir. Mas tal discussão mataria o entusiasmo do leitor ao ouvir “a bomba do momento” sobre o cumprimento das profecias. Livros acadêmicos sobre profecias não se tornam best-sellers.

Oswald T. Allis, um crítico pós-milenista do dispensacionalismo, comentou em 1945 sobre esse aspecto esquizofrênico dos autores dispensacionalistas: “Uma das indicações mais claras de que dispensacionalistas não creem que o arrebatamento vem realmente ‘sem um sinal, sem um

⁵⁰ Walvoord, *Rapture Question*, p. 73

FEBRE DE ARREBATAMENTO

indicador temporal, e sem relação com quaisquer outros eventos proféticos [ele citou Scofield, *What Do the Prophets Say?*, pg. 97] é o fato de que eles não podem escrever um livro sobre profecia sem dedicar uma quantia considerável de espaço a ‘sinais’ de que esse evento deve estar bem próximo e às portas... Isso é claramente bem incompatível com a sua doutrina de [arrebatamento] a qualquer instante.”⁵¹ No fim de 1990 e no começo de 1991, um grande aumento nas vendas de livros de profecia dispensacionalistas do estilo “relógio profético” mais uma vez mostraram que ele estava correto nesse ponto.⁵² O vício continua. E também debilita.

Um Golpe Editorial na Primeira Metade de 1991

Em 1974, no ano seguinte ao início da crise do petróleo, o Dr. Walvoord escreveu um desses livros de brochura comerciais, *Armagedom, Petróleo e Crise do Oriente Médio*. No final, acabou saindo de circulação. No final de 1990, ele ressuscitou dentre os mortos.⁵³ As manchetes sobre a guerra iminente no Kuwait foram uma tentação poderosa demais. Elas lhe ofereceram uma oportunidade única para reviver sua carreira aos 80 anos de idade. Já que a primeira versão do livro não lhe custou sua reputação acadêmica dentro de círculos dispensacionalistas (ele não tinha nenhuma fora deles), parecia não haver nenhuma razão para não tentar lucrar com isso de novo. Frenesis precisam ser alimentados, afinal de contas. Aparentemente, publicar interpretações altamente específicas da profecia bíblica – interpretações que são refutadas dentro de um ou dois anos, e possivelmente em até mesmo seis meses – é importante para a disseminação do evangelho. Então, o Dr. Walvoord permitiu que a Zondervan republicasse seu livro comercial de 1974, e vendeu (até o fim de agosto de 1991)

⁵¹ Oswald T. Allis, *Prophecy and the Church* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1945), pp. 174, 175.

⁵² Scott Baradell, “Profetas do Caos: Já estamos a um passo do Armagedom”, *Dallas Times Herald* (8 de set. de 1990); Edwin McDowell, “O mundo está abalado, e algumas livrarias comemoram”, *New York Times* (22 de out. de 1990); “Livros de profecia estão entre os mais vendidos”, *Christianity Today* (11 de mar. de 1991); Nancy Kruh, “O Fim”, *Dallas Morning News* (17 de fev. 1991).

⁵³ Gosto de considerá-lo como o livro “Lázaro” do Dr. Walvoord. Parafrazeando o comentário de Marta a Jesus: “Mas após 16 anos na tumba, cheira mal!”

1.676.886 cópias.⁵⁴ O custo teológico deste golpe editorial foi alto: o abandono explícito por parte de Walvoord da doutrina de “Arrebatamento a qualquer instante” da escatologia dispensacionalista tradicional. Mesmo assim, na edição de julho/setembro de *Bibliotheca Sacra*, Walvoord descartou a afirmação de Gentry em *House Divided* que dispensacionalistas são marcadores de data: “Pouquíssimos dentre seus aderentes se entregam a esse tipo de proceder.”

Para concluir a mudança de Walvoord para o dispesensacionalismo, sua editora anunciou seu livro mais recente, *Major Bible Prophecies: 37 Crucial Prophecies That Affect You Today* [Profecias Bíblicas Importantes: 37 profecias cruciais que te afetam nos dias de hoje] em agosto de 1991. O momento escolhido para tal anúncio, como veremos, foi perfeito... para críticos anti-dispensacionalistas do sistema.

Se John Walvoord, que, aos 80 anos de idade, era o último dos teólogos dispensacionalistas tradicionais, não pôde resistir ao canto da sereia do sensacionalismo em seus próprios “últimos dias”, então que dispensacionalista poderia? Como o Dr. Wilson mostra, poucos autores dispensacionalistas foram capazes de resistir desde 1979. Dispensacionalistas têm estado visivelmente viciados em sensacionalismo. É um vício que não pode ser abandonado facilmente. As “brisas” que o sensacionalismo oferece por breves momentos durante quaisquer crises no Oriente Médio são simplesmente sedutoras demais. Gary DeMar identifica esse vício devastador como a “loucura dos últimos dias.”⁵⁵ Os viciados nunca se lembram de sua última rodada de dores de abstinência, quando suas expectativas confiantes de livramento iminente fracassaram mais uma vez. O livro do Dr. Wilson, *Armageddon Now*, é uma tentativa de lembrá-los dessas muitas falsas profecias. A obra lhes oferece um exemplo de integridade acadêmica, assim como uma mão amiga, psicologicamente falando. Viciados em sensacionalismo precisam de ambos: integridade e ajuda psicológica.

⁵⁴ Comunicado de Imprensa, “*Kudos*”, Zondervan Publishing House (ago. de 1991). Esse número deve não incluir as cópias devolvidas, que deve ter sido bem alto, dado o que aconteceu com a URSS em agosto.

⁵⁵ Gary DeMar, *Last Days Madness* (rev. ed.; Atlanta, Georgia: American Vision, 1993).

Um Golpe Soviético na Segunda Metade de 1991

No início de 1991, Walvoord disse ao mundo que o relógio profético bíblico estava correndo. Ele estava errado. Não foi um relógio profético que ele ouviu, mas sim uma bomba relógio para o dispensacionalismo popular. Ela explodiu em 21 de agosto de 1991: a derrota do golpe comunista na União Soviética, inquestionavelmente a reviravolta geopolítica de três dias mais impressionante do século XX.

Quando o golpe começou em 19 de agosto, a situação geopolítica ainda parecia dar esperanças de que as previsões dos livros de profecia dispensacionalistas pudessem se concretizar. Mas, quando esse golpe fracassou, ele pôs fim a qualquer ameaça imediata ou mesmo intermediária ao Estado de Israel por parte da Rússia (“Magogue”). A União Soviética se desintegrou. As repúblicas declararam sua independência. Durante o golpe, a KGB soviética⁵⁶ e os líderes militares do Exército Vermelho não foram nem mesmo capazes de controlar o centro de Moscou, quanto mais de invadir o Estado de Israel. Hoje, quaisquer recursos militares que a Rússia possui à sua disposição devem ser reservados para uma possível guerra civil. A menos que o Estado de Israel acabe, por alguma razão suicida, atacando a Rússia, não haverá uma guerra Rússia-Israel (ver Capítulo 12).

O golpe fracassado pôs uma lápide sobre uma pilha imensa de profecias completamente errôneas dos líderes do dispensacionalismo popular, uma pilha de erros que têm crescido desde 1917 (aliás, bem antes disso: o livro de John Cumming, *The End: Or, The Proximate Signs of the Close of This Dispensation* [O Fim: Ou, os Sinais da Proximidade do Encerramento desta Dispensação], publicado em 1855, é evidência disso. A palestra n° 7 foi: “A Rússia e a Confederação do Norte.”) A inscrição dessa lápide lê: “Morreu de um ferimento autoinfligido: sensacionalismo.” Apesar de ser possível que algum teólogo dispensacionalista ainda

⁵⁶ A KGB soviética deve ser separada da KGB russa, que estava em atrito com a ala soviética. Fui informado que a oposição da KGB russa foi o que salvou a vida de Boris Yeltsin. O líder da KGB russa deu um ultimato aos líderes do *golpe* na manhã de uma segunda-feira: se Yeltsin morresse, haveria consequências imediatas. Já que ele era o general em comando das bases da força aérea em volta de Moscou, ele tinha a autoridade para impor esse ultimato. Tudo isso são apenas rumores, mas é algo que valeria a pena algum historiador investigar.

arrisque especular sobre uma invasão russa ao Estado de Israel daqui a um século, ou daqui a um milênio, o fato é que a base da popularidade de livros comerciais dispensacionalistas de brochura (nunca houve livros acadêmicos de capa dura desse tipo) sobre profecia sempre foi a doutrina do Arrebatamento iminente. O Arrebatamento está logo ali, os fiéis ouvem, porque a Rússia está construindo sua máquina militar, e o Estado de Israel está simplesmente parado ali. Indefeso. Esperando ser cercado pela Rússia. E agora?

Hoje, a Rússia está cercada: por repúblicas separatistas. Que tipo de incentivo a um confronto militar contra o Estado de Israel poderia ser oferecido a líderes anticomunistas russos hoje, agora que o comunismo soviético expansionista está morto feito um peixe? Mesmo se uma autocracia militar tome o controle do que hoje é a república russa⁵⁷, que ameaça isso representaria para o Estado de Israel? Qual seria o incentivo para uma junta militar realizar um confronto militar contra Israel e os Estados Unidos? Qual seria o benefício? Os soviéticos em 1990 e 1991 usaram a emigração de judeus ao Estado de Israel como uma válvula de alívio de pressão. Por que alguma junta militar desejaria fechar essa válvula? Por que uma junta desejaria criar animosidade judaica dentro da Rússia e oposição mundial contra a Rússia?

Leigos dispensacionalistas já foram assegurados publicamente, e por mais de sete décadas, de que três anos e meio antes da Rússia cercar o Estado de Israel, o Arrebatamento irá tirar todos os cristãos de sua presente condição miserável e culturalmente impotente – a de desprezados em meio a terra. Eles encontrarão Jesus secretamente nos céus. Mas se a Rússia não está em uma posição de invadir do Estado de Israel, então o Arrebatamento não pode ser iminente. Em suma: *sem invasão russa iminente, sem Arrebatamento iminente*. Colocando de outra forma, na mesma medida em que um dispensacionalista anseia pela chegada do Arrebatamento, ele também anseia pela invasão da Rússia ao Estado de Israel. Ele anseia pelo início da Grande Tribulação de Israel, na qual, de

⁵⁷ Apesar de o presente regime de Vladimir Putin se enquadrar nessa descrição, a Rússia, até o presente momento, não realizou ações militares abertas ou veladas contra o Estado de Israel, nem demonstrou animosidade diplomática significativa, mesmo estando alinhada a oponentes deste. [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

acordo com Walvoord, dois terços da população de Israel perecerão.⁵⁸ Já que esse holocausto dispensacionalistamente inevitável começará 3 anos e meio antes do Arrebatamento, esse é o seu anseio. Um Arrebatamento iminente, se suficientemente iminente, significa que ele não precisará morrer, mesmo que milhões de judeus irão. Mas agora essa “bendita esperança” não mais se aplica à nossa geração; a invasão pela Rússia foi adiada por tempo indefinido. Isso significa que *o Arrebatamento foi adiado por tempo indefinido*.

O Arrebatamento Foi Adiado por Tempo Indefinido

Essa, creio eu, é uma conclusão lógica e teológica, mas completamente inaceitável para a maioria dos dispensacionalistas. É uma verdade dura demais para aceitarem. Eles, ou tentarão identificar um novo invasor em potencial do Estado de Israel ou, doutra maneira, abandonarão o dispensacionalismo completamente. Se a maior parte dos líderes do movimento optarem pelo primeiro caminho, como é provável, eles precisarão agir o mais rápido possível. Eles precisarão localizar rapidamente um invasor em potencial que pode e irá liderar um exército gigantesco de milhões de homens contra o minúsculo Israel. Eles também terão de concordar entre si nesse ponto se quiserem manter a sua asserção de que as profecias bíblicas sobre a Grande Tribulação e o Armagedom são: (1) futuras, (2) literais e (3) claras.

Talvez seria o Iraque? Depois do que os EUA fizeram ao Iraque? Isso seria altamente improvável. Então quem seria? Que nação é suficientemente grande, móvel e determinada para invadir o Estado de Israel? Nações árabes, talvez, mas será que elas realmente constituem o exército invasor unificado previsto há muito tempo? Árabes? Unificados? Seriam eles capazes de lançar um ataque massivo sem enfrentar uma resistência nuclear por parte dos israelenses? Sem a resistência do ocidente industrializado? Será que alguém realmente crê que as forças militares combinadas dos EUA e do Estado de Israel estarão indefesas contra uma aliança militar

⁵⁸ John F. Walvoord, *Israel in Prophecy* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic, [1962] 1988), pg. 108.

de Árabes num futuro próximo?⁵⁹ Qualquer dispensacionalista que oferecesse um cenário como esse teria muita dificuldade em persuadir seus seguidores. Conclusão: *Arrebatamento adiado por tempo indefinido.*

Claro, sempre há a possibilidade da “Nova Europa”. Essa parece ser a escolha inicial óbvia. Mas há problemas com essa hipótese. Primeiro, há mais de dez nações na Nova Europa, mas houve, presumidamente, apenas dez dedos nos pés da estátua do sonho de Nabucodonosor (Dn. 2:34).⁶⁰ Segundo, a Nova Europa ainda é apenas um sonho humanista, não uma realidade política. De qualquer forma, a Nova Europa deveria empregar tropas da OTAN contra o Estado de Israel, e os Estados Unidos são um dos membros da OTAN. Isso levanta uma questão bem relevante: Será que os escritores dispensacionistas americanos de livros populares de profecia sensacionalistas estão preparados para identificar os Estados Unidos da América como o perseguidor profetizado do minúsculo Israel? Será que eles vão dizer, como Pogo Possum⁶¹ disse, “Encontramos o inimigo e ele somos nós”? Esse é o dilema atual do ‘dispensacionismo popular’. Tal visão da profecia bíblica imporia sobre todos os dispensacionistas moralmente responsáveis uma nova e desconfortável tarefa política: a desobediência civil. Isso desafiaria a legitimidade de qualquer tipo de patriotismo pró-americano em meio a dispensacionistas (será que você consegue imaginar as cisões de igrejas que isso causaria?) No mínimo do mínimo, essa interpretação das profecias forçaria dispensacionistas americanos a exigirem que os EUA abandonem a OTAN e criem uma nova política externa anti-europeia. É isso provável? Dificilmente. Conclusão: *Arrebatamento adiado por tempo indefinido.*

⁵⁹ O livro de George Otis, Jr., *The Last of the Giants* (Old Tappan, New Jersey: Revell, 1991) argumenta que a URSS se fragmentaria, e o Islã se tornaria a maior potência militar na região. Ele abandonou o cenário tradicional de “o Norte vs. Israel”. Essa tese faz mais sentido que qualquer teoria vinda do ‘dispensacionismo popular’, mas a questão agora é a de tempo: quando os árabes se tornariam capazes de destruir o Estado de Israel? Quando seriam capazes de reunir o exército de milhões de invasores previsto desde muito tempo?

⁶⁰ A nota marginal na *Bíblia de Referência Scofield* (pg. 901) liga a passagem a Dn. 7:24: dez chifres e dez reis.

⁶¹ Personagem de uma série de tirinhas americana [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Procura-se: Novos Cenários

Talvez veremos um cenário dispensacionalista como esse. Haverá uma nova guerra civil na Rússia. Ou talvez não haverá. A “Nova Rússia” se unirá à “Nova Europa”. Ou talvez não se unirá. Mas o que é importante é que o arrebatamento acontecerá no ano 2000. Então os russos que sobreviverem se aliarão aos EUA e à ONU para invadir a nação de Israel. A Grande Tribulação irá começar. Isso tudo é inevitável – seja um ou outro cenário. Não há nada que um cristão possa fazer para impedir. Não há nada que um cristão *deva* fazer para impedir. Se a possibilidade tecnológica ou geopolítica da invasão do Israel nacional é adiada por tempo indefinido, então o Arrebatamento também será adiado por tempo indefinido, e *não se pode permitir que nada adie o Arrebatamento por tempo indefinido, especialmente eventos atuais*. Nada – nem falsas profecias, nem cenários implausíveis, nem a derrota do Iraque, nem o golpe fracassado na Rússia e, certamente, nem mesmo a rejeição à teologia dispensacionalista ortodoxa – será tolerado se adiar o Arrebatamento. *O relógio profético precisa continuar correndo*. Sinais precisam testificar do arrebatamento iminente. O sensacionalismo precisa ser mantido. A irresponsabilidade cultural dos cristãos nos dias de hoje precisa ser defendida. Afinal de contas, há pouquíssimo tempo restante para mudar qualquer coisa para melhor. Em suma: *febre de arrebatamento é boa para a alma!* (E ótima para vender livros, também.)

Como é que cenários como esses poderiam serem reescritos e ainda assim continuar amplamente vendidos? Será que é psicologicamente aceitável para milhões de dispensacionistas abandonar, quase que da noite para o dia, mais de 75 anos de interpretação certa das profecias que identificavam a Rússia como a invasora do Estado de Israel? Se sim, então o quanto deveríamos levar a sério quaisquer identificações “certeiras” que forem feitas no futuro? Indo direto ao ponto: por quanto tempo cristãos pré-milenaristas vulneráveis permitirão ser sujeitos ao fogo do sensacionalismo escatológico – a saber, profecias que nunca se concretizam? Quantos best-sellers “proféticos” eles ainda comprarão até perceberem o que foi feito com eles?

O mundo dispensacionalista deliberadamente ignorou a esplêndida crônica do Dr. Wilson em 1977 das previsões absolutamente falsas sobre

a Rússia e o Estado de Israel que começaram após a Revolução de outubro de 1917. Será que os dispensacionalistas dos dias de hoje também poderão ignorar as implicações óbvias do golpe fracassado de 19 a 21 de agosto de 1991? Como? Será que eles argumentarão que as milhões de bíblias enviadas para a União Soviética após 1985 não tiveram impacto algum? Que Deus não honra na história aqueles que honram Sua palavra escrita? Se dispensacionalistas argumentassem dessa forma, o que isso diria sobre a sua visão de Deus?

Procura-se: Edições Revisadas

Dezenas de livros de profecia populares foram publicados nos EUA de 1981 a 1991. Nenhum dos livros publicados antes de 1989 previram a queda do Muro de Berlim em 1989, nenhum dos livros de 1990 e 1991 previram o golpe soviético fracassado de 1991. Foram esses dois eventos relevantes profeticamente? Se a resposta for “sim”, os profetas vendedores de livros deveriam ter previsto ambos os eventos. Se a resposta for “não”, então por que a Rússia e o comunismo foram tidos por décadas como sendo profeticamente relevantes? Esses “especialistas” nunca preveem de forma precisa. *Eles enterram suas profecias anteriores em tumbas sem lápides.*

Geralmente, esses autores não se preocupam em revisar seus livros. Apenas publicam livros novos. Revisões são simplesmente vergonhosas demais para eles. Pense no livro de Grant Jeffrey, *Armageddon: Appointment With Destiny* [Armageddom: Compromisso Marcado com o Destino] (1988), publicada por uma editora obscura em Ontário, Canadá, que proclamou ter realizado uma “tiragem de 144.000 exemplares” logo antes dos direitos do livro terem sido adquiridos pela editora secular das obras de Hal Lindsey, Bantam Books (localizada no número 666 da Fifth Avenue em Nova Iorque). A seção 3 do livro do sr. Jeffrey é intitulada “O Compromisso Marcado da Rússia com Deus.” O capítulo 7 é “O Dia da Destruição da Rússia nos Montes de Israel.” Ele foi seguido em 1991 pela sua próxima obra *Messiah: War in the Middle East & the Road to Armageddon* [Messias: Guerra no Oriente Médio e o Caminho para o Armageddom]. Ela incluiu capítulos “saídos direto do forno” como: “O Compromisso Marcado da Rússia com o Destino”, e “A Ascensão da Babilônia, A Guerra no Golfo”. Ele alertou seus seguidores: “Fiquem atentos para a recuperação

FEBRE DE ARREBATAMENTO

do Iraque e o seu retorno ao projeto da reconstrução da poderosa Babilônia” (pg. 109). Isso é o equivalente dispensacionalista de uma série literária interminável cheia de adrenalina em que cada episódio sempre acaba em: “Continua no Próximo Livro!”. Fundamentalistas parecem simplesmente nunca se cansar disso. O vício nunca acaba.

Visões fracassadas requerem revisões extensas. Vou listar apenas uns poucos dentre o que chamo de “colheita” de livros prestes a serem revisados:

Dave Hunt, *Global Peace and the Rise of Antichrist* (Harvest House, 1990) [Paz Global e a Ascensão do Anticristo]

E. Davidson, *Islam Israel and the Last Days* (Harvest House, 1991) [Islã, Israel e os Últimos Dias]

Jerry Johnson, *The Last Days on Planet Earth* (Harvest House, 1991) [Os Últimos Dias no Planeta Terra]

Peter Lalonde, *One World Under Anti-Christ* (Harvest House, 1991) [Mundo Unificado sob o Anticristo]

Chuck Smith, *The Final Curtain* (Harvest House, 1991) [A Cortina Final]

A essa lista, poderíamos adicionar:

Thomas S. McCall e Zola Levitt, *The Coming Russian Invasion of Israel, Updated* (Moody Press, 1987) [A Vindoura Invasão Russa de Israel, Atualizado]

Robert W. Faid, *Gorbachev! Has the Real Antichrist Come?* (Victory House, 1988) [Gorbachev! Será que o Verdadeiro Anticristo Chegou?]

Erwin W. Lutzer, *Coming to Grips with the Role of Europe in Prophecy* (Moody Press, 1990) [Compreendendo o Papel da Europa na Profecia]

Gary D. Blevins, *The Final Warning!* (Vision of the End Ministries, 1990) [O Alerta Final!]

Infundáveis Profecias Falsas Produzem Paralisia

Paul McGuire, *Who Will Rule the Future? A Resistance to the New World Order* (Huntington House, 1991) [Quem Governará o Futuro? Uma Resistência à Nova Ordem Mundial]

Edgar C. James, *Armageddon and the New World Order* (Moody Press, 1991) [Armagedom e a Nova Ordem Mundial]

Ed Hindson, *End Times, the Middle East and the New World Order* (Victor Books, 1991) [Fim dos Tempos, o Oriente Médio e a Nova Ordem Mundial]

Quem são essas pessoas? Será que elas dedicaram suas vidas a um estudo teológico cuidadoso das Escrituras? Onde estão os acadêmicos do dispensacionalismo nessa discussão das profecias bíblicas? Onde está o líder do departamento de Antigo Testamento do Seminário Teológico de Dallas, por exemplo? Ou o departamento de Novo Testamento do Seminário Teológico Talbot? Ou qualquer departamento no Seminário Teológico Grace? Os acadêmicos bíblicos treinados do dispensacionalismo estão todos conspicuamente em silêncio. Eles não comentam sobre esses livros de brochura comerciais, seja a favor ou contra. Mas eles se recusam a oferecer apoio acadêmico. Esse é o fato significativo. As únicas figuras acadêmicas em meio ao campo dispensacionalista são John Walvoord, que abandonou toda pretensão acadêmica ao escrever seu livro comercial e ao dar sua entrevista ao *USA Today*, e seu colega do Dallas Charles Dyer. O livro de Dyer, *The Rise of Babylon: Sign of the End Time* (1991) [A Ascensão da Babilônia: Sinal do Fim dos Tempos] oferecia a tese de que Saddam Hussein estava literalmente reconstruindo a Babilônia profetizada. O livro surgiu em janeiro de 1991, poucos dias antes de sua tese ténue ser explodida aos pedaços durante o conflito aéreo de 30 dias contra o Iraque, que começou na noite de 16 de janeiro. Essa guerra deixou túmulos anônimos em Dallas, não apenas no Kuwait.

O espírito do imediatismo escatológico prejudicou profundamente a igreja evangélica americana, especialmente a ala pré-milenista fundamentalista, que têm sido repetidamente tomada por ondas de expectativas do retorno iminente de Cristo para “arrebatar” Seu povo aos céus. O que aconteceu após 2 de agosto de 1990, com a invasão de Kuwait pelo Iraque, é simplesmente o exemplo mais recente desse fenômeno. As livrarias cristãs da América estavam cheias de livros sobre profecia, incluindo a

FEBRE DE ARREBATAMENTO

reimpressão do livro do John Walvoord. Décadas de falsas previsões sobre o retorno iminente de Cristo para “arrebatar” Seus santos não causaram efeito visível algum na imensa maioria de suas vítimas. Poucas das vítimas aprenderam com a experiência. Elas continuam a ser enganadas, tanto por charlatões quanto por disseminadores bem-intencionados de tais visões, que sinceramente creem que descobriram alguma chave oculta para a profecia bíblica. No caso do John Walvoord, ele meramente pegou uma chave profética enferrujada, poliu ela e a enviou para sua editora. Vendeu que nem água. Por um breve momento.

Devemos Evangelizar os Judeus em Israel?

Se os judeus de Israel se convertessem a uma fé salvífica em Jesus Cristo, não poderia haver Arrebatamento. Não poderia acontecer Arrebatamento, porque não haveriam judeus a serem cercados em Israel. Não pode haver Grande Tribulação seguindo o Arrebatamento, porque todos os antigos judeus iriam para o céu no Arrebatamento. Mas os dispensacionalistas querem que o Arrebatamento os livre de suas responsabilidades terrenas. Assim, adotaram essa visão de evangelismo: “Não vamos levar o evangelho para os israelenses, garantindo assim que dois terços deles serão mortos durante a Grande Tribulação e arderão no inferno por toda eternidade.” Essa visão de evangelismo se esconde por trás de toda uma retórica de uma preocupação sobre o Estado de Israel. Há de fato uma preocupação: *ter milhões de israelenses morrendo de forma horrenda e passando toda a eternidade no lago de fogo em nome do Arrebatamento pré-tribulacional*. É por isso que dispensacionalistas se recusam a enviar missionários para Israel para evangelizar judeus.

A preservação do Estado de Israel é fundamental para a escatologia do dispensacionalista pré-tribulacional. Por quê? Para que assim o Anticristo possa eliminar dois terços da população de Israel após o Arrebatamento da Igreja e durante a Grande Tribulação.⁶² *Os judeus do Estado de Israel devem servir como bucha de canhão de Deus na inevitável guerra do Armagedom.*

⁶² Esse cenário de massacre é encontrado no livro do ex-presidente do Seminário Teológico de Dallas, John Walvoord, *Israel in Prophecy* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academie, [1962] 1988), pg. 108.

Sem o serviço dos judeus como presas fáceis no futuro, dispensacionalistas pré-tribulacionistas perderiam toda fé no Arrebatamento iminente. O Anticristo não teria bois no matadouro se não houvesse matadouro. O *Estado de Israel é o matadouro do Anticristo*. Os líderes do dispensacionalismo não dizem isso em público, que essa é a razão por trás de seu apoio a Israel, mas é.⁶³ Com base em Zacarias 13:8-9, entre outras passagens bíblicas, dispensacionalistas concluem que dois terços dos judeus estão condenados. Isso é o ensino padrão dos púlpitos dispensacionalistas.⁶⁴

O apoio do fundamentalismo dispensacionalista ao Estado de Israel é governado por um pressuposto único: “Sem Israel nacional, sem Armagedom; sem Armagedom, sem Arrebatamento iminente.” Isso é um *apocalipticismo de três estágios*: o Arrebatamento da Igreja (descontinuidade cósmica), seguida pelo holocausto dos judeus em Israel (descontinuidade histórica), seguida pelo retorno de Cristo para estabelecer Seu reino milenar sete anos após o Arrebatamento (descontinuidade cósmica e histórica). A obra da Igreja na história não tem nada a ver com isso.

Uma evidência para a minha argumentação é a quase total ausência de evangelismo por parte de grupos dispensacionalistas no ou para o Estado de Israel. Eles não transmitem programas cristãos para lá a partir do Chipre ou de outras áreas da mesma forma que o fazem para o mundo islâmico. Eles não fazem anúncios de campanhas evangelísticas da mesma

⁶³ Num ensaio para uma revista secular conservadora, os dispensacionalistas Ed Dobson e Ed Hundson tentam adocicar essa preocupação pelo Israel nacional. Eles admitem que “A Tribulação, em sua maior parte, consistirá do Anticristo perseguindo os judeus e a nação de Israel.” Eles citam J. Dwight Pentecost, do Seminário Dallas: “O propósito de Deus para Israel nessa Tribulação é realizar a conversão de uma multidão de judeus, que participarão das bênçãos do reino e presenciarão o cumprimento das alianças de Israel.” O que não discutem é que, de acordo com o dispensacionalismo pré-tribulacionista, essa conversão dos judeus só ocorre em meio ao massacre de dois terços da população do Estado de Israel. Dobson e Hundson, “Apocalypse Now?” *Policy Review* (Outono 1986), pp. 20-21

⁶⁴ Grace Halsell, uma não-cristã que participou de dois tours de Jerry Falwell ao Estado de Israel, entrou numa discussão com um jovem nesse tour que garantiu a ela que dois terços de todos os judeus seriam mortos na batalha do Armagedom: Grace Halsell, *Prophecy and Politics: Militant Evangelists on the Road to Nuclear War* (Westport, Connecticut: Lawrence Hill & Co., 1986), pg. 26.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

forma que “Judeus para Jesus” e organizações do “Judaísmo Messiânico” fazem. Eles se alegram em evangelizar judeus fora do Estado Israel, mas não dentro. Por que não? Uma razão para isso é que, se os judeus do Estado de Israel se converterem antes do Arrebatamento, não poderá haver Armagedom.⁶⁵ O Anticristo poderia invadir a Palestina, mas não haveria um estado nacional judaico de Israel lá. Se a massa de judeus do Estado de Israel fosse convertida a uma fé salvífica antes do Arrebatamento, isso destruiria o dispensacionalismo, tanto o pré- quanto o pós-tribulacional.

A teologia dispensacionalista cria um grande incentivo para descartar o Estado de Israel como um alvo para evangelismo em massa. Isso é uma consequência direta de uma visão milenar específica. Eis a minha asserção: *qualquer visão milenar que, de alguma forma, descarta qualquer grupo ou nação em qualquer ponto na história é uma escatologia falha.* Hoje é o dia da salvação (2 Co. 6:2), não no começo do milênio após o Armagedom.

Quando o pós-milenista cita Romanos 11 e argumenta que os judeus serão convertidos na história, levando a bênçãos sem precedentes para a Igreja,⁶⁶ o dispensacionalista rejeita essa visão do futuro como sendo utópica. Por que seria utópica? É porque, no pós-milenismo, não se massacra judeus o bastante até que apenas um punhado de sobreviventes se convertam? É porque rejeitamos distinguir os judeus como os alvos de uma perseguição numa era vindoura de tribulação? É porque negamos que

⁶⁵ Outra razão é que o governo de Israel não aprova tal evangelismo. Ele não cooperaria com programas de turismo dispensacionalistas se esse tipo de evangelismo fosse realizado pelos líderes. Esse ato sistemático de ignorar o povo judeu por parte de cristãos no Estado de Israel nos tours organizados por Falwell foi percebido por Halsell, *ibid.*, pp. 55-58. O ministro batista local em Belém foi introduzido por Falwell aos participantes de seu tour. Ele é um evangelista apenas aos árabes, de acordo com o registro de Halsell de sua entrevista com ele. Os israelenses, disse ele, não permitem com que ele compartilhe o evangelho com os judeus (pg. 64)

⁶⁶ Charles Hodge, *Commentary on the Epistle to the Romans* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, [1864] 1950), p. 365; Robert Haldane, *An Exposition of the Epistle to the Romans* (Mac Dill Air Force Base, Florida: MacDonald Pub. Co., [1839] 1958), pp. 632-33; John Murray, *The Epistle to the Romans*, 2 vols. (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1965), II, pp. 65-103.

a Grande Tribulação está no futuro? Eu acho que sim. Mesmo assim, Hal Lindsey nos chama de antissemitas!⁶⁷

Uma visão falha de evangelismo testifica de uma teologia falha. É por isso que o dispensacionalismo está num estado de quase-paralisia. Ele não pode compreender a Bíblia. Ele não pode compreender quais são as responsabilidades dos cristãos na história, nem mesmo a responsabilidade de uma forma de evangelismo estreitamente definida. A febre de arrebatamento é paralisante moralmente. Ela é, portanto, paralisante culturalmente.

Conclusão

Há um alto preço a ser pago por tudo isso, e a reputação desvanecente da igreja evangélica americana é parte desse preço. Fundamentalistas dispensacionalistas são cada vez mais tidos pela mídia humanista como “loucos por profecias” – não muito diferentes psicologicamente desses leitores de tabloides vendidos em supermercados, que tentam tirar algum sentido dos escritos confusos de Nostradamus, cujo nome ainda vende um monte de livros nesses dias. Quando os repórteres de jornais seculares começam a ligar para líderes cristãos para explicar as profecias bíblicas e suas relações com as manchetes, e então ligam para ocultistas e astrólogos para ter confirmação, a Igreja de Jesus Cristo está em uma situação lamentável. Leia *Armageddon Now!* para descobrir o quão lamentável a situação realmente é, e como ela tem sido por mais de sete décadas.

O livro sensacionalista de John Walvoord e outros similares em 1991 foram o equivalente da estratégia de bombardeio de saturação do General Norman Schwarzkopf: eles assolaram o dispensacionalismo ortodoxo. Quase imediatamente após a publicação destes livros, a estratégia do General Schwarzkopf no Iraque enterrou a “Babilônia Literalmente Reconstruída” do dispensacionalismo. Então, seis meses depois, o golpe soviético fracassado enterrou o “Magogue do Norte”. O que sobra? Pouca coisa. Dispensacionalistas agora devem começar a reconstruir as ruínas. Negar a existência delas não trará bem algum. Elas são visíveis demais. Ficar em silêncio absoluto não trará bem algum, também. Mas os

⁶⁷ Hal Lindsey, *The Road to Holocaust* (New York: Bantam, 1989).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

dispensacionalistas permanecerão em silêncio. Essa é a única estratégia que conhecem.

O que é triste é que cenários de arrebatamento exóticos estão se tornando cada vez mais bizarros, misturados com piramidologia, OVINS e outras ideias ocultistas.⁶⁸ À medida que nos aproximarmos do ano 2000, essa invasão de visões exóticas se acentuará. Esse aumento da expectativa do arrebatamento tenderá a paralisar a igreja como uma instituição de sal e luz durante a presente década de 1990. Quando essa expectativa é também alimentada pelo ocultismo, ela não pode trazer outra coisa a não ser consequências negativas para o dispensacionalismo.

Um relógio de fato está correndo. É o relógio da responsabilidade. Todos nós recebemos encargos da parte de Deus e tempo suficiente para concluí-los em vida (Ef. 2:10). Instituições cristãs também receberam encargos de Deus através de seus líderes. É por isso que a escatologia importa. É por isso que o *Institute for Christian Economics* [Instituto de Economia Cristã] às vezes publica obras sobre escatologia. A perspectiva de tempo de uma pessoa é importante para as tarefas que ela começa a fazer, o capital que investe e a taxa de retorno que espera. Quanto menor o tempo restante, mais capital precisamos no início de nossas tarefas e maior deve ser a taxa de retorno para concluí-las. Isso também é verdadeiro para a Igreja de Deus. Cada pessoa, cada igreja, cada família, cada governo civil, e cada organização deve decidir quanto tempo parece restar. Nossos objetivos e planos, tanto pessoais quanto institucionais, devem refletir essa avaliação. Falsas profecias, década após década, sobre um arrebatamento inevitavelmente iminente distorcem essa avaliação.

O Cristianismo tem muito tempo restante. O dispensacionalismo não. Essa é a mensagem de *Febre de Arrebatamento*.

⁶⁸ William M. Alnor, *Soothsayers of the Second Advent* (Old Tappan, New Jersey: Revell, 1989), Part IV.

2

MEDO DE HOMENS PRODUZ PARALISIA

E os oficiais dos filhos de Israel notaram que eles estavam em uma má situação, depois que foi dito: Não diminuireis coisa alguma dos tijolos da vossa tarefa diária. E encontraram Moisés e Arão que estavam no caminho, quando vinham de Faraó, e disseram a eles: O SENHOR olhe para vós e julgue, porquanto fizestes que o nosso cheiro fosse abominado aos olhos de Faraó, e aos olhos dos seus servos, colocando-lhes nas mãos uma espada para nos matar. (Êxodo 5:19-21)

...à medida que o sistema mundial secular, humanista e demonicamente governado se tornar cada vez mais ciente de que os Dominionistas e os Reconstructionistas são uma ameaça política real, eles fomentarão esforços cada vez mais concentrados para destruir a igreja evangélica. Perseguição desnecessária poderia ser provocada.

David Allen Lewis (1990)⁶⁹

O que atemoriza críticos dispensacionalistas da ação política cristã é o seu medo de perseguição. O sr. Lewis é um representante dessa mentalidade movida pelo medo. Ele supõe que toda a política é inerentemente humanista – fora do domínio legítimo do reino de Cristo. Uma vez que a política é humanista por natureza, qualquer tentativa por parte de cristãos de falar sobre questões políticas como indivíduos – ou pior, como *um povo* – que possuem uma agenda explicitamente bíblica atrairia “perseguição desnecessária”. Ele recomenda o silêncio.

Vemos novamente o conceito do dispensacionalismo de *evangelismo como distribuição de panfletos*, um programa de reino estreitamente definido, baseado num evangelismo exclusivamente pessoal que possui uma única mensagem primária para cada geração, década após década: *fuja da iminente ira vindoura*, seja do Anticristo (a Grande Tribulação) ou

⁶⁹ David Allen Lewis, *Prophecy 2000* (Green Forest, Arkansas: New Leaf Press, 1990), pg. 277.

do Estado (“perseguição desnecessária”). Isso é uma negação da grandeza da Grande Comissão,⁷⁰ mas em nome da Grande Comissão: “Nossa visão é obedecer e cumprir a ordem da Grande Comissão.”⁷¹

O sr. Lewis diz que podemos participar legitimamente da política *como indivíduos*, já que o nosso governo é democrático: “... encorajamos cristãos a se envolverem a nível individual, em todas as áreas da sociedade, incluindo a arena política.” Deveria nosso objetivo ser mudar a sociedade fundamentalmente? Dificilmente. Isso é um objetivo impossível. Nosso objetivo é ganhar novos contatos para compartilhar o evangelho com eles. “Isso é, em parte, para garantir que cristãos estão presentes em cada camada da sociedade com o propósito de compartilhar a mensagem do evangelho.”⁷² O propósito do envolvimento político e social não é o de reformar o mundo; é o de falar para as pessoas sobre o fim iminente desse mundo pré-milenar. Aparentemente, nós não devemos dizer nada explicitamente cristão, nem votar como um bloco organizado (da mesma forma que todos os grupos de interesses especial esperam ganhar influência política).⁷³ “Estar envolvido em nossos processos governamentais é desejável; contudo, é algo totalmente diferente a Igreja se empenhar em se tornar César.”⁷⁴

O sr. Lewis não entende a política: ninguém se envolve politicamente para perder, mas para vencer. Ele também não entende a sociedade: ninguém fará os sacrifícios necessários para ser bem sucedido se ouvir que seus esforços não deixarão nada significativo para a próxima geração, se é

⁷⁰ Kenneth L. Gentry Jr., *A Grandeza da Grande Comissão* (Editora Monergismo, 2025)

⁷¹ Lewis, *Prophecy 2000*, pg. 282

⁷² *Idem*

⁷³ Isso é a teoria democrática tradicional, mas ela nunca realmente foi capaz de lidar com a realidade do poder político. O *Council on Foreign Relations* e a Comissão Trilateral não organizam eleitores em blocos. Eles simplesmente garantem que controlarão quem será nomeado aos mais altos escalões do poder e quais políticas serão promulgadas. Isso levanta outras questões que, sendo políticas, não são o foco do assunto tratado aqui. Ver Gary North, *Conspiracy: A Biblical View* (Ft. Worth, Texas: Dominion Press, 1986). Ver também Philip H. Burch, *Elites in American History*, 3 vols. (New York: Holmes & Meier, 1980-81); Carroll Quigley, *Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time* (New York: Macmillan, 1966), pp. 946-56.

⁷⁴ Lewis, *Prophecy 2000*, p. 277.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

que de fato haverá uma próxima geração, o que se diz que será altamente improvável. O sr. Lewis e seus colegas dispensacionalistas pré-tribulacionistas parafrasearam o chiste do economista homossexual John Maynard Keynes: “No longo prazo, estaremos todos mortos”. Eles dizem: “No curto prazo, nós cristãos seremos todos arrebatados, e os judeus em Israel em breve vão desejar ter morrido, o que de fato acontecerá com dois terços deles sete anos após partirmos.” Como vimos no Capítulo 1, essa visão dos judeus é ensinada pelo mais proeminente teólogo dispensacionalista de nossa era.⁷⁵

A posição do sr. Lewis com relação ao envolvimento social e político é mais um exemplo da aliança funcional entre a religião da fuga e a religião do poder.⁷⁶ Ambos os lados concordam: cristãos não devem buscar posições de magistrado civil, exceto como *agentes judicialmente neutros*. Contudo, ao mesmo tempo, o quase-dispensacionalista e filósofo da lei natural Norman Geisler (ex-professor do Seminário Teológico Dallas) e defensores acadêmicos do pluralismo político (p. ex. o padre católico-romano Richard John Neuhaus) admitem que não existe neutralidade. Isso é esquizofrênico.⁷⁷ Essa esquizofrenia deixou cristãos indefesos intelectualmente diante de um colosso humanista oficialmente neutro e pluralista político. Isso já tem acontecido por mais de três séculos⁷⁸ (um colosso islâmico talvez possa oferecer uma cura).

Profecia Bíblica vs. Escatologia

Dispensacionalistas concentram sua atenção nas profecias bíblicas em detrimento de uma escatologia bíblica. As profecias bíblicas não são geralmente sobre escatologia, i.e., a doutrina das últimas coisas. Muitos cristãos não compreendem esse ponto importante. Eles amam comprar

⁷⁵ John F. Walvoord, *Israel in Prophecy* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic, [1962] 1988), pg. 108.

⁷⁶ North, *Moses and Pharaoh*, pp. 2-5.

⁷⁷ Gary North, "The Intellectual Schizophrenia of the New Christian Right," *Christianity and Civilization*, I (1983).

⁷⁸ Gary North, *Political Polytheism: The Myth of Pluralism* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1989), Parte 3.

livros sobre profecias bíblicas, porém não estão realmente interessados em escatologia. Eles podem achar que estão, mas não estão.

Como é que um livro pode tratar de profecias bíblicas, mas não ser sobre escatologia? É fácil. Por exemplo, um livro abordando profecias do Antigo Testamento sobre a primeira vinda de Jesus como Messias pode certamente ser um livro sobre profecias, porém não sobre escatologia. “Sim, sim”, você pode estar pensando, “mas e um livro sobre profecias do Novo Testamento? Com certeza deve ser sobre o futuro. Não houve nada profeticamente significativo entre a época dos escritores do Novo Testamento e os dias de hoje.” Mas houve: *a queda de Jerusalém para o exército romano em 70 d.C.* Esse evento histórico foi profetizado por Jesus (Lc. 21:20-24), mas já aconteceu há muito tempo. Ocorreu após os escritos do Novo Testamento terem sido concluídos, mas muito antes de eu ou você entrar em cena.

O fato é que a imensa maioria das profecias do Novo Testamento se referem a esse evento crucial, o evento que identificou publicamente a transição da Antiga Aliança para a Nova Aliança, e que também marcou o triunfo do judaísmo rabínico sobre o judaísmo sacerdotal, fariseus sobre saduceus⁷⁹, e o sistema de sinagoga sobre o templo. A destruição do

⁷⁹ A seita dos saduceus desapareceu, já que ela era associada com os sacerdotes que oficiavam no templo. Herbert Danby, cuja tradução da Mishná ainda é considerada autoritativa pelo mundo acadêmico, tanto por judeus quanto por gentios, comentou sobre o triunfo incontestável dos fariseus após a queda de Jerusalém (que sobreviveram na forma do Judaísmo Ortodoxo): “Até a destruição do Segundo Templo em 70 d.C., eles eram apenas contados como uma dentre muitas escolas de pensamento que participavam da vida nacional e religiosa judaica; após a Destruição, eles tomaram a posição, natural e quase imediatamente, de únicos e incontestáveis líderes da vida judaica sobrevivente. A continuação do judaísmo a partir de então, se não for a sua criação, é, no mínimo, uma fé e instituição religiosa em grande parte construída por eles; e a Mishná é o registro autoritativo de seus labores. Assim, chega-se à conclusão de que, apesar de ambos o Judaísmo e o Cristianismo venerarem o Antigo Testamento como escritura canônica, a Mishná marca a passagem para o Judaísmo [Rabínico] de forma tão definitiva quanto o Novo Testamento marca a passagem para o Cristianismo.” Herbert Danby, “Introduction”, *The Mishnah* (New York: Oxford University Press, [1933] 1987), pg. xiii. A Mishná é a versão escrita da tradição oral dos judeus, enquanto os comentários dos rabinos sobre ela são chamados de Guemará. Cf. R. Travers Herford, *The Pharisees* (London: George Allen & Unwin, 1924).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

templo foi tão central ao futuro tanto do cristianismo quanto do judaísmo que Jesus simbolicamente a ligou à Sua morte e ressurreição:

Então, responderam os judeus, dizendo-lhe: Qual sinal tu nos mostras, vendo que tu fazes estas coisas? Jesus lhes respondeu, dizendo: Destrua este templo, e em três dias eu o levantarei. Então, disseram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este templo, e tu, em três dias, o levantarás? Mas ele falava do templo de seu corpo. (João 2:18-21)

A Data do Livro de Apocalipse

“Mas,” você deve estar pensando para si mesmo, “João escreveu o Livro de Apocalipse em 96 d.C. Todo mundo concorda com isso. Então, João não poderia estar profetizando eventos associados com a queda de Jerusalém, um evento que já havia ocorrido um quarto de um século antes disso.” Esse é o argumento do professor do Seminário Teológico de Dallas Wayne House e do Pastor Tommy Ice em sua teologicamente criativa, mas altamente precária, revisão do dispensacionalismo tradicional.⁸⁰ É também a estratégia intelectual adotada pelo autor dispensacionalista de muitos best-sellers Dave Hunt, que escreveu em sua recente defesa da rendição cultural do cristianismo ao humanismo que “o Livro de Apocalipse foi escrito pelo menos 20 anos após 70 d.C., muito possivelmente por volta de 96 d.C. Esse simples fato destrói toda a teoria deles” sobre a queda de Jerusalém ser o evento profetizado que muitos hoje chamam de a Grande Tribulação.⁸¹ Mas assim como muito do que Dave Hunt já escreveu⁸², esse “fato” não é exatamente um fato. João não escreveu o Livro de Apocalipse em 96 d.C.

Quando João escreveu o Livro de Apocalipse? Essa questão técnica acadêmica deve ser respondida com precisão se realmente quisermos compreender as profecias do Novo Testamento. Estabelecer a data do

⁸⁰ H. Wayne House and Thomas D. Ice, *Dominion Theology: Blessing or Curse?* (Portland, Oregon: Multnomah, 1988), pp. 249-60.

⁸¹ Dave Hunt, *Whatever Happened to Heaven?* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1988), pg. 249.

⁸² Gary DeMar e Peter J. Leithart, *The Reduction of Christianity: A Biblical Response to Dave Hunt* (Ft. Worth, Texas: Dominion Press, 1988).

Apocalipse de João e os eventos que se seguiram poucos meses após essa revelação é o tema do livro de Kenneth L. Gentry, *The Beast of Revelation* [A Besta do Apocalipse], assim como do seu estudo maior e mais detalhado, *Before Jerusalem Fell: Dating the Book of Revelation* [Antes da Queda de Jerusalém: Datando o Livro de Apocalipse]. (Ambos os livros foram publicados pelo *Institute for Christian Economics* em 1989). Se a sua tese estiver correta, então a Grande Tribulação não está à nossa frente, mas ficou bem para trás. Se esse evento está no passado, então todo “futurismo” – dispensacionalismo, a maior parte do pré-milenismo não-dispensacionalista, e as formas mais populares de amilenismo – está redondamente errado. Qualquer um que diz que “dias sombrios aguardam a Igreja, porque o Homem do Pecado certamente se aproxima” é um futurista.⁸³ Logo, os livros do Gentry não são simplesmente exercícios acadêmicos obscuros. Se os futuristas se mostrarem incapazes de refutar esses livros, eles terão entregado sua posição intelectual. Desde 1989, eles têm permanecido em silêncio.

Silêncio em Face a Críticas é Suicida

É de minha opinião que eles se mostrarão incapazes de refutar as evidências de Gentry. É de minha opinião que os dispensacionalistas nem tentarão; eles irão, em vez disso, adotar a estratégia acadêmica tradicional que professores de seminários dispensacionalistas usaram por mais de meio século para lidar com qualquer livro que desafiasse seu sistema: “Vamos ficar quietos e torcer que ninguém em nosso campo descubra isso, especialmente nossos estudantes mais brilhantes.”

⁸³ As outras posições são o idealismo, o historicismo e o preterismo. A primeira visão não procura ligar as profecias a algum evento específico após a era do Novo Testamento. As profecias são vistas meramente como princípios. O historicismo ensina que o Livro de Apocalipse descreve o curso da história. Essa foi a visão mais comum da Reforma, na qual todos os grupos protestantes identificaram o Papado como o Anticristo (essa foi a única doutrina especialmente protestante universalmente aceita que unia todos os grupos protestantes). Os preteristas são os que creem que a maior parte das profecias bíblicas foram cumpridas no tempo em que Jerusalém caiu ou, no mínimo, até o tempo em que o Império Romano foi cristianizado. Essa é a minha visão, do Gentry e do Chilton.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Como mencionei no prefácio, o melhor exemplo dessa “estratégia de silêncio” foi a indisposição de qualquer acadêmico dispensacionalista em desafiar a crítica abrangente feita pelo pós-milenista Oswald T. Allis ao dispensacionismo, *Prophecy and the Church* (1945) por duas décadas.⁸⁴ A breve tentativa de Charles C. Ryrie – escrita em linguagem popular e intelectualmente medíocre – de refutar um punhado dos argumentos de Allis, selecionados a dedo, surgiu em 1965: *Dispensationalism Today* [Dispensacionismo Hoje].⁸⁵ O fato que esse volume fino ainda é a defesa primária do dispensacionismo tradicional (i.e., o do Seminário de Dallas), a despeito do fato de que ele nunca foi revisado, testifica da **estratégia de “enfiar a cabeça na areia”** do mundo acadêmico dispensacionalista para os seus críticos que creem nas Escrituras. Essa carência de defesas intelectuais é especialmente perceptível hoje, dado o fato da saída inesperada e um tanto quanto acrimoniosa do Dr. Ryrie do corpo docente do Seminário de Dallas mais de uma década atrás. Outro exemplo é o silêncio deles em relação à tese de doutorado de William Everett Bell para a Universidade de Nova Iorque em 1967 intitulada “Uma Avaliação Crítica da Doutrina do Arrebatamento Pré-Tribulacional na Escatologia Cristã”, que foi reimpressa por Bell. Livros de maior importância merecem refutações à altura em livros, não resenhas negativas e breves num periódico próprio e de pequena circulação. Qualquer sistema filosófico, teológico ou ideológico que não é defendido intelectual e publicamente por seus porta-vozes acadêmicos, década após década, a despeito de uma montanha crescente de críticas persuasivas e bem fundamentadas, está próximo do fim de sua influência. Seus recrutas mais jovens e mais brilhantes se afastarão do sistema ou, doutra maneira, serão recrutados pelos críticos. Por fim, as instituições que o defendem se distanciarão teologicamente dele, como Seminário Teológico Talbot, anteriormente uma instituição dispensacionalista tradicional, o fez após 1986 e como hoje ocorre com o Seminário Teológico Grace (ou parece ocorrer: ver Capítulo 13). Uma mentalidade defensiva, uma mentalidade de “forme um círculo com as carroças”, não pode ser sustentada para sempre. *Se um movimento não avança, ele ou estagna ou retrocede culturalmente.* Se um movimento adota

⁸⁴ Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian & Reformed.

⁸⁵ Chicago: Moody Press.

uma visão de tempo que diz que o progresso cultural é o produto dos esforços de seus rivais, que apenas os movimentos “para cima” (a morte) e “para dentro” (misticismo) são verdadeiramente significativos, então esse movimento bebeu o equivalente teológico dos refrescos do “Rev.” Jim Jones. Esse princípio analítico aplica-se igualmente bem à busca mística por uma fuga interior da parte dos movimentos Nova Era, ou à febre de arrebatamento dos dispensacionalistas. É por isso que o dispensaciona-
lismo está morrendo.

Cristãos que creem nas Escrituras precisam de uma alternativa.⁸⁶

Últimos Dias vs. Fim dos Tempos

Os últimos dias não são a mesma coisa que o fim dos tempos. Os últimos dias referem-se aos últimos dias do Israel da Antiga Aliança; eles estão no passado. Ainda está confuso? Milhões de outros cristãos também. A confusão advém do fato de que cristãos partiram para a conclusão – uma conclusão completamente errônea – de que os “últimos dias” dos quais o Novo Testamento fala referem-se aos últimos dias da Igreja (ou à incorretamente identificada “Era da Igreja”). Essa conclusão não é sustentada pelos vários textos bíblicos. *Os últimos dias dos quais o Novo Testamento fala foram os últimos dias escatológicos apenas para o Israel nacional, não para a Igreja da Nova Aliança.* Os “últimos dias” foram, de fato, os primeiros dias da Igreja de Jesus Cristo. Eles inauguraram a era da Nova Aliança.

Como sabemos disso? Como sabemos que não estamos agora vivendo nos últimos dias da Igreja? Porque o Novo Testamento foi escrito nos últimos dias de Israel, que chegaram ao fim 1.900 anos atrás. O Novo Testamento diz isso claramente. O autor da Epístola aos Hebreus identificou especificamente a sua própria era como sendo os “últimos dias”. Ele escreveu que Deus “nestes últimos dias falou-nos pelo seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, por quem fez também os mundos” (Hb. 1:2). Ele foi bem claro: ele e seus contemporâneos estavam vivendo nos últimos dias. Ele não sofreu de febre de arrebatamento.

⁸⁶ Gary North, *Unconditional Surrender: God's Program for Victory* (3rd ed.; Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1988).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

A Destruição do Templo

Precisamos fazer essa pergunta óbvia: Os últimos dias do quê? A resposta é clara: *os últimos dias da Antiga Aliança, incluindo o Israel nacional*. Os escritores do Novo Testamento estavam vivendo nos *últimos dias dos sacrifícios de animais no templo*. Essa é a mensagem primária da Epístola aos Hebreus: a vinda de um sacrifício melhor, um sacrifício feito de uma vez por todas, Jesus Cristo. Lemos: “E por isso ele é o mediador do novo testamento, para que por meio da morte, para redenção das transgressões cometidas debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna. Porque onde há testamento, necessário é que venha a morte do testador” (Hb. 9:15-16). O concomitante inescapável do sacrifício de Jesus no Calvário foi a Sua anulação do sistema sacrificial da Antiga Aliança, *que aconteceu no fim do mundo da Antiga Aliança*:

E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que estão no céu fossem purificadas com tais sacrifícios, mas as coisas celestiais em si seriam purificadas com sacrifícios superiores a estes. Porque Cristo não entrou em um santuário feito por mãos, que são figuras do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora aparecer na presença de Deus por nós. Nem também para se oferecer com frequência, como o sumo sacerdote entrava no santo lugar de ano em ano com sangue alheio. Pois então necessário seria ele ter sofrido com frequência desde a fundação do mundo; mas agora, **no fim do mundo**, uma vez, se manifestou para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois o julgamento. Assim também Cristo ofereceu-se uma só vez para levar os pecados de muitos, e para aqueles que o buscam ele aparecerá pela segunda vez sem pecado, para a salvação. Porque a lei, tendo a sombra das coisas boas que virão, e não a imagem exata das coisas, não pode nunca, com os mesmos sacrifícios que eram continuamente oferecidos de ano em ano, aperfeiçoar os que se achegam. Se ainda o fosse, não teriam deixado de ser oferecidos? Pois os adoradores, tendo sido uma vez purificados, nunca mais teriam consciência de pecado. Mas, nesses sacrifícios, a cada ano se recordam os pecados. Porque não é

possível que o sangue de touros e de bodes tire pecados. Pelo que, quando ele veio ao mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste. Em ofertas queimadas e sacrifícios pelo pecado não tens prazer algum. (Hb. 9:22-10:6; ênfase adicionada).

Preste atenção na frase: “no fim do mundo”. No grego original, lê-se: “consumação das eras”. Essa frase deve ser compreendida literalmente, mas o seu ponto de referência literal foi a queda de Jerusalém e a anulação do sistema sacrificial do templo. O autor estava, portanto, profetizando o fim iminente do Israel nacional como o povo pactual de Deus.⁸⁷

Os líderes do Israel nacional se recusaram a crer em Jesus. Subsequentemente, eles se recusaram a crer na mensagem dos apóstolos. Eles não reconheceram a verdade que a mensagem do Novo Testamento anunciava, de que *Deus não tinha prazer permanente nas ofertas de animais queimadas*. Essa também fora a mensagem do Antigo Pacto, e seus predecessores religiosos também não prestaram atenção: “Porquanto eu desejei a misericórdia, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que ofertas queimadas” (Os. 6:6). Os autores do Novo Testamento declararam que Deus em breve colocaria um fim a esses fúteis e enganosos sacrifícios de animais *para nunca mais serem restaurados*.⁸⁸ Eles entenderam

⁸⁷ Romanos 11 ensina que Israel como um povo separado será convertido a Cristo em algum momento no futuro. Sobre esse ponto, negado por praticamente todos os comentários amilenistas, veja os comentários pós-milenistas de Robert Haldane, Charles Hodge e John Murray. Todavia, os judeus obterão novamente seu status como um povo pactual apenas através da Igreja, assim como todos os pecadores. Eles não serão tratados por Deus de forma diferente de qualquer outro povo pactualo.

⁸⁸ O dispensacionalismo tradicional ensina que o templo será reconstruído e os sacrifícios de animais serão restaurados por mil anos, apesar de apenas como um “memorial”, como C. I. Scofield diz em sua nota de referência em Ezequiel 43:19. *The Scofield Reference Bible* (New York: Oxford University Press, 1909), pg. 890. A vergonha do comitê de revisão da *New Scofield Bible* [Nova Bíblia de Scofield] fica aparente na nota de que essa profecia dos sacrifícios restaurados pode ser explicadas ou em termos da tese “memorial” (a qual eles estrategicamente recusam a identificar como sendo a visão original de Scofield) ou como sendo figurada – uma sugestão impressionante partindo de teólogos que proclamam que o princípio dispensacionalista de interpretação é “literal sempre que possível” (i.e. “literal sempre que conveniente”). *The New Scofield Bible* (New York: Oxford University Press, 1967), p. 888. Se o templo será reconstruído durante o milênio do Novo

FEBRE DE ARREBATAMENTO

que estavam vivendo nos últimos dias da era da Antiga Aliança, e eles alertaram os seus seguidores desse fato. Essa é a real mensagem primária do livro de Apocalipse.⁸⁹

Assim, os autores do Novo Testamento escreveram sobre profecia, mas a maioria (porém não todas) de suas mensagens proféticas lidavam com o destino e futuro imediatos do Israel nacional. Dessa forma, quando eles escreveram profeticamente, eles o fizeram primariamente sobre a *escatologia* (últimos dias) *de Israel a curto prazo*, não sobre a escatologia da Igreja (fim dos tempos) a longo prazo. Eles estavam escrevendo alertas proféticos ao povo de sua própria era sobre crises que estavam a ponto de se abater sobre eles, não sobre as crises de Cristãos e Judeus vivendo pelo menos 1.900 anos mais tarde.

Vou te fazer uma pergunta óbvia, que futuristas nunca perguntam publicamente: se a sua igreja estivesse nos estágios iniciais de uma crise de vida ou morte – a execução pública do fundador da igreja – e ele te desse um alerta referente a problemas que afetariam cristãos dois mil anos depois, você consideraria esse alerta como sendo oportuno, completamente racional, e relevante para as suas necessidades imediatas? Você consideraria esse alerta como sendo de crucial importância à sua caminhada diária diante de Deus ou à vida de sua igreja local? Não? Nem eu. *Nem mesmo os que ouviam a Jesus*. Portanto, eu concluo que a natureza imediata das preocupações dos discípulos foi a razão pela qual Jesus os alertou os seus discípulos da tribulação vindoura sobre o Israel nacional: “Aprendeis, pois, a parábola da figueira: quando seu ramo estiver tenro e brotarem folhas, sabeis que se aproxima o verão; de semelhante modo,

Testamento – uma doutrina dispensacionalista que o comitê de revisão não ousou desafiar – então para que outro propósito seria o templo usado se não para oferecer sacrifícios de animais? Como atração turística? Logo, se o templo reconstruído de Ezequiel 43 é uma profecia que se refere a um milênio na era da Nova Aliança, em vez de ao templo reconstruído do tempo de Neemias, sendo este um símbolo profético da adoração na Igreja mundial – que é a minha visão – então o reestabelecimento dos sacrifícios de animais não pode ser coerentemente considerado como figurado. Mas as implicações teológicas dos sacrifícios de animais serem reestabelecidos foram vergonhosas demais para o comitê de revisão abordá-las de forma direta. Eles se esquivaram disso.

⁸⁹ David Chilton, *The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation* (Ft. Worth: Dominion Press, 1987).

quando virdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, mesmo às portas. Na verdade, eu vos digo: esta geração não passará até que tudo isso se cumpra.” (Mt. 24:32-34, KJC).

Outra pergunta: se esse alerta hipotético do fundador se referisse a eventos que seriam vistos por “esta geração”, você concluiria instintivamente – como todos os expositores dispensacionalistas desse versículo concluíram e devem concluir – que a frase “esta geração” se refere a alguma geração vivendo no mínimo 1.950 anos depois? Não? Então por que não tomar as palavras de Jesus literalmente? “Na verdade, eu vos digo: esta geração não passará até que tudo isso se cumpra.”

Tudo isso *se cumpriu*: em 70 d.C.

Mas e a Besta?

Muito bem, e a Besta? Se a minha tese estiver correta – que a frase “os últimos dias” se referem aos últimos dias do Israel da Antiga Aliança e à destruição do templo em 70 d.C. – então quem foi a Besta? Afinal de contas, se as profecias do Novo Testamento sobre a Besta não foram cumpridas durante a vida de João, mas se referem a algum indivíduo que ainda está no futuro da Igreja, não pareceria haver razão alguma para crer que as outras profecias sobre “os últimos dias” também foram cumpridas em seus dias. Essas profecias devem ser tomadas como um bloco único. Está claro que a Besta é uma figura que é mencionada como estando viva nos últimos dias. É por isso que é imperativo que descubramos quem a Besta é ou era. Se ela ainda não apareceu, então os últimos dias ainda estão à nossa frente, a menos que já entramos neles. Se ela já surgiu, então os últimos dias já acabaram.

Os estudos do Dr. Gentry provam sem sombra dúvida que a Besta profetizada de fato era Nero (Assim como o comentário de Apocalipse do David Chilton, *The Days of Vengeance*, também o faz).⁹⁰ Os livros do Gentry não estão cheios de profecias sobre chips de computadores implantados no cérebro, tatuagens com números de identificação, helicópteros cobra, guerra nuclear e conspirações sobre o movimento Nova Era. É por

⁹⁰ David Chilton, *The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation* (Ft. Worth, Texas: Dominion Press, 1987).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

isso que a maioria dos fundamentalistas não está interessada em seus livros. A maior parte dos clientes de livrarias cristãs, na grande maioria das vezes, prefere ficar empolgada com a desinformação disseminada por uma série de profecias falsas vindas de livros comerciais do que ser confrontada pelo conhecimento de que a assim chamada Grande Tribulação já passou há muito tempo, e que ela era a tribulação de Israel, não da Igreja (para uma prova bíblica disso, veja o livro do David Chilton, *A Grande Tribulação*).⁹¹ Eles querem adrenalina e arrepios, não exposição bíblica precisa; eles querem uma série de “insights secretos”, não conhecimento histórico. Como legiões de crianças cheias de imaginação sentadas ao redor do rádio da família nas décadas de 1930 e 1940, que fielmente compravam seu Ovomaltine, arrancavam a embalagem, e a enviavam por correios para receber um “decodificador secreto da Annie, A Pequena Órfã”⁹², cristãos fundamentalistas são repetidamente atraídos pela promessa tentadora de que eles podem ser “os primeiros do quarteirão” a estarem “por dentro de tudo” – a ser os primeiros a receberem as “informações privilegiadas”.

Crianças de nove anos não eram completamente enganadas em 1938. Eles sabiam a diferença entre a vida real e o faz-de-conta. O faz-de-conta era emocionante; era divertido; não custava muita coisa; mas não era real. Os segredos decodificados de faz-de-conta acabavam por apenas dar uma empolgação passageira, mas pelo menos poderiam beber o Ovomaltine. Ademais, crianças acabam crescendo, ficam cansadas de Ovomaltine, e param de pedir por decodificadores secretos.

Quando é que os cristãos irão crescer? Quando eles ficaram cansados da onda interminável do equivalente literário dos ‘decodificadores secretos’? Quando é que eles poderão dizer de si mesmos como Paulo disse de si mesmo: “Quando eu era criança, falava como criança, entendia como criança, pensava como criança; mas quando eu me tornei homem, eu coloquei de lado as coisas infantis.” (1 Co. 13:11)?

⁹¹ David Chilton, *A Grande Tribulação* (Pós-Milenismo Produções, 2025).

⁹² Refere-se à adaptação para rádio da série de tirinhas de aventura *Little Orphan Annie*. Sendo inicialmente patrocinada pela Ovomaltine, crianças poderiam receber um “distintivo decodificador secreto”, ao enviar embalagens do produto por correio, que permitiriam com que elas “decodificassem” ‘mensagens secretas’ transmitidas ao final de cada episódio [N. T.]

Falsas Profecias por Diversão e Lucro

Esses cristãos que creem que estamos nos aproximando dos últimos dias continuamente tentam identificar tanto a Besta, quanto o Anticristo. Esse jogo de “encontre a Besta e identifique o Anticristo” se tornou a versão cristã adulta do jogo infantil de cabra-cega. De tempos em tempos, os participantes vendam seus olhos, dão seis voltas em torno de si mesmos, e marcham em direção à parede. Às vezes, eles marcham para fora de casa, e caem de cabeça no penhasco, como ocorreu com Edgar C. Whisenant, cujo best-seller de duas partes anunciou no verão de 1988 que Jesus certamente apareceria para arrebatá-la Sua Igreja durante a semana do Rosh Hashanah⁹³ na metade de setembro. Metade do livro era chamada *On Borrowed Time* [Com os Dias Contados]. A outra já tinha um título mais direto: *88 Reasons why the Rapture is in 1988* [88 Razões para o Arrebatamento em 1988]. Eu posso pensar em um argumento-chave que prova que a tese do livro estava incorreta: nenhum Arrebatamento aconteceu até agora, e já é fevereiro de 1993. E lá se vão os 88 argumentos. O mundo anticristão conseguiu outra grande risada às custas de milhões de fundamentalistas que compraram e leram seu livro de duas partes. A história do livro do sr. Whisenant foi manchete de capa de jornal por um breve tempo nos EUA. O sr. Whisenant agora é história velha, mais um motivo de riso esquecido que trouxe vitupério à Igreja de Jesus Cristo, enquanto ganhava seus cinco minutos de fama. Mas sucessores surgirão, sem dúvidas.

Este é o grande problema: as vítimas deliberadamente se esquecem do último autointitulado especialista em profecias bíblicas cujas previsões não se cumpriram. Elas nunca aprendem a reconhecer o próximo falso profeta porque se recusam a admitir para si mesmas que elas foram tapeadas pelo último. Assim, esse esquema persistiu por todo o século XX, geração após geração, uma história patética esplendidamente registrada por Dwight Wilson em sua obra bem documentada *Armageddon Now!*⁹⁴, um livro que eu posso te garantir que não foi regularmente recomendado como leitura aos estudantes do Seminário Dallas. Repetidamente, alguma

⁹³ Ano novo judaico. [N. T.]

⁹⁴ Dwight Wilson, *Armageddon Now!: The Premillennial Response to Russia and Israel Since 1917* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, [1977] 1991).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

figura política mundial proeminente foi identificada como sendo ou a Besta ou o Anticristo: Lenin, Mussolini, Hitler, Stalin, e até mesmo Henry Kissinger.⁹⁵⁹⁶ (O presidente Reagan teve sorte de ser um conservador tão amado pelos fundamentalistas, dada a estrutura marcante de seu nome: Ronald [6] Wilson [6] Reagan [6].)

Salem Kirban: O Mestre da Febre Até 1983

O texto de apresentação na contracapa do livro autopublicado do escritor de best-sellers Salem Kirban, *The Rise of the Anti-Chirst* [A Ascensão do Anticristo], representa muito bem o espírito da literatura profética popular. Publicado em 1978, anunciava ousadamente:

Já estamos vivendo na ERA DO ANTICRISTO!

O mundo está à beira da catástrofe. Avanços científicos são, na verdade, tragédias científicas que causarão caos, confusão e terror.

Dentro dos próximos 5 anos...

PROJETE SEU PRÓPRIO FILHO
Indo para o “supermercado genético.”
SUA MENTE SERÁ PROGRAMADA
sem você saber!

Dentro dos próximos 10 anos...

SEU CÉREBRO SERÁ CONTROLADO
por fontes externas!
SUA MEMÓRIA SERÁ TRANSFERIDA
para um embrião vivo

⁹⁵ Salem Kirban, *Kissinger: Man of Peace?* (Huntington Valley, Pennsylvania: Salem Kirban Inc., 1974). Como você pode esperar, esse livro não está mais em circulação. Às vezes aparece a venda em sebos por um dólar ou menos. Se ver, compre. É um item de colecionador.

⁹⁶ Diplomata americano que serviu como Secretário de Estado (1973 -1977) e Conselheiro de Segurança (1969-1975) nos EUA. Em sua carreira, teve papel central no reatamento das relações com a China, na distensão com a URSS e na intermediação do cessar-fogo da Guerra do Yom Kippur. [N. T.]

E por aí vai. Nada disso aconteceu, é claro. A minha favorita é essa: “TRANSPLANTES DE CABEÇA se tornarão uma realidade.” Me pergunto quem seriam os dois primeiros voluntários? Quem vai ficar com o quê? O livro do Kirban é para a exposição bíblica o que o *National Enquirer* é para o jornalismo. O problema é que o *National Enquirer* vende 7 milhões de cópias por semana; é de longe o jornal americano de maior circulação. Sensacionalismo vende!

Se tomarmos as palavras do sr. Kirban literalmente – tão literalmente quanto ele espera que tomemos a Bíblia – seremos forçados a concluir: “Esse cara simplesmente não tinha ideia do que estava falando quando escreveu essas previsões.” Mas ele vendeu muitos livros nos anos 70 – 30 títulos diferentes sobre profecia apenas até 1978, de acordo com a contracapa, mais uma enorme Bíblia de estudos, mais uma revista em quadrinhos. Em 1980, o número total de títulos do sr. Kirban disparou para 35, de acordo com a contracapa de *Countdown to Rapture* [Contagem Regressiva para o Arrebatamento] (publicado originalmente em 1977). Ele concluiu na página 188 de seu livro:

“Com base nessas observações, é minha opinião ponderada de que o relógio da história está marcando agora

11:59

Quando chegará a Meia-Noite... a hora do Arrebatamento? Eu não sei!”

Kirban sabiamente evitou o erro de marcar uma data para o Arrebatamento – o erro que o sr. Whisenant cometeu – mas o seu livro foi suficientemente explícito. Considerando o fato que o suposto “relógio profético” chegou às 11:56, quando a população mundial passou dos 4 bilhões de pessoas (pg. 45), e então chegou às 11:59 em apenas um ano com o acordo de paz entre Israel e o Egito em 1977 (pg. 175), dá para ter uma noção geral do que está sendo transmitido. Falta apenas “um minuto” em 1977! O Arrebatamento acontecerá em breve! Esse é o apelo constante da febre de arrebatamento.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Contudo, mais uma vez o “relógio profético” notoriamente duvidoso do dispensacionalismo pré-tribulacional parou sem avisar.⁹⁷ Três anos se passaram. Nenhuma Besta. Nenhum Anticristo. Poucas vendas de livros. Deixe o assunto pra lá! Tente alguma coisa. Por que não tentar escrever livros sobre nutrição? Prontinho: *How Juices Restore Health Naturally* [Como Sucos Restauram a Saúde Naturalmente] (1980). Fazer o quê... Melhor um copo de suco de cenoura fresco que outro livro com supostas previsões da aparição iminente de Jesus ou do Anticristo. Poucas pessoas sofrem de febre do suco de cenoura.

Todavia, um “relógio profético” parado é sempre boas notícias para a próxima onda de autores do dispensacionalismo popular: mais chances para escrever novos livros sobre a Besta, o 666 e o Anticristo. Sempre há mais oportunidades para um avivamento – um ‘avivamento’ de vendas de livros. Afinal de contas, um idiota nasce a cada minuto, mesmo quando o “relógio profético” parou de correr novamente. A próxima geração de falsos profetas sempre pode desenhar mais alguns centímetros ao longo das linhas de base da edição reimpressa de 1936 de seus gráficos proféticos. Eles podem comprar engrenagens novas para um relógio profético enferrujado. As prateleiras de mercado ficam cheias desses relógios parados a cada mais ou menos dez anos. Qualquer aspirante a especialista em profecias bíblicas pode conseguir um bem barato. É só limpar, instalar novas engrenagens, dar corda, fazer umas pequenas modificações num gráfico de profecia descartado e você já está pronto para começar! Por exemplo, assim que Salem Kirban se aposentou, Constance Cumbey surgiu.⁹⁸

⁹⁷ Tecnicamente falando, o dispensacionalismo pré-tribulacional exige que o relógio profético não comece a avançar até o Arrebatamento. Mas esse tipo de visão da profecia bíblica vende poucos livros. Assim, o dispensacionalismo conhecido à maioria dos compradores de livros de profecia é o que crê em um “relógio corrente”, independentemente do quão errático seu avanço seja.

⁹⁸ Dou pouco crédito ao rumor de que “Constance E. Cumbey” é o pseudônimo adotado pelo sr. Kirban em 1983. Também tenho reais dúvidas sobre o boato de que a mulher que alegou ser a sra. Cumbey era, na verdade, uma atriz profissional contratada pelo sr. Kirban para fazer aparições públicas ocasionais. Todavia, é notável que o nome do sr. Kirban não apareceu em mais nenhum livro sobre profecias após 1982, o ano antes de *Hidden Dangers of the Rainbow* [Perigos Ocultos do Arco-Íris] de Cumbey surgir. Será que

O principal problema com essa onda interminável de interpretações das profecias bíblicas completamente falsas e sensacionalistas é que cristãos sinceros acabam gravemente enganados por autores que parecem falar de forma autoritativa em nome da Bíblia. Esses escritores escrevem com autoridade sobre assuntos dos quais sabem pouco ou nada, ou então fazem uma má representação daquilo que sabem. Uma moda profética demora cair em desuso. Cristãos emocionalmente vulneráveis são alertados repetidamente em nome da Bíblia que eventos cataclísmicos inescapáveis são iminentes – “sinais dos tempos” – mas esses eventos inevitáveis nunca acontecem conforme previstos. Isso continua década após década, geração após geração, apesar que os autoproclamados profetas continuam mudando. Seguidores continuam se amontoando. Absurdos continuam jorrando.

Pergunta: se o arrebatamento pré-tribulacional pode acontecer “a qualquer momento”, então como podem existir profecias cumpridas entre o Novo Testamento e o arrebatamento futuro sobre as quais se possa escrever? Como podem existir quaisquer “sinais proféticos dos tempos”? Como pode alguém que crê na “vinda a qualquer momento” de Jesus também crer em algum autointitulado especialista em profecias que anuncia que profecias bíblicas específicas estão se cumprindo em nossos dias? Se qualquer evento pode ser declarado como uma profecia bíblica cumprida hoje – um evento que absolutamente deveria acontecer, assim

isso poderia ser mais que mera coincidência? É também estranho que a “sra. Cumbey” parece ter desaparecido do olhar público desde quando o segundo livro com o seu nome não foi capaz de chegar nas livrarias cristãs. É possível que a “sra. Cumbey” teria sido demitida pelo sr. Kirban quando os lucros com vendas de livros não apareceram e não houve mais necessidade para suas aparições públicas? Percebo que isso tudo possa parecer um pouco implausível para a maioria das pessoas, mas talvez não para alguém que aceitou a tese do livro da “sra. Cumbey” *A Planned Deception: The Staging of a New Age “Messiah”* [Um Engano Planejado: A Encenação para um “Messias” da Nova Era]. Se pode haver uma encenação para um Messias, o mesmo se aplicaria para uma pesquisadora anteriormente desconhecida de Detroit. O “Messias” ainda não apareceu, e “C. Cumbey” desapareceu. Figuras messiânicas vem e vão sem muito alarde – e, de fato, sem nem mesmo aparecer em público; assim também os que os denunciam, apesar que isso demora um pouco mais de tempo. [N. T.: Constance E. Cumbey passou a manter um blog com previsões proféticas desde 2005, e morreu em 9 de jun. de 2025]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

como todas as profecias Bíblicas verdadeiras – então o arrebatamento certamente não foi um “arrebatamento a qualquer instante” antes do cumprimento da suposta profecia. Algum evento profetizado teve de acontecer antes que o arrebatamento pudesse acontecer. Isso, obviamente, é uma negação da doutrina de “vinda a qualquer momento” de Cristo. Esse fato não parece desencorajar os profetas de livros comerciais vigentes de cada década, nem seus discípulos ingênuos.

O Fator Paralisia

Assim que se começa a perceber que as previsões de algum ‘especialista em profecias’ foram vergonhosamente imprecisas, outro especialista aparece com um novo conjunto de profecias. Cristãos que se tornam seguidores temporários desses falsos profetas ficam assustadoramente similares às mulheres enganadas descritas por Paulo: “Porque deles fazem parte os que entram sorrateiramente nas casas e levam cativas mulheres tolas carregadas de pecados, levadas por várias concupiscências, que sempre aprendem e nunca são capazes de chegar ao conhecimento da verdade.” (2 Tm. 3:6-7). No final, essas vítimas transtornadas (ou que vivem atrás de adrenalina) se tornam cada vez mais incertas sobre o que devem crer em relação ao futuro. Tudo parece tão assustador. Cristãos se tornam persuadidos de que forças pessoais além do seu controle ou do controle da Igreja – forças malignas e demoníacas – estão prestes a sobrepujar todos os vestígios restantes de justiça no mundo. Como é que, afinal de contas, o cristão médio pode proteger a si mesmo contra controle mental e transferência de memória, quanto mais de transplantes de cabeça, supondo que tais coisas são tecnicamente e culturalmente possíveis e iminentes? O fato de que tais coisas não eram tecnicamente possíveis no período de tempo em que foi dito que seriam nunca pareceu vir à mente dos compradores de livros comerciais de profecia.

Um fluxo constante desse tipo de material tende a reduzir a capacidade de cristãos de raciocinar coerentemente ou tomar decisões de longo prazo eficazes. *O sensacionalismo se torna viciante.* O sensacionalismo combinado com o isolacionismo cultural pietista paralisou o movimento fundamentalista até que, no fim dos anos 70, o fundamentalismo enfim começou a mudar. Essa transformação está bem longe de ser completa,

mas com certeza já começou (ver Capítulo 11). Fundamentalistas estão finalmente começando a repensar sua escatologia. Eles estão menos suscetíveis a convulsões incontroláveis de febre de arrebatamento. O texto da contracapa de *Whatever Happened to Heaven?* [O Que Aconteceu com o Céu?] revela que Dave Hunt está ciente do fato que a sua versão do dispensacionalismo popular, assim como a de Hal Lindsey, está perdendo a influência rapidamente (o sr. Lindsey praticamente desapareceu do olhar público por volta do tempo em que se casou com a esposa número três. Já se foram os dias de suas aparições especiais – e as de todo mundo – no “*The Jim and Tammy Show.*”⁹⁹ Ele ainda tem um programa de rádio e um programa de televisão local no sul da Califórnia.) O texto de apresentação da obra na contracapa anuncia: “Hoje, um número crescente de cristãos está trocando a esperança pelo arrebatamento por uma nova esperança... que cristãos podem consertar a sociedade...” A promessa – não-cumprida, acrescentaria – da contracapa é que esse livro mostraria aos dispensacionalistas das antigas “como perdemos essa esperança [do Arrebatamento] e como ela pode ser recuperada.” O sucesso de seus livros mostra que ainda existem compradores da velha literatura que amam ficar empolgados com novas histórias sobre a Besta. Isso significa, é claro, que eles não querem ouvir do relato bíblico sobre a Besta do Apocalipse. Eles preferem a fantasia.

Conclusão

O medo é capaz de paralisar pessoas se elas não veem saída, ou se a saída que tanto esperam é vista por elas como sendo um livramento milagroso de forças totalmente além do seu controle. Além disso, uma perspectiva de curto prazo é inevitavelmente debilitante. O mundo fundamentalista até o fim dos anos 70 estivera “imobilizado por Jesus” pelo seu abandono do futuro pré-Arrebatamento “inevitavelmente sombrio” que permeava todo o seu meio. Cristãos desesperados creram com todo o seu coração que qualquer coisa que pudessem fazer para

⁹⁹ Programa televisivo evangélico popular, apresentado pelo televangelista Jim Bakker e sua esposa. O programa, eventualmente, foi superado por outras iniciativas televisivas de Jim Bakker por volta do fim dos anos 70, até que sua presença televisiva cessou por tempo considerável com sua prisão em 1989. [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

melhorar esse mundo seria inevitavelmente devorada pelo trabalho da Besta e do Anticristo. Eles se perguntaram: Para quê trabalhar, economizar e adiar os prazeres momentâneos deste mundo para construir um capital que será herdado pelos seus inimigos?

É hora de uma ressurreição: a ressurreição da esperança cristã. É hora de uma ressurreição paralela: a ressurreição do serviço cristão abrangente em cada área da vida. Isso significa que é hora do domínio cristão. É hora de pararmos de nos perguntar “O que é que aconteceu com o céu?” e passarmos a perguntar: “O que é que aconteceu com a Grande Comissão e com o Reino de Deus?”¹⁰⁰ O céu é para os mortos em Cristo; a terra é para os vivos em Cristo. Nossa responsabilidade para com esse mundo só termina com a nossa morte física ou com nossa completa incapacitação física e mental. Deixe que esses fundamentalistas, cujo objetivo primário na vida é fugir das responsabilidades terrenas no presente e certamente no futuro – e também “sair dessa vida ilesos” no Arrebatamento – enterrem seus talentos em especulações intermináveis sobre os céus. O restante de nós deve se concentrar no objetivo de construir o reino de Deus através da fidelidade pactual à lei de Deus.¹⁰¹ Devemos começar a levar a sério a promessa de Deus ao homem justo: “Sua alma habitará no sossego; e a sua semente herdará a terra” (Sl. 25:13).

¹⁰⁰ Kenneth L. Gentry Jr., *A Grandeza da Grande Comissão* (Editora Monergismo, 2025)

¹⁰¹ Greg L. Bahnsen, *By This Standard: The Authority of God's Law Today* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1985).

3

PESSIMISMO PRODUZ PARALISIA

E todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhes disse: Quisera Deus que tivéssemos morrido na terra do Egito, ou quisera Deus que tivéssemos morrido neste deserto. E por que o SENHOR nos trouxe a esta terra, para cairmos pela espada e para que nossas esposas e nossas crianças sejam uma presa? Não seria melhor voltarmos ao Egito? E eles disseram uns aos outros: Façamos um capitão e voltemos ao Egito.

(Números 14:2-4)

A origem da ideia de progresso foi exclusivamente ocidental; na realidade, era originalmente uma ideia cristã. Apenas com a aceitação difundida do conceito bíblico de tempo linear é que os homens começaram a acreditar que poderia existir progresso terreno. Eles começaram a agir em termos de uma visão de vida que estabelece que tudo o que um homem faz continua a viver após ele, e que as gerações futuras serão impactadas em certo nível por que ele viveu, trabalhou e morreu naquele exato momento.

Todavia, história linear não é, em si mesma, história progressiva. Algo adicional era necessário: a ideia de crescimento composto, ou *retroalimentação positiva*. Não é que a história seja simplesmente linear; ela também é *progressiva*. Tal visão da história é extraída diretamente de Deuteronômio 28:1-14. Ela também se fundamenta na noção de *reforço factual*, como descrita em Deuteronômio 8:18:

Mas te lembrarás do SENHOR teu Deus; porque é ele que te dá o poder para obteres riqueza, para que ele possa estabelecer o seu pacto que ele jurou aos teus pais, como é neste dia.

Isso é retroalimentação positiva: fidelidade factual traz bênçãos externas de Deus, as quais, por sua vez, devem reforçar a confiança do povo no pacto, levando-o a uma fidelidade ainda maior, o que traz bênçãos maiores, e por aí vai. Foi o otimismo pós-milenista do início do calvinismo e do puritanismo inglês que primeiro introduziu essa visão de

crescimento composto e pactual, que abrange toda a cultura, à civilização ocidental.¹⁰² A visão de Deuteronômio 28:1-14 cativou os puritanos ingleses: as bênçãos culturais externas que inevitavelmente acompanham a fidelidade pactual.

O desenvolvimento da doutrina calvinista e puritana de progresso espiritual e cultural concomitantes transformou o Ocidente. Pela primeira vez na história humana, a humanidade recebeu uma ideia completamente desenvolvida de progresso, que era, acima de tudo, uma doutrina de progresso ético. Essa visão foi secularizada pelos filósofos do Iluminismo, mas essa versão secularizada do progresso está desaparecendo rapidamente do Ocidente humanista.¹⁰³ A crença na universalidade da entropia (que significa degeneração inevitável) é apenas uma das causas desse pessimismo crescente, mas é uma bem poderosa.

No século XX, o “pessimilenismo” – um termo cunhado por Nigel Lee para descrever tanto o pré-milenismo quanto o amilenismo – foi o tipo dominante de escatologia. Aqueles que sustentavam tais visões deliberadamente rejeitaram a ideia de progresso visível, institucional e social. Eles insistem que a Bíblia não ensina tal esperança com respeito ao mundo anterior à vinda física e pessoal de Cristo em juízo final.

“A Igreja Não Pode Mudar o Mundo!”

Eu percebo que há pré-milenistas que ficaram ofendidos com essa afirmação. Eles citarão suas obrigações com base em Lucas 19:13: “Negociar até que eu venha.” Mas os líderes do movimento pré-milenista *tradicional* estão bem conscientes das implicações de sua escatologia, e precisamos levá-los a sério como porta-vozes. Por exemplo, John Walvoord, autor de muitos livros sobre escatologia, que fora presidente do Seminário Teológico de Dallas por muito tempo, a principal instituição acadêmica dispensacionista, não mediu suas palavras com relação a isso. Numa entrevista à *Christianity Today* (6 de fev. de 1987), Kenneth Kantzer perguntou:

¹⁰² *The Journal of Christian Reconstruction*, VI (Verão de 1979): “Symposium on Puritanism and Progress.”

¹⁰³ Robert A. Nisbet, *History of the Idea of Progress* (New York: Basic Books, 1980), cap. 9.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Kantzer: Para todos vocês que não são pós-milenistas, vale a pena se dedicar em melhor a situação física, social e política na terra?

Walvoord: A resposta é sim e não. Sabemos que nossos esforços para cristianizar a sociedade são fúteis porque a Bíblia não ensina isso. Por outro lado, a Bíblia certamente não ensina que devemos ser indiferentes à injustiça e à fome e a toda a espécie de coisas que estão erradas em nossa atual civilização. Apesar de sabermos que os nossos esforços não nos levarão a uma utopia, devemos fazer o que pudermos para termos um governo honesto e leis morais. É muito difícil defender, a partir da Escritura, esforços massivos de melhorias sociais, porque certamente Paulo não iniciou nenhum, e nem Pedro. Eles presumiram que a civilização como um todo é irremediável e está sujeita ao juízo de Deus (pp. 5-I, 6-I).

Quem é que disse alguma coisa sobre esperar uma utopia? Apenas os pessimistas, que usam essa palavra para ridicularizar quem pregue que os cristãos não foram preordenados a serem perdedores na história. Por que a civilização é mais irremediável que a alma de qualquer pecador? O evangelho salva pecadores, afinal de contas. Por que não deveríamos esperar nenhuma melhoria social de maior escala na sociedade? Jesus disse: “Foi-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt. 28:18). Quando Ele delegou poder à Sua Igreja – poder manifesto através de curas milagrosas e da expulsão de demônios – Cristo transferiu poder aos Seus seguidores. Por que não deveríamos esperar cura social e institucional generalizada na história?

O Poder de Cristo na História

Onde está a manifestação terrena desse poder? O dispensacionalista Dale Hunt é enfático: apenas nos corações dos crentes e (talvez) dentro das paredes das igrejas ou das missões urbanas locais. Como ele diz, em resposta a um anúncio da minha série de Fundamentos Bíblicos: “A Bíblia não nos ensina a construir a sociedade, mas nos instrui a pregar o evangelho, pois nossa cidadania está no céu (Cl. 3:2).”¹⁰⁴ (Me parece que

¹⁰⁴ Dale Hunt, *CIT Bulletin* (fev de 1987), quarta página.

ele poderia ter fortalecido o seu argumento de que somos cidadãos de um único “país” citando alguma tradução moderna de Filipenses 3:20). O Evangelho de Cristo seria, supostamente, um evangelho *apenas* do coração; de alguma forma, o Seu evangelho não é poderoso o bastante para restaurar aos padrões bíblicos as instituições que Ele projetou para o benefício da humanidade, mas que foram corrompidas pelo pecado. A visão do Evangelho defendida por Hunt é essa: *Jesus pode, de alguma forma, salvar pecadores sem fazer com que sua salvação afete o mundo ao redor deles.* Isso é verdadeiramente o coração, a mente e a alma do “evangelho” dos pessimilênistas: “Curar apenas almas, não instituições.”

Hunt separa o evangelho da sociedade. Ele separa a cidadania celestial da cidadania terrena. Em suma, ele poderia reescrever a Grande Comissão: “Foi-me dado todo poder no céu e nenhum na terra.” (os amilenistas também). O poder terreno de Cristo pode apenas ser manifesto quando Ele retornar fisicamente para estabelecer um reino burocrático centralizado no qual cristãos serão responsáveis por seguir as ordens diretas de Cristo, emitidas para lidar com circunstâncias históricas específicas. O pré-milenista tem tão pouca fé no poder da revelação perfeita da Bíblia, imbuída do poder do Espírito Santo, em formar os pensamentos e ações dos cristãos, que ele crê que *Jesus deve voltar corporalmente e emitir milhões de ordens pessoalmente, dizendo a todo mundo exatamente o que fazer, caso por caso, crise por crise.* (E Jetro achava que a fila na frente da tenda de Moisés era longa demais! Veja Êxodo 18). Se isso não é o que dispensacionalistas esperam, então eles devem descrever em detalhes como Jesus governará durante o milênio futuro. Até agora, eles se recusaram a fazê-lo por mais de 160 anos.

Assim, pré-milenistas negam o amadurecimento progressivo de cristãos e do cristianismo na história. O milênio governado por Cristo, de acordo com Hunt, será um mundo no qual a “justiça será aplicada de forma ágil e eficaz.”¹⁰⁵ Jesus tratará homens como pais tratam crianças de cinco anos: punição instantânea, sem tempo para reflexão e arrependimento. Cristãos nos dias de hoje recebem tempo para pensar em suas ações, refletir sobre seus pecados passados, e a fazer restituição antes que Deus

¹⁰⁵ Dave Hunt, *Beyond Seduction: A Return to Biblical Christianity* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1987), pg. 250.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

os julgue. Hoje, são tratados por Deus como adultos responsáveis. Não vai ser assim no milênio! *A Igreja irá da maturidade para a imaturidade quando Cristo voltar em poder.* E mesmo com o testemunho do governo perfeito e visível de Jesus na terra por mil anos, Satanás ainda tentará frustrar os propósitos de Cristo e da Igreja de Cristo, uma vez que, em sua soltura, ele enganará quase que todo o mundo, levando-os a se rebelarem contra “Cristo e todos os santos em Jerusalém.”¹⁰⁶

O Fracasso do Evangelho na História?

Em suma, o plano de Deus apontaria apenas para a derrota de Sua Igreja na história, de acordo com o dispensacionalismo. Satanás venceu no Éden, e apenas o poder pleno de Deus no juízo final ao fim da história pode aniquilar o reino de Satanás e restaurar a criação à sua plenitude. *O evangelho na história está condenado ao fracasso cultural.* No pré-milenismo e no amilenismo, vemos a teologia subjacente da religião do poder: os dilemas históricos serão decididos em favor de Cristo apenas através de um confronto final *físico* entre Deus e Satanás. A história da Igreja, portanto, é irrelevante: o conflito dos séculos será decidido fora do evangelho, da ética e do pacto de domínio declarado a Adão (Gn. 1:26-28), Noé (Gn. 9:1-17) e à Igreja (Mt. 28:18-20). O conflito dos séculos será decidido em uma espécie de queda de braço cósmica entre Deus e Satanás. A Igreja não é nada mais do que um espectador vulnerável.

Mas todos nós já sabemos quem venceria em uma guerra baseada no poder. Nós sabemos que Deus tem mais poder que Satanás. Satanás sabe disso, também. O que cristãos devem crer, agora e por toda eternidade, é que a autoridade entregue aos cristãos por Deus como a recompensa à sua justiça e fidelidade a Cristo e à lei bíblica é maior que o poder concedido por Satanás aos seus seguidores pela sua rebelião contra Deus. Mesmo assim, o pré-milenismo e o amilenismo negam essa verdade fundamental. Em vez disso, pregam que o poder concedido aos seguidores humanos de Satanás na história é maior que o poder concedido por Deus a Seu povo na história. Pregam *a derrota histórica da Igreja de Jesus Cristo.*

¹⁰⁶ Idem.

Derrota Institucional

O problema social e intelectual para o pré-milenista ou amilenista consistente é o de *motivação*. Ele levantou a bandeira branca para o diabo. Ele já entregou esse mundo mentalmente para Satanás. Walvoord, como um pré-milenista dispensacionalista consistente, nos garante: “Sabemos que nossos esforços para cristianizar a sociedade são fúteis porque a Bíblia não ensina isso.” Ele deliberadamente ignora os profetas do Antigo Testamento. Ele não quer que cristãos preguem profeticamente, pois os profetas chamavam Israel de volta à obediência à lei bíblica, e o *dispensacionalismo rejeita a lei bíblica*. Walvoord defende apenas uma vaga e indefinida “lei moral” para promover um igualmente vago “governo honesto.” Sem detalhes, isso não passa de uma retórica vã. É reduzir o escopo do evangelho ao de uma missão urbana para viciados em nível global: faça-os ficarem sóbrios, então apenas mande-os à Igreja até que morram ou Jesus volte. Essa é a versão de “cristão como vizinho legal” daquilo que deveria ser a teologia da “luz e sal”: “Salve indivíduos, mas não sociedades.” Voltemos à matéria da *Christianity Today* (6 de fev. de 1987):

***Kantzer:* Estamos dizendo aqui que a comunidade cristã, seja ela pré-, pós- ou amilenista, deve trabalhar com indivíduos e também buscar melhorar as estruturas da sociedade? Em outras palavras, não há nada nas visões milenaristas que impediria um crente de tentar melhorar a sociedade?**

Walvoord: Bem, a bíblia nos diz explicitamente para fazer o bem a todos os homens, especialmente aos de fé. Em outras palavras, a Bíblia nos dá ordens abrangentes para fazer o bem ao público geral (pg. 6-1).

Ordens abrangentes são insignificantes sem detalhes. *Um chamado para “fazer o bem” é insignificante eticamente falando sem padrões bíblicos de bondade.* Um comunista ou evolucionista da Nova Era poderia concordar com a declaração de Walvoord, já que ela não contém detalhes. Em resposta, o Prof. John J. Davis do Seminário Teológico Gordon-Conwell, um pós-milenista, respondeu:

Mas, falando em termos gerais, o pré-milenista é mais orientado a ajudar aqueles que foram prejudicados pelo sistema do que a

FEBRE DE ARREBATAMENTO

corrigir o mal sistêmico em si, enquanto o pós-milenista crê que o sistema pode ser santificado. Essa é a diferença básica referente à nossa relação com a sociedade. (pp. 6-I, 7-I).

A Forma Final do Pessimismo

Quando dispensacionalistas são chamados de pessimistas por pós-milenistas – como nós pós-milenistas inquestionavelmente os chamamos – eles reagem negativamente. Isso é evidência da minha asserção de que *todo mundo reconhece os efeitos inibidores do pessimismo*. Ninguém gosta de ser chamado de pessimista. Walvoord não é uma exceção a isso. Mas a sua defesa é bem reveladora:

Walvoord: Bem, eu pessoalmente questiono a ideia de que o pré-milenismo é pessimista. Somos apenas realistas em crer que o homem não pode mudar o mundo. Apenas Deus pode. (pg. 11-I)

“O homem não pode mudar o mundo.” O que isso quer dizer? Que o homem é um robô? Que Deus faz tudo, tanto o bem quanto o mal? Walvoord obviamente não quer dizer isso. Então, o que exatamente ele quer dizer? Que o homem, coletivamente falando, pode fazer o mal, mas não o bem? Então que efeito o evangelho tem na história? Se ele não quer chegar a essa conclusão ilógica, então ele deve estar dizendo que o homem, quando age fora da vontade e da lei de Deus não pode melhorar o mundo, no longo prazo. Se Deus está disposto a tolerar a vitória do mal, então não há nada que nós cristãos possamos fazer, exceto tentar sair do meio do caminho dos pecadores vitoriosos, se pudermos, enquanto entregamos panfletos evangelísticos em esquinas e realizamos missões urbanas. A pergunta é: Será que Deus *realmente* está disposto a tolerar o triunfo de pecadores sobre a Sua Igreja na história? Sim, dizem os pré- e amilenistas. Não, dizem os pós-milenistas. Esse é o ponto central da questão.

O que Walvoord *implica sem dizer* é que a doutrina pós-milenista do poder *histórico* da regeneração, do poder *histórico* do Espírito Santo, do poder *histórico* da lei bíblica, e da *validade contínua* do pacto de domínio de Deus com a humanidade (Gn. 1:26-28) é teologicamente errônea, e talvez até mesmo praticamente herética. Mas essa é precisamente a razão pela qual nós pós-milenistas consideramos pré-milenistas como pessimistas.

Eles implicitamente sustentam os pontos doutrinários reversos: a *ausência* histórica do poder da regeneração, a *ausência* histórica do poder do Espírito Santo, a *ausência* histórica do poder da lei bíblica, e a *presente suspensão* do pacto de domínio de Deus com a humanidade (a *Bible Presbyterian Church* pré-milenista de Carl McIntyre em 1970 chegou a condenar em caráter oficial a doutrina do mandato cultural de Gênesis 1:28).¹⁰⁷

Walvoord diz que apenas Deus pode mudar o mundo. Nossa, que descoberta! *Quem que ele acha que mudará o mundo para melhor, de acordo com o pós-milenismo?* É claro que Deus quem deve mudar o mundo. Dada a depravação do homem, Ele é o Único que pode. Mas como Ele o faz? Através dos demônios? Não. Através de homens caídos que estão do lado dos demônios em sua rebelião contra Deus? Também não. Então, quais são os meios históricos de Deus para melhorar o mundo? *A pregação do Evangelho*. Isso é o que pós-milenistas sempre ensinaram. *Mas o sucesso abrangente do evangelho na história é o que pré-milenistas sempre negaram*. Eles não creem em redenção abrangente.¹⁰⁸ Eles negam categoricamente que o evangelho de Cristo um dia mudará os corações da maioria dos homens em qualquer momento futuro na história. O evangelho nessa visão é primariamente um meio de *condenar quem rejeita o evangelho ao inferno*, não um programa que leva à vitória da Igreja na história. O evangelho não pode transformar o mundo, eles insistem. Mesmo assim, eles ficam ressentidos em serem chamados de pessimistas.

Pessimismo com relação ao poder transformador do evangelho de Jesus Cristo na história é exatamente o que *define* pessimismo. Não há pessimismo na história da humanidade que seja mais pessimista que esse pessimismo escatológico com relação ao poder do evangelho na história. A destruição universal da humanidade através de uma guerra nuclear –

¹⁰⁷ Resolução nº 13, reimpressa em R. J. Rushdoony, *The Institutes of Biblical Law* (Nutley, New Jersey: Craig Press. 1973). pp. 723-24.

¹⁰⁸ Gary North, *Is the World Running Down? Crisis in the Christian Worldview* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1988). Apêndice C: “Comprehensive Redemption: A Theology for Social Action.”

FEBRE DE ARREBATAMENTO

que é um mito, diga-se de passagem¹⁰⁹ – é praticamente otimista em comparação com o pessimismo em relação ao poder do evangelho na história. Isso testifica que o incorrigível coração humano é mais poderoso do que Deus na história, que a derrota de Adão por Satanás no jardim é mais poderosa na história que a derrota de Satanás por Cristo no Calvário. Não há pessimismo maior que a declaração de Dave Hunt, que representa todo o pré-milenismo (e, aliás, também o amilenismo): até mesmo o reino milenar visível de Cristo fisicamente na terra terminará quando a imensa maioria das pessoas se rebelar contra Ele, convergirem a Jerusalém e tentarem destruir o povo fiel dentro da cidade: “Convergindo de todo o mundo para guerrear contra Cristo e os santos em Jerusalém, esses rebeldes por fim terão de ser banidos da presença de Deus para sempre (Ap. 20:7-10). O reino milenar de Cristo sobre a terra, em vez de ser o reino de Deus, será, de fato, a prova final da natureza incorrigível do coração humano.”¹¹⁰ (Eu não consigo entender por que é que esses seres humanos rebeldes idiotas se importariam em atacar Jerusalém, uma cidade que, de acordo com Hunt, estará cheia de milhões de Cristãos ressurretos e imortais que retornaram para governar com Cristo no começo do milênio. Eu já dei uma resposta pós-milenista sobre o significado de Apocalipse 20:7-10, incluindo quem são os rebeldes e o porquê de se rebelarem, *Dominion and Common Grace*¹¹¹ [Domínio e Graça Comum], que foi escrito especificamente para lidar com esse problema exegético).

Hunt continua (e insiste no mesmo ponto): “Um ambiente edênico perfeito em que todos os problemas ecológicos, econômicos, sociais e políticos são resolvidos se mostra incapaz de aperfeiçoar a humanidade. E lá se vão as teorias da psicologia e da sociologia, e os sonhos utópicos.”¹¹² Aqui está a palavra-chave usada repetidamente por pré-milenistas para descartar o pós-milenismo: *utopia*. (“Utopia”: *ou* = não, *topos* = lugar.) Em suma, eles consideram como sendo totalmente mitológica a ideia de que a

¹⁰⁹ Arthur Robinson e Gary North, *Fighting Chance: Ten Feet to Survival* (Ft. Worth, Texas: American Bureau of Economic Research, 1986).

¹¹⁰ Dave Hunt, *Beyond Seduction*, pg. 250.

¹¹¹ Gary North, *Dominion and Common Grace: The Biblical Basis of Progress* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1987).

¹¹² Hunt, *Beyond Seduction*, pg. 251.

Palavra de Deus, o Espírito de Deus e a Igreja de Deus podem mudar os corações da *maioria* das pessoas em algum momento no futuro. Eles *supõem* (sem nenhum apoio bíblico claro) que Apocalipse 20:7-10 descreve uma rebelião final na qual *a maioria das pessoas na terra se rebelam*, apesar do fato que apenas um terço dos anjos (“estrelas”) se rebelaram com Satanás, e apenas um terço da terra é simbolicamente sujeita à ira de Deus nas passagens do Livro de Apocalipse que relatam os juízos de Deus (Ap. 8:7-12; 9:15, 18).

Repetidamente, pré-milenistas acusam pós-milenistas de terem muita confiança no homem. Isso é realmente incrível, quando paramos para pensar, já que todos os defensores primários do pós-milenismo moderno são calvinistas, e geralmente seguidores de Van Til. Normalmente, ninguém acusa calvinistas de terem uma visão muito elevada do homem. Calvinistas proclamam a doutrina da total depravação do homem e sua incapacidade de responder com fé ao evangelho fora da graça irresistível e da predestinação de Deus.

Pós-Milenistas não estão defendendo a confiança na “humanidade em si.” Eles apenas sustentam a crescente influência de longo prazo de pessoas *regeneradas e actualmente fieis* em comparação a pessoas *não-regeneradas e actualmente rebeldes*. O que amilenistas e pré-milenistas sustentam é o oposto: a crescente autoridade de longo prazo na história de pessoas não-regeneradas e actualmente rebeldes em comparação a autoridade de longo prazo de pessoas regeneradas e actualmente fieis. A base do otimismo pós-milenista não é a “confiança no homem”, mas sim a *confiança na fidelidade actual de Deus* em recompensar os que obedecem ao pacto na história (Dt. 18:1-14) e punir os que violam o pacto na história (Dt. 18:15-68).¹¹³

Scofield e Evolucionismo

É no mínimo irritante ler o ataque de Walvoord ao pós-milenismo, como se fosse uma visão alinhada ao liberalismo evolucionista:

¹¹³ Ray R. Sutton, *That You May Prosper: Dominion By Covenant* (rev. ed.; Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1992), cap. 4.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Durante a última parte do século XIX, a evolução emergiu como uma explicação de por que as coisas estavam melhorando. Naqueles dias, conferências proféticas incluíam pós-, a- e pré-milenistas, mas isso se tornou uma batalha entre o pré-milenismo e a visão evolucionista que parecia se encaixar com o pós-milenismo. Então, o pré-milenismo se tornou uma batalha entre o fundamentalismo e o liberalismo. Lamento em dizer que a posição pós-milenista ainda é estreitamente associada com a evolução e o liberalismo (CT, 06/02/87, pg. 8-I).

Eis o homem que foi presidente por trinta anos de um seminário que nunca ofereceu um curso defendendo a criação literal em seis dias. Ele chega a dizer que o pós-milenismo favorece o evolucionismo, porém foi R. J. Rushdoony, um pós-milenista, que conseguiu garantir que o livro de Morris e Whitcomb, *Genesis Flood* [O Dilúvio de Gênesis] fosse lançado através da *Presbyterian & Reformed Publishers*, após a editora dispensacionalista *Moody Press* ter deixado claro que seus editores rejeitavam a visão de dias literais da semana de Gênesis.¹¹⁴ Os líderes intelectuais do pós-milenismo nos EUA são todos criacionistas de seis dias literais. E o corpo docente do Seminário Dallas? Não é.

Pré-milenistas dispensacionistas dificilmente são defensores consistentes dessa visão literal de Gênesis 1, dado o fato de que C. I. Scofield ensinou a “teoria do intervalo” nas notas de sua famosa Bíblia de referência. Essa teoria propõe duas criações separadas de Deus: uma descrita em Gênesis 1:1, e então outra precedendo Gênesis 1:2 (o “intervalo” se refere ao suposto intervalo temporal entre as duas criações, apesar que a palavra seria aplicada de forma mais apropriada ao *vácuo de revelação* que essa hipótese insere entre Gênesis 1:1 e Gênesis 1:2). Entre as duas criações, haveria tempo suficiente para abranger todas as eras geológicas que os humanistas pudessem atirar em nossa direção (claramente, continua sendo meio que um problema definir como o mundo sem forma e vazio recriado de Gênesis 1:2 deixou vestígios geológicos de incontáveis eras, com todas essas formas fossilizadas nas rochas). Scofield fala do “passado

¹¹⁴ Henry M. Morris, *History of Modern Creationism* (San Diego, California: Master Book Pubs., 1984), pg. 154.

não-datável” como abrangendo tempo suficiente para abranger todas as eras geológicas.¹¹⁵

Essa “teoria do intervalo” fora desenvolvida no começo do século XIX como uma forma de permitir que cristãos que creem na Bíblia aceitassem as descobertas da geologia uniformitarista sem abrir mão de sua fé numa Bíblia literal. Henry Morris, Duane Gish e a maioria dos outros Criacionistas Científicos há muito reconheceram a ameaça mortal que essa teoria concessiva representava ao criacionismo bíblico.¹¹⁶ Foi a adoção por parte de cristãos do esquema temporal de eras dos geólogos pré-Darwin que levou ao darwinismo em primeiro lugar, tornando ainda mais fácil que essa posição fosse aceita no meio cristão mais tarde.¹¹⁷

Uma Cosmvisão Roubada

O cristianismo é a fonte da ideia de progresso na história da humanidade. Outros grupos roubaram essa visão e a remodelaram dentro de um paradigma anticristão, desde o Iluminismo¹¹⁸ ao movimento do Evangelho Social, mas isso não significa que o otimismo pós-milenista é a causa desses roubos. E certamente não significa que o pessimismo escatológico é, de alguma forma, um escudo eficaz contra o humanismo, a filosofia da Nova Era ou o socialismo.

O que é mais revoltante é que o autor dispensacionalista Dave Hunt tentou ligar o Reconstrucionismo Cristão ao movimento da Nova Era, simplesmente por que reconstrucionistas, sendo adeptos da teologia do domínio, proclamam a legitimidade da ação social dentro de uma perspectiva bíblica. Ele escreve: “Há vários outros grupos estreitamente relacionados [ao movimento Nova Era] em termos de suas crenças: reconstrucionistas como Gary North et al., assim como socialistas cristãos como Jim Wallis (da revista *Sojourners*), Tom Sine, et al., cujo foco primordial é purificar a terra ecologicamente, politicamente, economica-

¹¹⁵ C. I. Scofield, *Scofield Reference Bible* (New York: Oxford University Press, [1909] 1917), pg. 3n.

¹¹⁶ Morris, *History of Modern Creationism*, pp. 41, 58-61, 92.

¹¹⁷ Gary North, *The Dominion Covenant: Genesis* (2nd ed.; Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1987), Appendix C: “Cosmologies in Conflict: Creation vs. Evolution.”

¹¹⁸ Robert A. Nisbet, “The Year 2000 and All That”, *Commentary* (jun. de 1968).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

mente, sociologicamente, etc. Eles imaginam que a principal função da Igreja é restaurar o estado edênico – o que é dificilmente útil, já que o Éden é onde o pecado começou. Muitos grupos estão começando a trabalhar juntos, grupos estes que discordam entre si em alguns pontos, mas compartilham com os adeptos da Nova Era um desejo de purificar a terra e estabelecer o reino.”¹¹⁹ A visão de Hunt é clara: *otimismo histórico com relação aos efeitos culturais positivos do evangelho é algo inatamente demoníaco; otimismo com relação aos efeitos culturais do evangelho é, inerentemente, filosofia da Nova Era*. Qualquer um que chegue a se perguntar por que o dispensacionalismo tem sido culturalmente impotente não precisa buscar em nenhum outro lugar além dos escritos de Dave Hunt. Ele crê de todo coração que *Jesus é um perdedor na história*, pois Sua Igreja foi predestinada por Deus a perder.

Reconstrucionistas ensinam que haverá uma era futura em que o evangelho curará as almas dos homens, e essas pessoas curadas irão trabalhar para sujeitar a terra à glória de Deus. Esse otimismo sobre a manifestação visível do reino de Deus na terra, diz ele, é o cerne do ensino do movimento da Nova Era.

Muito pelo contrário, o que o movimento da Nova Era ensina é a derrota do Cristianismo na história. As doutrinas-chave da Nova Era são as seguintes: (1) a autotranscendência do homem em um ser mais elevado (através de técnicas que “elevação de consciência”, ou drogas, ou poder), e (2) a lei da reencarnação (karma). O reconstrucionismo reafirma a doutrina da absoluta distinção Criador-criatura, seguindo o exemplo de Cornelius Van Til. O reconstrucionismo também prega a doutrina do juízo final no fim da história e das sanções preliminares de Deus na história. O que o reconstrucionismo nega é o que Hunt afirma como sendo inevitável e o que adeptos da Nova Era esperam acima de tudo: *a derrota do cristianismo na história*.

Conclusão

O cristianismo é a religião do otimismo histórico. O poder de Cristo na história é manifesto através da pregação do evangelho da redenção. À

¹¹⁹ Dave Hunt, *CIB Bulletin* (fev. de 1987), folha de rosto.

medida que o evangelho se enraíza em sociedade após sociedade, as bênçãos pactuais de Deus começam a transformar a terra. Esse é um processo de longo prazo. Já está em andamento por quase 2.000 anos e talvez dure por mais mil. Talvez dure por ainda mais tempo. Mas a santificação progressiva dos cristãos leva à santificação progressiva da Igreja institucional. O evangelho “sal e luz” da redenção abrangente serve como o fermento da justiça que limita de forma crescente o poder dos discípulos humanos de Satanás. Nunca veremos perfeição, já que o pecado continuará no mundo até o juízo final, mas nunca veremos o triunfo terreno de Satanás. Sua vitória sobre Adão foi superada pela vitória de Cristo no calvário. A ressurreição é o nosso modelo, não a queda do homem no Éden.

Walvoord é o deão dos teólogos dispensacionalistas. Ele deixou claro em sua entrevista para a *Christianity Today* que ele não crê na possibilidade de redenção abrangente na história da Igreja. Ele chama essa visão de “realismo”. Eu a chamo de pessimismo. É esse pessimismo que justificou o recuo dos fundamentalistas em pregar o evangelho abrangente de Cristo: *a substituição do mal pelo bem em cada área da vida*. Isso levou ao triunfo automático do humanismo, com os impostos dos cristãos financiando esse triunfo. Levou à paralisia do dispensacionalismo: emocional, intelectual e institucional. Levou à febre de arrebatamento: a “bendita esperança” para um povo sem esperança terrena.

4

O DISPENSACIONALISMO REMOVE A ESPERANÇA TERRENA

Salmo de Davi. O SENHOR é meu pastor; nada me falta. Ele me faz deitar em verdes pastos; ele me conduz ao lado das águas serenas. Ele restaura a minha alma; me conduz no caminho da justiça por causa do seu nome. Sim, ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum; porque tu estás comigo; tua vara e o teu cajado me consolam. Tu preparas uma mesa para mim na presença dos meus inimigos; tu unges minha cabeça com óleo; meu cálice transborda. Certamente a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida, e eu habitarei na casa do SENHOR para sempre. (Sl. 23:1-6)

Um dos maiores males do dispensacionalismo é que ele deliberadamente priva os cristãos dos vários benefícios oferecidos por Deus ao Seu povo no Antigo Testamento. Os dispensacionalistas consideram o Salmo 23 como equivalente ao Papai Noel: uma história reconfortante feita para crianças, não para adultos. Há muitas igrejas locais dispensacionalistas que se recusam a recitar quaisquer dos salmos. Há até mesmo algumas congregações locais que se recusam a recitar o Pai Nosso, relegando-a à “dispensação judaica pré-crucifixão”. Eles se recusam a reconhecer a herança prometida à Igreja na história:

Que homem é aquele que teme ao SENHOR? A ele ensinará no caminho que escolher. Sua alma habitará no sossego; e a sua semente herdará a terra. O segredo do SENHOR está com aqueles que o temem; e ele lhes mostrará seu pacto. Meus olhos estão sempre em direção ao SENHOR; porque ele arrancará meus pés da rede. (Sl. 25:12-15)

Porque os praticantes do mal serão cortados fora; mas aqueles que esperam no SENHOR herdarão a terra. (Sl. 37:9)

Pois aqueles que forem abençoados por ele herdarão a terra; e aqueles que forem amaldiçoados por ele serão cortados fora.
(Sl. 37:22)

Bem-aventurados os mansos, pois herdarão a terra. (Mt. 5:5, KJC)

Já Está Logo Ali!

Se o Arrebatamento já está logo ali, então a Besta e o Anticristo já estão em nosso meio, preparando-se para aproveitar cada oportunidade para enganar, perseguir e tyrannizar o mundo no geral e, em especial, os cristãos. Isso significaria que todas as tentativas por parte de cristãos para melhorar esse mundo através da pregação do evangelho e da obediência à Palavra de Deus estão fadadas ao fracasso. Não haveria tempo suficiente para recuperar nada das garras da derrota escatológica inevitável. Isso é precisamente o que dispensacionalistas acreditam, como espero demonstrar nesta subseção.

Dave Hunt nos garante que a derrota cultural da Igreja de Jesus Cristo é inevitável. Nossa tarefa é fugir desse mundo, não mudá-lo. Aqueles que ensinam outra coisa, diz ele, “erroneamente acreditam que a igreja está neste mundo para eliminar o mal, quando, na realidade, ela está aqui apenas como um instrumento de contenção por parte de Deus. Não é a nossa tarefa transformar esse mundo, mas chamar para fora dele aqueles que responderem ao evangelho.”¹²⁰ Em suma, ele vê o trabalho da Igreja nesse mundo em termos de sua visão da única esperança da Igreja: *a fuga das aflições e tribulações da vida*. Devemos chamar homens para fora desse mundo, espiritualmente falando, para que assim Jesus volte nas nuvens e chame Sua Igreja para fora deste mundo, literalmente falando.¹²¹

Sua visão é exatamente a mesma de House e Ice, que deixam claro que os cristãos estão trabalhando no “turno da noite” nesse mundo (e todos

¹²⁰ Dave Hunt, *Whatever Happened to Heaven?* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1988), pp. 268-69.

¹²¹ Para uma explicação bíblica sobre o que “este mundo” significa, ver Greg L. Bahnsen, “The Person, Work, and Present Status of Satan”, *Journal of Christian Reconstruction*, I (Inverno de 1974), pp. 20-30. Veja o trecho que incluo em meu livro, *Is the World Running Down? Crisis in the Christian Worldview* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1988), pp. 220-22.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

nós sabemos o quão longe das posições de influência quem trabalha no “turno da noite” está!). Eles escrevem: “O amanhecer é a Segunda Vinda de Cristo, que é a razão de ele ser chamado de ‘a estrela da manhã’ (2 Pe. 1:19). Nosso trabalho no ‘turno de noite’ é esclarecido por Paulo em Efésios 5:1-14, quando ele diz que devemos expor o mal (trazê-lo à luz), não o conquistar...”¹²²

À Destra da Glória

Essa perspectiva antidomínio convenientemente ignora a “passagem das passagens” que autores dispensacionalistas tentam evitar de todas as formas, a passagem do Antigo Testamento que é citada mais vezes no Novo Testamento do que qualquer outra, o Salmo 110. O que alguns especialistas em história da Igreja reconheceram é que essa também é a passagem mais citada pelos pais da Igreja no século após a queda de Jerusalém.¹²³ (Dispensacionalistas continuam a citar pais da Igreja primitiva de forma geral, sem mencionar nomes específicos, em apoio à sua tese de que estes eram todos pré-milenistas – uma afirmação refutada por um de seus próprios discípulos.)¹²⁴ O Salmo 110 deve ser a passagem bíblica menos favorita dos dispensacionalistas, e com razão.

Salmo de Davi. O SENHOR disse ao meu Senhor: Assenta tu à minha destra, até que eu faça teus inimigos o teu escabelo. O SENHOR enviará a vara da tua força desde Sião; governe tu no meio dos teus inimigos. (Sl. 110:1-2)

Essa passagem deixa claro que é um objetivo legítimo do povo de

¹²² H. Wayne House e Thomas D. Ice, *Dominion Theology: Blessing or Curse?* (Portland, Oregon: Multnomah Press, 1988), pg. 172.

¹²³ David Hay, *Glory at the Right Hand* (Nashville, Tennessee: Abingdon, 1973).

¹²⁴ Em uma tese de mestrado de Teologia de 1977 do Seminário de Dallas, Alan Patrick Boyd concluiu que havia tanto amilenistas quanto pré-milenistas entre os pais da Igreja primitiva eram, e ele rejeitou a afirmação do então professor Charles Ryrie de que os pais da Igreja primitiva eram todos pré-milenistas. Boyd, “A *Dispensational Premillennial Analysis of the Eschatology of the Post-Apostolic Fathers (Until the Death of Justin Martyr)*.” Gary DeMar sumariza as descobertas de Boyd em seu livro *The Debate Over Christian Reconstruction* (Ft. Worth, Texas: Dominion Press, 1988), pp. 96-98, 180n.

Deus expandir na história e na terra o domínio do Reino de Deus, governar em meio aos nossos inimigos e oponentes espirituais. Porém, o mais importante é que o Senhor diz a Jesus Cristo e O informa de que Ele se assentará à destra de Deus até que Seus inimigos sejam conquistados. Obviamente, o trono de Deus está nos céus. É lá onde Cristo permanecerá até que Ele venha novamente em juízo final. *Jesus permanecerá assentado enquanto o Seu povo expande o Seu governo.*

Isso também é o ensino da principal passagem escatológica do Novo Testamento, 1 Coríntios 15. Ela fornece o contexto do cumprimento do Salmo 110. Ela fala da ressurreição do corpo de cada um no juízo final. O corpo de Jesus foi ressurreto primeiro para demonstrar ao mundo que a ressurreição corporal é real (é por isso que liberais odeiam a doutrina da ressurreição corporal de Cristo, e porque eles chegam a fazer tudo o que é possível para negá-la).¹²⁵ Essa passagem nos diz quando que todos nós experimentaremos a ressurreição corporal. O que ela descreve precisa ser o juízo final.

Porque, assim como em Adão todos morrem, igualmente também em Cristo todos serão vivificados. Mas cada homem em sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda. Então virá o fim, quando ele tiver entregue o reino a Deus, ao Pai, e quando ele tiver derrubado todo o governo, e toda a autoridade, e poder. Pois ele deve reinar, até que ele tenha colocado todos os inimigos debaixo de seus pés. O último inimigo que será destruído é a morte. (1 Co. 15:22-26).

Jesus reina até que Deus-Pai tenha posto todos os inimigos debaixo dos pés de Cristo. Mas Jesus reina nos céus; se isso não fosse verdade, então como é que Ele estaria assentado à destra de Deus, como o Salmo 110 requer? *Qualquer sugestão de que Jesus governará fisicamente na terra na história (isto é, antes do juízo final), longe de Seu lugar à destra de Deus, é também uma sugestão de que a destra da glória não é tão gloriosa assim.* Porém, é exatamente isso que pré-milenistas dizem que deve e irá acontecer na

¹²⁵ Um exemplo notório de tal literatura é Hugh J. Schonfield, *The Passover Plot: New Light on the History of Jesus* (New York: Bantam, [1966] 1971). Em 1971, a obra em questão passara por sete reimpressões em capa dura e 14 em brochura.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

história. Essa é a doutrina distintiva do pré-milenismo.

Presença Representativa

O que o pré-milenismo inevitavelmente nega é que Jesus Cristo reina na história através de Seus seguidores terrenos, e *apenas* através deles, assim como Satanás governa seu reino na história através de seus seguidores terrenos, e *apenas* através deles. Satanás nunca aparecerá fisicamente na história para comandar suas tropas, e nem Jesus Cristo irá. Satanás não precisa governar a partir de alguma cidade para que ele exerça poder; nem Jesus Cristo. Será que temos que acreditar que o reino de Satanás não é um reino de verdade por que ele não está presente fisicamente? Mesmo assim, Dave Hunt, que expõe seitas e conspirações da Nova Era, denunciador do satanismo que existe por toda parte, ainda insiste: “Não pode haver reino sem o rei estar presente...”¹²⁶ Ele se recusa a entender o que Jesus ensinou desde o princípio: *Jesus Cristo está actualmente presente com Seu povo em seus cultos de adoração semanais e especialmente durante a Ceia do Senhor.*¹²⁷ Jesus exerce julgamento actual em meio à congregação durante a Ceia do Senhor, e é por isso que o homem deve *julgar a si próprio* antes.

Portanto, qualquer que comer este pão e beber este cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Mas, examine-se o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice. Porque aquele que come e bebe indignamente, come e bebe condenação para si mesmo, não discernindo o corpo do Senhor. Por causa disso, muitos estão fracos e enfermos entre vós, e muitos dormem. Porque, se julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando somos julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo. Portanto, meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros (1 Co. 11:27-33)

Eu suspeito que seja a falta de ênfase do dispensacionalismo no sacra-

¹²⁶ Hunt, *Whatever Happened to Heaven?*, pg. 259.

¹²⁷ Dave Hunt é deliberado em sua rejeição de qualquer visão da Ceia do Senhor que envolva algo além de um memorial: *Ibid.*, pg. 302

mento da Sagrada Comunhão que os levou a adotar a estranha crença de que o reinado de Satanás é real, mesmo que ele não esteja fisicamente presente na terra, mas o reinado de Jesus não pode ser real até que Ele esteja fisicamente presente na terra. Em ambos os casos, os dois governantes sobrenaturais governam *representativamente*. Em nenhum dos casos a Bíblia ensina que o governante sobrenatural precisa estar corporalmente presente com seu povo para que ele exerça domínio através deles.

É óbvio, não é? Mas quando é que você ouviu um sermão ou leu um livro que mencionasse isso?

Nenhuma Esperança Terrena

Se o tempo da Igreja na terra está sempre prestes a acabar, como autores dispensacionalistas continuam a insistir, década após década, então que esperança legítima cristãos podem ter os cristãos de fazer do mundo um lugar melhor do que encontraram? Nenhuma, de acordo com Lehman Strauss, em um artigo no periódico acadêmico do Seminário de Dallas, *Bibliotheca Sacra*:

Estamos testemunhando neste século XX o colapso da civilização. É bem óbvio que estamos avançando em direção ao fim dos tempos. A ciência não é mais capaz de oferecer esperança para a bênção e segurança futuras da humanidade, mas, em vez disso, produz resultados devastadores e mortais que ameaçam nos levar em direção a uma nova idade das trevas. As assustadoras insurreições entre raças, as quase inacreditáveis conquistas do comunismo, e a crescente filosofia antirreligiosa por todo mundo, tudo isso deixa claro o fato de que a destruição é certa. Não posso ver prospecto positivo algum para a terra e seus habitantes, apesar os esforços do homem.¹²⁸

Este mesmo pessimismo com relação à capacidade de cristãos de melhorar a sociedade através da pregação do evangelho foi reafirmado por John Walvoord, presidente por três décadas do Seminário de Dallas: “Bem, eu pessoalmente questiono a ideia de que o pré-milenismo é pessimista. Somos apenas realistas em crer que o homem não pode mudar

¹²⁸ Lehman Strauss, "Our Only Hope", *Bibliotheca Sacra*, Vol. 120 (abr./jun. 1963), pg. 154.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

o mundo. Apenas Deus pode.”¹²⁹ Mas por que Deus não pode mudá-lo através de Seus servos, assim como Moisés mudou o mundo, e assim como os apóstolos também o fizeram? Os inimigos dos apóstolos anunciaram o seguinte sobre eles: “Estes que viraram o mundo de cabeça para baixo chegaram também aqui” (At. 17:6b). Ninguém jamais anunciou isso sobre dispensacionalistas!

Uma Questão de Responsabilidade

Esse pessimismo absoluto com relação ao futuro terreno da Igreja institucional e da civilização cristã é o que está por trás da falta de qualquer tipo de teoria social sistemática ou políticas sociais recomendadas por parte dos pré-milenistas tradicionais. Eles creem que é uma perda de tempo pensar sobre assuntos “teóricos” como esses, já que eles acreditam que os cristãos nunca estarão em posição de implementá-las, mesmo que existam. O fato é que, por eles deliberadamente rejeitarem a ideia de que as leis do Antigo Testamento são, de alguma maneira, aplicáveis moral ou legalmente a cristãos e não-cristãos, *dispensacionalistas não tem para onde ir para descobrir as políticas sociais ordenadas pela Bíblia*. Tommy Ice admitiu em um debate contra mim e Gary DeMar: “Pré-milenistas sempre se envolveram com o mundo presente. E, basicamente, sempre adotaram as posições éticas de seus contemporâneos.”¹³⁰ Eles não tiveram nada a contribuir nesse quesito porque (1) não possuem esperança para o futuro, e (2) rejeitam a lei bíblica.

Dispensacionalistas não possuem *nenhuma esperança terrena para o futuro da Igreja*. Isso significa que a teologia dispensacionalista convence as pessoas a se isolarem da sociedade. Os dispensacionalistas não possuem nenhum conceito de mudança e transformação social positiva por que não possuem um conceito de causa e efeito éticos na história. Eles explicitamente negam a autoridade contínua de Deuteronômio 28:1-14. Eles até mesmo negam a autoridade contínua dos Dez Mandamentos, como o ex-professor do Seminário de Dallas S. Lewis Johnson o fez em 1963:

¹²⁹ *Christianity Today* (6 de fev. de 1987), pg. 11-I.

¹³⁰ 12 de abr. de 1988; citado em Gary DeMar, *The Debate Over Christian Reconstruction*, pg. 185. O debate foi entre Dave Hunt e Tommy Ice vs. Gary North e Gary DeMar.

No cerne do problema do legalismo está o orgulho, um orgulho que se recusa a admitir a falência espiritual [do homem]. É por isso que as doutrinas da graça despertam tanta animosidade. Donald Grey Barnhouse, um gigante da livre graça, escreveu: “Foi um momento trágico quando as igrejas da Reforma escreveram os Dez Mandamentos em seus credos e catecismos, e passaram a buscar trazer os crentes gentios para debaixo do jugo da lei judaica, a qual não fora destinada nem para as nações gentílicas, nem para a igreja.”¹³¹ Ele estava certo, também.¹³²

Legitimando o Isolamento Cultural

Por não ter fé nos esforços de longo prazo dos cristãos para transformar esse mundo através da obediência a Deus, o dispensacionalista consistente recua dos conflitos difíceis da sociedade que eclodem ao seu redor, assim como a Igreja Ortodoxa Russa o fez durante a Revolução Russa de 1917. A existência dessa atitude dispensacionalista de recuo e isolamento é admitida abertamente pelo pastor dispensacionalista David Schnittger:

North e outros reconstrucionistas pós-milenistas rotulam aqueles que sustentam a posição do arrebatamento pré-tribulacional como pietistas e isolacionistas culturais. Uma razão pela qual essas críticas são tão dolorosas para mim é o fato de que eu as vejo como substancialmente verdadeiras. Muitos em nosso meio possuem um negativismo absoluto referente ao curso da sociedade e à impotência do povo de Deus para fazer algo sobre isso. Eles afirmam de todo coração que **Satanás Está Vivo e Ativo no Planeta Terra** e que esta deve verdadeiramente ser **A Geração Terminal**; logo, qualquer tentativa de influenciar a sociedade é fútil, em última instância. Eles adotam o lema pietista: “*Não vale a pena polir o latão em um navio que está afundando.*” Muitos pré-tribulacionistas pessimistas se agarram à versão humanista da liberdade religiosa; ou

¹³¹ Citando Barnhouse, *God's Freedom*, pg. 134.

¹³² S. Lewis Johnson, “The Paralysis of Legalism”, *Bibliotheca Sacra*, Vol. 120 (abr./jun. de 1963), pg. 109.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

seja, a autoimposta impotência social e política cristã, como homens que estão se afogando se agarram a um colete salva-vidas.¹³³

Removendo Medos Ilegítimos

David Chilton mostra em *A Grande Tribulação* que os medos dos cristãos com relação a uma Grande Tribulação inevitável para a Igreja não estão fundamentados na escritura. Kenneth Gentry mostra em seus livros sobre profecias bíblicas que a Besta de Apocalipse não está escondida em algum lugar e prestes a se manifestar. Nem o arrebatamento. Assim, cristãos podem ter uma esperança legítima no resultado terreno positivo de suas orações e de seu trabalho. Seus sacrifícios hoje farão a diferença no longo prazo. Há *continuidade* entre seus esforços hoje e a expansão a longo prazo da civilização de Deus na história (“civilização” é apenas outro termo para “reino”). As palavras de Jesus são verdadeiras: não haverá nenhuma descontinuidade escatológica, nenhuma ruptura cataclísmica, nenhum *arrebatamento* entre hoje e a segunda vinda de Cristo no juízo final:

Apresentou-lhes outra parábola, dizendo: O reino do céu é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Mas, enquanto dormiam os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e seguiu o seu caminho. Mas, quando o caule cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Assim, os servos do dono da casa vieram, e disseram a ele: Senhor, tu não semeaste boa semente no teu campo? De onde então vem esse joio? E ele disse-lhes: Um inimigo é quem fez isso. E os servos lhe disseram: Queres, então, que vamos e o colhemos? Ele, porém, disse: Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. Deixai-os crescer juntos até a colheita; e, no tempo da colheita, eu direi aos ceifeiros: Colhei juntos primeiro o joio, e amarraí-o em fardos para ser queimado, mas o trigo recolhei no meu celeiro.

(Mt. 13:24-30)

¹³³ David Schnittger, *Christian Reconstruction from a Pretribulational Perspective* (Oklahoma City: Southwest Radio Church, 1986), pg. 7.

Os apóstolos não entenderam o significado desta parábola. Nem os dispensacionalistas:

Então Jesus despedindo a multidão, entrou na casa. E vieram até ele os seus discípulos, dizendo: Explica-nos a parábola do joio do campo. E ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente é o Filho do homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; mas o joio são os filhos do perverso; o inimigo, que o semeou, é o diabo; a colheita é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos. Portanto, como o joio é colhido e queimado no fogo, assim acontecerá no fim deste mundo. O Filho do Homem enviará os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo que escandaliza, e os que praticam a iniquidade; e lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.
(Mt. 13:36-43)

Os dispensacionalistas se recusam a ouvir.

Este livro apresenta uma mensagem de responsabilidade moral. Toda mensagem sobre uma esperança verdadeira também é uma mensagem de responsabilidade moral. No mundo de Deus, não existe esperança sem responsabilidade moral, não existe oferta de vitória sem ameaça de perseguição, não existe a oferta do céu sem a ameaça do inferno. Negue isso e você estará negando o evangelho. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Uma Questão de Tempo

Por que um instituto sobre economia cristã publicaria um livro sobre a Besta de Apocalipse e outro sobre a datação do Livro de Apocalipse? Porque um aspecto crucial de toda a economia, de todo crescimento econômico, é a perspectiva de tempo. Os indivíduos e sociedades com uma visão de futuro de longo prazo economizam mais dinheiro, desfrutam de taxas de juros menores, e se beneficiam de um crescimento econômico mais rápido. Uma visão de futuro de curto prazo é a marca do apostador, do que vive na pobreza e da sociedade subdesenvolvida. Aqueles que pensam em termos de gerações e planejam para o futuro veem seus herdeiros prosperarem; aqueles que pensam em termos das

FEBRE DE ARREBATAMENTO

necessidades e desejos do presente não podem competir contra aqueles que estão dispostos a abrir mão de consumo no presente em nome de crescimento futuro.

Além do mais, dispensacionalistas insistem que a Besta está chegando, e o Anticristo também. Esse prospecto de terror já está logo ali. A Grande Tribulação é iminente. Nada pode pará-la. Nada poderá resistir à sua devastação. Nada que deixarmos para trás como cristãos poderá mudar as circunstâncias para a próxima geração. Tudo está perdido. A nossa única esperança legítima, dizem eles, é a nossa fuga aos céus no arrebatamento.

Não é de se admirar que cristãos americanos têm tido uma visão de curto prazo neste século. Eles veem fracasso e derrota no futuro imediato, com o único alívio possível sendo o arrebatamento da Igreja aos céus. Essa é a mensagem de Dave Hunt. Ele não vê nenhuma esperança terrena para a Igreja fora do retorno iminente de Cristo.

Mas tal visão do futuro possui implicações práticas inescapáveis, apesar do número crescente de dispensacionalistas professos que se tornaram ativistas cristãos e que, por consequência, também se tornaram pós-milenistas funcional e psicologicamente, que preferem acreditar que essas implicações não são realmente inescapáveis. Se a “Era da Igreja” está prestes a acabar, por que algum cristão sensato deveria fazer faculdade? Por que gastar com uma pós-graduação? Por que se tornar um profissional? Por que começar uma universidade cristã ou um novo negócio? Por que fazer qualquer coisa para o reino de Deus que envolve um investimento em capital maior do que o evangelismo de porta em porta? Por que até mesmo construir uma nova igreja?

Aqui, admitidamente, todos os pastores dispensacionalistas se tornam vergonhosamente inconsistentes. Eles querem grandes edifícios para suas igrejas. Talvez eles possam justificar essa “ambição terrena” construindo com uma montanha de dívidas de longo prazo, assim como o Seminário de Dallas financiou sua expansão nos anos 70. Eles são tentados a verem o Arrebatamento como um meio pessoal e institucional de fugir das agências de crédito. Uma pessoa que realmente crê no retorno iminente de Cristo perguntaria a si mesma: por que evitar dívidas pessoais ou corporativas se os cristãos serão arrebatados antes do pagamento? Por que

não adotar a perspectiva de “comamos, bebamos, e nos alegremos, pois amanhã Deus há de nos tirar daqui”?

O Escapista

Dave Hunt não quer ser reconhecido como alguém que propaga uma perspectiva escapista, mas é exatamente isso o que ele faz. Sua visão de mundo é a mesma que a sustentada pelos fundamentalistas século passado, e especialmente desde o “Julgamento do Macaco” de Scopes em 1925,¹³⁴ mas a sua popularidade está acabando rapidamente. Não é de se surpreender. Muitos cristãos hoje estão fartos e cansados de viajar no fundo do ônibus humanista. Eles estão fartos de serem considerados cidadãos de terceira classe, irrelevantes para o mundo moderno. Eles estão começando a perceber que a sua visão de curto prazo é o que os ajudou a fazê-los culturalmente irrelevantes.

A geração mais velha de fundamentalistas americanos ainda sente a adrenalina e os arrepios da febre de arrebatamento, mas não a geração mais jovem. Fundamentalistas mais jovens estão começando a reconhecer uma verdade bíblica ignorada por muito tempo: *o futuro deste mundo pertence à Igreja de Jesus Cristo, se o Seu povo permanecer fiel à Sua palavra*. Eles estão começando a entender as palavras de vitória de Cristo em Mateus 28: “E Jesus veio e lhes falou, dizendo: Foi-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco sempre, até o fim do mundo. Amém.” (vv. 18-20). Eles finalmente começaram a levar a sério a vitória prometida pela Grande Comissão da Igreja, em vez do horror passado da Grande Tribulação de Israel. Eles estão gradualmente abandonando a sua antiga escatologia de derrota geral e resgate celestial.

Em suma, cristãos estão finalmente começando a ver Jesus Cristo como Senhor de toda a história e como a cabeça de Sua Igreja progressivamente triunfante, em vez de como “Capitão Jesus e Seus anjos.”

¹³⁴ George Marsden, *Fundamentalism and American Culture: The Shaping of Twentieth Century Evangelicalism, 1870-1925* (New York: Oxford University Press, 1980).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

O Mesmo Argumento dos Liberais

Ao interpretar a promessa de Jesus de que Ele em breve retornaria em poder e juízo contra Israel como se fosse uma promessa de Sua segunda vinda no Arrebatamento, os dispensacionalistas são pegos num dilema. Eles ensinam que Paulo e os apóstolos ensinaram à Igreja primitiva, nas palavras de Dave Hunt, a “vigiar e aguardar por Seu retorno iminente”¹³⁵, porém isso nos levaria a crer que Jesus ‘atrasou’ sua vinda física por mais de 1950 anos. *Como podemos fugir da conclusão de que os apóstolos desinformaram a Igreja primitiva*, uma noção claramente herética, e um argumento que teólogos liberais usaram contra cristãos que creem na Bíblia repetidamente neste século? Mas não há como resolver esse dilema intelectual sem distinguir entre a vinda de Cristo em juízo contra Israel em 70 d.C. e Sua vinda física em juízo final no fim dos tempos.

Ao contrário de Dave Hunt, com respeito à vinda física de Jesus no juízo final, a Igreja primitiva ouviu o oposto: *não* fiquem aí parados assistindo e aguardando. “E, enquanto eles olhavam firmemente para o céu, enquanto ele subia, eis que dois homens se puseram junto deles com vestiduras brancas, os quais lhes disseram: Homens da Galileia, por que estais aí parados olhando para o céu? Esse mesmo Jesus, que dentre vós foi levado para o céu, há de vir da mesma maneira que o vistes ir para o céu. Então, eles retornaram para Jerusalém, do monte chamado das Oliveiras, o qual está perto de Jerusalém, uma jornada de um dia de shabat.” (At. 1:10-12).

Conclusão

Aqueles que preferem, metaforicamente falando, ficar parados por aí olhando para o céu são então tentados a concluir, como Dave Hunt o faz, que a Igreja hoje, ao abandonar o dispensacionalismo pré-tribulacionista – como se mais do que um punhado de cristãos na história da igreja tivessem crido na doutrina do arrebatamento pré-tribulacional, inventada

¹³⁵ Hunt, *Whatever Happened to Heaven?*, pg. 55.

apenas em 1830¹³⁶ – “sucumbiu mais uma vez à esperança não-bíblica que, ao exercer influência religiosa sobre o governo, a sociedade pode ser transformada.”¹³⁷ Está na hora, diz ele, de os cristãos abandonarem “o falso sonho de cristianizar a cultura secular...”¹³⁸

Resumindo, vamos entregar o mundo de bandeja para o inferno enquanto estivermos deste lado do milênio. Cristãos que hoje vivem supostamente escaparão desse prédio que está supostamente em chamas, porque todos nós recebemos passagens gratuitas para fugir no helicóptero de Deus.

Essa fuga nunca chega. Esse arrebatamento supostamente iminente se atrasou agora por mais de dois milênios. O fundamentalista, mesmo crendo na Bíblia, passa a pensar nesse atraso e fica cada vez mais frenético e, dessa forma, mais vulnerável a charlatões que se passam por especialistas em profecia.

Ele fica preocupado: será que os teólogos liberais poderiam estar certos? Será que os apóstolos estavam confusos sobre o tempo de Deus? Será que eles deram informações falsas sobre o arrebatamento iminente aos seus leitores?

Em vez de concluir isso, comentários dispensacionalistas brincaram de jogos exegéticos com a afirmação bem clara de Jesus sobre a tribulação que a Igreja primitiva enfrentaria: “Na verdade, eu vos digo: essa geração não passará até que tudo isso se cumpra” (Mt. 24:34, KJC). A Grande Tribulação aconteceu em 70 d.C.: a queda de Jerusalém e a destruição do templo, assim como Ele alertou (Lc. 21:20-22). Já acabou.

Dispensacionalistas estão culturalmente paralisados pela sua crença em uma Grande Tribulação futura. Eles querem fugir tanto da responsabilidade individual, quanto da geral. Eles estão dispostos a acreditar em qualquer um e em qualquer coisa que lhes prometa uma desculpa para continuar a não fazer nada positivo cultural e intelectualmente. É por isso que eles prontamente aceitam a ideia de que hoje o ‘relógio profético’ está

¹³⁶ Dave MacPherson, *The Unbelievable Pre-Trib Origin* (Kansas City, Missouri: Heart of America Bible Society, 1973); *The Great Rapture Hoax* (Fletcher, North Carolina: New Puritan Library, 1983)

¹³⁷ Hunt, *Whatever Happened to Heaven?*, pg. [8].

¹³⁸ *Idem*

FEBRE DE ARREBATAMENTO

correndo, mesmo que essa crença necessariamente anule a doutrina dispensacionalista tradicional de arrebatamento a qualquer instante. Eles têm pouca preocupação sobre a condição embaralhada da teologia de seu movimento. Eles se importam apenas com uma fuga iminente das responsabilidades de longo prazo: o Arrebatamento. *A febre de arrebatamento destrói a capacidade do homem de raciocinar teologicamente.* Ela enfraquece a Igreja de Deus.

5

UM COMPROMISSO COM A IRRELEVÂNCIA CULTURAL

Eis que vos ensinei estatutos e juízos, como o SENHOR meu Deus me ordenou, para que façais isso na terra que vais possuir. Portanto, guardai-os, e cumprí-los; porque esta é a vossa sabedoria e o vosso entendimento, aos olhos das nações, que ouvirão todos esses estatutos, e dirão: Certamente, esta grande nação é um povo sábio e inteligente. Pois que nação há tão grande, que tenha Deus tão perto deles, como o SENHOR nosso Deus que está em todas as coisas, pelas quais o invocamos? E que nação há tão grande, que tenha estatutos e juízos tão justos, como toda essa lei, que apresento diante de vós, neste dia?

(Dt. 4:5-8)

Deus disse a Moisés que a obediência de Israel às leis de Deus serviria como um testemunho às nações. A nação de Israel se tornaria um farol para o mundo. *Há uma ligação inquebrável entre obediência nacional e evangelismo mundial.* Jesus apelou para a mesma ideia ao descrever a Igreja como a cidade estabelecida sobre um monte (Mt. 5:14). Mas essa conexão entre obediência coletiva, as bênçãos coletivas de Deus e o evangelismo mundial é negada por dispensacionalistas. “Isso era para Israel, não para a Igreja.” Mas e as palavras de Jesus em relação à cidade sobre um monte? “Isso foi antes da cruz. Isso era para Israel, também: o reino dos céus, não o reino de Deus. Isso não era para a Igreja.” Então, o que se aplica à Igreja, eticamente falando? Eles nunca respondem. Em mais de 160 anos, nenhum autor dispensacionalista escreveu um livro abordando os detalhes da ética social do Novo Testamento.

O resultado, nas palavras do autor dispensacionalista Tommy Ice, é que “Pré-milenistas sempre se envolveram com o mundo presente. E, basicamente, sempre adotaram as posições éticas de seus contemporâ-

neos.”¹³⁹ A pergunta é: O quão confiáveis são as posições éticas de seus contemporâneos?

O Mundo de Dois Níveis do Humanismo

Nos primeiros escritos do pré-milenista Francis Schaeffer, lemos sobre o universo de dois níveis da filosofia moderna. O nível inferior é o da razão, ciência, causa e efeito previsíveis, i.e., o mundo dos *fenômenos* de Immanuel Kant. Essa visão do universo leva inevitavelmente ao desespero, já que, dentro desse domínio, o homem é visto como sendo nada mais que uma engrenagem sem liberdade numa vasta máquina impessoal.

Para fugir das implicações pessimistas da cosmovisão do nível inferior, os humanistas propuseram uma escotilha de fuga: um universo correlativo do nível superior. O nível superior é, supostamente, o da “liberdade” humanista: fé, sentimento, emoção, personalidade, aleatoriedade, religião, realidade, i.e., o mundo *numenal* de Kant. É também o que supostamente dá sentido ao homem, mas apenas sentido não-cognitivo (“irracional”). É um sentido que não possui sentido em termos racionais (i.e., no “nível inferior”). Não há nenhum ponto de contato ou meio de transitar entre esses dois mundos, porém o homem moderno precisa disso para manter o seu mundo e a sua psique intactos. É por isso que o mundo moderno está no meio de uma crise monumental, de acordo com Schaeffer.

Schaeffer aprendeu o cerne dessa ideia com seu professor de apologética no Seminário Teológico de Westminster, Cornelius Van Til, apesar que você não suspeitaria isso lendo quaisquer das notas de rodapé de Schaeffer. Van Til sustentou por toda a sua longa carreira que toda a filosofia não-cristã desde os gregos até o presente é dualista: uma guerra entre o totalmente racional e o totalmente irracional. Criando uma analogia memorável, Van Til disse que o irracionalista e o racionalista são como um par de lavadeiras que se ajudam lavando as roupas uma da outra. Os problemas intelectuais criados por cada escola de pensamento são irresolvíveis em termos de seus próprios pressupostos, e assim os

¹³⁹ O debate entre Dave Hunt e Tommy Ice vs. Gary North e Gary DeMar. Citado em Gary DeMar, *The Debate Over Christian Reconstruction*, pg. 185.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

defensores de cada sistema procuram refúgio temporário nos problemas bem diferentes, mas igualmente irresolvíveis, da escola rival.

Por que eles fazem isso? Porque o homem não-cristão prefere crer em qualquer coisa, exceto no Deus da Bíblia, que promulga Sua lei pactual e exige a obediência de todos os homens, sob a pena do juízo eterno. Eles preferem habitar num universo dualista de sua própria imaginação do que no universo de Deus, sendo dependentes de Sua graça.

O Mundo de Dois Níveis do Cristianismo Ortodoxo

O Novo Testamento ensina que há dois mundos de existência nesse universo: o eterno e o temporal. Cada um desses mundos, por sua vez, é dividido: vida vs. morte. Jesus disse: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; e aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele” (João 3:36). A pessoa que, na história, nega Jesus Cristo como Senhor e Salvador *já está morta*. Não verá a vida, seja neste mundo ou no próximo.

Esses dois mundos – tempo e eternidade – estão interligados pelo Deus soberano da Bíblia, que criou todas as coisas. Eles estão conectados pela soberania de Deus e pelo Seu pacto: um pacto judicial.¹⁴⁰ É Jesus Cristo, como Deus e Criador, que une todas as coisas; Jesus Cristo, que é

...a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criatura. Porque nele todas as coisas foram criadas, nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam elas tronos, ou dominações, ou principados, ou potestades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e por ele todas as coisas subsistem. E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em todas as coisas tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que nele toda a plenitude habitasse, e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas; tanto as que estão na terra como as que estão no céu. (Cl. 1:15-20)

¹⁴⁰ Ray R. Sutton, *That You May Prosper: Dominion By Covenant* (2nd ed.; Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1992).

Assim, o reino de Deus abrange toda a criação. Ele é a única fonte de união. Os dois mundos – tempo e eternidade – são unidos sob o pacto de Deus. Homens são partícipes deste reino unificado, ou como cumpridores ou como violadores do pacto. O céu está ligado à terra através da lei de Deus, e essa é a razão pela qual Jesus ensinou Seu povo a orar: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade na terra, como é no céu” (Mt. 6:10). A manifestação progressiva do reino de Deus na terra – “venha o teu reino” – é vista na sujeição progressiva do mundo nos termos da lei revelada de Deus: “seja feita a tua vontade”. Portanto, a ligação entre céu e terra é o pacto de Deus: *fidelidade* (através de Jesus Cristo, e pelo poder do Espírito Santo) à lei actual de Deus. A ligação entre o inferno e a terra também é o pacto de Deus: *rebelião* contra a lei actual de Deus.

Essa ligação actual e, portanto, *legal* entre céu e terra é explicitamente negada pelo fundamentalismo moderno. O fundamentalismo nega a autoridade contínua da lei de Deus. Assim, o fundamentalismo enfrenta o mesmo dilema que o humanismo: um rompimento radical entre o nível superior e o nível inferior.

O Mundo de Dois Níveis do Fundamentalismo

O nível inferior do fundamentalismo é o mundo do trabalho, economia, capacitação profissional, arte, instituições, autoridade e poder, i.e., o mundo “secular”. Esse mundo é governado não em termos da Bíblia, mas em termos da “razão neutra” e lei natural supostamente universais (até agora, essa é basicamente a cosmovisão do século XIII de Tomás de Aquino e dos filósofos escolásticos medievais). A Bíblia, supostamente, não fala sobre esse mundo. Isso nos é garantido tanto por fundamentalistas (“Estamos debaixo da graça, não da lei!”) quanto pelos humanistas seculares (“Essa é uma nação pluralista!”). Assim, não há base teológica ou judicial para cristãos alegarem ter o direito de estabelecer princípios exclusivamente bíblicos de ordem social. Acima de tudo, cristãos não devem procurar persuadir eleitores para que votem em líderes políticos que aplicarão leis ou princípios bíblicos. Isso significa que governantes não devem ser identificavelmente cristãos em sua perspectiva social e política. Cristãos têm a permissão de votar e exercer autoridade civil desde que deixem de ser explicitamente bíblicos em sua orientação. Em sua, ape-

FEBRE DE ARREBATAMENTO

nas *humanistas funcionais* podem governar. Isso é o pluralismo político, o evangelho político prevalente em nossa era – em uma era que acredita que apenas a política é o evangelho.¹⁴¹

Migalhas da Mesa do Humanismo

Essa visão de mundo – “o mundo sob a lei do homem autônomo” – leva cristãos a um pessimismo inescapável com relação às presentes circunstâncias da Igreja e ao seu futuro terreno, pois essa visão afirma que cristãos estarão sempre debaixo da mesa dos humanistas, comendo das migalhas que ocasionalmente caem dela. Essa visão da relação entre o salvo e o perdido é o oposto do que a Bíblia ensina: “Então veio ela e, adorando-o, disse: Senhor, socorre-me! Ele, porém, respondeu: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães. E ela disse: Verdade, Senhor; ainda assim, os cães comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então, respondendo Jesus, disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé! Seja isto assim como tu desejas. E sua filha ficou sã naquela mesma hora.” (Mt. 15:25-28). Pelo fato de o fundamentalismo ter invertido a cosmovisão bíblica nesse quesito, ele promove um desespero similar ao que é promovido pela visão humanista do mundo do nível inferior de ciência e tecnologia. Ele destrói a liberdade há em Deus.

O Nível Superior

Para fugir desse desespero inerente, os fundamentalistas se voltaram à sua própria versão da escotilha de fuga: um universo do nível superior. Esse nível superior é o mundo da fé, expectativa e esperança: o mundo celestial. É uma esperança nos céus – um mundo acima e além deste mundo de impotência e derrota cristãs. Com respeito a este mundo, há uma forma preliminar de fuga: a família cristã e a igreja local. Em outras palavras, os cristãos encontram consolação no tempo que sobra após o trabalho e nos fins de semana. Esse mundo de *descanso temporário e recreação* – um mundo de cura exclusivamente individual – não cura o Estado e a sociedade no geral, e nem pode fazê-lo. A cura de Deus é limitada a almas

¹⁴¹ Gary North, *Political Polytheism: The Myth of Pluralism* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1989).

individuais, famílias e igrejas. Por que? Nunca nos é explicada a razão; simplesmente é assim.¹⁴²

Fundamentalistas acreditam que o cristão individual deve viver em ambos os mundos durante sua estadia na terra, mas ele não deve levar o primeiro mundo muito a sério – o mundo do seu emprego. É por isso que os fundamentalistas inventaram a frase “ministério cristão de tempo integral”: ela contrasta o mundo da fé, onde ministros e missionários trabalham, e o mundo onde o restante de nós trabalha. Essa distinção é bem similar à perspectiva monástica do catolicismo romano, que distingue entre o “clero secular” – sacerdotes de paróquias que trabalham com pessoas comuns em seus afazeres comuns – e o “clero regular”, referindo-se aos monges que se retiraram da correria da vida (a “corrida de ratos”). Mesmo assim, o fundamentalista médio ficaria chocado em saber que pensa como um católico romano. Ele provavelmente negaria isso. Mas ele precisa pensar dessa forma, porque adotou a doutrina católico-romana (escolástica) da lei: a “lei natural” para o nível inferior, e a revelação de Deus para o nível superior.

Um Evangelho Culturalmente Impotente

Fundamentalistas creem que cristãos não devem dedicar muito tempo, dinheiro e esforço tentando transformar o mundo “secular”. Eles nos garantem que ele não pode ser transformado, de acordo com as profecias bíblicas, até que Jesus venha fisicamente sete anos após o Arrebatamento para estabelecer Seu Estado Único Mundial, sediado em Jerusalém. Qualquer coisa que cristãos façam hoje para construir um mundo melhor será destruída durante o período de tribulação de sete anos.¹⁴³ John

¹⁴² Um número crescente de cristãos agora afirma que a cura de Deus pode agir na educação, também. Isso dividiu igrejas por toda a nação. A ideia de que cristãos precisam fundar suas próprias escolas particulares, tirando seus filhos das oficialmente “neutras” escolas públicas humanistas, bancadas por impostos, é considerada heresia pela maioria dos cristãos, que continuam a dar seus filhos como dízimo ao Estado-Moque.

¹⁴³ Em 1962, o presidente de uma faculdade dispensacionalista me disse que os irmãos Stewart, que financiaram a criação da anteriormente dispensacionalista Universidade Biola (então chamada *Bible Institute of Los Angeles*), e que também financiaram a publicação e a distribuição dos panfletos que se tornaram conhecido como *The Fundamentals* [Os

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Walvoord, ex-presidente do Seminário Teológico de Dallas, insiste: “Bem, eu pessoalmente questiono a ideia de que o pré-milenismo é pessimista. Somos apenas realistas em crer que o homem não pode mudar o mundo. Apenas Deus pode.”¹⁴⁴ “Realismo” certamente soa muito melhor que “pessimismo”, mas os efeitos psicológicos são os mesmos: retirada do envolvimento cultural. Como cristãos, devemos ficar contentes com aquilo que os humanistas que controlam o “mundo inferior” estejam dispostos a nos oferecer, desde que eles nos deixem em paz nos domingos.

O primeiro presidente do Seminário Teológico Grace, Alva J. McClain, escreveu um ensaio de cinco páginas e meia sobre “Uma Filosofia Pré-Milenista da História” para o periódico acadêmico *Bibliotheca Sacra* do Seminário de Dallas em 1956. Esse ensaio deveria ser lido por todo dispensacionista, não para aprender qual é essa visão da história (pois o ensaio nunca a apresenta), mas para perceber que um teólogo proeminente do movimento não se deu ao trabalho de descrevê-la. McClain rejeitou o pós-milenismo, apesar de admitir que “O pós-milenismo clássico tinha muitos defeitos, mas procurou realizar uma tentativa séria de lidar com a história humana.”¹⁴⁵ Ele então descartou – em um parágrafo por erro – o liberalismo moderno, a neo-ortodoxia, o amilenismo (Louis Berkhof), e todos os que acreditam que “não haverá uma ‘Era Dourada’ assim na terra na história...”¹⁴⁶ (“Era dourada” era um conceito pagão grego.) Isso deixou exatamente meia página para uma discussão minuciosa da visão pré-milenista da história. Ele nunca disse o que ela é. Ele simplesmente concluiu: “A filosofia pré-milenista da história faz sentido. Ela estabelece uma base bíblica e racional para uma visão verdadeiramente otimista da história humana.”¹⁴⁷

Fundamentos], enviaram caixas de bíblias para Israel, para que fossem escondidas em cavernas, e para que os judeus as encontrassem durante a Grande Tribulação. Anos depois, um pastor amilenista me disse que, mais tarde, os árabes usaram páginas dessas bíblias como papel para cigarro, o que pode muito bem ser uma lenda apócrifa amilenista de “uvas amargas”. O fato é que: por que desperdiçar dinheiro com bíblias para serem escondidas em cavernas? A resposta: por causa de uma visão escatológica específica.

¹⁴⁴ *Christianity Today* (6 de fev. 1987), p. 11-I.

¹⁴⁵ McClain, *Bibliotheca Sacra*, “A Premillennial Philosophy of History”, pg. 112.

¹⁴⁶ *Ibid.*, pg. 115.

¹⁴⁷ *Ibid.*, pg. 116.

McClain se recusou até mesmo a mencionar a questão histórica principal para os que vivem antes do Arrebatamento: Qual é a base do *nosso* otimismo com relação ao futuro de longo prazo dos nossos esforços terrenos? Os dispensacionalistas claramente não possuem nenhuma. Os dispensacionalistas deveriam dizer, se tivessem coragem de fazê-lo em público, que os resultados dos nossos esforços serão engolidos durante a Grande Tribulação, após o Arrebatamento. Isso é uma visão deliberadamente pessimista do futuro da igreja, e ela resultou em paralisia cultural onde quer que fosse amplamente aceita por cristãos; portanto, os líderes intelectuais do dispensacionalismo se recusam a discutí-la de forma franca e direta. É simplesmente constrangedor demais. *Eles deliberadamente adotam a linguagem do otimismo pós-milenista para disfarçar um pessimismo total e absoluto.* Eles continuam apontando para a era gloriosa do milênio para defender o seu uso de uma linguagem otimista, nunca se importando em salientar que os sete anos que a precederem destruirão os resultados da pregação do evangelho durante toda a Era da Igreja. Afinal de contas, cada cristão será removido da terra no Arrebatamento (uma negação explícita da continuidade histórica afirmada por Cristo na parábola do trigo e do joio: Mateus 13:20, 38-40). O ensaio de McClain representa muito bem o que é produzido como material acadêmico sobre uma visão de mundo e de vida dentro do dispensacionalismo desde 1830: inexistente.

Mesmo que o McClain possa ter enganado aqueles que leem o *Bibliotheca Sacra* regularmente, as tropas nos bancos das igrejas não foram enganadas. Dave Hunt está disposto a dizer publicamente o que o dispensacionalismo significa, e sem ressalvas. A teologia dispensacionalista obviamente ensina a derrota de todos os esforços culturais da Igreja antes do Arrebatamento, já que o próprio milênio será uma derrota cultural para Deus, mesmo com Jesus reinando aqui na terra em Seu corpo perfeito.

De fato, o domínio – tomar o domínio e estabelecer o reino para Cristo – é uma *impossibilidade*, até mesmo para Deus. O reino milenar de Cristo, longe de ser o reino, é, na realidade, a prova final da natureza incorrigível do coração humano, porque o próprio Cristo não pode fazer o que essas pessoas dizem que farão...¹⁴⁸

¹⁴⁸ Hunt, “Dominion and the Cross”, Fita 2 de *Dominion: The Word and New World Order* (1987), publicado por Omega Letter, Ontario, Canada. Cf. sua declaração similar em seu

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Aqui temos a verdadeira cosmovisão do movimento, e sem nenhum enfeite: não há ligação entre o nível superior do reino espiritual de Deus e o nível inferior da história humana, nem mesmo durante o milênio. O mundo de dois níveis do fundamentalismo é tão radicalmente dividido que nem mesmo o próprio Deus pode conectá-los. Isso é uma impossibilidade, de acordo com Hunt. Nos best-sellers de Dave Hunt, o legado de Scofield foi levado à fruição: uma rosa cultural que tem apenas espinhos e nenhuma pétala. Os professores de seminário podem até protestar, dizendo que esse não é o dispensacionalismo “de verdade”, mas essa reclamação supõe que os acadêmicos do movimento produziram uma alternativa coerente ao dispensacionalismo popular. Mas não o fizeram.

Dispensacionalistas dizem que cristãos são, *em princípio*, impotentes para mudar as circunstâncias no “nível inferior”, e tentar fazê-lo seria um desperdício do nosso capital escasso, especialmente o tempo. Enquanto os poucos líderes acadêmicos do dispensacionalismo têm tido muita vergonha de admitir aquilo que obviamente é a conclusão cultural consistente de sua visão da história, os escritores populares não hesitaram, especialmente ao responderem às críticas dos reconstrucionistas. Considere as palavras do editor de tabloide Peter Lalonde, um dispensacionalista. Um amigo dele queria que cristãos comesçassem a trabalhar para mudar o “mundo secular”. Lalonde citou em resposta a frase clássica de J. Vernon McGee sobre polir latão em um navio que está afundando:

Essa é a questão: “Vale a pena polir latão em um navio que está afundando?” E se eles estão trabalhando em estabelecer novas instituições, em vez de sair e ganhar os perdidos para Cristo, então eles estão desperdiçando o tempo mais valioso do planeta terra neste momento, e esse é o problema sério em seu raciocínio.¹⁴⁹

livro, *Beyond Seduction*: “O reino milenar de Cristo sobre a terra, em vez de ser o reino de Deus, será, de fato, a prova final da natureza incorrigível do coração humano.” *Beyond Seduction: A Return to Biblical Christianity* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1987), pg. 250.

¹⁴⁹ “Dominion: A Dangerous New Theology,” Fita 1 de *Dominion: The Word and New World Order*.

Pelo fato desse tipo de atitude com relação a mudança social ter prevalecido no fundamentalismo americano desde pelo menos 1925, aqueles que tentam habitar apenas no “nível inferior” – não-cristãos – têm tido poucas razões para levar o fundamentalismo muito a sério. Cristãos americanos estiveram num isolamento cultural deliberado da realidade histórica e da responsabilidade cultural pela maior parte do século XX.¹⁵⁰ Enquanto isso, à medida que os não-cristãos se tornaram mais consistentes em sua própria cosmovisão, eles também passaram a reconhecer mais claramente quem seus reais inimigos são: os cristãos que proclamam o Deus da Bíblia, i.e., o Deus do juízo final. Assim, vemos agora uma escalção do conflito inerente e inevitável entre cumpridores do pacto e violadores do pacto nos Estados Unidos.

A Grande Escotilha de Fuga

O pré-milenismo fundamentalista moderno proclama que há uma única solução bíblica para esse conflito crescente: o arrebatamento. O Afirma-se que o arrebatamento dos santos virá na história, não ao fim da história, como pós-milenistas e amilenistas insistem. O arrebatamento serve a eles psicologicamente como a tão-esperada Grande Escotilha de Fuga. Essa é a “esperança das esperanças históricas” para fundamentalistas crentes na Bíblia, como Dave Hunt insiste em seu livro de 1988, *Whatever Happened to Heaven?* [O Que Aconteceu com o Céu?].

O mundo teológico do fundamentalismo é um mundo de dois níveis, e aqueles que viviam psicologicamente no nível superior se contentavam, até por volta de 1975, em deixar os humanistas cuidar das coisas no nível inferior. Mas o arrebatamento foi adiado repetidamente, e aqueles que estavam cuidando das coisas “no andar de baixo” estavam se tornando cada vez mais agressivos em seu controle monopolista sobre a educação, a política, a mídia e praticamente todo o resto. Fundamentalistas estão finalmente ficando fartos e cansados de serem forçados a ficarem em seu cantinho. Eles querem ter mais voz nos afazeres do nível inferior. Mas a versão mais antiga do fundamentalismo ensina que isso é uma falsa

¹⁵⁰ Douglas W. Frank, *Less Than Conquerors: How Evangelicals Entered the Twentieth Century* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1986).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

esperança, moral e profeticamente, enquanto os humanistas seculares ainda argumentam que os cristãos não têm nem autoridade, nem direito moral, para exercer tal poder. Afinal de contas, tanto os fundamentalistas quanto os humanistas nos dizem que essa é uma nação pluralista (*Pluralismo* significa que cristãos não possuem direitos legais exceto o de pagar impostos para financiar instituições controladas por humanistas).

Assim, chegamos à conclusão de que o fundamentalismo está se dividindo psicologicamente. Os ativistas do “nível inferior” estão cansados de ouvir o escapismo dos pietistas do “nível superior”. À medida que os ativistas ficam cada vez mais impacientes com os argumentos dos passivistas, eles começam a abandonar a teologia que fundamenta o passivismo: o ‘scofieldismo’ original. O fundamentalismo no geral agora tem apenas duas esperanças legítimas: a iminente Grande Fuga do arrebatamento ou a derrubada de longo prazo da teologia de dois níveis fundamentalista. Ou a promessa do scofieldismo deve se concretizar, e muito em breve, ou ela será abandonada.

E a esperança anterior, i.e., o Arrebatamento? Ela está se apagando rapidamente entre os ativistas cristãos. Dispensacionistas têm ficado repetidamente frustrados com o anúncio público e subsequente adiamento do arrebatamento. Muitos deles agora começaram a perder o interesse nessa doutrina tão abusada. Por quase uma década, não ouvimos sermões de televangelistas sobre o Arrebatamento iminente. Desde 1979, a barragem dispensacionista começou a vazar. O lago represado de preocupação social e relevância cultural cristãs agora começou a causar perfurações na barragem. Quando ela finalmente se romper, como acaba acontecendo com barragens esburacadas, o mundo do dispensacionismo será levado por água abaixo.

A Morte da Teologia Dispensacionista

Se a teologia dispensacionista ainda estivesse forte e saudável, ela talvez seria capaz de atrasar a transformação do movimento dispensacionista que se aproxima. Mas ela não o está. Teologicamente falando, i.e. *como um sistema coerente*, a teologia dispensacionista está morta. A atividade cerebral cessou. O corpo está agora em temperatura ambiente. Descanse em paz! Ela não foi morta pelos seus oponentes teológicos. Seus

defensores a mataram através de milhares de correções. Eles a revisaram até ser reduzida a nada.¹⁵¹ Assim como um homem que descasca uma cebola, os teólogos dispensacionalistas continuaram removendo as camadas vergonhosas visíveis até que não sobrasse mais nada. A última camada foi removida por H. Wayne House e Thomas Ice em seu livro de 1988, *Dominion Theology: Blessing or Curse?* [Teologia do Domínio: Bênção ou Maldição?].

Como sistema intelectual, o dispensacionalismo nunca teve uma vida muito notável. Desde o princípio, seus críticos teológicos sempre tiveram os melhores argumentos, desde George Bush¹⁵² na década de 1840 até o estudo clássico de O. T. Allis, *Prophecy and the Church* [Profecia e a Igreja], publicado em 1945. Mas os críticos nunca tiveram muitos seguidores. Ademais, os críticos eram teólogos formados, e dispensacionalistas nunca deram muita atenção a teólogos formados. Além disso, não havia muitos críticos. Devido ao fato de dispensacionalistas não terem nenhuma teologia verdadeiramente acadêmica para defender e nenhuma instituição de ensino superior até o século XX, os seus críticos pensaram que poderiam seguramente ignorar o movimento dispensacionalista. Eles sempre direcionavam suas análises publicadas à comunidade acadêmica cristã. Eles estavam errados. O erro deles foi de natureza estratégica; movimentos populares de massa não são diretamente afetados por desafios estritamente intelectuais. Indiretamente, com o tempo, sim; mas não diretamente. Poucas pessoas adotam ou abandonam suas visões teológicas ao ler livros acadêmicos cheios de notas de rodapé e com argumentos cuidadosos. Logo, o apelo da teologia dispensacionalista não foi minado por seus oponentes teológicos; em vez disso, ela colapsou com seu próprio peso. Da mesma forma que um ex-atleta que morre de ataque cardíaco aos 52 anos de idade causado por obesidade e falta de exercício, assim a teologia dispensacionalista partiu deste vale de lágrimas terreno. Teólogos dispensacionalistas ficaram fora de forma, e estavam totalmente despreparados para a maratona mortal de 1988: o quadragésimo aniversário da criação do Estado de Israel, e o ano de Edgar Whisenant.

¹⁵¹ Ver Capítulo 8

¹⁵² Aqui referindo-se a George E. Bush (1796–1859), teólogo e acadêmico bíblico americano [N. T.]

O Coração, Mente e Alma do Dispensacionalismo

A força do dispensacionalismo nunca foi sua argumentação teológica formal, mas sim suas conclusões éticas e motivacionais, a saber, que cristãos não tem quase nenhuma influência neste mundo, nunca terão muita influência, e o mais importante, não são responsáveis moralmente diante de Deus por exercer autoridade legal nesta assim chamada “Era da Igreja”. O sistema dispensacionalista foi adotado por pessoas que queriam fugir do fardo da responsabilidade cultural. Essa mentalidade de recuo foi admitida sem reservas pelo ex-associado de Thomas Ice, David Schnittger (já citei isso num capítulo anterior, mas vale a pena repetir.)

North e outros reconstrucionistas pós-milenistas rotulam aqueles que sustentam a posição do arrebatamento pré-tribulacional como pietistas e isolacionistas culturais. Uma razão pela qual essas críticas são tão dolorosas para mim é o fato de que eu as vejo como substancialmente verdadeiras. Muitos em nosso meio possuem um negativismo absoluto referente ao curso da sociedade e à impotência do povo de Deus para fazer algo sobre isso. Eles afirmam de todo coração que **Satanás Está Vivo e Ativo no Planeta Terra** e que esta deve verdadeiramente ser **A Geração Terminal**; logo, qualquer tentativa de influenciar a sociedade é fútil, em última instância. Eles adotam o lema pietista: *“Não vale a pena polir o latão em um navio que está afundando.”* Muitos pré-tribulacionistas pessimistas se agarram à versão humanista da liberdade religiosa; ou seja, a autoimposta impotência social e política cristã, como homens que estão se afogando se agarram a um colete salva-vidas.¹⁵³

Para justificar essa motivação que, doutra maneira, seria constrangedora – o recuo cultural – cristãos fundamentalistas adotaram a doutrina do arrebatamento pré-tribulacional, a tão esperada escotilha de fuga da Igreja no navio naufragante deste mundo. A invenção da doutrina do arrebatamento pré-tribulacional em 1830 ou por J. N. Darby (a visão dispensacionalista tradicional) ou por uma jovem garota escocesa durante uma série de transe (a visão revisionista de Dave MacPherson) foi o elemento-chave para o triunfo do dispensacionalismo. Dessa forma, foi o

¹⁵³ David Schnittger, *Christian Reconstruction from a Pretribulational Perspective* (Oklahoma City: Southwest Radio Church, 1986), pg. 7.

constante declínio de interesse nessa doutrina durante os anos 80 que publicamente marcou a derrocada do sistema dispensacionalista. Dave Hunt escreveu *Whatever Happened to Heaven?* em 1988, mas isso não é exatamente o que ele estava perguntando. O que o seu livro retoricamente pergunta é: *O Que Aconteceu com a Confiança dos Fundamentalistas na Doutrina do Arrebatamento Pré-Tribulacional?* (O céu sempre esteve perto de nós o tempo todo; o arrebatamento pré-tribulacional não.)

A Esperança de Sair Vivo Desta Vida

O apelo dessa doutrina foi bem grande por mais de um século, porque ela ofereceu aos cristãos uma falsa esperança: ir para o céu sem ir para o túmulo. Os dispensacionalistas tradicionais querem se tornar Elias modernos: não vivendo a vida que ele viveu, que foi dolorosa, arriscada e altamente confrontacional contra as autoridades religiosas e políticas (1 Rs. 18), mas terminando a vida da mesma forma que ele, quando os carros de Deus o levaram aos céus (2 Rs. 2). Fundamentalistas consideram os críticos do dispensacionalismo como inimigos da “bendita esperança”, a saber, a esperança na vida após a vida. Eles entendem completamente o que os pós-milenistas lhes dizem: “Vocês vão morrer!” Por mais de um século, os recrutas do dispensacionalismo nos bancos das igrejas se recusaram a ouvir tais críticas. Eles trocaram a herança da relevância cultural cristã dada por Deus – que requer gerações de serviço piedoso e crescimento composto em cada área da vida – por uma falsa esperança: saírem ilesos da vida. Foi um mau negócio. Foi trocar a primogenitura por um guisado de lentilhas.

A culminação e o epitáfio do sistema dispensacionalista pode ser visto em uma pequena estante de livros: a coletânea de obras populares de brochura do “polígamo em série” Hal Lindsey e do contabilista Dave Hunt, junto a uma pilha de cópias não lidas do livro dois-em-um de Edgar C. Whisenant, *On Borrowed Time* [Com os Dias Contados] e *88 Reasons why the Rapture is in 1988* [88 Razões para o Arrebatamento em 1988], que previu que o Arrebatamento aconteceria em setembro de 1988. O sr. Whisenant afirmou que mais de um milhão de cópias foram vendidas em 1988. Eu também vi a estatística de mais de quatro milhões de cópias. De qualquer forma, um monte de cópias foi distribuído.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Que esses autores são os que melhor representam o dispensaciona-
lismo em nossos dias é negado (sempre em conversas particulares) pelo
corpo docente e pelos estudantes do Seminário Teológico de Dallas. Mas
os críticos constrangidos ignoraram o óbvio: o movimento dispensacio-
nalista é inerentemente um movimento baseado em livros comerciais, um
movimento de teologia popular, e sempre foi. Ele não vive de estudo aca-
dêmico; ele vive de previsões sensacionalistas que nunca se concretizam.
Qualquer um que duvide disso precisa apenas ler o livro de Dwight
Wilson, *Armageddon Now!*¹⁵⁴

1988-1991

O ano de 1988 foi o ano da derrocada pública da teologia
dispensacionalista: nenhum Arrebatamento aconteceu. A Igreja ainda está
aqui apesar do quadragésimo ano da “geração da figueira”, i.e., o Estado de
Israel. O livro de Whisenant surgiu em julho, confiantemente profeti-
zando que o Arrebatamento ocorreria em setembro de 1988.¹⁵⁵ O livro de
Dave Hunt *Whatever Happened to Heaven?* também apareceu nesse mesmo
ano.

Então, em outubro, veio o livro de House e Ice, *Dominion Theology:
Blessing or Curse?* Era um livro dispensacionalista de capa dura. Também
parecia, à primeira vista, ser um livro acadêmico. Assim, desapareceu sem
deixar vestígios; leitores fundamentalistas não tem interesse em livros
acadêmicos. *House Divided* [Casa Dividida] enterrou esse esforço mal
concebido e, ao fazê-lo, enterrou também os últimos vestígios da teologia
dispensacionalista.¹⁵⁶

Em 1989, o Muro de Berlim caiu. Em 1990, o Iraque invadiu o Kuwait,
e o professor do Seminário de Dallas Charles Dyer correu para as editoras
com o seu novo livro-sensação, *The Rise of Babylon: Sign of the End Times*

¹⁵⁴ Dwight Wilson, *Armageddon Now! The Premillenarian Response to Russia and Israel Since 1917* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, [1977] 1991).

¹⁵⁵ Mais tarde, ele disse que seria janeiro de 1989. Depois, ele atualizou para setembro de 1989. A essa altura, os seus ex-discípulos, as vítimas de suas ‘previsões’, não estavam mais ouvindo a ele.

¹⁵⁶ Greg L. Bahnsen e Kenneth L. Gentry, Jr., *House Divided: The Break-Up of Dispensational Theology* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1989).

[A Ascensão da Babilônia: Sinal do Fim dos Tempos]. Não querendo ficar para trás, John Walvoord ressuscitou seu livro comercial de 1974, *Armageddon, Oil, and the Middle East Crisis* [Armagedom, Petróleo e Crise do Oriente Médio]. As vendas de livros decolaram, apenas para cair em chamas em fevereiro de 1991, quando o exército dos EUA esmagou o exército iraquiano. Mais tarde naquele mesmo ano, a tentativa de golpe por parte de burocratas soviéticos radicais fracassou em tirar Boris Yeltsin do poder, mas certamente arruinou a carreira de Gorbachev. E lá se vai Robert Faid e seu livro comercial de 1988, *Gorbachev! Has the Real Antichrist Come?* [Gorbachev! Será que o Verdadeiro Anticristo Chegou?].

Esse frenesi por livros de profecia sensacionalistas se acalmou após a União Soviética começar a cair aos pedaços. Não havia mais nenhum candidato viável para o invasor de Israel vindo do Norte. O Estado de Israel não mais enfrenta nenhuma nação que poderia reunir um exército de milhões de forma concebível. Os supostos especialistas de profecia bíblica dos livros comerciais novamente ficaram parecendo idiotas e charlatões. O movimento dispensacionalista foi novamente envergonhado publicamente pelos seus representantes sedentos por lucro com vendas de livros. O mundo caiu em gargalhadas, e por uma boa razão. Os especialistas de profecias dos livros comerciais convenientemente se esqueceram da acusação de Natã contra Davi: “...por este feito, deste uma grande ocasião para os inimigos do SENHOR blasfemarem..” (2 Sm. 12:14). Eles também deram uma grande ocasião para que os muitos inimigos de Deus ridicularizassem o cristianismo. Porém, diferente de Davi, que se arrependeu do seu pecado, esses homens continuam repetindo os seus, e atualizando seus absurdos.

Na edição de 18 de março de 1991 da revista *Newsweek*, após o término da guerra contra o Iraque, Kenneth Woodward, que escreve a seção de “Religião”, escreveu isso:

E Walvoord, hoje com 80 anos, espera que o arrebatamento ocorra em sua vida. Muitas pessoas desaparecerão repentinamente, e ele reflete “eu queria estar por aqui para ver como é que a mídia explicaria isso.”

O Dr. Walvoord receberá o seu galardão da mesma forma que todos os cristãos desde os dias de Cristo: através da morte. Mas ele não quer

FEBRE DE ARREBATAMENTO

acreditar nisso. Nem os seus milhões de colegas dispensacionalistas. Eles preferem envergonhar a Igreja de Cristo, década após década, através de suas profecias fraudulentas, em vez de encarar a realidade de sua própria mortalidade.

A Deserção Silenciosa dos Seminários

O que poucos dispensacionalistas nos bancos das igrejas percebem é que mesmo o Seminário de Dallas já não enfatiza a teologia dispensacionalista no mesmo nível que no passado. Desde o seu credenciamento como instituição acadêmica em meados dos anos 70, ele passou a enfatizar assuntos como aconselhamento cristão bem mais do que o dispensacionismo dos anos 50. A saída de Charles Ryrie foi simbólica dessa mudança de ênfase. A saída do Dr. House também.

No fim dos anos 80, o Seminário Teológico Talbot em La Mirada, California abandonou o dispensacionismo tradicional e adotou alguma nova variante não-definida. No entanto, para manter as doações de ex-estudantes, nenhum dos seminários discutem essas mudanças abertamente. Dentro de poucos anos, o Seminário Teológico Grace também seria impactado. Primeiro, John C. Whitcomb¹⁵⁷ foi demitido em 1990, três meses antes de sua aposentadoria. Em dezembro de 1992, a completa reestruturação do seminário foi anunciada. Os programas de mestrado e doutorado de teologia foram abandonados.

O problema é que seminários dispensacionalistas mantêm informações internas como essas escondidas, acima de tudo dos seus próprios doadores. Eles se recusam a contar aos que os apoiam financeiramente o que realmente está acontecendo. Eles esperam que os velhos doadores financiem uma nova teologia. Eles adotaram uma *estratégia de silêncio* com seus doadores – a mesma estratégia que por muito tempo usaram com relação às críticas publicadas contra o sistema que defendem.

¹⁵⁷ Coescritor do livro *The Genesis Flood* [O Dilúvio de Gênesis], obra que fora relevante para a defesa do criacionismo literal de seis dias (Cf. Capítulo 3). [N. T.]

Conclusão

Deus delegou ao seu povo um alto grau de responsabilidade na era da Novo Testamento. Somos ordenados a proclamar o Seu evangelho de redenção abrangente.¹⁵⁸ Devemos trabalhar para cumprir a Grande Comissão, que envolve muito mais que pregar um evangelho de rejeição do mundo e de fuga pessoal para nuvens.¹⁵⁹ Através da Igreja, o corpo de Cristo, o esforço combinado dos cristãos pelos séculos pode e irá produzir a transformação visível de um mundo governado pelo pecado: não atingindo a perfeição, mas desfazendo os efeitos do pecado em cada área da vida. Esse é o verdadeiro significado de progresso.

Cristãos fundamentalistas rejeitam essa incumbência dada por Deus na história: o custo do progresso parece ser muito alto para eles. Eles adotaram uma visão da profecia bíblica que racionaliza e batiza a sua fuga dessa responsabilidade. Eles inventam contos de fada para crianças e os chamam de a religião dos velhos tempos. Histórias inventadas em 1830 são apresentadas de forma séria por professores de seminário como se fossem o legado histórico da Igreja, apesar da evidência do contrário apresentada pelos seus próprios estudantes.¹⁶⁰

É hora de os cristãos adultos largarem esses contos de fada e aceitarem suas responsabilidades dadas por Deus. Infelizmente, eles resistem. Ainda há esperança de livramento: sair ileso dessa vida ao preço terrível de não deixar nenhum legado para o futuro.

¹⁵⁸ Gary North, *Is the World Running Down? Crisis in the Christian Worldview* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1988), Appendix C: "Comprehensive Redemption: A Theology for Social Action."

¹⁵⁹ Kenneth L. Gentry Jr., *A Grandeza da Grande Comissão* (Editora Monergismo, 2025)

¹⁶⁰ Alan Patrick Boyd, "A Dispensational Premillennial Analysis of the Eschatology of the Post-Apostolic Fathers (Until the Death of Justin Martyr)", tese de mestrado de teologia, Seminário Teológico de Dallas, 1977.

6

UMA ESCATOLOGIA DE GUETO

E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem alguma palavra. E, chegando eles, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és homem de verdade, e de ninguém se te dá, porque não olhas à aparência dos homens, antes com verdade ensinas o caminho de Deus; é lícito dar o tributo a César, ou não? Daremos, ou não daremos? Então ele, conhecendo a sua hipocrisia, disse-lhes: Por que me tentais? Trazei-me uma moeda, para que a veja. E eles lha trouxeram. E disse-lhes: De quem é esta imagem e inscrição? E eles lhe disseram: De César. E Jesus, respondendo, disse-lhes: Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. E maravilharam-se dele.

(Marcos 12:13-17, ACF)

Há poucas passagens na Escritura que são citadas com mais entusiasmo por pietistas, estatistas e humanistas do que essa: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” Por que? Porque essa passagem, num primeiro momento, parece separar o reino de Deus do reino de César, outorgando, portanto, uma autoridade *autônoma* a César.

Contudo, assim que César recebe essa suposta outorga de autoridade, ele e seus discípulos buscam expandir esse reino. Passo a passo, lei a lei, imposto a imposto, intrusão a intrusão, o reino messiânico do Estado cresce às custas do reino messiânico de Deus. Nenhuma barreira judicial ao reino de César é reconhecida como sacrossanta por seus adoradores; nenhuma área de autonomia de César é reconhecida além da consciência, e apenas se essa consciência nunca pronunciar uma palavra audível de protesto. Cada barreira ao reino de César é tida como sujeita a revisão futura. A política externa do Estado messiânico é clara: “O que é de César é de César, e o que é de Deus é negociável.”

Mas por que pietistas deveriam citar essa passagem com igual entusiasmo? Porque ela é vista como se os desobrigasse de qualquer responsabilidade pessoal de resistir a expansão implacável do reino de César. Eles aderem à mesma percepção dos estatistas e humanistas: o reino de César é definido como tudo o que é externo, enquanto o reino de

Deus é exclusivamente interno. A consciência deve sempre permanecer interna. Nunca se pode permitir que ela manifeste sua presença através de atos públicos de resistência. Essa visão da lei civil justifica a vida no gueto cristão, longe das posições de influência. Porém, Jesus disse aos Seus discípulos: “E eu vos designo um reino, como meu Pai me designou, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel” (Lc. 22:29-30). Cristãos que preferem ficar no gueto rejeitam esse grau de responsabilidade.

De Quem é Essa Moeda?

Jesus foi desafiado pelos fariseus, que desejavam desacreditá-Lo publicamente. Eles Lhe perguntaram sobre pagar impostos a Roma. Se Ele lhes dissesse que o pagamento era justificado, o povo iria abandoná-Lo. Se Ele lhes dissesse que tais impostos eram injustificados, os romanos iriam prendê-Lo. Isso parecia a armadilha perfeita. Não era.

Ele pediu para que Lhe trouxessem uma moeda. Quando o fizeram, Ele armou sua armadilha contra eles. A moeda era um denário romano, uma moeda imperial de prata usada para pagar impostos, de acordo com o numismata-teólogo Ethelbert Stauffer.¹⁶¹ Uma das faces continha a imagem de Tibério César, com uma declaração em latim, que nas províncias gregas era traduzida como “Imperador Tibério Augusto, Filho do Deus Augusto.” No reverso, havia uma imagem da mãe de Tibério assentada no trono dos deuses, com as palavras “Pontífice Máximo”, significando sumo sacerdote. Stauffer escreve: “A moeda, em suma, era um símbolo de poder e de culto.”¹⁶²

Se os fariseus possuíssem tal moeda, ou mesmo a manusessem, eles estavam reconhecendo implicitamente que César tinha autoridade legal sobre eles. A cunhagem então (assim como agora) era uma marca da soberania do Estado. Foi Júlio César o primeiro a colocar sua própria imagem nas moedas romanas, e isso foi visto como uma afirmação de divindade. Ele foi, então, assassinado. Em 132-135 d.C., durante a rebelião de

¹⁶¹ Ethelbert Stauffer, *Christ and the Caesars* (Philadelphia: Westminster Press, 1955), pg. 123.

¹⁶² *Ibid.*, pg. 125.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Barcoquebas, o líder revolucionário judeu ordenou com que os denários imperiais fossem confiscados, suas faces fossem esmagadas por martelos e substituídas por imagens de utensílios do Templo Hebreu.¹⁶³

Os fariseus ou se contaminaram ritualmente ao usar uma moeda com a imagem de César nela ou, doutra maneira, reconheceram que eles estavam sob autoridade soberana e, portanto, eram obrigados a usar tal moeda. A moeda simbolizava tanto o poder quanto os benefícios do domínio romano. Ela, portanto, simbolizava a condição histórica de Israel nos dias de Jesus: debaixo do juízo de Deus.

O Que Deus Possui?

Os judeus sabiam muito bem o que Deus possui: tudo. “Pois todo o animal da floresta é meu, e o gado sobre mil colinas.” (Sl. 50:10). Quando Jesus disse a eles para dar a César o que era de César, sua declaração não poderia possivelmente ter significado que César possuía um reino autônomo com exigências autônomas sobre a obediência ou os bens dos homens. Ele apenas disse que César era um monarca legítimo cujas moedas testificavam publicamente da posição dos judeus de subordinação política a Roma. Negar esse fato em público constituiria num ato de rebelião. Os fariseus, que serviam como os agentes civis do estado romano, sabiam disso muito bem. Eles se mantinham prudentemente em silêncio.

Ao falar de coisas que pertencem a César, Jesus estava afirmando a existência de poder político legítimo na história. Deus delega poder político a homens específicos para que administrem como mordomos, assim como Ele delega posse de propriedades a indivíduos e famílias específicas. Sendo o Proprietário soberano de todas as coisas, Deus está no topo da hierarquia. O poder é delegado a homens. Ele nunca é possuído autonomamente por homens. Ao dizer àqueles homens que dessem a César o que era de César, *Jesus estava identificando César como um governante debaixo da autoridade de Deus: um recebedor de poder delegado*. Jesus estava negando o suposto direito de César de exigir adoração como um deus.

A resposta de Jesus enfatizou o argumento econômico: *propriedade e autoridade nunca são autônomas*. Elas são sempre delegadas por Deus. Esse

¹⁶³ *Ibid.*, p. 126

padrão hierárquico de propriedade é um princípio básico da economia, da política e de todo governo. Um Deus soberano delega poder limitado a Seus subordinados. A existência de uma hierarquia de autoridade leva, portanto, à questão que cortes e constituições devem responder: onde estão os limites factuais de poder estabelecidos por Deus que separam Estado, Igreja, família e indivíduos?

Indo mais direto ao ponto, onde nos são dadas as *respostas autoritativas* para essas questões que envolvem limites judiciais – na natureza ou na Bíblia? Isso é o que pietistas preferem não discutir. Essa pergunta levanta a questão da legitimidade bíblica da teoria da lei natural, o sistema alternativo implícito à lei bíblica na teoria política cristã. A resposta óbvia – óbvia para todos, exceto milhões e milhões de cristãos educados por humanistas – é que a Bíblia é o lugar onde devemos começar nossa busca por esses limites. Mas dizer isso é rejeitar os fundamentos judiciais da teoria da lei natural e seu corolário, o pluralismo político. Pietistas americanos não estão dispostos a tal desafio. Eles preferem abandonar no mínimo três quartos da Bíblia, e assim o fizeram.

Então, o que é que impede César de exigir três quartos de tudo aquilo que os cristãos possuem ou produzem? Meras tradições? A ameaça de uma revolta? Bem, então César ficará satisfeito – neste ano – em tomar apenas 40% da renda de seus servos: o dobro do que Faraó extraía dos egípcios (Gn. 47:26), que era o dobro do que Samuel identificou como tirania política (1 Sm. 8:15, 17). César sabe que seus servos cristãos pietistas não irão citar o Antigo Testamento contra ele. Eles o abandonaram.

Eles também abandonaram a esperança terrena. Eles também inventaram escatologias de fracasso inevitável – escatologias de gueto – que combinam com sua teoria política de gueto.

Uma Carta do Gueto Fundamentalista

No editorial do boletim do ICE [Instituto de Economia Cristã] de janeiro de 1992, eu comecei com a seguinte afirmação:

O declínio da erudição acadêmica cristã neste século tem sido lamentável. O que começou com uma erosão da academia no final do século XVI se tornou um colapso dos dias de hoje. A situação está tão ruim que, no campo da história, os humanistas geralmente

FEBRE DE ARREBATAMENTO

produzem obras acadêmicas sobre o papel do cristianismo na história melhores do que aquelas produzidas por cristãos.

Continuei o texto, mencionando a disponibilidade de uma versão em CD-ROM da Patrologia Latina de Migne, e recomendei que todas as faculdades cristãs (não todos os *indivíduos* cristãos, e isso precisa ser frisado) a adquirissem. Então fiz uma previsão: “Eu duvido que dez comprarão, mesmo que todas ouçam falar disso. Tão abismal é o nível da educação cristã nos dias de hoje que não há estudantes e há poucos professores capazes de ler latim bem, quanto mais entender a teologia dos pais da Igreja e avaliar seu desenvolvimento pelos séculos.” Por que eu disse isso? Por causa do meu entendimento da teologia pietista e seus efeitos na Igreja moderna.

Nós nos isolamos da história da Igreja porque abandonamos a fé no futuro da Igreja. Temos uma visão orientada ao presente. Portanto, de acordo com o cientista político Edward Banfield, *somos de classe baixa*. Banfield define uma pessoa de classe alta como orientada ao futuro. Não é o quanto dinheiro uma pessoa possui, mas sim sua visão do futuro é que define a classe à qual ela pertence. Por essa definição, a Igreja moderna é de classe baixa.

Já ouvi pais cristãos fazerem a seguinte pergunta retórica: “Para que serve latim, afinal?” Resumindo: “Para que serve um conhecimento preciso do passado?” Para uma pessoa orientada ao presente, que se contentaria em ter apenas um emprego estável, mas sem um chamado verdadeiro diante de Deus, não muito. Para uma igreja orientada ao presente, cujo pastor ficaria feliz em ter uma congregação cheia de pessoas assim, isso não tem utilidade. Este é o problema que enfrentamos hoje.

No fim de janeiro, eu recebi uma carta do líder de um ministério paraeclesialístico de Oklahoma. Ele assinou o boletim do ICE em janeiro (até agora, não encomendou nenhum livro). Legalmente, eu posso revelar seu nome e limitar minhas citações a 10% de sua carta. Posso também citar sua carta na íntegra, mas sem revelar seu nome. Escolhi a segunda opção, já que eu tenho certeza de que ninguém em meus círculos tenha ouvido falar dele ou de seu ministério, e a sua carta é simplesmente boa demais para que eu deixasse sequer uma única palavra de fora.

Assim que você ler, pense para si mesmo: “Se a orientação ao futuro é o pensamento da classe alta, então o que é isso?” Pense também: “Se ele estiver certo sobre como financiar missões, então por que é que cristãos deveriam construir faculdades, ou mesmo fazer uma?” Aqui está o texto integral da carta dele, que foi impressa numa impressora matricial barata (nada como uma impressora matricial para se autoidentificar como uma empreitada de baixo orçamento de um único homem!) Essa carta é, eu garanto, uma aplicação rigorosamente consistente da teologia pietista e pré-milenista do fundamentalismo moderno.

Em anexo está um pequeno tratado sobre “a política de um cristão”. Um verdadeiro seguidor de Cristo irá renunciar a todas as ambições carnis que o mundo oferece e, no lugar disso, trabalhar para o que é eterno. Ainda não vi evangelismo verdadeiro acontecendo em meio aos reconstrucionistas. Me preocupa em ver um alto nível de desprezo à proclamação do evangelho em meio aos que ensinam a doutrina do ‘reino agora’. Me pergunto se você está alinhado com os que ensinam a teologia da prosperidade, com os carismáticos e com o ecumenismo que vemos ao nosso redor nos dias de hoje? Eu vi a sua última oferta dos Pais da Igreja em CD-ROM por \$60.000. Será que essa soma não poderia ser mais bem gasta em missionários? A Bíblia (sola scriptura) é, ou deveria ser, suficiente para nós. Cada um de nós estará diante de Deus algum dia e prestará contas de como usamos nosso tempo e dinheiro, e do que fizemos com a verdade e a luz que possuímos!

O que aconteceu com a Holanda de Abraham Kuyper? Qual foi o resultado da “conversão” de Constantino? A Igreja Católica Romana é a igreja-mãe ou a mãe das meretrizes? Você aprova as alianças políticas de “cristãos” com os Moonies¹⁶⁴, como vimos na *American Freedom Coalition*¹⁶⁵? Será que foi coincidência o fato de os assinantes da Declaração da Independência terem sido Mestres Maçônicos? Será que a América está ficando melhor ou pior?

¹⁶⁴ I.e., adeptos da seita ‘Igreja da Unificação’, fundada por Sun Myung Moon (‘Rev. Moon’) [N. T.]

¹⁶⁵ Organização de ativismo político conservador, cofundada em 1987 por um adepto da ‘Igreja da Unificação’, e financiada pela tal. [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Homens maus e sedutores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados. 2 Timóteo 3:13. Eu creio que estamos vendo isso diante de nossos próprios olhos. Até mesmo os eleitos estão sendo enganados. Satanás deseja que homens fiquem distraídos da grande comissão, a de ver indivíduos de todas as nações seguindo a Cristo, sendo batizados e discipulados para o Seu reino. Quanto mais tempo gastamos em empreendimentos terrenos, i.e. política, estudar assuntos fúteis, ação social e encher nossos cérebros com mais conhecimento inútil, menos tempo teremos para realizar a Sua obra que Ele nos deixou para realizar.

Eu não duvido de que você tenha mais conhecimento que a maioria dos homens no Hemisfério Ocidental. Você deve ser brilhante para ter escrito os volumes e os milhões de palavras em seus livros. O ponto crucial é que com grande conhecimento vem grande responsabilidade.

Ele também incluiu um poema que, ao tomarmos a primeira letra de cada estrofe, forma a seguinte frase: NOSSA POLÍTICA ESTÁ NO CÉU. Ele inclui a seguinte estrofe:

Cada Cristão que assim NÃO VOTA testifica
Exatamente onde o seu lugar de poder está

Ele então me garantiu: “Se pregadores e mestres estivessem sujeitos à Palavra de Deus com relação a nova relação celestial dos Cristãos, no sentido de não serem mais parte desse mundo caído, eles deixariam o mundo tomar conta de sua própria política e parariam de pensar sobre isso.”

Eu entendo o argumento dele. Por que se importar em votar em uma sociedade pluralista, se a Igreja de Jesus Cristo está fadada à derrota de qualquer forma? Votar seria inútil, exceto como uma atitude de contenção de males. Nossa cidadania está no céu, e *apenas* no céu, diz ele. Enquanto a Escritura ensina uma doutrina de dupla cidadania – céu e terra, eternidade e tempo – pietistas rejeitam essa doutrina. Pietistas consistentes são como os Amish: não se envolvem na política dos “gentios”.

A visão dele é a única que é consistente com o pré-milenismo (e com o amilenismo). Ela se baseia explicitamente numa visão específica do futuro do evangelho: a impossibilidade predestinada de uma transformação

mundial – incluindo a política, mas não limitada a ela – através da pregação fiel do evangelho e de um viver honesto e que honre a Cristo. É a visão promovida por Dave Hunt. Dave Hunt é consistente. Assim também o é seu parceiro de debate, Tommy Ice.¹⁶⁶

Os pré-milenistas inconsistentes que são ativistas políticos não gostam quando eu digo isso, mas eu continuo a receber cartas como essa. Apesar de estar se tornando cada vez mais aceitável para pré-milenistas se envolverem com política, o sistema milita contra tal comprometimento. Esse pietista pré-milenista é consistente: cristãos devem direcionar seus recursos a missões, numa definição bem estreita do tempo, isto é, pietista. O que o Dr. Gentry chama de *A Grandeza da Grande Comissão* é ignorada.¹⁶⁷

Uma Mudança Crucial na Retórica Dispensacionalista

O que é significativo é o seguinte: nos últimos quinze anos, *os líderes do fundamentalismo americano pararam de falar como Dave Hunt*, um fato que o sr. Hunt lamentou publicamente. Eles são mais consistentes com relação ao pré-milenismo e o ativismo social. Não que acreditem na lei bíblica, claro, mas certamente acreditam na ação social e política conservadora (ver Capítulo 11).

Paralelamente a essa mudança em direção ao ativismo, ocorre o abandono silencioso da teologia dispensacionalista. Desde o início de 1993, o único livro facilmente disponível que ainda defendia os detalhes do dispensacionalismo era uma reimpressão de *Dispensationalism Today* [Dispensacionalismo Hoje], de Charles Ryrie, publicado originalmente em 1965. Deveria ser chamado *Dispensacionalismo Ontem*.

A escatologia dispensacionalista está morrendo porque o ativismo fundamentalista e a revolta contra o humanismo estão crescendo. A escatologia de gueto não é mais popular em meio a cristãos que estão tentando sair do gueto psicológico em direção a posições influência. Para ser direto, você não se candidata a Presidente numa chapa dispensacionalista. Você se candidata para vencer.

¹⁶⁶ Gary DeMar, *The Debate Over Christian Reconstruction* (Ft. Worth, Texas: Dominion Press, 1988).

¹⁶⁷ Kenneth L. Gentry Jr., *A Grandeza da Grande Comissão* (Editora Monergismo, 2025)

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Quando cristãos buscam fazer mudanças permanentes, significativas e fundamentadas a Bíblia no mundo fora do gueto cristão local, eles se tornam *pós-milenistas funcionais*. É por isso que há pouquíssimos cristãos envolvidos em ação social que estão dispostos a explicitar os detalhes da escatologia que sustentam oficialmente, seja pré- ou amilenista. Eles nem mesmo tentam explicar através de obras publicadas como tais visões poderiam ser reconciliadas com o ativismo. *Eles já abandonaram essas visões psicologicamente*, exceto aqueles poucos que estão dispostos a se tornarem kamikazes por Cristo. Como disse por anos, assim que um protestante evangélico começa a pensar em ativismo, ele já começou a mudar de pele, escatologicamente falando, abandonando sua visão anterior, seja pré- ou amilenista. Assim como uma cobra, a sua pele antiga é meio que largada de forma natural.

A questão da motivação não pode ser ignorada no campo da política. Pessoas raramente se comprometem muito com ações de contenção de males; elas se comprometem apenas com aquilo que veem como uma estratégia para a vitória.

O Pacto de Domínio

Na cosmovisão de um pré-milenista convicto, *a história é irrelevante*. A Igreja é culturalmente irrelevante na história, e a história é irrelevante para a Igreja. Quando você vive, teologicamente, num gueto escatológico, você sempre será tentado a criar um mundo de fantasia mentalmente. Você começa a imaginar que você vive num mundo hermeticamente fechado, no qual você e seus companheiros residentes do gueto estariam isolados do universo cultural à sua volta. Assim como um lunático trancado com segurança numa cela acolchoada de um hospício, você passa a não se importar se os seus vizinhos da cela ao lado são adúlteros ou não, se são beberrões ou não, se são pessoas decentes ou não. Desde que alguém fora de sua cela continue a pagar alguém para te alimentar, te vestir, te abrigar e curar suas enfermidades corporais, nada fora do seu mundinho fará diferença alguma.

Deus deu aos cristãos uma incumbência na história:

E disse Deus: Façamos um homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e que eles tenham domínio sobre os peixes do

mar, e sobre as aves do céu, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre toda a coisa rastejante que rasteja sobre a terra. Assim Deus criou o homem a sua própria imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea ele os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Sede frutíferos e multiplicai-vos, e reabasteça a terra e subjugai-a; e tende domínio sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre toda a coisa vivente que se move sobre a terra. (Gn 1:26-28)

Deus promete ao Seu povo uma grande herança na história:

Sua alma habitará no sossego; e a sua semente herdará a terra. (Sl. 25:13)

Porque os praticantes do mal serão cortados fora; mas aqueles que esperam no SENHOR herdarão a terra. (Sl. 37:9)

Mas os mansos herdarão a terra; e se deleitarão na abundância da paz. (Sl. 37:11)

Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra. (Mt. 5:5)

Jesus alimentou as multidões e curou os enfermos. Então ele disse aos apóstolos: “Na verdade, na verdade eu vos digo: Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e fará maiores obras do que estas, porque eu vou para meu Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai possa ser glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei. Se vós me amais, guardai os meus mandamentos. E eu orarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que ele possa habitar convosco para sempre” (João 14:12-16).

Ah, sim: os *mandamentos*. A lei de Deus. Você sabe: *o Antigo Testamento*. Quando nos voltamos para o Antigo Testamento, vemos vários e vários exemplos de melhorias sociais baseadas no pacto. Encontramos passagens inteiras que prometem melhorias sociais em resposta à fidelidade pactual, passagens como Levítico 26:3-13 e Deuteronômio 28:1-14. Isso significa que *cristãos devem pregar o processo legal do pacto de Deus às nações e também a indivíduos*: um processo pactual na história que inclui tanto a lei quanto as sanções. O problema é que pré-milenistas negam a validade histórica das sanções de Deus dentro da Nova Aliança. Eles tam-

FEBRE DE ARREBATAMENTO

bém têm uma tendência de negar a validade contínua das aplicações casuísticas dos Dez Mandamentos na legislação da Antiga Aliança de Deus. Eles são, resumidamente, *antinomianos*. Eles rejeitam as sanções específicas que Deus sempre exigiu que seu povo pactual pregasse aos perdidos. Pré-milenistas não creem que Deus levanta homens como Jonas nos dias de hoje para pregar o Seu processo pactual: uma mensagem de alerta sobre a destruição vindoura de qualquer sociedade que viole o pacto e persista em seus maus caminhos. Eles não creem que Deus aplica sanções negativas na história contra sociedades que atualmente violam o pacto.

O pessimilenaista, seja pré- ou amilenista, quer que cristãos creiam que Deus não mais dá respaldo ao Seu próprio pacto com ações. De fato, Deus supostamente teria permitido que Satanás impusesse os termos de seu próprio pacto: violadores do pacto de Deus ficariam cada vez mais ricos e mais poderosos, enquanto cumpridores do pacto seriam consignados pelos violadores do pacto a viver em guetos entre períodos de perseguição. O pessimilenaista fica contente com a vida em seu gueto, já que ele crê que as únicas alternativas na história são a vida no arquipélago-gulag ou execução literal.

A Escatologia Importa?

As pessoas frequentemente me perguntam: “Será que realmente faz muita diferença o tipo de escatologia que um cristão defende?” Minha resposta: “Depende do que esse cristão específico deseja fazer com sua vida.” Até agora escatologia tem sido um fator importante para, pelo menos, separar líderes com obras publicadas de quem é meramente um seguidor letrado no que hoje se conhece como movimento reconstrucionista. Este é o ramo mais academicamente orientado do movimento da teologia do domínio. Há vários defensores da teologia do domínio que mantém publicamente que ainda são pré-milenistas. Por outro lado, ainda não vimos um livro escrito por um deles que defina claramente e com exatidão como que o chamado de Deus para que cristãos reconstruam o mundo em termos dos princípios do reino de Deus (um código para “lei bíblica” em círculos fundamentalistas) pode ser sustentado institucionalmente num mundo que inevitavelmente rejeitará o evangelho de Cristo antes de Seu retorno físico para estabelecer um milênio terreno. Um livro

como esse é claramente necessário. Precisa ser apologético – “É nisso que cremos!” – mas não apologético no sentido de: “É uma vergonha que os cristãos inevitavelmente fracassarão, mas aqui está!”

Esquadrões Suicidas

Tente recrutar pessoas para um esquadrão suicida em uma guerra que os próprios recrutadores insistem que já está perdida. Nós pós-milenistas afirmamos abertamente que tal apelo, no longo prazo, não será capaz de recrutar muitas pessoas dispostas a sacrificarem a si mesmas. Dave Hunt afirma isso, também. Cremos que é bem mais fácil recrutar pessoas que creem que a guerra está perdida para um movimento que deliberadamente enfatiza o recuo pessoal dos conflitos sociais e políticos da vida, e que nega que cristãos tenham qualquer responsabilidade de mudar o mundo em seu chamado como cristãos. Dave Hunt também.

É altamente improvável que alguém que creia que o mundo irá inevitavelmente se degenerar num estado de pecado cada vez maior, e que cristãos, historicamente falando, terão uma influência progressivamente menor com o passar do tempo, se dedicaria a uma vida de estudos – provavelmente autofinanciados – para descobrir como que os princípios bíblicos (a lei do Antigo Testamento) poderiam e deveriam ser aplicados na história em um campo acadêmico específico referente ao mundo real. Sua indisposição em pagar o preço para descobrir o que Deus espera que o Seu povo faça deixou a Igreja evangélica sem respostas relevantes, prejudicando seu evangelismo.

Lalonde e Hunt vs. Ativismo Pré-Milenista

Qualquer um que sustentasse uma visão do futuro do mundo como essa teria de ser algum tipo de masoquista para despejar tempo e dinheiro numa escala pessoal para produzir o trabalho de sua vida, que não passaria de antiquarianismo. Em certo sentido, tal esforço seria imoral. Seria um desperdício dos recursos limitados de um cristão. O escritor de boletins e dispensacionalista consistente Peter Lalonde acusou cristãos de se comportarem de forma quase imoral por se concentrarem em soluções de mundo real para problemas do mundo real. Tais esforços para transformar o mundo são todos fúteis, diz ele, e, portanto, são um desperdício dos dons

FEBRE DE ARREBATAMENTO

de Deus para os cristãos. Eu o citei no capítulo anterior: “Essa é a questão: ‘Vale a pena polir latão em um navio que está afundando?’ E se eles estão trabalhando em estabelecer novas instituições, em vez de sair e ganhar os perdidos para Cristo, então eles estão desperdiçando o tempo mais valioso do planeta Terra neste momento, e esse é o problema sério...”¹⁶⁸

Ativistas políticos pré-milenistas devem responder a Lalonde se estiverem determinados a defender o pré-milenismo. Mas eles se recusam. Pré-milenistas se recusam a admitir o óbvio: *o pré-milenismo mina o ativismo cristão*. Mas é mais fácil ignorar a teologia do que fornecer respostas: a estratégia do silêncio.

Profecias Autocumpridas

Escatologia importa, especialmente no que tange à motivação pessoal. Escatologia leva a profecias institucionais autocumpridas. O pessimilênista crê que o mundo está progressivamente sendo sujeito ao controle de Satanás e daqueles eticamente pactuados a ele. Assim, ele é tentado a considerar como historicamente fútil o desenvolvimento de “fundamentos” exclusiva e explicitamente bíblicos, que seriam usados por cristãos para substituir a presente ordem social humanista.¹⁶⁹ Ele não deseja desperdiçar recursos em projetos fúteis.

Com tão poucos autores pessimilênistas se dedicando a um trabalho intelectual com tal nível de detalhe, a liderança intelectual de tais esforços práticos necessária e naturalmente cai nas mãos dos pós-milenistas teonômicos (lei de Deus). Simultaneamente, acadêmicos pós-milenistas, por crerem que tal transformação social abrangente não é apenas possível, mas inevitável, trabalham duro para alcançar o domínio na história.

Pessimilênistas pregam de forma deliberada o fracasso futuro e progressivo do evangelho e, portanto, a incapacidade ou indisposição do Espírito Santo em transformar o mundo positivamente em termos dos

¹⁶⁸ Peter Lalonde, "Dominion: A Dangerous New Theology", Fita Um de *Dominion: The Word And New World Order* (Ontario, Canada: Omega-Letter, 1987), 3 fitas.

¹⁶⁹ Cf. a série *Biblical Blueprints* [Fundamentos Bíblicos] de múltiplos volumes, publicada pela Dominion Press [N. T.: Disponível de forma livre e gratuita em inglês em <https://www.garynorth.com/freebooks/>]

padrões do reino. Dave Hunt chega ao ponto de até mesmo dizer que nem o próprio Deus é capaz de estabelecer o Seu reino na terra: “De fato, o domínio – tomar o domínio e estabelecer o reino para Cristo – é uma impossibilidade, até mesmo para Deus. O reino milenar de Cristo, longe de ser o reino, é, na realidade, a prova final da natureza incorrigível do coração humano, porque o próprio Cristo não pode fazer o que essas pessoas dizem que farão...”¹⁷⁰

Gostando os acadêmicos pré-milenistas ou não, Dave Hunt se tornou o porta-voz da filosofia social pré-milenista nesta década. Ele é o autor pré-milenista que mais vende livros. O silêncio por parte dos líderes pré-milenistas em relação aos livros de Hunt e sua conclusão que nega o reino é uma admissão de que ele realmente fala em nome dos pré-milenistas hoje. Por não se posicionarem, Pré-milenistas tradicionais que afirmam o reino como uma realidade presente perdem para Hunt de forma automática no embate teológico.

E, ao perderem a liderança teológica para Hunt, perdem a liderança intelectual para os reconstrucionistas.

A Derrota Automática na Liderança Intelectual

Isso não significa que não-pós-milenistas nunca produzirão obras no campo de teologia cristã aplicada. Amilenistas holandeses o fizeram. Pré-milenistas também o fizeram, especialmente no campo das ciências naturais.¹⁷¹ Todavia, não é um acidente o fato de que, atualmente, todas as obras acadêmicas de maior importância no movimento reconstrucionista foram escritas por pós-milenistas. Estou falando aqui de livros escritos a partir de uma perspectiva de transformação cultural positiva para a teologia cristã, em contraste com obras acadêmicas cristãs de natureza

¹⁷⁰ Dave Hunt, Fita Dois, "Dominion and the Cross," em *Dominion: The Word And New World Order*.

¹⁷¹ Contudo, quase sempre do ponto de vista do pessimismo histórico: um uso impróprio da segunda lei da termodinâmica, ou “entropia”. Cf. Gary North, *Is the World Running Down? Crisis in the Christian Worldview* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1988).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

meramente crítica do humanismo.¹⁷² Refiro-me a livros que realmente propõem meios específicos e ordenados pela Bíblia para reconstruir a sociedade que hoje é dominada pelo humanismo.

Também não é um acidente que a massa de líderes pré-milenistas e suas organizações que direcionaram a formação da Nova Direita Cristã em 1979 e 1980 desapareceram do cenário político, assim como previ em 1982.¹⁷³ A maioria das pessoas é incapaz de permanecer na linha de frente da reforma social e política cristã sem o apoio psicológico de uma teologia consistente de reforma política e social. Os abutres da imprensa humanista irão moê-los de forma implacável com relação à questão completamente relevante da teocracia, e os tímidos apoiadores dos líderes pré-milenistas deixarão de lhes dar dinheiro caso digam publicamente que creem em teocracia. Assim, tais líderes ou tentam evadir essa questão ou se tornam suspeitamente silenciosos. Nem a evasão nem o silêncio mudam a sociedade ou reúnem as tropas para um confronto de larga escala. Líderes políticos cristãos precisam da lei bíblica (que o dispensacianismo nega) e uma escatologia positiva (que o pré-milenismo nega). Líderes da mídia cristã estão com pavor de ambas, na conjuntura atual.

Os reconstrucionistas, portanto, ganharam a liderança intelectual dos ativistas cristãos de forma natural. Como Harry Truman, podemos aguentar o calor, então ficamos na cozinha.¹⁷⁴

A escatologia inquestionavelmente importa na vida do acadêmico cristão que considera o trabalho de sua vida como sendo algo mais importante do que simplesmente passar por uma série de exercícios intelectuais academicamente aceitáveis. O pós-milenismo é uma motivação importante para os acadêmicos que se dedicam de forma consciente à reconstrução cristã de longo prazo. Eu dedico dez horas por semana, cinquenta semanas por ano, para escrever meu comentário

¹⁷² Tenho em mente aqui as obras críticas do pré-milenista Francis Schaeffer e dos amilenistas da tradição holandesa Herman Dooyeweerd e Cornelius Van Til. Tenho também em mente *Idols for Destruction* de Herbert Schlossberg.

¹⁷³ Gary North, "The Intellectual Schizophrenia of the New Christian Right." *Christianity and Civilization*. 1 (1982). V. tb. Capítulo 11 abaixo.

¹⁷⁴ Referência à frase atribuída ao 33º presidente dos EUA, Harry S. Truman: "Se você não pode aguentar o calor, saia da cozinha!" [N. T.]

econômico da Bíblia. É improvável que qualquer um que sustentasse uma escatologia diferente estaria disposto a reservar dez horas ou mais por semana, por trinta ou quarenta anos, para descobrir exatamente o que a Bíblia ensina sobre um assunto do mundo real, e como os seus princípios podem ser aplicados pelos que vivem na era da Nova Aliança. *Eu venço de forma automática pela abstenção deles.*

O tempo está do lado dos reconstrucionistas, não do lado de nossos vários críticos. Eu creio que cristãos ainda têm muito tempo para trabalhar na transformação deste mundo, então eu trabalho muito e com afinco para publicar os fundamentos intelectuais dessa transformação. Em contrapartida, os pessimilenistas creem que Jesus voltará em breve. Eles desperdiçam pouco tempo em projetos intelectuais “utópicos” como esse. Eu vejo esperança na produção acadêmica de longo prazo; pessimilenistas veem pouca esperança em qualquer coisa que envolva o longo prazo.

O tempo está do nosso lado em outro sentido, também. Os autores reconstrucionistas construíram uma grande coletânea de material publicado. Quanto mais escrevemos, mais difícil é para acadêmicos anti-reconstrucionistas nos refutarem: já há muito material para refutar de forma simples. Podemos também respondê-los em trinta dias através de boletins. Para ser direto, nós reconstrucionistas temos boletins, organizações sem fins lucrativos com um pouco de dinheiro no banco, e pelo menos um mercado pequeno e dedicado de compradores de livros.

O reconstrucionismo, no geral, está vencendo a guerra de ideias de forma automática, através da abstenção de nossos críticos. Eles não fizeram o seu dever de casa acadêmico. Cristãos que sabem ler reconhecem isso.

Nossos críticos cristãos realmente creem que podem lutar contra algo (uma coletânea crescente de literatura reconstrucionista) com nada (comentários sarcásticos, uma resenha literária ocasional em algum periódico acadêmico que não é lido, resmungos não-publicáveis e, acima de tudo, o tratamento silencioso: o apagão acadêmico). Eles estão errados. Não se pode combater algo com o nada. Quando o tão esperado avivamento cristão acontecer, nossas visões irão dominar o campo, tanto no sentido acadêmico quanto político, simplesmente porque ninguém mais

FEBRE DE ARREBATAMENTO

estará no campo. Com certeza podemos vencer o nada com alguma coisa. Nosso investimento pesado será recompensado no futuro.

Esse capítulo não deve ser tratado como uma negação de que pré-milenistas e amilenistas podem produzir obras acadêmicas que são úteis para a reconstrução cristã. O que estou argumentando é que qualquer chamado por parte de pessimilenistas para reconstruir a sociedade de acordo com princípios cristãos deve ser acompanhado pelo seguinte alerta em letras garrafais: “Aviso: esse chamado para a reconstrução cristã nunca pode ser cumprido na história da Igreja.” Derrotistas históricos de tempo integral como Dave Hunt construíram suas carreiras dizendo para seus seguidores dispensacionalistas – milhões deles, se as vendas de livros indicam alguma coisa – que todos esses esforços para melhorar a sociedade são fúteis, que argumentar o contrário é psicologicamente inconsistente para um pré-milenista, e que os que tentam fazê-lo ou são adeptos da Nova Era ou foram enganados por eles.

Conclusão

Escatologia importa. Se você se comprometer a qualquer versão do pessimilenismo, você passará a sua vida num gueto psicológico. Se cada cristão fizesse isso, o Estado messiânico se expandiria sem resistência, até que ameaçasse devorar a Igreja.

O dispensacionalismo moderno se fundamenta numa visão da história que proclama que o futuro está perdido para os cristãos durante a presente era, a assim chamada Era da Igreja. A Grande Tribulação após o Arrebatamento irá destruir todo o trabalho da Igreja que foi construído até o Arrebatamento. Isto é, o legado de Cristo para a Sua Igreja está fadado à completa destruição quando os judeus da era da Grande Tribulação forem confrontados com a aliança contra eles liderada pelo Anticristo e pela Besta. Cristãos não poderão passar herança dos séculos aos seus herdeiros espirituais por causa de duas descontinuidades históricas futuras: o Arrebatamento e a Grande Tribulação. Não importa o quão bom seja o nosso trabalho como cristãos, ele está fadado ao fracasso.

Essa visão de futuro produziu uma mentalidade de gueto, de “forme um círculo com as carroças”. Ela pôs um alto preço nas defesas culturais e intelectuais contra o mundo externo. Ela também pôs barreiras contra

uma ofensiva cultural e intelectual sistemática contra o mundo externo. A vitória do humanismo antes do retorno corporal de Cristo é inevitável, eles nos garantem; qualquer outra visão é desprezada como sendo “utópica”.

Essa perspectiva criou um incentivo para que cristãos limitassem suas definições de responsabilidade pessoal à igreja local, família e talvez os níveis mais básicos da educação. Acima do nível do ensino médio, cristãos se tornam abertamente dependentes de uma ou outra variedade do humanismo para obter a forma e o conteúdo da educação. Faculdades cristãs exigem que seus professores obtenham diplomas de doutorado de universidades credenciadas, sabendo muito bem que nenhuma universidade cristã evangélica credenciada confere um grau de doutorado. Essa mentalidade sobrevive das migalhas acadêmicas e intelectuais que caem das mesas dos humanistas. Por mais de um século, cristãos evangélicos se contentaram em viver em meio a essas circunstâncias. Eles não veem outra alternativa. *Eles se conformam a esse mundo porque não veem esperança alguma para ele.* Diferente dos Amish, que reconhecem seus limites como residentes de um gueto e que, portanto, se recusam a enviar seus filhos para a escola além da oitava série, fundamentalistas enviam seus filhos, intelectualmente despreparados, para o corredor polonês da educação humanista, geralmente começando no jardim de infância. Os Amish perdem poucos de seus filhos para o mundo fora de seu gueto; em contraste, fundamentalistas perdem milhões deles.

Aqueles que vivem em guetos estão sob a mercê do Estado messiânico. Eles estão dispostos a dar tudo a César enquanto esperam pela volta de Jesus. Uma minoria dos ativistas cristãos agora reconhece a rendição total que envolve essa visão do futuro. Eles estão progressivamente abandonando o dispensacionalismo.

A CASA DAS SETE CONFUSÕES¹⁷⁵

[Em resposta ao livro do professor do Seminário de Dallas H. Wayne House, *Dominion Theology: Blessing or Curse?* (Teologia do Domínio: Bênção ou Maldição), coescrito por Thomas Ice, eu escrevi este capítulo como uma edição de boletim em 1988, a qual enviei a cada membro do corpo docente do Seminário de Dallas. Dentro de poucos meses, o Dr. House não mais fazia parte do corpo docente em Dallas. A razão de sua saída, eu não o sei. Eu revisei esse capítulo ligeiramente. A transformação marcante no pensamento do Dr. House desde 1988 é indicada pela citação que conclui este capítulo. *Nota: Thomas Ice alega no livro citado ter sido um reconstrucionista no passado. Não há evidências publicadas que sustentem essa alegação.*]

Em 1988, após 15 anos do silêncio estratégico autoimposto do Seminário de Dallas, um de seus professores publicou uma crítica ao movimento reconstrucionista. H. Wayne House nos oferece *Dominion Theology: Blessing or Curse?*¹⁷⁶ Adivinha a opinião dele? Ele *não* acha que a Teologia do Domínio (que ele iguala ao Reconstrucionismo Cristão, provavelmente para vender mais livros) seja uma bênção.¹⁷⁷

O Prof. House cometeu pelo menos sete erros notáveis de ordem intelectual – interpretações distorcidas e confusas – mas bem mais custosa ao Dr. House foi sua decisão de permitir que Tommy Ice fosse seu coautor. Infelizmente para reputação acadêmica do Prof. House, ele não foi bem-

¹⁷⁵ Orig. *The House of The Seven Garbles*, fazendo referência ao título do romance escrito por Nathaniel Hawthorne, *The House of The Seven Gables* [A Casa das Sete Torres] [N. T.]

¹⁷⁶ Portland, Oregon: Multnomah Press.

¹⁷⁷ O Dr. Greg Bahnsen me disse em 1992 que ele se encontrara com o Prof. House após sua saída do Seminário de Dallas. Bahnsen me informou que o seu tom era bem conciliatório. O Dr. House disse a Bahnsen que ele se arrependeu de ter se envolvido com o projeto do livro em questão. Devido às mudanças que ocorreram no pensamento de House desde então, sem mencionar no seu emprego, desde que Bahnsen e Gentry responderam em 1989, não tenho motivos para duvidar do relato de Bahnsen.

sucedido em controlar as declarações mais intemperadas e absurdas do Sr. Ice. O que Dr. House foi incapaz de perceber é que, quando um autor desconhecido sem nenhuma reputação a perder querendo provar alguma teoria maluca persuade um autor mais conhecido com credenciais acadêmicas para trabalhar em conjunto com ele, o profissional tem muito a perder, enquanto o amador tem tudo a ganhar. House perdeu; Ice ganhou – até que Bahnsen e Gentry escreveram *House Divided* [Casa Dividida] (1989). Então os dois perderam. Foi um breve momento de glória para Ice, e um constrangimento contínuo para House.

Muitos dos capítulos do livro são discussões técnicas e detalhadas da lei bíblica. Eles são de uma leitura bem lenta. Eles são, no mínimo, judiciosos e lidam diretamente com o texto do oponente. Tenho em mente os Capítulos 5 a 7 lidando com *Theonomy in Christian Ethics* [Teonomia na Ética Cristã] (1977) de Greg Bahnsen. Estes capítulos foram claramente escritos pelo Prof. House. Outros capítulos dependem extensivamente de notas de rodapé para várias edições de boletins reconstrucionistas, e são escritos num estilo que seria melhor descrito como neo-histórico. Estes eu creio que tenham sido escritos por Tommy Ice. Todavia, ambos são responsáveis por *Dominion Theology: Blessing or Curse?*¹⁷⁸

Uma Figueira Nasce em Dallas

O livro em questão liquida departamentos inteiros da loja dispensacionalista em sua tentativa de refutar o reconstrucionismo, numa

¹⁷⁸ Eu escrevi em 1988 que o castelo de cartas exegético deles desmoronaria publicamente na primavera de 1989. Dr. House marcara um debate com Greg Bahnsen na *Simon Greenleaf School of Law* em Orange County, Califórnia. Dr. House rejeitou a oportunidade de debater com Ray Sutton nesse encontro, após Sutton ter aceitado o desafio taticamente insensato de debater-lo. Sutton é um ex-dispensacionalista e um formando do Seminário de Dallas que conhecia cada ponto fraco do sistema de House. O Dr. Sutton descreveu a sua linha de ataque do *Novo Pacto ressurreto e agora universal* em suas conversas particulares via telefone com o Prof. House, que, a partir de então, aparentemente decidiu que debater com o Bahnsen seria mais seguro. Saiu da frigideira direto para a fogueira! House recuou do debate ao se recusar a permitir Bahnsen fazer perguntas cruzadas a ele durante uma réplica.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

época em que o dispensacionalismo já estava com prateleiras vazias. Os leitores devem estar cientes da situação histórica durante a composição desse livro. Aqui está o que provavelmente não ouviram.

Em meados dos anos 70, o Seminário de Dallas buscou e recebeu credenciamento acadêmico pela primeira vez. A instituição adicionou cursos de psicologia e aconselhamento. Ela, então, reduziu os requerimentos de língua grega e hebraica que foram o padrão em Dallas por meio século.

A instituição começou a perder os melhores e mais brilhantes membros de seu corpo docente. S. Lewis Johnson saiu. Bruce Waltke saiu, o mais proeminente acadêmico do Antigo Testamento da instituição. Pior ainda, ele se tornou, subsequentemente, um calvinista amilenista reformado e agora leciona do Seminário de Westminster na Filadélfia – um golpe intelectual devastador contra Dallas, já que a instituição dependia da presença de Waltke no corpo docente como uma forma de dizer ao mundo que a sua posição teológica é defensável exegeticamente.¹⁷⁹ Ed Blum saiu. Charles Ryrie saiu (ou foi demitido). Então Dallas demitiu três de seus homens em 1987 por sustentarem doutrinas carismáticas. Um por um, o êxodo continuou. Um monte de membros bem cautelosos do corpo docente permaneceu. Eles escolheram não abalar a estrutura expondo os seus flancos teológicos num debate público. Até agora.

A velha guarda de John Walvoord e J. Dwight Pentecost ficou ainda mais velha e se aposentou. Apenas Robert Lightner permaneceu para defender a boa e velha causa, mas ele não escreve livros acadêmicos. De fato, até o livro de House surgir, os membros recentes do corpo docente do Seminário de Dallas eram conhecidos principalmente por sua indisposição em escrever livros com temática dispensacionalista. Eles

¹⁷⁹ Waltke deixou Westminster em 1990, logo após ter contribuído com o artigo para o trágico livro *Theonomy: A Reformed Critique* [Teonomia: Uma Crítica Reformada], editado por William S. Barker e W. Robert Godfrey (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academie, 1990). Para respostas, v. *Theonomy: An Informed Response*, editado por Gary North (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1991); Greg L. Bahnsen, *No Other Standard: Theonomy and Its Critics* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1991); Gary North, *Westminster's Confession: The Abandonment of Van Til's Legacy* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1991).

fugiam do assunto como se fugissem da morte – ou como se fosse um assunto que poderia fazer eles acabarem demitidos se escorregassem. Eles sabem que, se eles iniciarem um ataque, eles serão chamados para se defenderem, e *eles sabem muito bem que não podem se defender com sucesso usando o escudo quebrado do sistema frouxo e remendado de Scofield*. Esse é o dilema de House; ele deve saber como se defender. Foi um negócio sem riscos para Tommy Ice, mas não para Wayne House.

Uma revolução silenciosa tem acontecido no Seminário de Dallas. Dallas tem abandonado, sem alardes, “a verdadeira e antiga fé, como entregue por Lewis Sperry Chafer.” Os pontos fundamentais da “nova e melhorada” fé dispensacionalista, como provisoriamente oferecidos pelo Prof. Craig Blaising em 1988, ainda não possuem clareza em seus detalhes. [Ele coeditou o livro de 1993, *Dispensationalism, Israel and the Church* (Dispensacionalismo, Israel e a Igreja). Esse livro é delimitado em seu foco. O que falta é uma apresentação abrangente do novo dispensacionalismo.]

Obviamente, *os detentores dessa versão revisada da fé estão patinando em gelo fino com suas carreiras*. Se eles forem muito longe, eles perderão seus empregos, e em que seminário você irá lecionar sendo um “não muito dispensacionalista”? Mesmo assim, eles sabem que não podem mais defender a fé dispensacionalista, mesmo em sua versão revisada da *Nova Bíblia de Referência Scofield* de 1967. A posição teológica do Seminário de Dallas tem se tornado cada vez mais turva, agora que seu corpo estudantil atingiu 1.700 alunos.

Dom Quixote Cavalga Novamente!

Nesse cenário, cavalgaram Tommy Ice e seu parceiro fiel, cauteloso, e meio que hesitante Wayne House, como Dom Quixote e Sancho Pança, com Ice tremulamente montado em seu cavalo, o seu Rocinante de notas da *Bíblia de Referência Scofield*. Esses dois cavaleiros heroicos travaram uma série de ferozes batalhas contra um esquadrão de bonecos de palito, maioritariamente de sua própria imaginação, nomeados “Rushdoony”, “North”, “Bahnsen”, “Chilton” e “Jordan”. E eu te garanto que esses bonecos de palito foram exaustivamente refutados em 460 páginas de texto mal diagramado e impropriamente revisado.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Mas o que é estranho é que há um nome bem específico faltando: “Sutton”. Ice e House nem mesmo deixaram o seu representante em forma de boneco de palito entrar no campo de batalha. A única referência ao modelo de pacto de cinco pontos de Sutton está convenientemente escondida na bibliografia do livro. Houve uma razão por trás dessa estratégia. Mesmo representado como um boneco de palito, falar do modelo pactual de Sutton é arriscado demais, já que discutir esse modelo pactual de forma explícita *aponta para a ligação ameaçadora entre a ordem pactual do Antigo Testamento e a ordem pactual do Novo Testamento* – uma ligação que, se verdadeira, demoliria a teologia dispensacionalista (e ela é verdadeira). Ice e House viram esse perigo que se aproximava, e sabiamente evitaram tanto quanto fosse humanamente possível. De um total de 798 notas de rodapé em seu livro, há um total de cinco referências ao livro de Sutton sobre o pacto, *That You May Prosper* [Para Que Prospereis] (1987).

É sempre possível detectar os pontos fracos na apresentação de alguém identificando o punhado de tópicos inescapáveis que ele se recusa a comentar. O Dr. House e o sr. Ice identificaram o tópico que eles não querem discutir: o modelo pactual de cinco pontos. Ele estrutura os cinco primeiros livros da Bíblia, impactando o Pentateuco (cf. North, *The Dominion Covenant: Genesis*, ed. de 1987, Introdução), os Dez Mandamentos (cf. North, *The Sinai Strategy*, Prefácio), Deuteronômio (cf. Sutton, *That You May Prosper*), o Livro de Apocalipse (cf. Chilton, *The Days of Vengeance*), e muito, muito mais.

A suposta descrição reconstrucionista dos cinco pontos na pg. 17 tem os pontos 2 e 5 trocados, fazendo parecer que não é exatamente o modelo de Sutton. Há um parágrafo curto na página 347 que menciona que eu cheguei a dizer que o modelo de Sutton é o elemento crucial para o pensamento reconstrucionista, mas eles nem mesmo o descrevem de forma apropriada para o benefício de seus leitores. Eles sabem que Chilton adotou esse modelo para estruturar o seu comentário ao Livro de Apocalipse, *The Days of Vengeance* [Os Dias de Vingança] (1987), mesmo assim, em capítulo atrás de capítulo dedicados à sua tentativa de refutação de Chilton, esse fato absolutamente central nunca é sequer mencionado.

Eles sabem que sete dos dez volumes da série de Fundamentos Bíblicos¹⁸⁰ adotam o modelo pactual de cinco pontos de Sutton como sua estrutura. Nem mesmo uma única palavra apontando para isso é mencionada, também. Você não precisa forçar suas vistas em busca de referências a quaisquer edições do boletim de Sutton, *Covenant Renewal* [Renovação do Pacto]. Há dezenas de referências a boletins que eu até já tinha me esquecido de que havia escrito, mas nem uma única menção àquele único boletim que é o fundamento do que nós da “escola de Tyler” estamos fazendo. Esse silêncio é ensurdecedor. É claramente deliberado.

Há outro tópico que eles deliberadamente se recusam a discutir: *a obra do Espírito Santo na era da Nova Aliança como o fator que concede o poder aos cristãos que os torna capazes de exercer o domínio através de Cristo*, que está majestosamente assentado nos céus à destra de Deus. Eles admitem que ensinamos isso (pg. 50), mas então demonstram ser incapazes de responder. Mais de cem páginas depois, eles dedicam uma única frase sobre o assunto, dizendo que o Espírito Santo concedeu poder aos apóstolos para pregar contra o pecado (pg. 152). E o pecado social? Outro tópico inominável! *Na visão deles, não há pecados sociais, exceto o assassinato, que podem ser confiantemente desafiados em nome da lei permanente de Deus.*

Tommy Ice admite no parágrafo de abertura do livro que ele foi o pastor de David Schnittger quando este escreveu seu livreto, *Christian Reconstruction from a Pretribulational Perspective* [Uma Perspectiva Pré-Tribulacional do Reconstrucionismo Cristão]¹⁸¹, um documento citado continuamente no livro reconstrucionista que refuta Dave Hunt, *The Reduction of Christianity* [A Redução do Cristianismo], por Gary DeMar e Peter Leithart.¹⁸² *O livreto de Schnittger é uma crítica devastadora da perspectiva sistemática de isolamento do mundo que o dispensacionalismo tradicional adota.* Ele admitiu sem reservas que nós reconstrucionistas estamos corretos em apontar para a mentalidade de recuo e isolamento do dispensacionalismo. Mas Ice e House ignoraram sistematicamente esse documento dispensacionalista crucial: ele vai longe demais em admitir erros. O livreto de Schnittger desapareceu no buraco de memória do

¹⁸⁰ Ft. Worth, Texas: Dominion Press, 1986-87.

¹⁸¹ Oklahoma City: Southwest Radio Church, 1986.

¹⁸² Ft. Worth: Dominion Press, 1988.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Seminário de Dallas. “Schnittger? Quem é Schnittger?” Isso é altamente suspeito. É também bem tradicional. Essa tem sido há muito a abordagem apoloética do Seminário de Dallas: *refutação pelo silêncio*.

Com esses dois alertas em mente, vamos analisar alguns dos pontos que podem ser destacados sobre *Dominion Theology: Blessing or Curse?* Poucos livros cristãos de calibre acadêmico supostamente alto chegaram ao ponto de ser tão confusos e distorcidos.

Confusão nº 1: O Modelo de Cinco Pontos de Sutton

Os pontos factuais bíblicos são: (1) A transcendência, porém imanência (presença) de Deus; (2) hierarquia/autoridade/representação; (3) ética/lei/domínio; (4) ordenações/juramentos/sanções (bênçãos e maldições); (5) sucessão/herança/continuidade. O seu acrônimo é **THEOS**.

O que os nossos dois autores não dizem aos seus leitores é que *ambos são defensores veementes do primeiro ponto, a absoluta predestinação de Deus*. Os seus leitores fundamentalistas arminianos realmente deveriam ser informados sobre isso. O silêncio não vale ouro nesse caso.

Então vamos para o segundo ponto: *hierarquia*. Eles se recusam a discutir como isso funciona na assim chamada Era da Igreja. Mas eles nos dizem de forma direta como irá funcionar na era milenar dispensacionalista: “Pré-milenistas são culpados confessos de desejar um reino estabelecido ‘de cima para baixo’. Nós ansiosamente aguardamos o reino terreno de Jesus Cristo” (pg. 237). Isso é uma resposta à minha crítica: “O pré-milenista tem tão pouca fé no poder da revelação perfeita da Bíblia, imbuída do poder do Espírito Santo, em formar os pensamentos dos cristãos, que ele crê que Jesus deve voltar corporalmente e emitir milhões de ordens pessoalmente, dizendo a todo mundo exatamente o que fazer, caso por caso, crise por crise.” Eu pensei que a minha observação era altamente crítica; eles abertamente confirmam a precisão de minha acusação original, e se alegram nisso.

Em suma, *eles põem o dispensacionalismo tradicional na vanguarda do princípio judicial do totalitarismo benevolente*. Eles creem que Jesus prefere trabalhar do mesmo jeito que Satanás – através de uma burocracia rígida e centralizadora – em vez de através da hierarquia descentralizada de

tribunais de apelação vista em Êxodo 18 e Mateus 18. Eles se recusam até mesmo a mencionar o sistema existente de hierarquia burocrática e centralizada do mundo humanista, mas eles afirmam, de forma direta, a visão burocrática de Satanás como o verdadeiro padrão de reino para o milênio dispensacionalista.

Confusão nº 2: Se Tornando um Burocrata Perfeito

Tommy Ice conclui o seu prefácio com as seguintes palavras: “Minha bendita esperança, contudo, continua a ser a de que Cristo em breve arrebatará a sua Noiva, a Igreja, e que nós retornaremos com Ele em vitória para governar e exercer domínio com Ele por mil anos sobre a terra. Ora, vem Senhor Jesus!”

Ice sabe muito bem que eu corrijo o seu parceiro Dave Hunt nesse exato ponto durante nosso debate em abril, porque Hunt estava completamente ignorante do fato de que a visão dispensacionalista tradicional dos “santos arrebatados” durante o milênio é de que eles *não* retornarão à terra para reinar com Jesus. J. Dwight Pentecost diz: “Assim, a era milenar será apenas para os homens que foram salvos, mas ainda estão vivendo em seus corpos naturais.”¹⁸³ John Walvoord escreve em *The Rapture Question* [A Questão do Arrebatamento] (edição revisada, 1979): “As Escrituras declaram enfaticamente que a vida na terra durante o Milênio se refere a um povo que não foi arrebatado e não foi ressurreto, um povo em seus corpos mortais” (pg. 86). Bem, as Escrituras não foram capazes de declarar isso enfaticamente o bastante para o Tommy Ice reconhecer, que ainda quer, de todo coração, retornar a um poder burocrático com Jesus, em seu próprio corpo livre de pecado e livre da morte, e botar para quebrar!

Como eu disse sobre a visão de Dave Hunt, que é idêntica à de Ice, “Até parece boa, mas eu acho que ele improvisa demais em sua argumentação.” O Ice age da mesma forma. Eles reescrevem um sistema inteiro de escatologia para atrair leigos desinformados em seu movimento, e então eles fingem que essa é a versão original. Isso não é o

¹⁸³ Pentecost, “The Relation between Living and Resurrected Saints in The Millennium” *Bibliotheca Sacra*, Vol. 117 (out. de 1960), pg. 341.

que eu chamaria de ser honesto com seus seguidores que confiam demais em você.

Confusão nº 3: O Velho Jogo dos Copos Histórico

Em seu capítulo, “O Pré-Milenismo é uma Heresia?”, eles atacam David Chilton pela sua acusação de que o pré-milenismo foi inventado por Cerinto, um herege do século II. Eles reconhecem que nenhum outro no campo reconstrucionista ficou do lado de Chilton nesta questão, e eles me citam para dizer que muitos dos pais da Igreja primitiva eram pré-milenistas. O dom de Chilton é exegese, não historiografia, então não correrei em sua defesa nesse ponto.

O que é importante entender é que, ao gastar um capítulo defendendo as origens do pré-milenismo na Igreja primitiva, os autores estão jogando um jogo que tem sido essencial para a estratégia batida de defesa da sua fé: *silêncio absoluto em relação à origem da doutrina do Arrebatamento Pré-Tribulacional em 1830*. O dispensacionalista pós-tribulacionista Dave MacPherson infligiu um golpe devastador contra o campo pré-tribulacionista ao mostrar que uma adolescente escocesa chamada Margaret Macdonald, uma discípula de um místico chamado Edward Irving, inventou essa doutrina a partir de uma “revelação [particular] de Deus.”¹⁸⁴ A visão tradicional ensinada no Seminário Dallas sempre foi a de que John Nelson Darby teria descoberto a doutrina em 1830. *De todo modo, o dispensacionalismo pré-tribulacionista tradicional não pode remontar as suas origens a ninguém que seja anterior a 1830*.

Se o sr. MacPherson está categoricamente errado, como o sr. Ice insistiu numa carta para mim, então por que o professor de história da Igreja do Seminário Dallas John Hannah não apresentou as evidências disso? Por que ele tem estado em silêncio sobre isso desde 1973. Porque nenhuma refutação histórica exaustiva da tese de MacPherson apareceu em meio ao campo dispensacionalista tradicional?¹⁸⁵

¹⁸⁴ MacPherson, *The Unbelievable Pretrib Origin, The Great Cover-up, e The Great Rapture Hoax*.

¹⁸⁵ Com referência à questão das origens históricas do arrebatamento pré-tribulacionista, v. nota 25 na Introdução. [N. T.]

Os dois autores atacam o pós-milenismo, porque ele teria sido supostamente inventado pelo unitarista Daniel Whitby, que nasceu em 1638, apesar da evidência esmagadora de que os Puritanos da Nova Inglaterra de 1630 eram pós-milenistas, e de que eles trouxeram a doutrina da Inglaterra para a América do Norte. Os autores conhecem o livro *The Puritan Hope* [A Esperança Puritana] de Iain Murray, em que as origens puritanas do pós-milenismo são discutidas.¹⁸⁶ Eles sabem que, como editor do *The Journal of Christian Reconstruction* [A Revista da Reconstrução Cristã], eu publiquei uma edição inteira sobre “*Puritanism and Progress*” [Puritanismo e Progresso] (verão de 1979), na qual a evidência documental é apresentada. Eles simplesmente ignoram tudo isso. Eles escrevem: “Logo, o sistema chamado pós-milenismo nasceu no começo do século XVIII como uma hipótese” (pg. 209) *Isso não é honestidade acadêmica, mas sim propaganda deliberada e uma tentativa explícita de enganar seus leitores inocentes e excessivamente confiantes*. Isso não passa de técnica de debate do ensino médio disfarçada de erudição acadêmica. Não é a forma na qual homens com integridade acadêmica devem conduzir debate público, quanto mais em um contexto acadêmico cristão. Como disse antes, o Prof. House é o que mais tinha o que perder com essa parceria; ele tinha uma reputação acadêmica antes desse livro.

Quando o sr. Ice lançou esse velho ataque “Whitby” em sua réplica em nosso debate de abril de 1988, lembrei-o de que o seu sistema fora inventado em 1860, e que o pós-milenismo calvinista pode rastrear suas origens até 1630, pelo menos (na verdade, ela remonta precisamente a João Calvino). Ele não respondeu à minha refutação. Como ele poderia? Mas ele desenterra todos os velhos argumentos novamente, como se ele nunca tivesse participado do debate, como se ele fosse surdo. Ele é surdo. Judicialmente surdo. *Ouvindo ele não ouvirá*. (E que seja dito: o Prof. House também estava presente naquela noite.)

Esse jogo de copos tem acontecido por décadas em Dallas: “Temos aqui três copos e uma bolinha. Fiquem de olho na bolinha pré-tribulacionista e pré-milenista, meus amigos! Veja como ela bem está aqui, debaixo desse copo do Arrebatamento de 1830. Agora, vamos só embaralhar os copos um pouquinho e... tcharan! Ela agora está debaixo

¹⁸⁶ Edinburgh: Banner of Truth, 1971.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

do copo do pré-milenismo histórico da Igreja primitiva! Assim, podemos ver que C. I. Scofield era um defensor da ortodoxia escatológica. Agora, vamos pegar essa bolinha pós-milenista e colocá-la debaixo do copo puritano do século XVII. Vamos só embaralhar os copos um pouquinho e... tcharan! Ela está agora debaixo do copo unitarista do século XVIII de Daniel Whitby! Assim, podemos ver que o pós-milenismo tem uma origem muito questionável!” Ice e House continuam embaralhando esses copos quase vazios. Maus hábitos adquiridos na juventude são difíceis de serem abandonados.

Confusão nº4: Um Reino Meramente Interior

Mateus 13 está cheio de parábolas sobre o reino de Deus na história. Muitas proclamam a *continuidade* da Igreja na história, também chamada de *princípio do fermento* (Mt. 13:33-34): a influência do evangelho continua a transformar a história sem interrupções até o juízo final. Essas parábolas são as mais difíceis na Bíblia para os pré-milenistas. Os autores citam Alva J. MacClain, do Seminário Teológico Grace, que se referiu a elas como “essas parábolas difíceis” (pg. 226). Elas não são difíceis para pós-milenistas. Pelo contrário, são fundacionais.

Para fugir da acusação dos reconstrucionistas de que o dispensacionalismo é socialmente paralisante, eles dizem: “Dispensacionalistas concordam que é errado limitar Deus apenas ao campo espiritual ou interior. É por isso que cremos firmemente num reino literal de Cristo, cujo domínio abrangerá cada área da vida (pg. 247, nota 65). Eles agora entregaram o jogo. *O reino externo é supostamente exclusivo à era milenar, i.e., o futuro.* Eles dizem que, na assim chamada Era da Igreja, o aqui e agora, Deus *limitou* o Seu Reino ao mundo interior ou espiritual. Isso é o que o autor Dave Hunt diz repetidamente em seus livros *A Sedução do Cristianismo* e *Escapando da Sedução*.

Eles então citam de forma bem favorável Samuel J. Andrews, cujas palavras, se tomadas literalmente (“a hermenêutica de Dallas”), estabelecem o alicerce para *o governo dos Santos tirânicos* – algo que os autores acusam nós reconstrucionistas de promover. Vimos os resultados desse tipo de pré-milenismo nos movimentos “cristãos” comunistas

revolucionários da Baixa Idade Média.¹⁸⁷ Isso é o que pode acontecer quando você combina pré-milenismo apocalíptico e uma hostilidade teológica à lei bíblica revelada:

É como sua Cabeça que Ele governa sobre ela [a Igreja], não como seu Rei; pois este último título nunca é usado para essa relação. Nem é Seu governo sobre Sua Igreja legal e externo, como o de um rei terreno... A relação entre Ele, o Cabeça, e a Igreja, Seu Corpo, é viva, como não existe em nenhum outro lugar, nem o pode existir; Sua vontade é a lei, não meramente [sendo lei] de suas ações [i.e., da Igreja], mas de sua vida... Ele governa a Igreja através da lei da vida comum... (pg. 235)

Falando como um verdadeiro Irmão do Livre Espírito!¹⁸⁸ Peguem suas armas e escondam suas esposas e crianças: os pré-milenistas estão marchando novamente. Felizmente, esse livro fala aos dispensacionalistas não marcharem, mas ficarem totalmente parados: “... Deus nos disse para tomarmos uma posição defensiva diante do inimigo... manter posição e resistir... a espada é para contra-ataque... manter posição” (pg. 156). Esse livro é um panfleto de 460 páginas dizendo para *ficarmos quietinhos para Jesus*. É uma defesa teológica da fala de John Milton “também O servem os que ficam a esperar.”¹⁸⁹ Milton tinha uma razão para dizer isso, contudo. Ele estava totalmente cego. Mas agora, pensando melhor sobre isso...

Bagunça nº 5: Nem a Lei Bíblica, Nem a Lei Natural

O cristão não-reconstrucionista, dizem, “não está sob da lei como regra da vida; em vez disso, estamos sob a lei de Cristo” (pg. 184). Isso é o que eles chamam de Sabedoria. A Sabedoria “não legisla sobre penas civis” (pg. 189). Penas civis podem ser impostas em nome de Cristo apenas durante o seu reinado burocrático e centralizado (o milênio). Santificação progressiva também não tem nada a ver com a lei de Deus: “Cristo nos

¹⁸⁷ Norman Cohn, *The Pursuit of the Millennium* (2nd ed.; New York: Harper Torchbook, 1961); e no início da era moderna: Igor Shafarevich, *The Socialist Phenomenon* (New York: Harper & Row, [1975] 1980), cap. 2.

¹⁸⁸ Seita milenarista e antinomiana da Idade Média. [N. T.]

¹⁸⁹ Citação do soneto *On His Blindness* (Sobre Sua Cegueira) de John Milton. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

libertou da lei para salvação ou santificação” (pg. 185). Portanto, “padrões milenares aguardam o retorno vitorioso de Cristo” (pg. 148). Até lá, temos que ficar quietinhos para Jesus. Sem sanções civis explicitamente cristãs!

Há uma única alternativa à lei bíblica: *a lei natural*. Porém, os autores não mencionam essa frase uma única vez. Ambos se consideram como seguidores do filósofo calvinista Cornelius Van Til; ambos sabem que a lei natural é um mito pagão estoico; e ambos rejeitam o neo-escolasticismo de lei natural do professor do Seminário de Dallas Norman Geisler. Então, eles ficam em silêncio com relação a alternativas. Eles esperam que ninguém levantará a questão óbvia: *Por qual padrão* algum governo cristão – Igreja, Estado ou família – executa julgamento legítimo na história? Apenas espere por Jesus, eles responderão. Temos que permanecer em silêncio até lá.

Bagunça nº 6: A Relevância Social do Dispensacionalismo Hoje

Não querendo parecer isolacionistas e socialmente irrelevantes, os autores se apressam a tranquilizar os seus leitores: “Nossa tarefa é a de ser uma testemunha fiel àqueles nas trevas da caverna de Platão. Devemos resplandecer a luz da palavra de Deus sobre as questões da atualidade para assim remover o véu de trevas lançado sobre esse mundo por Satanás” (pg. 155). *Como?* O livro deles nega a lei bíblica. Eles também não mencionam a lei natural. *Que luz revelada pela Bíblia o dispensacionalismo pode resplandecer?*

Eu sei: a mesma luz que o Seminário de Dallas resplandeceu em 1973 após *Roe v. Wade* – um caso na cidade de Dallas – aborto legalizado. Você se lembra da resposta do Seminário de Dallas? “Não ouça o mal social, não veja o mal social, e não fale palavra de condenação.”

Em um século e meio, não houve um único livro publicado sobre teoria social dispensacionalista escrito por um autor dispensacionalista. Eu me pergunto o porquê (não, na verdade não...). O movimento dispensacionalista abriu mão de sua principal oportunidade recente de dizer algo relevante no fim dos anos 60. Ele ficou em silêncio, como sempre. Seu coração já havia morrido em 1970.

Bagunça nº 7: O Pacto de Noé é o mesmo da Igreja

Ray Sutton e os reconstrucionistas de “Tyler” argumentam que foi com a morte e ressurreição de Jesus Cristo que um *novo pacto ressurreto* foi inaugurado. O pacto de cinco pontos de Deus é agora universal, o padrão para as nações, porque a Igreja e o evangelho agora eram universais (Mt. 21:43; 28:18-20). Mas o Prof. House não quer lidar com essa possibilidade, já que ela entra em conflito com seu argumento teológico fundacional no livro em questão: apenas os termos do pacto de Noé se aplicam aos gentios, enquanto a lei mosaica era apenas para o antigo Israel.

House iguala a lei de Cristo para a Era da Igreja com o pacto de Nóe: “Já que uma lei é dada dentro do contexto de um pacto, as nações não poderiam receber a Lei Moisaica, já que estão dentro do pacto noético” (pg. 130). *Estão* é tempo presente. Essa é a tese factual principal do livro. House quer que creiamos nisso porque havia uma única sanção civil, e uma única lei civil, no pacto de Noé: execução para o crime de assassinato (Gn. 9:5). Se a sua tese estiver verdadeira, então todos os outros pontos concernentes ao governo civil estão basicamente livres. O cristão, então, não teria quase nada para dizer judicialmente sobre coisa alguma. *Isso, em princípio, entrega a sociedade na mão dos humanistas e de outros violadores do pacto.*

Mas é ainda pior que isso. Ele escreve: “O pacto noético é perpétuo” (pg. 127). Isso implica que a *lei mosaica não será adotada nem mesmo durante o milênio*, contradizendo todos os teólogos dispensacionalistas anteriores. Em seu ataque contra a visão de Bahnsen de uma lei-ordem universal do Antigo Pacto aplicada internacionalmente, *House jogou fora o dispensacionalismo tradicional*. Em resumo, o pacto noético – contendo apenas uma lei civil e uma sanção – é tudo que os cristãos tem ou terão para cobrar da sociedade.

Se você estava se perguntando por que o dispensacionalismo é culturalmente irrelevante, agora você já tem sua resposta. Quando se argumenta que Noé e o arco-íris são mais relevantes socialmente que a ressurreição de Cristo, a Grande Comissão que Ele deu à Igreja, a lei revelada de Deus, e o recebimento de poder através do Espírito Santo, você permanecerá irrelevante culturalmente.

Conclusão

Dominion Theology: Blessing or Curse? tem 460 páginas. Parece que há erros em pelo menos 410 delas (o restante são apenas indicies e bibliografia). O livro de Gary DeMar, *The Debate Over Christian Reconstruction*, surgiu três semanas antes do livro de Ice e House, e muitas das objeções teológicas dos autores ao que eles chamam de teologia do domínio foram respondidas em detalhes lá. Elas foram respondidas de forma ainda mais exaustiva no livro de Bahnsen e Gentry, *House Divided* [Casa Dividida].¹⁹⁰ Essas respostas não fizeram o Rev. Ice ficar satisfeito, que permaneceu como um defensor solitário, e até obcecado, do que ele considera como dispensacionalismo tradicional, mas o Dr. House parece pelo menos estar disposto a deixar o passado para trás – o principal passado sendo a sua carreira como professor.

O movimento dispensacionalista aguardou 15 anos até que o Rev. Ice se voluntariasse a carregar o seu estandarte em batalha contra os temíveis reconstrucionistas. Seu amigo Sancho não o ajudou muito nessa tarefa mal concebida e mal executada. Ice e House largaram esse estandarte e o substituíram por um “novo e melhorado”. Eles abandonaram o dispensacionalismo tradicional em nome da conclusão principal do dispensacionalismo: a contínua irrelevância social do cristianismo. Posso dizer seguramente que o movimento dispensacionalista está agora enterrado intelectualmente, a menos que alguém tome o estandarte original, por mais surrado que esteja, e se disponha a, pelo menos, erguê-lo.

* * * * *

¹⁹⁰ Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1989.

No *The Journal of the Evangelical Theological Society* [Revista da Sociedade Teológica Evangélica] (março de 1992), o artigo principal foi escrito pelo Dr. House: “*Creation and Redemption: A Study of Kingdom Interplay*” [Criação e Redenção: Um Estudo da Interação no Reino]. Nesse ensaio, ele escreve o seguinte:

... a obra de Deus na redenção do homem foi conhecida como o reino mediador. O modo no qual esse governo é realizado é dependente da natureza da existência na qual Deus insere o homem. Por exemplo, o controle que Deus exerce sobre suas criaturas (especialmente os humanos) na ordem natural e moral que chamamos de criação é ligada a relações sociais, questões de domínio na terra, e interações com outros seres e coisas criadas. (pp. 4-5).

Ademais, à medida que nós cristãos espalhamos as boas novas de Cristo a outros e compartilhamos a compaixão e o amor de Deus a outros, o reino vindouro se torna o reino nesta terra. O céu gradualmente vem à terra, apesar que, certamente, um dia isso ocorrerá em plenitude e glória (p. 11)

Essa é a visão pós-milenista. O Dr. House deixou o Rev. Ice na mão. Mas a condição constrangedora do Rev. Ice é uma questão de menor importância. A questão principal é: Como o ensaio de House se encaixa na teologia do dispensacionalismo? Será que essa é mais uma revisão, ou um abandono sutil do sistema? Eu pergunto: Quantas deserções o sistema ainda pode aguentar? Também pergunto: Quantas deserções por parte de seus teólogos mais proeminentes o sistema ainda pode suportar?

O dispensacionalismo tem enfrentado um grande problema desde 1945: *pouquíssimos de seus defensores estão dispostos a responder a críticas, especialmente as levantadas por teólogos aliancistas, através de obras publicadas.* Enquanto isso, aqueles que publicam obras em sua defesa ou envergonham o movimento através de sua incompetência, ou parecem a soar cada vez mais como aliancistas. Um por um, eles acrescentam suas revisões ao sistema dispensacionalista tradicional, até que quase todos os pontos principais do sistema antigo sejam abandonados. Eles já revisaram o dispensacionalismo até a morte, mas não ofereceram nada para substituí-lo.

8

REVISANDO O DISPENSACIONALISMO ATÉ A MORTE

Dispensacionalistas devem estar abertos, sensíveis e prontos para levar em consideração qualquer desenvolvimento adicional futuro da teologia baseado num método teológico adequado, dando consideração primária ao trabalho contínuo de interpretação das Escrituras. Muitos dispensacionalistas encorajam isso, e é por isso que desenvolvimento pode ser visto no sistema.

Craig A. Blaising (1988)¹⁹¹

No ano 2000, o Seminário Teológico de Dallas não será mais dispensacionalista. As prioridades [profissionais] estão em outros assuntos, em vez do que na defesa sistemática do dispensacionalismo de críticas externas.

Tomas D. Ice (1989)¹⁹²

Em abril de 1988, o ano em que o Arrebatamento não aconteceu, quatro décadas após a formação do Estado de Israel, o Rev. Thomas Ice e Dave Hunt debateram contra mim e Gary DeMar numa reunião pública em um hotel de Dallas. Em resposta, DeMar escreveu *The Debate Over Christian Reconstruction* [O Debate Sobre a Reconstrução Cristã] (1988). DeMar já era o coautor, junto com Peter Leithart, de *The Reduction of Christianity* [A Redução do Cristianismo] (1988), que era uma resposta ao livro *Escapando da Sedução* (1987, trad. 1999). Também em 1988, o então professor do Seminário de Dallas H. Wayne House e o Rev. Ice escreveram *Dominion Theology: Blessing or Curse?* Um ano depois, o Instituto de Economia Cristã publicou uma refutação, *House Divided: The Break-Up of Dispensational Theology* [Casa Dividida: A Ruptura da Teologia Dispensa-

¹⁹¹ Craig A. Blaising, "Development of Dispensationalism by Contemporary Dispensationalists," *Bibliotheca Sacra* (jul.-set. 1988), p. 255.

¹⁹² Entrevista com Martin Selbrede, *Counsel of Chalcedon* (dez. de 1989).

cionalista]. Todo esse processo de escrita e publicação ocorreu em um período de dois anos.

House Divided enterrou publicamente um sistema teológico ultrapassado. O que é ainda mais significativo sobre esse sepultamento é que os defensores oficiais do dispensacionalismo têm sido quase tão ativos em jogar terra no caixão quanto seus críticos teonomistas.¹⁹³

O Jogo Acadêmico da Revisão Silenciosa

House e Ice silenciosamente revisaram as doutrinas fundamentais da teologia dispensacionalista tradicional. Eles não mais creem que a velha teologia dispensacionalista pode ser defendida com sucesso, uma suspeição obviamente compartilhada pelo professor do Seminário Teológico de Dallas Craig Blaising, como relevado na citação no início deste capítulo. Por exemplo, eles (i.e., House) argumentam que a pena de morte ainda é válida na era da Nova Aliança porque era parte do pacto de Noé (Gn. 9:5-6) – um pacto pré-mosaico.¹⁹⁴ Esse foi o argumento do teólogo calvinista John Murray uma geração atrás.¹⁹⁵ É meio estranho ver dispensacionalistas apelando para o aliancismo tradicional ao tentar defender o dispensacionalismo contra a teonomia. O Prof. House, nesse caso, vestiu a teologia aliancista de John Murray nas roupas de Lewis Sperry Chafer. Não é que o Imperador dispensacionalista não tem roupas; é que as poucas roupas apresentáveis que ele tem foram roubadas de seu rival de longa data.

A Tática de Ryrie

Deve-se também mencionar que Charles Ryrie jogou um jogo acadêmico similar em *Dispensationalism Today* [Dispensacionalismo Hoje] lá em 1965. Ele usou argumentos bem similares aos da teologia pactual de O. T. Allis para defender o dispensacionalismo tradicional contra os ata-

¹⁹³ V., p. ex., John MacArthur Jr., *O Evangelho Segundo Jesus* (Editora Fiel, 1999), que documenta o antinomianismo do dispensacionalismo convencional. V. Capítulo 10 abaixo.

¹⁹⁴ House and Ice, *Dominion Theology: Blessing or Curse?* (Portland, Oregon: Multnomah Press, 1988), pg. 130.

¹⁹⁵ John Murray, *Principles of Conduct: Aspects of Biblical Ethics* (Grand Rapids. Michigan: Eerdmans, 1957), pg. 118.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

ques baseados em descontinuidade dos ultradispensacionalistas (p. ex., E. W. Bullinger, C. R. Stam, J. C. O'Hair). Refiro-me ao argumento devastador e completamente irrefutável (para um dispensacionalista da linha de Scofield) de que Atos 2 (Pentecostes) foi claramente um cumprimento de Joel 2. Pedro se referiu especificamente à profecia de Joel 2 em Atos 2:16-20. Isso significa que um profeta do Antigo Testamento previu os eventos de Atos 2. Isso representa um problema terrível para o scofieldismo. A teologia dispensacionalista sempre ensinou que a assim chamada “Era da Igreja” – também denominada “o grande parêntese” – era completamente desconhecida no Antigo Testamento e não foi prevista por nenhum profeta. Mas Pedro disse que o dia de Pentecostes foi conhecido por um profeta do Antigo Testamento, Joel. A conclusão é inescapável: *a Igreja não poderia ter iniciado no dia de Pentecostes; ela deve ter iniciado mais tarde*. Isso é exatamente o que os ultradispensacionalistas defendem – uma ideia claramente herética, mas absolutamente consistente com a visão dispensacionalista da Igreja como o grande parêntese.

Para fugir desse problema de descontinuidade radical, i.e., Igreja do Novo Testamento vs. profecia do Antigo Testamento, Ryrie apelou para Erich Sauer, mas, na realidade, *o argumento de Sauer baseia-se diretamente nos argumentos do calvinista pós-milenista O. T. Allis*. A Igreja de fato foi fundada no dia de Pentecostes; os eventos do dia de Pentecostes foram meramente transicionais. Nenhuma descontinuidade radical deve ser presumida aqui, Ryrie insistiu. Assim também argumentou Allis.¹⁹⁶ Ryrie também usou argumentos similares ao de Stam – insistindo numa descontinuidade radical, Igreja vs. Israel – contra Allis. Esse ato de malabarismo teológico não foi uma defesa intelectual bem sucedida do dispensacionalismo tradicional; foi nada mais do que uma rendição abjeta. Ryrie, com efeito, levantou uma bandeira branca e a identificou como

¹⁹⁶ Ryrie cita o argumento de Sauer de que o “mistério” de Efésios 3:1-12 – os gentios como coerdeiros da salvação junto aos judeus – não foi uma ideia radicalmente nova, mas apenas comparativamente nova, i.e., não há nenhuma descontinuidade radical. Ryrie, *Dispensationalism Today* (Chicago: Moody Press, 1965), pg. 201. Isso é claramente o argumento de Allis contra todas as formas de dispensacionalismo: *Prophecy and the Church* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1945), pp. 91-102.

sendo as cores regimentais do dispensacionalismo. Ele entregou o seu movimento de mão beijada publicamente.

Teólogos dentro do campo dispensacionalista aparentemente reconheceram o que Ryrie fizera em nome da defesa do sistema tradicional. Eu creio que essa tenha sido a razão de não ter ocorrido nenhuma tentativa subsequente de defesa acadêmica do dispensacionalismo até House e Ice, uma geração depois, escreverem *Dominion Theology*. Mas eles não defendiam mais o scofieldismo original. Nem os seus colegas do Seminário de Dallas com obras publicadas (O Prof. Robert Lightner ainda carrega a velha bandeira branca na sala de aula em Dallas, mas o público cristão comprador de livros nunca ouviu falar dele.)

Um Dispensacionalismo “Novo e Melhorado”

Falando francamente, ninguém sabe como a “nova e melhorada” teologia dispensacionalista realmente é. Não houve nenhuma apresentação pública deste sistema revisado, embora livro escrito por Robert Saucy do Seminário Talbot esteja prestes a ser lançado pela Zondervan. O antigo sistema teológico está sangrando até a morte, de gota em gota, com milhares de revisões, mas nada tomou o seu lugar. Um silêncio constrangedor sobre essa condição moribunda tem existido por pelo menos duas décadas. House e Ice, portanto, mexeram num vespeiro bem perigoso.

House e Ice pareciam estar na ofensiva em seu livro, mas, na realidade, estavam na defensiva. Assim como um pato que desliza rapidamente em um lago, tudo parece estar calmo na superfície das águas, mas, logo abaixo dela, há muita agitação. O fato é que, quando House e Ice concluíram o seu ataque ao reconstrucionismo, os seus alvos permaneceram intactos – de fato, completamente intocados – mas House e Ice ficaram sem munição. Pior ainda: eles explodiram o cano do seu último canhão. Um indício de que eles suspeitavam disso foi sua recusa em permitir que eu e Gary DeMar vissemos o manuscrito pré-publicação do livro no início de 1988, embora tivéssemos um debate marcado contra Tommy Ice, que, na época, não era um autor com livros publicados (uma falta de confiança similar atormentou Hal Lindsey, que também se recusou a permitir que eu lesse o manuscrito pré-publicação de *The Road to Holo-*

FEBRE DE ARREBATAMENTO

caust [O Caminho para o Holocausto], apesar dos meus repetidos pedidos por escrito.) Pessoas que estão confiantes sobre suas opiniões permitirão que as vítimas de suas críticas leiam os manuscritos dos livros que as atacam com antecedência (nossas respostas são publicadas rapidamente, de qualquer forma, então para que dar uma de tímido?)

Em questão de meses após a publicação de *Dominion Theology*, o Prof. House se desligou do Seminário de Dallas. As razões foram sempre obscuras – assim como o desligamento do Dr. Ryrie pouco antes na mesma década. House foi contratado por uma faculdade batista na Costa Oeste. Em 1992, House saiu daquela faculdade, também. Ele não está mais empregado em nenhuma instituição fundamentalista.

A Revisão Silenciosa de Pentecost: Fermento e Mal

Dispensacionalistas podem apelar para livros modernos sobre escatologia e o reino milenar escritos por McClain e John Walvoord, mas a apresentação mais relevante de sua posição escatológica é encontrada em *Things to Come* [Os Eventos Vidouros] (1958)¹⁹⁷ pelo professor do Seminário de Dallas J. Dwight Pentecost. O que é desconhecido para a maior parte dos seus leitores é que ele revisou o livro de forma significativa numa área muito importante e, ao fazê-lo, ele abandonou o argumento dispensacionalista tradicional para a derrota inevitável da Igreja no que os dispensacionalistas chamam de “Era da Igreja”. Na edição original, ele defendeu o triunfo final da incredulidade no tempo presente, a “Era da Igreja”. Ele escreveu que a parábola da semente de mostarda (Mt. 13:31-32) aponta para a expansão de uma árvore *maligna* na história, “uma monstruosidade... A parábola ensina que a esfera ampliada da profissão [de fé] se tornou interiormente corrupta. Esta é a característica do [presente] século” (pg. 147). Em sua exposição da parábola do fermento, ele argumenta: “Isso evidentemente se refere à obra de um sistema religioso falso... Essa figura é utilizada para retratar aquilo que é mal por característica...” (pg. 148). Sumarizando, ele escreveu: “A semente de mostarda se refere à perversão do propósito de Deus no [presente] século, enquanto o fermento se refere à corrupção da agência divina, a Palavra, através da qual

¹⁹⁷ Publicada no Brasil como *Manual de Escatologia* pela Editora Vida em 2006 [N. T.]

esse propósito é concretizado” (pg. 148). O foco de Pentecost está na *ética*: o triunfo progressivo do mal pelo tempo, durante a “Era da Igreja”. Isso poderia, pelo menos, servir como o fundamento para uma filosofia dispensacionalista da história: *a derrota dos santos*. O seu livro não forneceu uma filosofia da história completamente desenvolvida; ele apenas forneceu um ponto de partida.

Três décadas depois, ele abandonou até isso, mas poucos de seus seguidores estão cientes desse fato. A reimpressão de 1987 não é uma mera reimpressão, mas *uma edição estrategicamente revisada*. Em nenhum lugar ela é identificada dessa forma. O Dr. Pentecost fez o tipógrafo sobrepor cuidadosamente uma seção crucial revisada. A mudança é quase indetectável, mas é uma admissão devastadora para o dispensacionalismo. Aqui está a sua exposição revisada do reino de Cristo durante a “Era da Igreja.” *Semente de Mostarda*: “Esta parte da parábola enfatiza o grande crescimento do reino a partir do momento em que ele é introduzido. O reino crescerá a partir de um começo insignificante até atingir grandes proporções” (pg. 147). Não há uma única palavra sobre corrupção ética. *Fermento*: “Quando o fermento é usado na Escritura, ele frequentemente denota o mal... Seu uso nos sacrifícios que representam a perfeição da pessoa de Cristo (Lv. 2:1-3) mostra que ele nem sempre é usado dessa forma. Aqui a ênfase não está no fermento para enfatizar o seu caráter, mas sim no fato que o fermento foi escondido na massa, frisando a forma na qual o fermento trabalha assim que é adicionado à massa” (pg. 148). Em sua, *agora não há nenhum foco na ética*: nem uma única palavra sobre quaisquer efeitos malignos ou da semente de mostarda ou do fermento. Hoje o seu foco está no crescimento do reino de Cristo na história – o foco *pós-milenista*: “A parábola da mostarda e do fermento na massa, então, frisam o crescimento da nova forma do reino” (pg. 148).

Se o reino de Cristo não está sendo corrompido em nossa dispensação, então ele é ou eticamente neutro (o reino de Cristo sendo eticamente neutro!?!?) ou positivo. O problema teológico de Pentecost é óbvio: *não pode existir neutralidade ética*. Se reino de Cristo que necessariamente se expande não está sendo progressivamente minado por perversão moral e ética, então ele deve estar crescendo em justiça. Essa interpretação é a visão pós-milenista do reino de Deus: expansão com o tempo. Mateus 13 não discute o reino de Satanás; discute o reino de Cristo. O Dr. Pentecost si-

lenciosamente subverteu o coração e a alma do ensino do sistema dispensacionalista tradicional sobre o progresso inevitável do mal neste tempo presente, a “Era da Igreja.”¹⁹⁸ Mesmo assim, ninguém dentro do campo dispensacionalista está disposto a discutir em público as implicações dessa alteração radical por parte de Pentecost, ou explicar exatamente por que ela, se estiver correta, não subverteu o sistema dispensacionalista. O sistema dispensacionalista está em transição.¹⁹⁹

O Buraco de Memória Dispensacionalista

Década após década, teólogos dispensacionalistas se agarram a uma versão da história da Igreja que até mesmo seus próprios estudantes sabiam que não passava de uma série de falsidades absurdas amarradas juntas com polêmica de sala de aula. Tome, por exemplo, o mito repetido por House e Ice de que o propagador mais proeminente do pós-milenismo foi Daniel Whitby, um teólogo anglicano do século XVIII. O Dr. Gentry aborda essa acusação em *House Divided* [Casa Dividida].²⁰⁰ Agora, qualquer um que tenha um mínimo conhecimento do puritanismo sabe que havia muitos pós-milenistas no campo puritano do século XVII, incluindo John Owen. Whitby nasceu em 1638 e não escreveu até o começo do século XVIII. Ele é uma figura de menor importância na história da Igreja, e é essa a razão dos polemicistas dispensacionalistas apelarem para ele como o originador da posição: ele faz o pós-milenismo parecer uma visão escatológica insignificante. Os dispensacionalistas se confortam com o pensamento de que “quem crê na Bíblia de verdade não acredita no pós-milenismo”, da mesma forma que *rednecks* do sul acreditam que “quem é homem de verdade não come quiche.” Apenas escritores dispensaciona-

¹⁹⁸ Gary DeMar percebeu essa mudança no início de 1992. Ele consultou a seção da obra de Pentecost sobre o fermento na edição de 1987. Ele descobriu que não continha o que Gentry tinha citado. Ele ligou para o Gentry, que consultou a edição de 1958. As duas edições divergiam.

¹⁹⁹ O Dr. Gentry escrevia um boletim mensal, *Dispensationalism in Transition*, que fora publicado pelo Instituto de Economia Cristã. [N. T.: As edições publicadas desse boletim estão disponíveis, em inglês, gratuitamente, no website do ICE]

²⁰⁰ Greg L. Bahnsen e Kenneth L. Gentry, Jr., *House Divided: The Break-Up of Dispensational Theology* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1989), caps. 10, 18.

listas chegaram a propagar esse mito sobre Whitby, mas eles o fizeram de geração em geração – *no entanto, acadêmicos que ensinam história da Igreja e que possuem doutorado no assunto nunca sustentaram tal posição*. Infelizmente, os especialistas em história da Igreja nas instituições dispensacionalistas, aparentemente, não têm disposição para ou são psicologicamente incapazes de ir até os seus colegas menos informados e dizer, “Olha, meus amigos, essa história toda foi um mito que nossos fundadores inventaram para travar polêmica contra o pós-milenismo, e nós estamos nos fazendo de bobos ao continuar a propagar isso.” Assim, o mito sobre Whitby continua sendo aceito fielmente por uma geração de estudantes medíocres que odeiam a história da Igreja e a teologia sistemática, mas que estão “interessados” no crescimento de igrejas locais.

Tommy Ice regurgitou esse velho mito em nosso debate em 1988; eu prontamente o lembrei do problema de datação com Whitby, e então o lembrei de que meu sistema escatológico foi desenvolvido, pelo menos, no mais tardar no século XVI; o dele foi inventado em 1830. Ele não teve nada a dizer em resposta, mas uma variação desse mesmo clichê velho agora aparece em seu livro. Por que um homem com integridade acadêmica faria isso? A resposta: um homem com integridade acadêmica não o faria.²⁰¹

Outro exemplo: a afirmação de que os pais da Igreja primitiva eram todos pré-milenistas. House e Ice realmente conseguiram combinar os dois problemas. Eles mencionam que Daniel Whitby disse que o primeiro concílio de Niceia era pré-milenista.²⁰² Whitby disse exatamente o oposto, como o Dr. Gentry mostra em seu capítulo em *House Divided* sobre “A Exposição do Reino”. Uma tese de mestrado escrita por um estudante do Seminário de Dallas em 1977 refutou a declaração de Charles Ryrie de que os pais da Igreja primitiva eram pré-milenistas. O estudante concluiu que esse não era o caso: havia muitos amilenistas entre eles.²⁰³ Mas você acha que algum autor dispensacionalista está pronto para admitir em uma obra

²⁰¹ Sobre a integridade acadêmica de ambos os autores, ver *House Divided*, Parte IV.

²⁰² House e Ice, *Dominion Theology*, pg. 206.

²⁰³ Alan Patrick Boyd, *A Dispensational Premillennial Analysis of the Eschatology Of the Post-Apostolic Fathers (Until the Death of Justin Martyr)*, tese de mestrado não-publicada, Seminário Teológico de Dallas, maio de 1977.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

publicada que a afirmação de Ryrie é mítica? De jeito nenhum! Porém, isso não foi disseminado apenas por Ryrie; esse mito foi ensinado por praticamente todos os dispensacionalistas, exceto aqueles profissionalmente treinados em história da Igreja primitiva.

Um Movimento sem História Oficial

O que ocorreu foi isso: cada nova turma de estudantes de seminário ávidos por aprendizado teológico recebe uma repetição de notas de aula – notas estas que suprimem a história da Igreja sempre que ela entra em conflito com as “verdades recebidas” do dispensacionalismo da década de 1920 até a década de 1950. Os estudantes nada ouvem sobre a tese de Dave MacPherson de que Margaret Macdonald, uma moça de quase 20 anos de idade, entrou em estado de transe em 1830 e anunciou a doutrina do arrebatamento pré-tribulacional. Ainda estamos esperando que o Prof. John Hannah, um talentoso e competente especialista em história da Igreja, publique uma obra mostrando, a partir de fontes primárias, que a tese de McPherson não passa de uma farsa. De forma bem estranha, ele decidiu ficar em silêncio. Ou não muito estranha assim, como deve ser o caso.

Vale a pena notar que nenhum especialista em história da Igreja de algum seminário dispensacionalista se dispôs a escrever uma história documentada e oficial do movimento dispensacionalista, já que isso envolveria confrontar aquilo que, por pelo menos três gerações, foi vergonhosamente entregue como ‘história oficial’, e aquilo que não passa de mera propaganda ideológica, comparável ao “agitprop” dos dias de Stalin. Temos em nosso meio um movimento teológico e eclesial que já existe por mais de 160 anos, porém não há única obra cuidadosamente pesquisada, com notas de rodapé, escrita por algum professor de seminário dispensacionalista que relate sua história. O que isso implica é que apenas antidispensacionalistas e não-dispensacionalistas se importaram em escrever a história do movimento. Isso é bem peculiar, para não dizer coisa pior.

Serei franco: *qualquer movimento intelectual-ideológico-institucional com mais de um século que é incapaz de produzir sua própria história oficial é igualmente incapaz de se manter vivo.* Ele já perdeu a guerra antes mesmo de ela começar.

Serei ainda mais franco: a razão pela qual o dispensacionalismo não produziu uma obra detalhada, documentada e publicamente acessível detalhando sua história é que *os seus aderentes não acreditam que tenham um futuro*. Eles creem que dificilmente valha a pena preservar um registro do passado, já que o futuro terreno dos cristãos está prestes a ser abreviado. O pré-milenismo ataca novamente!

Notas de Aula Não-Revisadas

Professores de seminários dispensacionalistas e faculdades bíblicas (aqueles que não ensinam história da Igreja) leem suas notas de aula desgastadas aos seus estudantes – notas essas copiadas de seus próprios professores anos atrás. Os mitos e mentiras descaradas continuam a ser repetidas a cada nova turma. A farsa da integridade acadêmica continuará desde que esses estudantes e formandos se recusem a ler obras acadêmicas sérias. Entenda, a maioria dos formandos da maioria dos seminários ficam perfeitamente contentes em evitar ler obras acadêmicas. Contudo, aqueles dispensacionalistas que realmente leem obras sérias correm o risco de passar por uma experiência traumática. Eles podem descobrir que eles gastaram três ou quatro anos em um seminário recebendo um pacote de mentiras ensinado a eles em nome da continuidade histórica da sala de aula. Seus professores foram igualmente desinformados por seus respectivos professores, e por aí vai, até a fundação do seminário. Ninguém se importa em verificar as fontes primárias, já que isso poderia exigir uma atualização de suas notas de aula.

A teologia dispensacionalista é como um estábulo grande que nunca foi varrido. Ninguém quer entrar lá com uma pá e uma vassoura para varrer o esterco acumulado, então ele acaba ficando mais profundo e mais endurecido. Fica mais óbvio aos seus estudantes mais brilhantes que eles correm o risco de pisar em sujeira cada vez que entram numa sala de aula para ouvir o programa partidário. Os formandos mais brilhantes muito frequentemente se afastam do programa partidário. Mas a farsa da sala de aula continua. Os fatos da história da Igreja são atirados no equivalente ao buraco de memória em *1984* de Orwell.

Esta prática acadêmica identifica um movimento que está morrendo. Você não pode legitimamente esperar avançar se seus estudantes são de-

FEBRE DE ARREBATAMENTO

sinformados deliberadamente. Essa é a mesma crise que a União Soviética e a China comunista enfrentam nos dias de hoje: pessoas mal-informadas fazem decisões mal-informadas. Apenas os líderes cristãos que creem que não há futuro, que Jesus voltará em breve para arrebatá-los de suas aflições – especialmente dos estábulos imundos da história oficial não-publicada do dispensacionalismo – seria tão tolo ao ponto de se recusar a diminuir suas perdas, admitir as mentiras do passado, e fazer pesquisa histórica séria de nível acadêmico em termos da teologia oficial do movimento. Mais uma vez, má escatologia produziu resultados suicidas.

Apagões Intelectuais e Chamas Desvanecentes

É por isso que professores de seminários dispensacionalistas – i.e., professores em instituições dispensacionalistas que realmente ainda levam o dispensacionalismo a sério em suas salas de aula (um número que diminui rapidamente) – trabalham duro para impedir que seus estudantes leiam qualquer coisa que não esteja nas listas de leituras obrigatórias. Eles sabem o que irá acontecer aos melhores e mais brilhantes dentre seus estudantes se eles começarem a ser livros “de fora”. A medida familiar defensiva contra essa possibilidade (i.e., quase certeza) de “corrupção” é a criação de um apagão acadêmico sistemático entre membros do corpo docente e acadêmicos de outras instituições, envolvendo especialmente a proibição de debates no campus. Eles sabem o que irá acontecer.

Quando o Dr. Ray Sutton era um estudante no Seminário Teológico de Dallas em meados dos anos 70, ele ouviu repetidamente de seus professores: “Não leia aquele livro”. Quase sem exceção, os livros proibidos eram escritos por autores calvinistas (a única exceção de maior importância: a dissertação de doutorado de William Everett Bell de 1956: *“A Critical Examination of the Pretribulation Rapture Doctrine in Christian Eschatology”* [Uma Análise Crítica da Doutrina do Arrebatamento Pré-Tribulacional na Escatologia Cristã]). Como era de se esperar, ele foi para a biblioteca e leu esses livros proibidos. Os estudantes mais brilhantes sempre faziam isso. Em seu último período, Sutton já era um calvinista, e muitos dos seus colegas também. Quando a melhor resposta que um professor ligado a um movimento pode oferecer aos críticos acadêmicos de seu movimento é “não leia aquele livro”, esse movimento já está perto de morrer.

A incapacidade do corpo docente do Seminário de Dallas em fornecer respostas mais sofisticadas que “Não leia aquele livro!” resultou no estudo monumental de Sutton, *That You May Prosper: Dominion By Covenant* [Para que Proseréis: Domínio Pelo Pacto]. Esse livro mostra que o mesmo modelo bíblico de pacto se estende do Antigo Testamento ao Novo Testamento – o maior desafio já feito à teologia dispensacionalista. O fato de que um formando do Seminário de Dallas foi capaz de produzir tal obra desafiadora indica o grande problema que o Seminário de Dallas enfrenta, sendo hoje o último sobrevivente daquilo que, nos anos 60, eram os três grandes seminários dispensacionalistas. E qual foi a resposta pública do Seminário de Dallas? Silêncio. No campus, eu imagino que o velho bordão se repete: “Não leia aquele livro.”

O Seminário de Dallas está disposto a defender o dispensacionalismo apenas através da ameaça de expulsão. Um estudante que perde sua fé no sistema e que admite isso publicamente é pedido para se retirar. O mesmo ocorre com professores. Mas o problema com esse tipo de defesa, a menos se acompanhada por um programa de publicação de livros em larga escala, é que ela afeta apenas aqueles que estão sob seu controle direto. Além disso, ela não pode oferecer proteção contra aqueles em seu próprio meio que não estão dispostos a defender em público uma declaração pela qual juraram lealdade. Isso acaba por criar um corpo docente cheio de professores que trabalham em tempo integral, mas que apenas se aventuram em pesquisa acadêmica bíblica – isso quando o fazem – em áreas academicamente periféricas aos distintivos questionáveis da declaração de fé obrigatória da instituição. Eles apenas tentam ganhar tempo até que uma transformação silenciosa do seminário se torne institucionalmente possível. Esse dia chegou para o Seminário Talbot. Parece já ter chegado para o Grace. Está se aproximando para o de Dallas. A chama da tocha dispensacionalista já está se apagando. O fogo está prestes a se extinguir.

Quando isso acontecer, ninguém que atualmente segura essa tocha, que antes brilhava, admitirá em público que o óleo original já acabou. Assim, os doadores ingênuos do seminário continuarão mandando dinheiro, apesar do fato de que não receberão aquilo que originalmente patrocinaram. Esse é o preço da febre de arrebato. No fim, ela cega todos os que aflige.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

O Preço Terrível da Evasão

Doadores que financiam um seminário creem que estão comprando várias coisas. Primeiro, eles imaginam que estão comprando um suprimento de futuros pastores que atenderão as necessidades das igrejas. Segundo, eles esperam estar financiando especialistas acadêmicos que promoverão e defenderão o sistema teológico que o seminário foi estabelecido para promover e defender. Terceiro, eles imaginam que estão comprando um suprimento de futuros eruditos que podem e irão promover e defender essa mesma teologia.

Quando o corpo docente de um seminário recebe fundos por qualquer outro motivo, a instituição deveria anunciar publicamente quaisquer exceções a estas três tarefas. Seminários nunca fazem isso, mas deveriam. Logo, se eles não estão mais dispostos a promover a teologia do seminário aberta e obrigatoriamente, eles deveriam admiti-lo. Se compreenderem que suas reputações intelectuais pessoais serão sacrificadas caso defendessem publicamente o sistema, eles deveriam dizê-lo. Eles nunca o fazem, mas deveriam.

Os corpos docentes do Seminários Talbot, Grace e de Dallas, por muitas décadas, não se dispuseram a responder ao livro de O. T. Allis, *Prophecy and the Church* [Profecia e a Igreja] (1945). Essa recusa foi completamente motivada por interesses pessoais. Allis foi o defensor mais proeminente da integridade do texto do Antigo Testamento em sua geração, o autor de *The Five Books of Moses* [Os Cinco Livros de Moisés] (1943).²⁰⁴ Ele não poderia ser ignorado como se fosse algum maluco qualquer ou teólogo amador. Ele era verdadeiramente um mestre na teologia. Sua crítica abrangente da escatologia dispensacionalista continua a ser a mais poderosa já produzida. Mesmo assim, quase meio século depois, nenhum acadêmico dispensacionalista chegou a escrever um livro de extensão e minuciosidade equiparáveis para refutar Allis. O livro fino de Charles Ryrie, *Dispensationalism Today* [Dispensacionalismo Hoje] (1965) foi dedicado apenas em parte a tratar dos argumentos de Allis.

²⁰⁴ Obra que defendeu a autoria mosaica do pentateuco contra a assim chamada hipótese documental. [N. T.]

O seu fracasso em elaborar uma resposta indica uma incapacidade dos defensores acadêmicos do dispensacionalismo em defender o próprio sistema. Se eles estivessem dispostos a anunciar publicamente que são incapazes de responder a um crítico em específico, isso seria honesto, mas fazê-lo seria uma espécie de suicídio intelectual. O fato é que o fracasso em responder por si só já é suicídio intelectual, mas é uma morte lenta por envenenamento em particular, em vez de um fim rápido à sua agonia em público.

Quando eu decidi desafiar o dispensacionalismo em público, começando por meu livro *75 Bible Questions Your Professors Pray You Won't Ask* [75 Questões Bíblicas Que Seus Professores Torcem Para Você Não Perguntar] (1984), eu me comprometi a responder imediatamente a qualquer contra-ataque. Estou em prontidão para publicar uma resposta rápida a qualquer crítico acadêmico que escrever um livro contra as posições que defendo, e a quaisquer críticos populares que possuam muitos leitores. Assim, quando Dave Hunt dedicou umas poucas páginas ao reconstrucionismo em meu livro *Escapando da Sedução* (1987, trad. 1999), eu contratei Gary DeMar e Peter Leithart para escrever *The Reduction of Christianity* [A Redução do Cristianismo] (1988). O livro surgiu 12 meses após a obra de Hunt. Faço o meu melhor para reduzir o tempo entre críticas e nossa resposta a elas. Quando Hunt e Tommy Ice debateram contra mim e Gary DeMar em abril de 1988, eu publiquei *The Debate Over Christian Reconstruction* [O Debate Sobre o Reconstrucionismo] de DeMar antes do fim do ano. Quando *Dominion Theology: Blessing or Curse?* de House e Ice foi publicado no outono de 1988, publiquei *House Divided* [Casa Dividida] de Bahnsen e Gentry dentro de oito meses. Qualquer coisa menos que isso constituiria em rendição.

Quando o livro difamatório de Hal Lindsey difamatório, *The Road to Holocaust* [O Caminho para o Holocausto], foi publicado pela Bantam Books (que dificilmente é uma editora cristã!) em junho de 1988, publiquei a resposta de DeMar e Leithart em trinta dias: *The Legacy of Hatred Continues: A Response to Hal Lindsey's **The Road to Holocaust*** [O Legado de Ódio Continua: Uma Resposta para 'O Caminho para o Holocausto' de Hal Lindsey]. Essa obra apareceu a tempo para a reunião anual da *Christian Booksellers' Association* [Associação de Editoras Cristãs] em julho. Meu representante distribuiu cópias gratuitas desse livro em dezenas de estandes,

FEBRE DE ARREBATAMENTO

cortando o ataque de Lindsey pela raiz. Peguei o Lindsey desprevenido; ele ficou com cara de tacho. Ele se recusara a permitir com que DeMar e eu víssemos o manuscrito de sua obra com antecedência, apesar de termos enviado nossos pedidos por escrito. Ele não prestou atenção em Mateus 18:15-17, assim como não se atentou a Mateus 5:32. Ele nunca respondeu, nem se retratou. Em 1990, ele permitiu com que uma reimpressão sem correções fosse publicada, com cada erro factual mantido intacto, incluindo os nomes incorretos dos homens e das instituições que ele estava atacando. Eu considero Lindsey como uma fraude intelectual que está mais interessado em colecionar novas esposas do que em corrigir injustiças passadas. Não estou ciente de nenhum acadêmico que o leve a sério. O Seminário de Dallas nunca o convidou para palestrar sobre profecia ou escatologia. Todavia, respondemos às suas falsas acusações para provar que elas eram falsas.

A questão é que, quando você está sendo pago para defender uma posição, você deve estar pronto para responder, ponto por ponto, críticos relevantes que publiquem obras questionando sua posição. Do contrário, seus seguidores concluirão que você é incapaz de responder, ou porque você não é intelectualmente competente, ou porque sua posição não pode ser defendida. Quando o Seminário de Westminster publicou *Theonomy: A Reformed Critique* [Teonomia: Uma Crítica Reformada] em outubro de 1990, minha resposta foi publicada em abril do ano seguinte: *Westminster's Confession: The Abandonment of Van Til's Legacy* [A Confissão de Westminster: O Abandono do Legado de Van Til]. Isso foi seguido da resposta de Bahnsen: *No Other Standard* [Nenhum Outro Padrão], no verão do mesmo ano. Então, veio o livro que eu editei, *Theonomy: An Informed Response* [Teonomia: Uma Resposta Informada] em dezembro. Nós respondemos com três livros em 14 meses. Eu disse em uma obra que, se o corpo docente do Seminário de Westminster respondesse a quaisquer desses livros, eu publicaria pelo menos um volume em resposta, e eu continuaria respondendo, volume por volume, até que eu tivesse a última palavra. Nós teonomistas não ouvimos mais nada do Seminário de Westminster novamente.

Defesa nunca é o suficiente para vencer uma guerra por ideias: é necessário lançar ataques contra os que te atacam, também. Isso é o que a defesa da fé requer: uma estratégia para vitória. Mas dispensacionalistas

se recusam a reconhecer esse fato, *porque creem que o fracasso da Igreja na presente dispensação está predestinado*. Eles são consistentes com sua teologia. Eles fingem que, através de seu silêncio, podem protelar problemas relevantes até que o arrebatamento os resolva. Eles pregam uma teologia do adiamento, de passividade intelectual. *Eles praticam o que pregam*. Isso é suicídio. Um por um, os membros do seu corpo docente silenciosamente abandonam a posição original; um por um, seus formandos mais brilhantes desertam. No fim, o próprio seminário abandona sua posição, e todo o corpo docente remanescente é demitido. Isso é o que aconteceu com Talbot e Grace. Tommy Ice imagina que algo assim acontecerá com Dallas por volta do ano 2000.

O fato é que uma incapacidade em responder por obras publicadas é sintomático de uma posição que não possa ser defendida com sucesso. Isso indica que a ideologia em questão está morrendo. *É apenas uma questão de tempo até que as deserções venham a erodir o futuro do movimento*. Quando professores de um seminário se recusam a defender a teologia de sua instituição em uma obra publicada, é apenas questão de tempo antes que o seminário se aparte da tradição recebida. Uma teologia pela qual não vale a pena arriscar a reputação não será defendida quando o clima da opinião teológica mudar contra a antiga crença.

Uma mudança de paradigma está atualmente em progresso no dispensacionalismo. Sua irrelevância cultural sistemática se tornou uma vergonha para centenas de milhares de ativistas cristãos que, diferente dos professores vitalícios, estão dispostos a combater publicamente o aborto ou as escolas públicas. O silêncio persistente do Seminário de Dallas com relação ao caso *Roe v. Wade*, mesmo após duas décadas, condenou o sistema dispensacionalista. Repulsão moral contra o silêncio dos líderes por parte dos leigos que estão dispostos a correr riscos continua a desgastar a confiança deles na teologia dispensacionalista e nos líderes acadêmicos produzidos por ela. Professores dispensacionalistas hoje não são capazes nem de defender seu próprio sistema teológico, nem o direito à vida. *O dispensacionalismo hoje está visivelmente falido*; teologicamente, sempre foi, mas esse fato não era publicamente visível até a legalização do aborto. Essa deserção moral por parte dos professores dos seminários é uma extensão de sua deserção intelectual após a publicação de *Prophecy and the Church* [Profecia e a Igreja] por Allis. Um por um, estes seminários estão se tor-

FEBRE DE ARREBATAMENTO

nando falidos. Eles estão perdendo sua posição de relevância, como deveriam.

Conclusão

Eu vou dizer mais uma vez, só para ter certeza de que todos irão entender: *Dominion Theology: Blessing or Curse?* (1988) foi uma admissão pública da morte do dispensacionalismo. O fracasso por parte dos acadêmicos dispensacionalistas em responder a *House Divided* [Casa Dividia] também foi. House e Ice forneceram a primeira declaração exaustiva da posição dispensacionalista – através de sua tentativa de refutação da teonomia – que vimos desde o livro breve e ineficaz de Ryrie em 1965, *Dispensationalism Today* [Dispensacionalismo Hoje]. Aquele livro foi incapaz de responder os críticos do dispensacionalismo. *Dominion Theology: Blessing or Curse?* é pior ainda, do ponto de vista do scofieldismo: ele levantou questões ainda mais explosivas, mas, mesmo assim, fingiu ter respostas à teonomia. *House Divided* as refutou em questão de meses. Ninguém desafiou *House Divided*, menos ainda o ex-professor House.

Vou repetir mais uma vez: *o debate teológico acabou*. Eu disse isso em 1989, e digo isso novamente. O reconstrucionismo não ganhou ainda o debate contra cada crítico teológico conhecido (mas estamos trabalhando nisso), mas já ganhou o debate contra os dispensacionalistas. Ao confrontar o dispensacionalismo diretamente, o Dr. Bahnsen e o Dr. Gentry trouxeram de volta ao debate a obra brilhante e ignorada por muito tempo de O. T. Allis. Allis infligiu feridas mortais contra a teologia dispensacionalista em 1945. Bahnsen e Gentry meramente agiram como médicos de autópsia. Senhoras e senhores, o cadáver certamente já está morto; a rigidez cadavérica já é visível. É hora de darmos um enterro cristão digno.

Se eu estiver errado, então será fácil para os defensores mostrarem que eu estou errado. Tudo o que eles precisam fazer é *concordar entre si* com relação ao que o dispensacionalismo é – quais são suas doutrinas fundamentais e “não-negociáveis” – e então *publicar uma teologia sistemática consistente*. Ela deve ser uma extensão do sistema dispensacionalista original. Ela deve responder O. T. Allis, Ray Sutton, Greg Bahnsen e Ken Gentry. Ela realmente deve responder Geerhardus Vos do Seminário de Princeton, cujo livro, *The Pauline Eschatology* [A Escatologia Paulina],

também foi conveniente ignorado pelos acadêmicos dispensacionalistas desde sua publicação em 1930.

Uma teologia sistemática dispensacionalista moderna precisa discutir, no mínimo, os seguintes pontos:

1. A distinção entre Israel e a Igreja
2. A distinção (se houver) entre o reino de Deus e o reino dos céus
3. O significado do fermento (é sempre maligno ou não?)
4. Lei bíblica e santificação (lei e graça)
5. A neutralidade da “lei natural” e a política da Era da Igreja
6. Onde está o Arrebatamento em Mateus 13 (continuidade)
7. Quando que o relógio profético começa a correr
8. Como Hebreus 8 – o ofício sacerdotal de Cristo – se encaixa com a ideia da reinstituição de sacrifícios no milênio
9. Onde a Igreja começou: Atos 2, Atos 9 ou Atos 28
10. Como o Evangelho é um cumprimento da promessa de Deus para reconstruir o tabernáculo de Davi (Atos 15:14-16)
11. Como o literalismo se aplica a estrelas caindo do céu (Ap. 6:13)
12. Como Apocalipse 12 pode ser futuro, levando em consideração o versículo 11

9

DISPENSACIONALISMO VS. CRIACIONISMO DE SEIS DIAS

Pois em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e descansou no sétimo dia. Portanto, o SENHOR abençoou o dia do shabat e o santificou. (Ex. 20:11)

O primeiro ato da criação refere-se ao passado não-datável, e abrange todas as eras geológicas.

Bíblia de Referência Scofield (1909)²⁰⁵

A Escritura não nos dá informações para determinarmos há quanto tempo o universo foi criado.

Nova Bíblia de Referência Scofield (1967)²⁰⁶

O Quarto Mandamento deixa claro: *Deus criou o mundo em seis dias*, não em seis eras. Deus descansou no sétimo dia, não por uma era. Ele santificou esse dia, significando que Ele o separou. A própria estrutura da semana tem a intenção de refletir o padrão de seis dias e um dia da primeira semana de Deus. Desde os primeiros dias da Igreja Cristã, seus líderes fiéis à Bíblia não ensinaram outra visão da criação. Agostinho escreveu em *A Cidade de Deus* sobre os que creem numa longa história da terra: “Também alguns escritos eivados de mentira os enganam. Citam esses escritos em seu apoio e dizem que a história tem já muitos milhares de anos. Todavia, segundo a Sagrada Escritura, nem sequer contamos ainda com seis milênios completos desde a criação do homem”²⁰⁷ É verdadeiramente um engano!

²⁰⁵ C. I. Scofield, *Scofield Reference Bible* (New York: Oxford University Press, 1909), pg. 3, nota 2: Genesis 1:1.

²⁰⁶ *The New Scofield Bible* (Oxford, 1967), pg. 1

²⁰⁷ Sto. Agostinho, *A Cidade de Deus* (trad. J. Dias Pereira), Vol. II, Lv. II, Cap. XI, pg. 1105

Essa foi a opinião da ortodoxia cristã por quase dezessete séculos. Porém, no fim do século XVII, as opiniões começaram a mudar. Quando o estudo da coluna geológica começou a ser desenvolvido em maiores detalhes, estudiosos passaram a concluir que o mundo seria muito mais antigo do que anteriormente crido pelos cristãos, apesar de que todas as religiões que não possuíam ligação com o Antigo Testamento sempre negaram que a história fosse tão curta. As pressuposições pagãs de todas as religiões antibíblicas começaram a se infiltrar na igreja através de rochas sedimentárias, por assim dizer.

Uma Perda de Fé

No decorrer de cinquenta anos antes da publicação de *A Origem das Espécies* de Charles Darwin em 1859, intelectuais cristãos progressivamente abandonaram a fé numa criação literal de seis dias. Eles estenderam o intervalo temporal que era considerado aceitável para a cronologia bíblica. O evolucionista Michael Ruse escreve:

Contudo, em 1859, mesmo na Grã-Bretanha Vitoriana, quase todas as pessoas inteligentes e bem-informadas perceberam que não era mais possível sustentar um retrato do mundo tradicional e bíblicamente inspirado: um mundo criado por Deus em seis dias (de vinte e quatro horas); um mundo de origem muito, muito recente (4004 a.C. era a data favorecida da criação, baseada em genealogias da Bíblia); e um mundo que, num momento subsequente, fora totalmente coberto e devastado por um dilúvio monstruoso. Por toda a primeira metade do século XIX, descoberta científica após descoberta científica modificaram essas crenças tradicionais.²⁰⁸

Darwin claramente abriu as comportas do ceticismo religioso. Um bom exemplo de erosão da fé é a declaração de 1925 do Rev. James Maurice Wilson:

Não é evidente que a mudança significativa da nossa concepção da criação do universo afetou a visão do homem no geral sobre o Criador? O que antes era concebível, crível e completamente aceito

²⁰⁸ Michael Ruse, *Darwinism Defended: A Guide to the Evolution Controversies* (Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1982), pp. 285-86.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

pelos semitas primitivos, com relação à natureza de um Deus governando uma pequena tribo no que era visto como sendo o único mundo criado – uma concepção por muito tempo aceita com base em sua autoridade – se tornou inconcebível, incrível e é francamente rejeitada na presença das infinitudes do espaço agora conhecidas a nós. Nossa concepção cristã de Deus, adotada a partir da tradição judaica, era de fato pequena e infantil; e não corrobora com [o conceito de] expansão indefinida. Ela foi esticada e esticada, até estourar como uma bolha e desaparecer.²⁰⁹

A maior parte dos jovens instruídos estavam, imagino eu, nesse mesmo estágio de pensamento em novembro de 1859. Éramos, como disse, evolucionistas no coração. Começamos a perceber a extensão imensa do Universo Sideral. Era incomparavelmente maior para nós do que o era para o escritor do primeiro capítulo de Gênesis, que adicionou incidentalmente que Deus “fez as estrelas também”. Lyell e outros também nos tornaram familiares com a idade da terra, sua formação lenta e gradual e a longa sucessão de formas de vida nela.²¹⁰

A imensidão do universo não mais fazia estes evolucionistas ficarem impressionados com a majestade do Deus criador. Em vez disso, eles interpretaram o tamanho do universo em termos dos processos supostamente impessoais e sem sentido do tempo imenso e incriado. Deus foi expulso do seu universo mental. O resultado foi previsível: o eventual declínio da ortodoxia bíblica.

O Delírio de Scofield

Você talvez imaginaria que, em 1900, todo acadêmico cristão ortodoxo teria reconhecido a ligação estreita entre a linha do tempo defendida pelos evolucionistas e sua rejeição da verdade bíblica. Você estaria errado. Praticamente nenhum teólogo proeminente em qualquer ala ortodoxa se posicionou de forma veemente em defesa da cronologia

²⁰⁹ James Maurice Wilson, “*The Religious Effect of the Idea of Evolution*”, in *Evolution in the Light of Modern Knowledge: A Collective Work* (London: Blackie & Son, 1925), pg. 486.

²¹⁰ *Ibid.*, pg. 488.

do Bispo Ussher²¹¹ ou de qualquer coisa que se remotamente assemelhasse a isso.

No meio dessa terra de ninguém, chegou o advogado C. I. Scofield e suas notas de referência em 1909. Iniciando suas notas em Gênesis 1:1, ele renunciou ao argumento bíblico para o criacionismo. Na nota 2, ele escreveu: “O primeiro ato da criação refere-se ao passado não-datável, e abrange todas as eras geológicas.” Isso é exatamente o que os defensores sitiados da Bíblia estavam sustentando por mais de um século, e cada geração os viu serem empurrados em direção a um deserto de concessões cada vez maiores.

Ele adotou a famigerada “teoria do intervalo” da criação. Entre Gênesis 1:1 e 1:2, haveria um intervalo de período indeterminado – um intervalo longo o bastante para permitir com que cristãos o preenchessem com as últimas teorias da linha do tempo geológica. Isso supostamente livraria os acadêmicos cristãos da necessidade de lidar com a cronologia bíblica anterior a Adão. No entanto, o que tal estratégia não poderia fazer era remover o estigma do relato bíblico da criação, que situa a formação do sol, da lua e das estrelas *após* a criação da terra (Gn. 1:14-15). Essa passagem problemática foi o que levou o Rev. Wilson a falar com sarcasmo com relação à imensidão do universo, “Era incomparavelmente maior para nós do que o era para o escritor do primeiro capítulo de Gênesis, que adicionou incidentalmente que Deus ‘fez as estrelas também’.”

Quem inventaria a teoria do intervalo se as teorias uniformitaristas da coluna teológica nunca tivessem sido elaboradas ou se o darwinismo nunca tivesse surgido? Ninguém. É obviamente uma tentativa frouxa e malfeita de fugir de um problema, *os fósseis*, sem resolver o problema exegético realmente difícil para qualquer um que aceitou a linha do tempo geológica do uniformitarismo: *a idade da terra em relação à idade do sol*.

Henry M. Morris chamou a atenção para o mal causado pelas notas de Scofield sobre a criação causaram:

²¹¹ Bispo anglicano do séc. XVII, conhecido por elaborar uma cronologia da história mundial, com base nos relatos bíblicos. [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Apesar de o antievolucionismo ser forte entre os fundamentalistas, quase nenhum de seus líderes questionaram o uniformitarismo de Lyell e o sistema de eras geológicas. A Bíblia de Referência Scofield, originalmente publicada em 1909, verdadeiramente incorporou ambas as teorias em suas notas, enquanto, ao mesmo tempo, ignorava a questão criticamente importante da universalidade do Dilúvio, e teve um tremendo impacto nos fundamentalistas em muitas denominações.²¹²

Scofield vive!

Na *Nova Bíblia de Referência Scofield* (1967), os editores mantiveram todas as piores características das notas de Scofield sobre a criação. A nota 4 mantém ao menos parte da nota 2 da edição original, “O primeiro ato da criação refere-se ao passado não-datável”. Ela omite as palavras “e abrange todas as eras geológicas”. Isso não indica qualquer mudança de opinião por parte dos editores; ela apenas encobre uma das concessões mais descaradas à geologia uniformitarista. Na nota 2, eles insistem: “A Escritura não nos dá informações para determinarmos há quanto tempo o universo foi criado”. Ela direciona o leitor a uma nota para Gênesis 5:3: “A Escritura não revela a data exata da criação de Adão.” Ela, então, direciona o leitor a uma nota para Gênesis 11:10: “A Escritura não nos fornece informações pelas quais a data do dilúvio poderia ser descoberta.”

Aqui está o jogo que todos que fazem concessões na cronologia jogam. Primeiro, eles nos dizem que as Escrituras não nos podem dar a data *exata* da criação, de Adão, ou do dilúvio. Segundo, eles agem com passividade enquanto o evolucionismo passa um caminhão cronológico em cima desse intervalo que abarca uma escala de tempo cósmica de 15 *bilhões de anos*, com uma margem de erro de 5 bilhões de anos para mais ou para menos. Na realidade, os que fazem essas concessões deliberadamente inventaram essa tática de “exatidão bíblica insuficiente” para permitir com que os evolucionistas passem o seu caminhão por cima da Igreja. Eles são como crianças brincando no meio de uma rodovia, com caminhões passando em alta velocidade, enquanto gritam: “Vocês não vão pegar a gente!” Essa

²¹² Henry M. Morris, *History of Modern Creationism* (San Diego, California: Master Book Publishers, 1984), pp. 58-59.

brincadeira sempre resultará numa pilha de cadáveres – pessoais, eclesiásticos e educacionais – que estão espalhados por toda parte.

Num livro publicado em 1982 pela editora dispensacionalista Moody Press, um grupo de acadêmicos dispensacionalistas prestou homenagem a John Walvoord, o presidente de longa data do Seminário Teológico de Dallas. Frederick R. Howe contribuiu com um ensaio: “Criação e Evolução: O Confronto Contínuo” Ele listou quatro características do relato bíblico da criação: (1) criação por um Deus triuno soberano; (2) criação por vontade divina; (3) criação com limites (p. ex., o conceito de *espécie*); (4) a obra concluída da criação, i.e., criação sendo distinguida de providência.²¹³

Até aí tudo bem, mas ainda falta alguma coisa. O buraco (talvez do tamanho do tal “intervalo”) nessa lista é a doutrina do criacionismo de seis dias. Os líderes intelectuais do movimento dispensacionalista continuam a prestar a homenagem máxima ao seu maior disseminador americano, o advogado Scofield, que ingenuamente vendeu o movimento aos evolucionistas em 1909.

Deveríamos ficar surpresos ao saber que a Moody Press se recusou a publicar *The Genesis Flood* [O Dilúvio de Gênesis] (1961), de Morris e Whitcomb, pelo fato de insistir em um esquema de criação em seis dias literais? Deveríamos ficar surpresos que o Seminário Teológico de Dallas nunca ofereceu um curso defendendo a criação em seis dias literais? Professores de seminário ficam constrangidos com Gênesis 1. Nenhum deles construiu um currículo em torno dessa doutrina crucial. Dallas não é pior que os outros, mas também não é melhor. Seus patrocinadores deveriam exigir algo muito melhor deles. Mas eles têm medo de insistir que o criacionismo seja defendido. Os leigos ainda permanecem em silêncio, e continuam a enviar seus cheques. A situação tem perdurado por mais de meio século.

O coautor de *The Genesis Flood*, John Whitcomb, lecionou por décadas no Seminário Teológico Grace, que mantinha uma defesa da criação em seis dias. Em 1990, Whitcomb foi demitido, três meses antes de sua

²¹³ Donald K. Campbell (ed.), *Walvoord: A Tribute* (Chicago: Moody Press, 1982), pp. 146-47.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

aposentadoria. Ele frequentemente reclamava daquilo que considerava desvio teológico no seminário.

Henry Morris é um fundamentalista e um dispensacionalista. Por toda sua vida, ele travou uma batalha em defesa do criacionismo de seis dias, e ainda não conseguiu converter um único seminário. Contudo, ele é a “peça fora do lugar” no dispensacionalismo moderno. Scofield definiu o padrão dispensacionalista de concessões em 1909, e a imensa maioria dos seus seguidores academicamente certificados não se afastaram da tradição recebida. A rendição continua.

O Triunfo do Darwinismo

No século XIX, apenas um teólogo de seminário, conservador e proeminente se opôs publicamente ao darwinismo: Charles Hodge. Ele escreveu *What is Darwinism?* [O Que é Darwinismo?] em 1874 e concluiu que darwinismo é ateísmo. No tempo em que ele escreveu o seu pequeno livro, o pensamento darwinista já havia começado a capturar as faculdades, departamentos acadêmicos e intelectuais da época. Por volta de 1900, o triunfo do darwinismo já estava institucionalmente concluído.

Entrementes, os cristãos não tiveram parte no debate. O debate terminou por ocorrer entre duas formas de darwinismo: o Darwinismo Social e o Darwinismo Estatal. Darwinistas sociais argumentavam que a competição no livre-mercado era análoga à competição na natureza. Portanto, deveríamos permitir que essa competição seguisse seu curso natural, produzindo empresas privadas cada vez mais fortes. Os darwinistas estatais mudaram o foco do debate da natureza sem planos para o homem planejador. Os homens – nesse caso, os cientistas de elite – agora conhecem os segredos da evolução. Eles podem usar esse conhecimento para projetar e direcionar cientificamente o próximo estágio do processo evolucionário. Os políticos executariam, então, tais planos. Essa visão do darwinismo se tornou dominante por volta do início do século XX.²¹⁴

²¹⁴ Gary North, *The Dominion Covenant: Genesis* (2nd ed.; Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1987), Appendix A: “From Cosmic Purposelessness to Humanistic Sovereignty.”

O darwinismo não estava confinado aos departamentos de geologia, biologia e paleontologia. Ele se espalhou a partir destes campos nas ciências naturais em direção às ciências sociais e às artes. Acima de tudo, ele se espalhou ao campo do direito. Em 1881, Oliver Wendell Holmes, Jr. fez a cosmovisão evolucionária a base de seu livro, *The Common Law* [A Lei Comum]. Mais tarde, ele se tornaria um juiz da Suprema Corte dos EUA.

A partir de 1961, uns poucos acadêmicos cristãos começaram a defender a criação em seis dias no campo das ciências naturais. O problema é que o dispensacionalismo não possui uma doutrina da lei bíblica. Assim, não há tentativa por parte desses criacionistas de seis dias que adotam o dispensacionalismo em estender sua visão das origens para as ciências sociais e as artes. Três décadas após *The Genesis Flood*, ainda não há uma única obra de referência de nível acadêmico que aplique o criacionismo às ciências sociais, à lei e às artes. Apenas os reconstrucionistas fazem essas aplicações, precisamente por não serem dispensacionalistas, apesar de adotarem o criacionismo de seis dias.²¹⁵

O pietismo e o isolacionismo do dispensacionalismo tradicional, que são os frutos inevitáveis da visão dispensacionalista da lei social e do futuro, paralisaram os criacionistas de seis dias que estão dentro do campo dispensacionalista. Esses estudiosos se recusaram a levar o embate entre criação e evolução para fora dos limites estreitos das ciências naturais. No entanto, foi nessas outras disciplinas acadêmicas que o darwinismo do século XIX criou uma nova visão de Deus, homem, lei e tempo, e uma nova civilização que se adequasse a essa cosmovisão darwinista. A batalha mal começou, mas os criacionistas dispensacionalistas parecem quase ignorantes da imensa extensão da tarefa que está pela frente. Por quê? Porque eles não creem que realmente haja tempo restante suficiente para a Igreja concluir essa tarefa.

Conclusão

O fracasso da imensa maioria dos teólogos dispensacionalistas em defender uma criação em seis dias literais é apenas uma parte de sua

²¹⁵ Gary North, *Is the World Running Down? Crisis in the Christian Worldview* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1988).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

paralisia intelectual. Enquanto isso, o fracasso dos poucos criacionistas de seis dias dentro do dispensacionalismo em estender suas doutrinas da criação por decreto de Deus para as ciências sociais e as artes constitui outro aspecto dessa paralisia.

Os darwinistas sabiam o que fazer com a sua alternativa científica à visão do cristianismo de Deus, homem, lei e tempo. Dentro de uma geração após a publicação de *A Origem das Espécies*, eles foram completamente vitoriosos no mundo acadêmico e intelectual. Em contraste, dentro de uma geração da publicação de *The Genesis Flood*, nenhum estudioso dispensacionalista produziu um livro em seu próprio campo acadêmico sobre a aplicação do criacionismo de seis dias, exceto nas ciências naturais (não posso ser injusto: criacionistas de seis dias adeptos do amilenismo também têm estado igualmente silenciosos nas ciências sociais e nas artes).

A paralisia do dispensacionalismo não foi completamente mitigada, nem mesmo pelos seus representantes acadêmicos mais corajosos. Ideias têm consequências. A ideia de um arrebatamento iminente, a ideia da derrota cultural inevitável da Igreja, e a ideia de que a lei revelada de Deus está anulada durante a presente dispensação são más ideias, e produziram maus resultados.

Para reconstruir a teologia, precisamos começar com a doutrina da criação em seis dias. Ela aponta para a absoluta soberania de Deus e a absoluta distinção entre Criador e criatura. Deus trouxe o mundo à existência através de Suas palavras, e Ele o sujeitou à Sua lei. Ao homem foi dado o pacto de domínio: servir como o representante de Deus na história. A maldição é removida progressivamente de sobre a terra na história através do poder da ressurreição: a doutrina bíblica da santificação corporativa.

10

DISPENSACIONALISMO VS. SANTIFICAÇÃO

Pois qual é o proveito, meus irmãos, se um homem disser que tem fé, e não tiver as obras? Poderá a fé salvá-lo? Se uma irmã ou um irmão estiverem nus, carentes do alimento diário, e algum de vós lhe disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, qual será o proveito? Assim é a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma. Porquanto o homem pode dizer: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Tu crês que há um só Deus; fazes bem; os demônios também creem, e tremem. (Tg. 2:14-19)

John MacArthur Jr. é uma das figuras mais proeminentes no mundo dispensacionalista. Ele possui uma igreja grande no sul da Califórnia. O seu pai a fundou, mas ele a expandiu. Ele é um pregador famoso. Ele também é um escritor. Quando ele fala, muitos ouvem. Quando ele escreve, muitos leem.

Seu livro, *O Evangelho segundo Jesus* (Editora Fiel, 1999) foi um dos livros cristãos de capa dura mais vendidos em 1988. Ele apresentava uma defesa para o conceito de Salvação pelo Senhorio: a necessidade de aceitar publicamente Jesus como Senhor e então obedecê-Lo, em vez de fazer uma profissão verbal de fé uma vez na vida, e seguir na prática na libertinagem. O livro gerou comoção pública imediata. Aqui tínhamos um autor dispensacionalista que escolheu J. I. Packer, teólogo calvinista e professor neopuritano, para escrever o primeiro prefácio de seu livro, e James Montgomery Boice, teólogo calvinista e pastor presbiteriano, para escrever o segundo. Mas o que é mais surpreendente é que ambos consentiram em fazê-lo.

Algo bem peculiar estava acontecendo.

A Questão é de Obediência: Santificação

Boice escreve:

... em *O Evangelho Segundo Jesus*, MacArthur não trata de assunto ou assuntos externos à fé, mas da questão central de tudo, ou seja, o que significa ser um cristão? As suas respostas focalizam o que eu considero ser a maior fraqueza do cristianismo evangélico contemporâneo.

Eu disse fraqueza? É mais do que isso. Trata-se de um erro trágico. Trata-se da ideia – de onde mesmo que ela veio? – de que alguém pode ser um cristão sem ser um seguidor do Senhor Jesus Cristo. Reduz o evangelho ao mero fato de Cristo ter morrido pelos pecadores, e requer dos pecadores apenas um simples consentimento intelectual deste fato; e, em seguida, lhes oferece uma garantia de segurança eterna, quando, na verdade, é bem possível que não tenham nascido de novo. Esse tipo de visão distorce a fé, torando-a irreconhecível – ao menos para os que sabem o que a Bíblia diz sobre a fé – e promete uma falsa paz a milhares de pessoas que têm dado um consentimento verbal a esse cristianismo reducionista, mas que realmente não fazem parte da família de Deus.²¹⁶

Boice, então, segue citando Mateus 10:22, o versículo que defende a doutrina calvinista tradicional da perseverança dos santos: “E sereis odiados de todos os homens por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até o fim será salvo.” Então cita Lucas 6:46: “E por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis as coisas que eu digo?” Então cita Lucas 9:23: “E dizia a todos eles: Se algum homem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e diariamente tome a sua cruz, e siga-me.” E, por fim, cita Hebreus 12:14: “Segui a paz com todos os homens, e a santidade, sem a qual nenhum homem verá o Senhor.”

Você está dizendo que a Bíblia ensina que sem *santidade* – separação ética – a confissão verbal de fé em Cristo de um cristão professo não tem valor algum? E pior ainda: essa profissão verbal de fé, na realidade, testi-

²¹⁶ John MacArthur Jr., *O Evangelho Segundo Jesus* (Editora Fiel, 1999), pp. 7-8

FEBRE DE ARREBATAMENTO

ficará contra ele eternamente no lago de fogo? Você está dizendo, assim como John MacArthur diz, que

A verdadeira salvação não é somente justificação. Ela não pode estar separada da regeneração, da santificação e da glorificação final. A salvação é tanto um processo em andamento quanto é um fato passado. É a operação de Deus, através da qual somos feitos “conformes a imagem de seu Filho” (Rm. 8:29; Rm. 13:11). A segurança genuína advém da percepção da obra transformadora do Espírito Santo na vida de uma pessoa, e não do apego à memória de alguma experiência.²¹⁷

Nossa! Dizer que esse livro gerou grande consternação em meio aos que defendem que “é só confessar Jesus como Salvador, mas não necessariamente como Senhor, e você estará salvo eternamente” é amenizar a situação. O Dr. MacArthur fez mais do que apenas lançar um torpedo em direção ao costado do bom e velho navio *Antinomianismo*; ele, na realidade, detonou uma bomba no interior dos seus baluartes.

Qual era o Alvo do seu Ataque?

Seu alvo era a teologia (soteriologia) de C. I. Scofield, Lewis Sperry Chafer, Charles C. Ryrie, Zane C. Hodges, e do ‘Coronel’ R. B. Thieme, cujas obras MacArthur cita escrupulosamente, e refuta minuciosamente. É um ataque em larga escala contra os alicerces teológicos do Seminário Dallas, da *Moody Monthly*²¹⁸ e de quase todas as igrejas bíblicas independentes e faculdades bíblicas no país.

Que escritos ele usou para refutar a ética do dispensacionalismo? Os dos calvinistas presbiterianos Benjamin B. Warfield, Geerhardus Vos, e J. Gresham Machen; do calvinista batista Arthur Pink, dos Puritanos e do calvinista carismático Martyn Lloyd-Jones. Ah sim, e de Ken Gentry, cujos livros sobre a datação do Livro de Apocalipse anterior a 70 d.C. foram publicados no ano seguinte, 1989.

²¹⁷ Ibid., pg. 25

²¹⁸ Revista publicada no passado pelo *Moody Bible Institute*, faculdade bíblica americana de orientação dispensacionalista [N. T.]

Algo *muito* peculiar estava acontecendo aqui.

Ele inicia anunciando claramente que “a salvação é pela graça de Deus, e somente pela graça. Nada há que um pecador perdido, degenerado e espiritualmente morto possa fazer para contribuir de algum modo para a salvação. A fé salvadora, o arrependimento, o compromisso e a obediência são todas operações divinas, realizadas pelo Espírito Santo no coração de todo aquele que é salvo. Jamais ensinei que algumas obras de justiça ‘pré-salvação’ sejam necessárias ou façam parte da salvação.”²¹⁹ E lá se vai o “livre-arbítrio” arminiano, e da teologia comum de 95% dos que se autodeclaram evangélicos nos dias de hoje. Mas ele não para nas doutrinas de total depravação e salvação pela graça somente. Ele imediatamente vai para a ética: a doutrina da *santificação progressiva*:

Por outro lado, estou completamente convencido de que a verdadeira salvação não pode e não irá deixar de produzir obras de justiça na vida do verdadeiro crente. Não há obras humanas no ato da salvação, mas a obra de Deus na salvação inclui uma mudança de intenção, de vontade, de desejos e de atitudes que produz inevitavelmente o fruto do Espírito. A própria essência da obra divina de salvação é a transformação da vontade, o que resulta em amor a Deus. A salvação, portanto, implanta a *raiz* que certamente irá produzir o *fruto*.²²⁰

O que também é impressionante é que esse autor dispensacionalista cita exatamente os mesmos versículos que nós calvinistas utilizamos para demonstrar que a graça de Deus inclui boas obras *predestinadas*, Efésios 2:8-10: “Pois pela graça sois salvos por meio da fé; e isso não é de vós mesmos; isso é o dom de Deus. Não de obras, para que nenhum homem se glorie. Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus estabeleceu para que andássemos nelas.” (citado na pg. 110). Fundamentalistas quase nunca citam Efésios 2:10. MacArthur o faz. Ele até mesmo direciona o leitor para Tiago 2:14-26, a principal passagem no Novo Testamento sobre fé e boas obras.

²¹⁹ Ibid., pp. 11-12

²²⁰ Ibid., pg. 12

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Então, MacArthur vai direto na jugular. Após afirmar diligentemente que “o dispensacionalismo é um sistema basicamente correto para se compreender o plano de Deus através dos séculos”²²¹, *ele então rejeita na página seguinte a tese número um do dispensacionalismo, a saber, a distinção entre as dispensações da lei e da graça.*

A divisão rígida entre o período da lei e o período da graça, especialmente, tem devastado a teologia dispensacionalista e contribuído para que haja confusão contra a doutrina da salvação. Naturalmente, há que se fazer importante distinção entre lei e graça. Todavia, está errado inferir, como aparentemente o fez Chafer, que a lei e a graça excluem-se mutuamente no plano de Deus para qualquer era.²²²

Logo depois, ele critica a dicotomia dispensacionalista tradicional entre o Sermão da Montanha (“lei apenas para Israel e o Milênio judaico-cristão”) e a Era da Igreja. Ele cita a obra de referência dispensacionalista de Clarence Larkin, escrita em 1918, *Dispensational Truth* [Verdade Dispensacional], na qual Larkin afirmou que os ensinamentos de Jesus entregues em Seu Sermão da Montanha “não têm aplicação à vida do crente, mas apenas àqueles que estão sob a lei, e, portanto, devem aplicar-se a outra dispensação e não a esta.”²²³ A essa visão, MacArthur responde:

Todavia, essa é uma pressuposição perigosa e insustentável. Jesus não veio proclamar uma mensagem que seria inválida até a Tribulação ou o Milênio. Ele veio buscar e salvar o perdido (Lc. 19:10). Ele veio chamar os pecadores ao arrependimento (Mt. 9:13). Ele veio para que o mundo fosse salvo por Ele (Jo. 3:17). Ele proclamou o evangelho da salvação, e não um mero manifesto para alguma era futura.²²⁴

²²¹ Ibid., pg. 26

²²² Ibid., pg. 27

²²³ Ibid., pg. 28

²²⁴ Ibid.

Ideias têm Consequências

MacArthur nos diz de forma franca e direta o que o antinomianismo desenfreado da teologia dispensacionalista tradicional produziu: igrejas cheias de imoralidade.

Um dos mais malignos subprodutos da decadência no evangelismo contemporâneo é o evangelho que não confronta as pessoas com a realidade do seu pecado. Até mesmo as igrejas mais conservadoras estão repletas de pessoas que, dizendo-se nascidas de novo, vivem como pagãs. Os cristãos de hoje têm sido condicionados a jamais questionarem a salvação de uma pessoa. Se alguém declara que “aceitou Jesus como Salvador”, ninguém põe à prova o seu testemunho, por mais que o estilo de vida seja inconsistente com a Palavra de Deus.²²⁵

Quem é que ensina essas doutrinas de “uma vez salvo, salvo para sempre, independente do que aconteça”? O ‘Col.’ Bob Thieme faz isso. Sim, o homem que tinha o maior ministério em fitas cassete do mundo no início dos anos 90. MacArthur cita o livro de Thieme, *Apes and Peacocks in Pursuit of Happiness* [Macacos e Pavões em Busca da Felicidade] (1973): “É possível, até mesmo provável, que quando um crente, afastado da comunhão, passe a aceitar determinadas filosofias, se ele for um pensador lógico, tornar-se-á um ‘crente incrédulo’. Mesmo assim, os crentes que se tornam agnósticos continuam salvos; continuam nascidos de novo. Você pode até mesmo tornar-se um ateísta; mas se você um dia aceitou Cristo como Salvador, você não tem como perder a salvação, ainda que negue a Deus”²²⁶ E lá se vai 1 João 2:19: “Eles saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, sem dúvida teriam continuado conosco; mas eles saíram para que se manifestasse que todos eles não eram de nós.”

Imputação e Confissão

MacArthur deu o seu melhor para refutar Lane Hodges e outros que pregam é possível ser salvo mesmo se recusando a proclamar Jesus como Senhor. Proclamar Jesus como salvador é suficiente para entrar no céu.

²²⁵ Ibid., pg. 68

²²⁶ Thieme, pg. 23, apud Ibid., pg. 112

FEBRE DE ARREBATAMENTO

MacArthur nega isso. Ele diz que é necessário aceitar Jesus como Senhor, senão os pecados destruirão a validade de qualquer confissão verbal.

Nenhum dos lados nesse debate compreende a doutrina bíblica da imputação. Deus imputa a perfeição de Cristo no momento da conversão. Isto é, Deus declara judicialmente que uma pessoa não é culpada em Seu tribunal por causa da obra consumada de Jesus Cristo em Sua morte substitutiva. O que MacArthur e seus oponentes não discutem é o conteúdo dessa imputação judicial. Ela é total e completa. Ou seja, a total perfeição do ministério de Cristo se torna a herança do crente redimido. *Isso significa que a confissão pública de Cristo de Sua própria obra é imputada ao crente.* Cristo é um representante legal, assim como Adão o foi. Sua confissão perfeita se torna a confissão de cada crente diante de Deus. Não importa se o crente o confessara imperfeitamente na história. Mesmo que ele não reconheça em vida que Jesus é o seu Soberano Senhor, a Salvação pelo Senhorio é inescapável judicialmente. *Jesus Cristo faz a confissão do pecador por ele.* Esse é um aspecto ignorado da doutrina bíblica da representação, mais comumente chamada de expiação substitutiva.

A santificação definitiva – a perfeição moral de Cristo – a qual o crente recebe através da imputação no momento de sua conversão não pode permanecer inerte. A história é inescapável. Avançamos da infância espiritual em direção à maturidade espiritual. Devemos operar a salvação que Deus estendeu para nós. A santificação progressiva culmina na santificação final no dia do juízo final. Então, à medida que cristãos amadurecem, suas confissões devem se tornar cada vez mais precisas, e o seu comportamento deve refletir cada vez mais essas confissões de fé aprimoradas. Logo, Hodges está correto: não é necessário confessar Jesus como Senhor para ser salvo. Logo, MacArthur está correto: se não há evidência de santificação progressiva na vida de um membro confesso de uma igreja, ele não está salvo, i.e., ele não recebeu a santificação definitiva. “Uma vez salvo, salvo para sempre” é verdade; mas não significa dizer que “uma vez confesso, salvo para sempre” seja verdade. A perseverança dos santos é uma realidade; a evidência de que alguns homens não são santos é que eles recusam a manter ou a confissão ou o estilo de vida que a Bíblia ordena àqueles que confessam Cristo como salvador:

Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis; nem os fornicadores, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os abusadores de si mesmos com os do sexo masculino, nem os ladrões, nem os cobiçosos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os extorquidores, herdarão o reino de Deus. (1 Co. 6:9-10)

Conclusão

Os dispensacionalistas agora enfrentam um problema grave: um no seu próprio meio rompeu publicamente com o antinomianismo do dispensacionalismo. Cristãos adquiriam em torno de 100.000 cópias do seu livro – um número enorme. Apesar de ele não ter mostrado exatamente como que a sua visão da lei pode ser integrada com o dispensacionalismo, ele, todavia, revelou o poder da lei de Deus para os círculos dispensacionalistas. Mais uma vez, vemos que o sistema dispensacionalista está desmoronando, e são exatamente os autores dispensacionalistas que estão fazendo esse trabalho de desconstrução. Eles estão revisando o sistema até a morte. Isso está produzindo outra camada de paralisia.

Para escapar da paralisia ética do dispensacionalismo, MacArthur adotou uma visão da lei e da salvação que os calvinistas J. I. Packer e James Boice puderam endossar entusiasticamente. Mais uma vez, para se tornar relevante, um dispensacionalista teve de buscar apoio teológico fora do campo dispensacionalista. Este é o destino de qualquer movimento que se recusa a abordar publicamente as questões éticas do presente.

ESQUIZOFRENIA TEOLÓGICA

[Escrevi o texto a seguir em 1981 para alertar meus assinantes sobre uma mudança de posição relevante em meio ao fundamentalismo. É válido incluí-lo como uma fonte primária das circunstâncias à época de sua composição.]

No último verão, tive a oportunidade de discursar na *National Affairs Briefing Conference* [Conferência de Atualização sobre Assuntos Nacionais], patrocinada pela *Religious Roundtable*, e realizada em Dallas. Mais de 15.000 pessoas participaram da última noite do evento, na qual tiveram a oportunidade de ouvir James Robison, o evangelista de Fort Worth (e, na minha opinião, o mais eficaz pregador de multidões no mundo anglófono), e R. W. Reagan, um candidato político. (Sim, eu sei. O seu nome é Ronald Wilson Reagan. Cada nome contém seis letras. Os três nomes formam 666. E todos nós sabemos o que 666 significa! Ou será que não?)

A conferência trouxe muitos dos principais evangelistas protestantes ao palco, junto com militares protestantes aposentados e líderes políticos cristãos, para falar a milhares de leigos e ministros protestantes (em sua maioria). A mensagem foi clara e direta: é responsabilidade do cristão, votar, votarem termos de princípios bíblicos, e convencer outros cristãos a votarem. Não pode existir um sistema legal que, em última instância, não seja um sistema de moralidade, os palestrantes repetiram insistentemente. Além disso, cada sistema de moralidade é, no fundo, um sistema de religião. Tais sistemas dizem “não” a algumas ações, enquanto permitem outras, e possuem um conceito de certo e errado. Portanto, todos concluíram, é adequado a um cristão se envolver em política. É o nosso direito legal e o nosso dever moral, ou seja, religioso.

Você talvez imaginaria que isso seria um pensamento convencional o bastante, mas, na realidade, não é o caso em meio ao cristianismo do século XX. O pensamento cristão se tornou tão completamente secularizado ao ponto de que a maioria dos cristãos nos Estados Unidos ainda creem que existe neutralidade no universo, alguma espécie de “terra de ninguém”

cultural e social entre Deus e Satanás, e que as várias estruturas legais desse mundo de discurso neutro são todas aceitáveis diante de Deus. Todas, exceto uma, é claro: a lei do Antigo Testamento. Isso é impensável, de acordo com o cristão moderno. Deus aceitará qualquer aparato legal, exceto a lei do Antigo Testamento. Aparentemente, Ele se cansou dela 2.000 anos atrás.

Então, quando o público ouviu o que os pregadores e os líderes da mídia eletrônica falaram, eles devem ter vaiado, ou resmungado, ou dado meia volta e saído, certo? Afinal de contas, tais homens estavam abandonando as premissas políticas e intelectuais de três gerações de pietismo protestante, bem diante dos olhos dos fiéis. Então, o que eles fizeram? Eles aplaudiram. Eles gritaram “Amém!” Eles ficaram de pé e ovacionaram os palestrantes.

Esses homens são mestres na oratória. Eles são capazes de comover uma multidão de leigos fiéis. Eles são capazes até mesmo de comover até uma multidão de pregadores. Será que foi simplesmente uma técnica de discurso que estimulou tal resposta por parte dos fiéis? Será que os ouvintes simplesmente não entenderam o que estava sendo dito? A magnitude da resposta, após três dias de palestras, indica que os ouvintes gostaram do que estavam ouvindo. O público estava ficando cada vez maior. Os aplausos estavam ficando cada vez mais altos. Os participantes continuaram enchendo suas mãos de material ativista. O que estava acontecendo?

[Nota de 1993: uma mudança de paradigma estava em progresso. Ela ainda está acontecendo. Sempre que ela se estende aos círculos dispensacionistas, a febre de arrebatamento começa a baixar.]

Vitória

Eles estavam, pela primeira vez na vida, sentindo cheio de sangue político. Para um povo que não sentia cheiro de nada por toda sua vida, a não ser de esterco político, era uma sensação revigorante. Talvez algum deles pensava que tinha sentido o cheiro de algo doce lá em 1976, mas agora estavam sentindo cheiro de sangue, não o da vitória de um candidato seguro e “nascido de novo”, como Jimmy Carter havia convencido os cristãos que era. Eles sentiram um cheiro de uma vitória do tipo “vamos botar esses canalhas para correr”, e eles amaram isso. Apenas Reagan

FEBRE DE ARREBATAMENTO

apareceu. Carter e Anderson²²⁷ entenderam que os fundamentalistas não seriam tão receptivos assim para eles. E como estavam certos!

Mas não era simplesmente política o que motivava os ouvintes. Era tudo. Lá estavam os líderes religiosos fundamentalistas da nação, com a notável exceção do declinante Billy Graham, dizendo à multidão que a eleição de 1980 era apenas o começo, que os princípios da Bíblia poderiam se tornar a lei da terra, que os humanistas seculares que dominaram a vida política americana pelo último século poderiam ser mandados embora e substituídos por homens tementes a Deus. Cada área da vida estava aberta à vitória cristã: educação, família, economia, política, forças de segurança, e por aí vai. Palestrante após palestrante anunciaram seus objetivos ao público. O público foi à loucura.

Lá estava algo espantoso de se ver: milhares de cristãos, incluindo pastores, que creram por todas as suas vidas no retorno iminente de Cristo, na ascensão das forças de Satanás e no inevitável fracasso da igreja em converter o mundo, agora estavam de pé para aplaudir outros pastores, que também creram nessa doutrina de derrota terrena por todas as suas vidas, mas que agora estavam proclamando a vitória na história e na terra. Nunca antes testemunhei pessoalmente tamanha esquizofrenia entusiástica em minha vida. Milhares de pessoas estavam vibrando com todas as suas forças – e assim espantando o pessimismo teológico que abraçaram por toda a vida.

Será que eles entenderam o que estavam fazendo? Como se poderia ter certeza disso? Mas algo estava bem claro: o termo “arrebatamento” não foi proeminente na Conferência de Atualização sobre Assuntos Nacionais de 1980. Quase ninguém estava falando do retorno iminente de Cristo. A única exceção visível era Bailey Smith, Presidente da Convenção Batista do Sul, que mais tarde disse a repórteres que ele, na realidade, não era favorável ao teor político do evento, e que ele viera discursar apenas por que alguns de seus amigos no movimento evangélico pediram para ele (a propósito, foi Smith que falou a frequentemente citada declaração de que

²²⁷ Referindo-se a John B. Anderson (1922-2017), político republicano que concorreu à presidência em 1980 de forma independente contra Reagan e Carter. [N. T.]

“Deus não ouve a oração de um judeu.” Ironicamente, a Maioria Moral²²⁸ foi atacada pela imprensa secular devido a essa declaração, quando o homem que a fizera já havia se dissociado publicamente da Maioria Moral. Desde então, ele se retratou pela declaração, mas ele certamente a fizera com entusiasmo. Eu estava sentado no palco atrás dele quando ele disse essas palavras. Não é o tipo de declaração que seria feita por um homem sensato sem incluir muitas ressalvas e explicações de ordem teológica.)

Ao verificar com outra pessoa que participara de uma conferência similar na Califórnia poucas semanas atrás, ouvi que o mesmo desprezo pela doutrina do Arrebatamento fora perceptível. Repentinamente, a palavra desapareceu do vocabulário de líderes fundamentalistas com objetivos políticos. Talvez eles ainda a usem em seus púlpitos, mas, nos círculos de ativismo político, raramente se ouve o termo. Há mais pessoas falando da soberania de Deus do que sobre o Arrebatamento. Isso é extremamente significativo.

Como você pode motivar pessoas para que saiam e trabalhem em prol de uma causa política, se você também disser a elas que não serão bem-sucedidas em seus esforços? Como você pode esperar vencer se você não espera vencer? Como você pode fazer candidatos alinhados com seus ideais serem eleitos se você disser aos eleitores que os seus votos não podem possivelmente reverter a decadência da sociedade em direção ao reino de Satanás? Que movimento político bem-sucedido já se baseou em expectativas de derrota externa inevitável?

A Maioria Moral está sentindo a sua força política. Essas pessoas sentiram o cheiro do sangue da oposição política. Quem é que ousará se levantar e dizer a essas pessoas o seguinte: “Senhoras e senhores, toda essa conversa sobre vencer os males políticos, morais, econômicos e social de nossa nação não passa de balela. A Bíblia nos diz que tudo ficará cada vez pior, até que Cristo venha arrebatá-la para longe desse mundo miserável. Nada do que fizermos mudará o curso desse mundo, todo esse entusiasmo de vocês é perda de tempo. Todos os seus esforços são inúteis.

²²⁸ Organização política americana fundada pelo pastor batista Jerry Falwell Sr., que fora instrumental para a formação da Nova Direita Cristã nos EUA. De forma mais geral, o termo também passou a designar evangélicos americanos que visam promover ideais cristãos por meio da ação política. [N. T.]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Todo o dinheiro e tempo que vocês dedicarem a essa causa terrena irá por água abaixo. Você não pode usar princípios bíblicos – um código para a lei do Antigo Testamento – para reconstruir a sociedade. A vitória não é para a era da igreja. No entanto, vão para fora e trabalhem que nem condenados em prol dessa causa. É o seu dever moral.” Esse não é um discurso muito inspirador, né? Não é o tipo de coisa que alguém que almeja uma vitória política, você talvez diria. E você estaria bem correto!

Você arriscaria tentar fazer seus ouvintes te darem dinheiro para batalhar contra as forças do mal social usando uma variação do ‘sermão’ anterior? Os fundamentalistas da Maioria Moral têm sentido o cheiro do sangue da oposição desde 1978, e o odor apetitoso sobrepujou a sua teologia oficial. Então, eles pararam de falar sobre o Arrebatamento.

Mas essa esquizofrenia não pode continuar para sempre. No interim entre as eleições, o entusiasmo pode minguar. Ou os líderes políticos “cristãos” podem acabar nomeando os mesmos velhos rostos de sempre para as posições de autoridade (estou sendo irônico ao dizer que apenas “podem”; os flautistas do mundo da política não nomeiam ninguém além de humanistas seculares. Sempre é assim. Será necessária uma verdadeira revolta social e política para inverter essa lei da vida política. Ela está se aproximando.) De qualquer forma, o povo nos bancos de igreja ficará convencido a parar de mandar dinheiro a qualquer um que lhes ofereça falsas esperanças. Assim, os pregadores fundamentalistas da Maioria Moral acabam num impasse. Se pregarem a vitória, os pessimistas da velha guarda pararão de mandar seus cheques. E se eles começarem a pregar o bom e velho derrotismo terreno dispensacionalista e pré-milenista, seus públicos recém-motivados podem abandoná-los para seguir pastores mais otimistas, com uma visão de sucesso.

O que alguém deveria fazer numa situação como essa? A resposta: usar discursos diferentes para públicos diferentes. Por um tempo, essa tática pode até funcionar. Mas até quando?

Uma Divisão Inescapável²²⁹

Mais cedo ou mais tarde, a lógica da teologia de uma pessoa começa a afetar suas ações e seus comprometimentos de longo prazo. Veremos algumas mudanças importantes na teologia nesta década de 1980. Descobriremos se os fundamentalistas estão comprometidos com o dispensacionalismo pré-milenista – pré-, meso ou pós-tribulacionista – ou se eles estão comprometidos com a ideia de reconstrução cristã. Eles começarão a se dividir em alas separadas. Alguns irão se agarrar ao scofieldismo tradicional. Eles entrarão nas arenas políticas apenas quando puderem suprimir ou ignorar as implicações de sua fé. É improvável que alguém seja capaz de permanecer na linha de frente da batalha política quando crê que os efeitos dos seus sacrifícios no longo prazo resultarão em nada, a não ser no fracasso visível. Outros irão descartar a escatologia dispensacionalista completamente e se voltar a uma perspectiva que lhes ofereça esperança, no tempo e na terra. Eles serão motivados pelas implicações do seu comprometimento de natureza religiosa aos conflitos de nossos dias a abandonar o seu pré-milenismo tradicional. Pietismo pessimista e reconstrucionismo otimista não se misturam.

Isso não significa que pré-milenistas consistentes nunca poderão se comprometer a um combate político de longo prazo, mas sim que a *maioria* dos pré-milenistas não o fizeram no passado, e é bem improvável que o façam no futuro. Se o fizerem, a liderança ainda virá de outras fontes, teologicamente falando.

Três ideias básicas são cruciais para o sucesso de qualquer movimento religioso, social, intelectual e político. Primeiro, a doutrina da predestinação. Segundo, a doutrina da lei. Terceiro, a doutrina da vitória inevitável. A fusão dessas três ideias levou às vitórias do marxismo desde 1948. Os comunistas creem que as forças históricas estão do seu lado, que o marxismo-leninismo lhes concede acesso às leis de mudança histórica, e que o seu movimento terá sucesso. O islã possui uma fé similar. No início da idade moderna, calvinistas e puritanos no ocidente cristão mantinham tal fé. Filosofias sociais ou religiosas que carecem de um destes elementos raramente são capazes de competir com sistemas que possuem todos os três.

²²⁹ Alterei esse subtítulo em 1993. Original: Esquizofrenia Teológica.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Em grande parte, os sucessos culturais da ciência secular moderna foram baseados numa fusão desses três elementos: determinismo científico (material), o conhecimento das leis naturais pelos cientistas, e o progresso inevitável do saber científico. Como a fé em todos os três princípios declinou, o atrativo religioso da ciência também se apagou, especialmente desde 1965, aproximadamente, quando a contracultura começou a desafiar todas essas três suposições.

O fundamentalismo moderno há muito abandonou todos os três. Os fundamentalistas estão divididos no que tange à questão da predestinação, mas a maioria está comprometida com visões arminianas de Deus, do homem e da lei. Eles creem na autonomia limitada do homem, ou “livre-arbítrio”. Além disso, eles rejeitaram a lei bíblica como diretriz para a ordem social. Eles argumentam que não há nenhuma lei-ordem explicitamente cristã na era da igreja, desde o dia de Pentecostes até o Arrebatamento dos santos aos céus. Por fim, eles estão comprometidos com um pessimismo escatológico concernente aos esforços da igreja, no tempo e na terra. Sem uma doutrina da soberania abrangente de Deus, nem uma doutrina de uma estrutura legal unicamente bíblica que possa reconstruir as instituições da sociedade, e sem uma doutrina de vitória escatológica, no tempo e na terra, os fundamentalistas se tornaram incapazes de exercer liderança eficaz.

Os prospectos de ação política eficaz começaram a abalar a fé prática dos fundamentalistas modernos – não a sua fé oficial, mas a sua visão prática de mundo e de vida. Essa mudança de fé irá pressioná-los progressivamente a repensarem suas crenças teológicas tradicionais. Os líderes da Maioria Moral ficarão sob uma pressão cada vez maior, tanto interna quanto externa, para lidar com os conflitos entre sua teologia oficial e sua teologia prática.

É improvável que muitos dos líderes anunciarão, da noite para o dia, uma conversão repentina à tão temida fé calvinista. É improvável que eles explicitarão a natureza de suas visões de mundo e de vida recentemente reconsideradas. Mas os mais jovens começarão a se tornar mais consistentes com suas pressuposições teológicas, e aqueles que adotarem as três perspectivas cruciais – predestinação, lei bíblica e otimismo escatológico – começarão a dominar o movimento da Maioria Moral. Levará tempo, e

líderes mais velhos e menos consistentes precisarão de morrer primeiro, mas a mudança na perspectiva é previsível. Será muito difícil esquecer o gosto da vitória.

* * * * *

Esse boletim foi publicado com o título “*The Eschatological Crisis of the Moral Majority*” [A Crise Escatológica da Maioria Moral] em *Christian Reconstruction* [Reconstrução Cristã] (jan./fev. de 1981).

Dentro de um ano após a Conferência, James Robison abandonou o mundo batista e adotou uma forma de teologia carismática radicalmente pietista. Ele publicamente conclamou pelo abandono de toda a retórica confrontacional entre cristãos e começou a falar sobre a necessidade de unidade na Igreja – sem nenhuma menção a teologia.

Em 1989, Jerry Falwell dissolveu a Maioria Moral, após a organização ter movimentado por volta de 60 milhões de dólares em sua existência. Falwell, com a dívida de 90 milhões de dólares do seu ministério, voltou ao tema do arrebatamento no final de 1992 (ver Capítulo 13).

Em 1992, a Coalizão Cristã de Pat Robertson se tornou uma força em ascensão na política local nos Estados Unidos, despertando a ira dos humanistas, que esbravejaram contra a “política dissimulada” de candidatos cristãos. Robertson, que é ativista, assim como Beverly LaHaye, não se delonga no assunto do Arrebatamento. Ele ocasionalmente o menciona, mas apenas ocasionalmente (ver Conclusão).

12

A “BABILÔNIA” CAIU E O DISPENSACIONALISMO TAMBÉM

[Enviei o seguinte texto aos meus assinantes como um editorial em setembro de 1991. Não mudei minhas opiniões.]

Você ouviu isso? *Boom*. Babilônia, a Grande caiu! Não, eu não quis dizer a União Soviética. Refiro-me a Jerusalém em 70 d.C.²³⁰ A queda do Partido Comunista na Rússia e a fragmentação da União Soviética deixa claro que a URSS *nunca* foi a babilônia profética. (Dispensacionalismo: “Alerta vermelho! Os Vermelhos foram derrotados. A invasão russa do Israel nacional foi adiada por tempo indefinido. *Acionar o controle de danos!*”)

Quando o Grupo A da KGB se recusou a seguir suas ordens na manhã da segunda-feira de 19 de agosto de 1991 – ordens para prender Boris Yeltsin e atirar nele se ele tentasse escapar – o fim definitivo do comunismo soviético estava apenas a 63 horas de acontecer. E o fim definitivo do “relógio profético” do dispensacionalismo popular também. O Arrebatamento foi adiado! *O dispensacionalismo popular agora está em sua geração terminal.*

À medida que a meia-noite do dia 21 de agosto se aproximava, a multidão em Moscou derrubava a estátua de Felix Dzerzhinsky, o fundador da polícia secreta comunista. Mas não foi apenas o legado de Karl Marx que foi esmagado embaixo da imagem; foi também o legado de Hal Lindsey. *Boom!* A diferença é que o Rev. Lindsey ainda está vivo e ativo no planeta terra.

O rendimento que o Rev. Lindsey obtém com a venda de livros está prestes a cair. *A febre de arrebatamento está baixando.* (Pequena observação: o endereço da editora secular dos seus livros, Bantam Books, é **666** Fifth

²³⁰ Ver David Chilton, *The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation*, Dominion Press, 1987

Avenue, Nova Iorque. Que estranho.) Talvez ele tenha adquirido imóveis suficientes no estado da Califórnia para se sustentar em seus “anos dourados”, já que ele não será arrebatado do “estado dourado”. Aquele evento “imminente” foi posto num estado de espera indefinida (na realidade, sempre esteve, ver Atos 1:7).

Profecias Fracassadas

O que um profeta fracassado deveria fazer? O que *você* faria? Desde 1855, os supostos especialistas em “profecias cumpridas nos dias de hoje” do dispensacionalismo têm tido aos seus milhões de seguidores (i.e., vítimas) que o Arrebatamento já estava logo ali, porque a Rússia (“Magogue”) em breve invadiria Israel. Então veio o estabelecimento da nação de Israel em 14 de maio de 1948. A geração da figueira finalmente começou! Só mais 40 anos para o Milênio! Só mais 33 anos para o Arrebatamento (absolutamente) Secreto! 1981 está chegando! Preparem-se! Apertem os cintos!...

E não foi; 1981 veio e passou. Nada acontecer. A próxima data importante era 14 de maio de 1988, o quadragésimo aniversário do estabelecimento do Estado de Israel – a “geração da figueira”, 1948-1988. 14 de maio veio e passou. Nada aconteceu. Nenhum Arrebatamento. De novo.

“Não, não”, disse Edgar C. Whisenant em julho de 1988, “vai ser neste setembro.” Setembro veio e passou. Nada aconteceu. “Não, não”, disse o sr. Whisenant, “eu esqueci do ano extra em 0 d.C. Vai ser em setembro de 1989.” Setembro de 1989 veio e passou. Nada aconteceu. Em novembro, o Muro de Berlim caiu. Um grande problema estava se formando. Onde está o invasor do Israel agora? *Sem invasão – sem Arrebatamento!*

Mas, então, chegou uma nova esperança! Saddam Hussein invadiu o Kuwait em 2 de agosto de 1990. “Esperem aí!” foi o clamor da Igreja do Sensacionalismo Profético (chamo essa categoria de *dispensacionalismo*.) “Realmente *vai ser* a Babilônia mesmo. Não vai ser a Rússia, pelo visto. Estávamos errados desde 1855.²³¹ Mas não tem problema. Precisamos só

²³¹ John Cumming, *The End: Or, The Proximate Signs of the Close of This Dispensation* (1855), Aula 7: “The Russian and Northern Confederacy.” [A Confederação Russa e do Norte]

FEBRE DE ARREBATAMENTO

ajustar algumas engrenagens. É o Iraque. Bagdá. A restauração da Babilônia está quase começando. Ela acontecerá em breve!” O livro do professor do Seminário Teológico de Dallas Charles Dyer foi publicado em janeiro de 1991, *The Rise of Babylon: Sign of the End Times* [A Ascensão da Babilônia: Sinal do Fim dos Tempos]. A Babilônia voltou para o mapa de novo! E o Seminário de Dallas também. Que demais!

Mesmo antes do Dr. Dyer entrar na corrida pela venda de livros, o presidente aposentado do Seminário de Dallas John Walvoord viu um novo mercado fabuloso para o seu livro de profecia sobre o Armagedom escrito em 1974, que não estava mais em circulação. Mais uma vez, as vítimas ingênuas correram para as livrarias para saber da bomba do momento. As caixas registradoras não pararam. Os lucros com venda de livros aumentaram. Um milhão de cópias desse livro sensacionalista acabaram sendo vendidas até fevereiro (*Time*, ed. de 11 de fev. de 1991).

Mas então algo bem engraçado aconteceu na noite de 16 de janeiro de 1991. Nossa Força Aérea deu início à destruição da “Babilônia”. Pelo curso do mês seguinte, bombas assolaram o Iraque. Mais do que a coletânea das obras de Hal Lindsey assolou as mentes de seus seguidores. *Boom*. “É hora da edição revisada!”

Enganado Novamente!

As tropas desafortunadas nos bancos das igrejas finalmente perceberam o que realmente aconteceu: *foram enganadas de novo*. De novo! Que loucura! Ninguém gosta de ser enganado. Cristãos não gostam de serem enganados em nome de Jesus. Fundamentalistas amam empolgação. Eles amam sensacionalismo. Mas chega um ponto em que o ressentimento por terem sido enganados supera o seu amor por profecias falsas intermináveis.

Então, a semana de 19 de agosto chegou. A estátua de Dzerzhinsky foi derrubada. Os sonhos dos líderes do Partido Comunistas acabaram. Boris Pugo atirou na sua mulher e se matou. O Marechal Akhromeyev cometeu suicídio. O comunismo soviético morreu. *Acabou-se*.

A reputação de Hal Lindsey como profeta acabou, também. E a de John Walvoord, também. Walvoord, com 80 anos de idade, viveu para

ver isso. Considero isso uma evidência de que Deus possui um senso de humor maravilhoso.

Fico imaginando o que estavam sentindo naquele momento. Um comunista que viveu o bastante para ver tudo isso. Um autor de best-sellers sensacionalistas com especialidade em falsas profecias sobre a vindoura invasão da Rússia contra Israel. Me pergunto como é ver o trabalho de sua vida ir por água abaixo na privada da história (“Isso não pode estar acontecendo! Não pode ser assim!”). Deve ser doloroso. Espero que tenha sido.

No dia seguinte à derrubada da estátua de Dzerzhinsky na antiga Praça Dzerzhinsky, que em breve será renomeada, Paul Crouch anunciou aos seus espectadores na *Trinity Broadcasting Network* (TBN): “Precisamos trazer o Hal Lindsey para ele explicar o significado do que acabou de acontecer.” Sem dúvidas, Paul. Deixe ele ver se ele consegue reconciliar esses dois eventos para os seus seguidores emocionalmente vitimizados. Deixe-o brincar de “identificar a Babilônia” mais uma vez. *Vamos ver ele dançar a dança em dois tempos de Whisenant*. Haverá muitos dançarinos desse estilo em 1992, o ano das edições revisadas.

Arrebatamento Adiado

Tudo já acabou. As cortinas já desceram. O Arrebatamento foi adiado. De novo. Um dispensacionalista poderia ainda argumentar que a invasão inevitável de Israel pela Rússia irá acontecer em cem anos, ou talvez mil, mas as tropas nos bancos das igrejas ouviram por 135 anos que esse evento era iminente. O Arrebatamento poderia acontecer *a qualquer momento* porque a Rússia invadiria o Estado de Israel *a qualquer momento mais sete anos*. “O relógio profético está correndo de novo!” gritaram os autores de best-sellers, que nunca se importaram em dizer aos seus seguidores desafortunados que, de acordo com a teologia dispensacionalista original, o relógio profético só começará a correr *após* o Arrebatamento. É um embate entre “Arrebatamento a qualquer instante” e a ideia de um “relógio profético corrente”.

Nem mesmo John Walvoord pôde resistir aos fabulosos lucros que a venda de livros poderia oferecer (1,6 milhões de cópias vendidas até o mês de agosto). Ele precisava voltar ao desfile do dispensacionalismo popular.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Ele anunciou que o relógio profético estava correndo de novo (*USA Today*, 19 de jan. de 1991). Ele abandonou a doutrina de Arrebatamento a qualquer instante, que ele por muito tempo ensinara. Dessa forma, ele batizou a escatologia do “já está logo ali” de Hal Lindsey. E, então... *boom*. Adeus reputação.

Esmagado. *Esmagado*. Esmagado por Norman Schwarzkopf em janeiro e Boris Yeltsin em agosto. Assolado. Morto. “Arrebatamento adiado por tempo indefinido.” E agora?

Mudanças no Seminário de Dallas

Em 1991, o Seminário Teológico de Dallas introduziu um currículo revisado. Bem na hora certa! Meus parabéns. O novo currículo abandonou o original que enfatizava escatologia dispensacionalista, grego e hebraico. Ele intensificou a mudança de foco curricular iniciada em 1978, que substituiu uma ênfase em escatologia por psicologia. Agora o seminário introduziu um chamado sistema de especializações. Estudantes agora podem optar por se especializar em alguma área específica de teologia prática desde o início de suas carreiras acadêmicas. Eles podem buscar por *relevância social cristã*, mas dissociada da lei bíblica.

Os teólogos de Dallas precisam explicar como o scofieldismo poderia ser o alicerce de tudo isso, exatamente. Eles precisam introduzir cada curso com uma semana ou duas de palestras versículo a versículo sobre “Dispensacionalismo e sua aplicação nesta área.” Se eles se recusarem a fazer isso, curso a curso – e minha “profecia” é clara: eles *vão* se recusar – então eles trocaram a teologia dispensacionalista por teologia prática. A teologia dispensacionalista nunca foi prática; ela rejeita a cultura e a possibilidade de reforma. Foi para evitar as questões da responsabilidade social cristã que o fundamentalismo adotou o dispensacionalismo. *Qualquer tentativa de fazer o cristianismo socialmente relevante antes da era do Milênio é, inescapavelmente, um abandono implícito da teologia dispensacionalista.*

O Rev. Tommy Ice (da dupla “House & Ice”) pode estar disposto a admitir em particular o que essa mudança significa, mas os líderes dispensacionalistas não discutirão em público. Tommy conhece minha previsão: se cristãos dispensacionalistas se tornarem ativistas sociais *psicológicos* ou *funcionais*, muito em breve eles abandonarão silenciosamente

o seu dispensacionalismo oficial. Isso é o que está acontecendo agora no Seminário Teológico de Dallas. *Veremos o Seminário Teológico de Dallas se tornar algo bem diferente*, assim como ocorreu com o Seminário Teológico Talbot quatro anos atrás. O conselho diretor do Seminário de Dallas não contarão aos seus doadores as implicações destas mudanças, é claro. Eles querem manter essa fonte contínua de renda. *Mas o Seminário de Dallas deixou o dispensacionalismo funcional para trás*, e não há nada que Bob Lightner possa fazer sobre isso em seu curso de teologia para alunos de primeiro período. *Boom*.

Onde os dispensacionalistas tradicionais – os que se orientavam pelas “notas de Scofield” – irão enviar seus jovens para serem treinados para o ministério. Ter que lidar com o problema de certificação acadêmica no início de um movimento (como é o caso com o reconstrucionismo) é uma coisa, mas enfrentá-lo 160 anos após sua fundação é outra totalmente diferente. *O fim está próximo. É só uma questão de tempo. O epitáfio do dispensacionalismo: “Morreu de um ferimento autoinfligido: Sensaciona-lismo.”*

Revisões Sugeridas

Agora, que ninguém diga que o Gary North “só sabe criticar e não ajuda em nada”. Aqui está uma estratégia possível para ressuscitar o cadáver teológico. Teólogos dispensacionalistas precisam apenas identificar um novo inimigo para o Israel nacional. Eles precisam identificar uma superpotência que em breve invadirá o Estado de Israel. Eles precisam identificar uma nova “Besta, 666”. O que achariam de... George Bush? Afinal de contas, em 11 de Setembro de 1990, ele falou ao Congresso:

Uma nova parceria entre nações se iniciou. Estamos hoje em um momento único e extraordinário. A crise no Golfo Pérsico, tão grave quanto possa ser, também nos oferece a rara oportunidade de avançarmos em direção a um período histórico de cooperação. Em meio a estes tempos turbulentos, nosso quinto objetivo – uma nova ordem mundial – pode emergir: uma nova era, mais livre da ameaça do terrorismo, mais forte no empenho pela justiça, e mais segura na busca pela paz. Uma era em que as nações do mundo, do oriente

FEBRE DE ARREBATAMENTO

ao ocidente, do norte ao sul, poderão prosperar e vier em harmonia.

Entendeu, Constance? Ouviu isso, Dave? *Uma Nova Ordem Mundial*. Uma nova era de prosperidade. Vocês sabem o que fazer agora! Eu coloco isso em suas mãos (eu colocaria nas mãos de Jerry Falwell, mas ele foi o primeiro líder fundamentalista a promover a legitimidade política de George Bush, lá em 1984. Para retribuir o favor, Bush discursou durante as celebrações de formatura na Liberty University em 1990. Não é fácil conseguir fazer um presidente em exercício palestrar na formatura em uma faculdade fora da Ivy League. Seria necessário pagar mais do que um bom cachê. Muito mais.)

Dispensacionistas precisam ouvir os sermões sobre mais nova profecia, mais importante que todas as anteriores: “A nação do Anticristo é o bom e velho EUA. Eu posso mostrar isso na Bíblia. Eu tenho esse gráfico. Abra a sua *Bíblia de Referência Scofield Revisada* na página...”

Mas se não ouvirmos sermões como esses em breve, então o dispensacionismo popular está tão morto quanto o marxismo-leninismo na Rússia.

13

O ESTRANHO DESAPARECIMENTO DAS INSTITUIÇÕES DISPENSACIONALISTAS

Porém, santificai ao Senhor Deus em vossos corações; e estai sempre preparados para responder a cada homem que vos pedir a razão da esperança que há em vós, com mansidão e temor. (1 Pe. 3:15)

Onde dispensacionalistas tradicionais podem encontrar respostas? Em 1985, havia três seminários teológicos de maior importância que ensinavam teologia dispensacionalista: Dallas, Grace e Talbot. Em meados para o fim dos anos 80, Talbot bem silenciosamente substituiu seu corpo docente e sua teologia. Não querendo alienar seus doadores dispensacionalistas, ele não fez isso com fanfarra, mas isso foi feito. Sua nova teologia foi deixada indefinida. O seminário entrou em um processo de transição.

No dia 10 de dezembro de 1992, John J. Davis, o presidente do Seminário Teológico Grace, enviou uma carta padrão aos seus doadores. Ela começou com “Caro Amigo do Seminário Grace”, como uma boa carta padrão. O Presidente Davis falou de “mudanças recentes acontecendo aqui no seminário.” Ele mencionou o fato que “um rumor já dá meia volta ao mundo, antes da verdade calçar seus sapatos!”

Isso é verdade. Neste caso, contudo, “a verdade, toda a verdade e nada além da verdade” ainda está sendo encoberta num bom linguajar de administração acadêmica. Ele escreveu:

Mudanças significativas raramente vêm sem dores e desafios significativos. Nenhum dos sete contratos de tempo integral de membros do corpo docente serão renovados para o próximo ano. [Itálicos no original]

Você talvez esteja se perguntando por que o Presidente Davis e o conselho diretor demitiram o Prof. John C. Whitcomb em 1990, quando Whitcomb tinha apenas três meses até a sua aposentadoria. Whitcomb era o único membro do corpo docente do Seminário Grace com uma reputação fora do campus, sendo o coautor de *The Genesis Flood*. Alguns

não entenderiam por que ele fora demitido, e a explicação oficial do Presidente Davis foi, para ser caridoso, não-informativa. Bem, agora nós sabemos. “Mudanças significativas” estavam em andamento, e o Dr. Whitcomb estava alertando contra isso. Ele terminou de maneira análoga a João Batista: decapitado.

Meus amigos, quando os membros em tempo integral de um corpo docente são todos demitidos de uma só vez, estamos falando de algo muito maior do que reorganizar móveis acadêmicos.

Então o Presidente Davis continuou: “*Descontinuaremos os programas de Mestrado e Doutorado em Teologia...*” Isso implica em dizer que o Seminário Teológico Grace está abandonando o campo de estudos acadêmicos avançados. Ele não mais oferecerá formações teológicas acadêmicas avançadas. As outras formações “práticas” permanecerão – diplomas para quem quer emprego como pregador: Mestre em Divindade, Doutor em Ministério, etc. Além disso, o *Grace Theological Journal* [Revista Teológica Grace], o periódico acadêmico da instituição, está sendo descontinuado. Em suma, o *Seminário Teológico Grace acabou de cometer suicídio no nível acadêmico profissional*. A pergunta é: Por quê?

Em parte, é devido ao fato de o Seminário Grace estar sofrendo pressões universais na educação teológica hoje. Movimentos pequenos e que estão passando por dificuldades não podem se dar ao luxo de financiar professores em tempo integral para formar um punhado de especialistas acadêmicos. Isso significa que eles não são mais capazes de pagar seus professores para reproduzirem a si mesmos. Eles não podem arcar com os custos de uma certificação acadêmica tradicional. *O dispensacionalismo está se tornando um movimento pequeno e que está passando por dificuldades*. Paralisia produziu desgaste. O desgaste está progressivamente encolhendo o movimento dispensacionalista. Mesmo assim, ninguém dos círculos internos admite isso ao público.

Mas isso é apenas parte da história. O Presidente Davis, então, soltou a seguinte bomba teológica na página três de sua carta padrão:

12. Quais são a missão e os valores do Seminário Grace?

Sua missão é: “desenvolver líderes de ministério cristãos que podem influenciar a cultura com uma visão de mundo e de vida bíblica integrada.”

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Ele reafirmou essa mesma missão em seu boletim, *President to Pastor* [Do Presidente Para o Pastor] (1º trimestre de 1993, pg. 2). Pergunta: quando foi a última vez em que você viu o líder de um seminário dispensacionalista falar da necessidade de influenciar a cultura? Quando foi a última vez que você o ouviu falar de “uma visão de mundo e de vida bíblica integrada”? Eu vou responder: *a próxima vez será a primeira vez.*

Para onde o Seminário Grace está indo? Eu não sei. Mas eu sei disso: quando o presidente de um seminário começa a falar sobre “visão bíblica de mundo e de vida”, ele não está falando do dispensacionalismo tradicional. *Ele adotou uma nova posição teológica, e está planejando levar a instituição inteira com ele.* Isso é o que Talbot fez no fim dos anos 80.

Claro, eu posso estar errado. O Presidente Davis está mantendo o restante do corpo docente que não trabalhava em tempo integral, e está contratando novos professores de tempo integral. Talvez os membros desse novo corpo docente, incluindo o Presidente Davis, desenvolveram silenciosamente uma nova síntese da teologia de Scofield. Talvez eles estejam prestes a introduzir o tão aguardado “novo dispensacionalismo”, cuja teologia leva à relevância e ao ativismo cultural cristãos. Os atuais membros do corpo docente não mencionaram isso. Mas talvez a tão aguardada mudança de paradigma dispensacionalista será concluída e apresentada ao público em termos gerais: dispensacionalismo culturalmente relevante. Se for o caso, seus detalhes não serão publicados no *Grace Theological Journal*, já que o Presidente Davis e seus apoiadores no conselho diretor descontinuaram o periódico (talvez será ressuscitado durante o milênio). O Presidente Davis anunciou aos pastores-doadores do seminário:

A reestruturação anunciada e que terá início no outono deste ano [1993] envolverá a filosofia e o método e reafirmará o foco primário do Seminário Teológico Grace na preparação de líderes de ministério.²³²

Mas e a tarefa anteriormente crucial de defender a teologia dispensacionalista? E a liderança intelectual do Seminário Grace dentro das igrejas

²³² *President to Pastor* (1º trimestre de 1993), p. 1.

dispensacionalistas americanos? Silêncio. Silêncio Absoluto.

Eu concluo que o Presidente Davis, assim como um certo Presidente Davis anterior, está liderando um movimento de secessão dentro da *Grace Brethren Church* e do dispensacionalismo americano. *O Seminário Grace acabou de se separar do dispensacionalismo histórico*. Será que ele terá sucesso? Provavelmente. Os doadores mais jovens estão tão constrangidos com o dispensacionalismo tradicional, assim como os teólogos mais jovens. Essa secessão é visível no topo, mas os burocratas sempre calculam os custos da mudança com muita antecedência. Eles acham que sabem o que a próxima geração irá aceitar, e concluíram que os doadores do seminário irão segui-los em direção a um futuro teologicamente vago.

O Seminário de Dallas é o próximo. Não há um único homem naquele corpo docente que possa ou irá responder ao livro de Ken Gentry, *He Shall Have Dominion: A Postmillennial Eschatology* [Ele Terá o Domínio: Uma Escatologia Pós-Milenista] (Institute for Christian Economics, 1992). *Estamos ouvindo o silêncio dos cordeiros*. Eles abandonaram o campo de batalha intelectual, ao ponto de nunca sequer terem pisado os pés nele. O seu silêncio contínuo com relação à refutação de O. T. Allis do dispensacionalismo, *Prophecy and the Church* [Profecia e a Igreja] (1945), indica que eles nunca tentaram responder intelectualmente a desafios oferecidos por teólogos e acadêmicos profissionais. A breve tentativa de resposta feita por Charles Ryrie em *Dispensationalism Today* [Dispensacionalismo Hoje] chegou com vinte anos de atraso, e foi um esforço malfadado, de qualquer forma. Além disso, ele desapareceu do corpo docente no início dos anos 80 sob circunstâncias nebulosas. *Os professores do Seminário de Dallas se tornaram surdos-mudos teológicos*.

Eu prevejo que Jesus não vai voltar no ano 2000, mas é bem provável que, até lá, o Seminário de Dallas passe por uma reestruturação similar à que ocorreu com os Seminários Grace e Talbot. Assim, onde que todos esses fiéis leigos dispensacionalistas recrutarão seus pastores? Se os pastores não compartilharem da teologia do povo nos bancos, é apenas questão de tempo até que os filhos do povo que está nos bancos abandonem Scofield e seus revisores.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Ó Dívida, Aqui Está Seu Aguilhão!

Enquanto isso, de acordo com uma matéria da *Associated Press* (14 de dezembro) a *Liberty University* de Jerry Falwell contraiu uma dívida de 73 milhões de dólares. Um professor da instituição (que a deixará em breve) me contou que os números de matriculados não são mais divulgados, nem mesmo com os membros do corpo docente. Todos eles já estão vendo o que vem depois: demissões. O Rev. Falwell já avisou os cristãos fiéis que não haveria mais pagamento com juros. Ele prometeu que, algum dia, o capital seria reembolsado. Ele não disse quando.

O campus da *Liberty University* estava avaliado em 55 milhões de dólares em 1990. Isso foi quando o Rev. Falwell tentou vender títulos de dívida para desenvolvimento subsidiados pelo governo para refinar a dívida existente. Os tribunais disseram não: separação entre igreja e estado. Hoje, a *Liberty University* está avaliada em 5,2 milhões de dólares, de acordo com a matéria da *Associated Press*. Por que essa queda? Porque o valor estimado de uma instituição educacional é baseado no valor estimado de sua receita líquida. Os tijolos e o cimento de uma faculdade são elefantes brancos: sem valor inerente, exceto pelo fato de serem uma faculdade. Se número de estudantes matriculados em uma faculdade cai, a receita líquida esperada desaparece. Daí a queda em 90% do valor estimado do campus da *Liberty University* em apenas dois anos.

Vamos ver: uma dívida de US\$ 73 milhões com patrimônio de apenas US\$ 5,2 milhões. Você sabe o que isso significa? O dia do pagamento não vai chegar. O dia do juízo, sim. Não, não o arrebatamento. A falência.

Enquanto isso, o programa televisivo e de rádio do seu ministério, *Old Time Gospel Hour*, contraiu uma dívida de US\$ 16 milhões. De 1979 a 1989, a Maioria Moral reuniu US\$ 69 milhões em doações de seis milhões de pessoas. A Maioria Moral foi dissolvida em 1989, o ano da posse de George Bush (o Rev. Falwell apoiava publicamente a ideia de uma presidência de Bush desde 1984). A matéria da *Associated Press* comentou:

Num piscar de olhos, o sr. Falwell foi de um protagonista no cenário nacional a uma mera figura secundária, sendo atormentado por enormes problemas.

Como você se sentiria se, aos 59 anos de idade, você visse o legado visível de sua vida com 90 milhões de dólares em dívidas, tendo que declarar moratória do pagamento dos juros, e sem meios visíveis de evitar a falência do seu ministério antes de morrer? Que tipo de testemunho cristão você imagina que isso representa? Ele tem apenas duas esperanças: morrer cedo ou ser arrebatado.

Então, o que vemos? *Ele foi mais uma vez acometido de febre de arrebatamento.* Em sua transmissão de 27 de dezembro, ele disse que o arrebatamento provavelmente acontecerá por volta do ano de 1999. Mas então ele acrescentou que espera viver tanto quanto W. A. Criswell, o lendário pastor de 83 anos da Primeira Igreja Batista de Dallas. Sinais cronológicos contraditórios!

Enquanto isso, a Primeira Igreja Batista de Dallas, a maior do país dentre as Igrejas Batistas do Sul (com 28.000 membros), está agora com US\$ 8 milhões em dívidas. Ela teve de reduzir o orçamento de seu ministério televisivo. A história apareceu recentemente na capa do jornal *Dallas Morning News*. Ela mais uma vez perdeu um pastor auxiliar promissor porque o Rev. Criswell mais uma vez se recusou a abrir mão de pregar no culto das 11h da manhã. A igreja continua contratando os melhores pastores substitutos que pode encontrar, prometendo que em breve liderarão a igreja. Então eles saem. E a dívida se acumula.

Em ministério após ministério, a história é a mesma. Dívidas. Dívidas enormes. *Dívidas em nome de Jesus.* Das letras vermelhas nas Bíblias (nenhum credo, a não ser Cristo; nenhuma lei, a não ser o amor) à tinta vermelha: a história de repete. A dívida é o que atrai. A dívida é o que mata. “Eu tenho fé que Deus vai abençoar esse ministério mais tarde se eu fizer esse salto de fé agora – com o dinheiro de outras pessoas.”

Jerry Falwell é um homem decente. Ele apenas esqueceu de uma regra: “A nenhum homem devais coisa alguma, senão o amar-vos uns aos outros” (Rm. 13:8a). Ele estava debaixo da graça, não da lei bíblica, ele deve ter pensado. *Scofield ataca novamente.*

Em 1982, eu escrevi um ensaio: “*The Intellectual Schizophrenia of the New Christian Right*” [A Esquizofrenia Intelectual da Nova Direita Cristã]. Ele foi publicado no boletim *Christianity and Civilization* [Cristianismo e Civilização]. Lá eu previ a ruptura da Nova Direita Cristã. Eu argumentei

FEBRE DE ARREBATAMENTO

que o seu posicionamento de ativismo político não poderia ser sustentado por sua teologia dispensacionalista. Um por um, os líderes daquele fenômeno de curta duração desapareceram do cenário. Os poucos que sobraram raramente falam de escatologia (no caso de Beverly LaHaye, o marido dela fala; ela não. Não com 400.000 assinantes em seu boletim ativista!)

Conclusão

Eu vou dizer novamente: *o dispensacionalismo está morrendo*. Os líderes que escrevem livros de profecia comerciais não admitirão isso, mas é verdade. Uma por uma, as instituições que por muito tempo mantiveram a posição antiga revisaram, reestruturaram, e recuaram do campo de batalha intelectual.

Isso não prova que a teonomia está vencendo. Apenas significa que os nossos oponentes mais consistentemente antinomianos, antivítoria e antiativismo estão se aposentando, em todos os sentidos. Livros comerciais sensacionalistas, somados a um tabloide canadense cheio de profecias que nunca se cumprem, não podem preservar a velha teologia. Empolgação não substitui erudição.

É só uma questão de tempo. Nós temos bastante. O dispensacionalismo não. Como se dizia no final de documentos de viagem antigos: “E agora é hora de dizer, ‘Sayonara, Scofield!’ ”

CONCLUSÃO

...vós sois tardios em ouvir. Porque quando já devíeis ser mestres, necessitais de que se vos torne a ensinar os princípios básicos dos oráculos de Deus, e chegastes ao ponto de precisardes de leite, e não de alimento sólido. Porque qualquer que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porquanto é um bebê. Mas o alimento sólido pertence àqueles que alcançaram a maturidade, e também para aqueles que, pela razão do uso, tiveram seus sentidos exercitados para o discernimento tanto do bem quanto do mal. (Hb. 5:11-14)

Eu sustento que os cristãos de hoje estão na mesma condição espiritual que os leitores da Epístola aos Hebreus nos dias de seu autor. Eles se tornaram bebedores de leite teológico que se contentam com o bê-á-bá da fé. Eles são inexperientes na palavra da justiça. Eles estão fora de forma, judicialmente falando.

Há uma razão para isso. Eles odeiam três quartos da Bíblia: a lei e os profetas. Odiando a lei de Deus de todo coração, eles também odeiam a ideia de vitória, que foi prometida por Deus às culturas que obedecem à Sua lei revelada (Dt. 28:1-14). Odiando a vitória na história, eles necessariamente passaram a se considerar como sendo os perdedores com princípios na história.

“Quem está do lado do Senhor?”²³³, assim pergunta certo hino protestante evangélico popular. A resposta correta, de acordo com o que o evangelicalismo moderno ensina em público, é esta: *perdedores históricos*. Por mais de dois séculos, protestantes evangélicos têm visto a si mesmos como membros de uma Igreja culturalmente impotente e de uma ordem civil religiosamente neutra. Eles demonstraram ter uma fé muito maior na ordem civil – supostamente baseada nos princípios universais da lei natural – do que na Igreja. Eles confiaram na autoridade moral do Estado humanista muito mais do que na da Igreja. E por que não? O Estado humanista é um vencedor na história. A Igreja é uma perdedora. Assim dizem os teólogos. O resultado é fácil de se prever: uma Igreja cheia de

²³³ Referência ao hino *Who Is on the Lord's Side?*, composto por Frances Ridley Havergal. [N.T.]

pessoas que são inexperientes da palavra da justiça: a lei revelada de Deus.

Não há declaração melhor dessa posição ética do que a afirmação feita por Normal Geisler em 1992. O Dr. Geisler recebeu o seu doutorado em filosofia de uma universidade jesuíta. Ele defende uma lei natural neutra. Ele dedicou uma grande parcela de sua carreira acadêmica à rejeição pública da lei bíblica. Geisler é um dispensacionalista: ex-professor do Seminário Teológico de Dallas e da *Liberty University* de Jerry Falwell. Ele escreve: “A direita religiosa é, no mínimo, tão perigosa quanto a esquerda secular. A teonomia religiosa (lei divina) como base para a dignidade humana pode ser tão aterrorizante quanto a anarquia secular.”²³⁴ Ele nos garante que “Teonomia é uma base ética impraticável para o governo numa sociedade religiosamente pluralista, seja muçulmana ou cristã em forma.”²³⁵ Ele insiste: “Mais cedo ou mais tarde, a questão irá surgir: qual livro religioso será a base para as leis civis? É puro preconceito religioso responder: ‘O meu’.”²³⁶ Conclusão: *não é puro preconceito religioso humanistas seculares responderem: “O Nosso”*. O Dr. Geisler crê na legitimidade da alegação humanista de que a lei civil pode ser religiosamente neutra e moralmente válida. Ele é um dispensacionalista consistente: *ele prefere viver sob o estandarte civil do pluralismo religioso do que sob o de Jesus Cristo*. Os seus colegas também.

Um Pacto de Desespero Histórico

Há cinco razões pelas quais cristãos adotam essa visão deprimente de sua condição, a de perdedores na história. Essas razões imitam perversamente o modelo pactual bíblico de cinco pontos.²³⁷

²³⁴ Norman Geisler, "Human Life", *In Search of a National Morality: A Manifesto for Evangelicals and Catholics*, editado por William Bentley Ball (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1992), pg. 114. O sr. Ball é um advogado católico-romano que se especializa em defender escolas cristãs. *Baker Book House* é uma editora protestante com uma tendência calvinista. Ela publica, maioritariamente, livros amilenistas.

²³⁵ *Idem*.

²³⁶ *Idem*.

²³⁷ Ray R. Sutton, *That You May Prosper: Dominion By Covenant* (2nd ed.; Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1992).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Primeiro, não se pode confiar na força de Deus na história, obviamente, pois Deus traz derrota para a Sua Igreja na história. Os arminianos explicam que a derrota garantida do evangelho na história é o resultado do livre-arbítrio do homem. O mal nos corações da maioria dos homens não será vencido, eles nos dizem. Violadores do pacto, de maneira geral, continuarão a ser violadores do pacto até o juízo final. Os calvinistas oferecem outra explicação: Deus predestinou o evangelho ao fracasso cultural antes da criação do mundo. Assim, cristãos têm visto Deus ou como indisposto a fazer o que deve ser feito para vencer na história ou como determinado a perder na história.

Ver Deus dessa forma é algo que provoca medo. Isso significa que a Igreja de Jesus Cristo está cheia de pessoas que são religiosamente comprometidas com sua própria impotência cultural na história. Quem confiaria posições de autoridade ou poder a pessoas assim? Nenhuma pessoa racional o faria. Assim, cristãos não confiam nos julgamentos de oficiais de suas igrejas locais. Quando as decisões vão contra eles, eles simplesmente transferem suas memórias para outra igreja local. Já que não é possível fugir do julgamento tão facilmente assim na esfera civil, os cristãos exigem a separação entre cristianismo e estado. Eles preferem muito mais viver sob a jurisdição dos inimigos de Deus do que sob a de outros cristãos. Eles concordam com Norman Geisler.

Terceiro, eles não confiam na lei bíblica de um Deus que os escolheu para serem esmagados na história. Quem poderia confiar na lei-ordem de um Deus que não trará vitória à Sua Igreja em termos dessa lei-ordem? Cristãos ouviram de seus líderes por quase dois milênios que o Antigo Testamento é só um rascunho descartado, um erro judicial. Deus julgava a história em termos de Sua lei (Lv. 26; Dt. 28), mas agora não mais.

Quarto, porque a lei revelada de Deus está anulada na era do Novo Testamento, as sanções atreladas a esta lei também o foram, especialmente as sanções civis. Porque Deus, supostamente, se recusa a aplicar sanções na história em termos da Sua lei, cristãos creem que eles não deveriam buscar aplicar sanções civis em termos da lei de Deus. Afinal de contas, se Deus recompensa os violadores do pacto com vitória na história e esmaga os cumpridores do pacto com derrota na história, por que deveriam os representantes escolhidos de Deus buscar aplicar sanções civis negativas

contra os violadores do pacto na história? Se Deus se recusa a honrar o sistema de sanções históricas em Levítico 26 e Deuteronômio 28 na era do Novo Testamento, por que o Seu povo deveria honrar Êxodo 21-23: as leis casuísticas?²³⁸

Quinto, porque Deus supostamente promete deserdar Sua Igreja na história, por que cristãos deveriam se preocupar com o longo prazo histórico? Afinal de contas, Keynes estava certo: no longo prazo estaremos todos mortos. No longo prazo da história, a Igreja será envergonhada. Por que se sacrificar em uma vida de estudos para compreender o que a lei de Deus exige, se todos os planos para impor a lei de Deus na história são, na melhor das hipóteses, utópicos ou, na pior, tirânicos? É por isso que a ética social tem sido o passatempo idiossincrático de um punhado de cristãos que foram ensinados a impor o humanismo sobre as categorias bíblicas, abandonando a Bíblia sempre que ela contradizer a última moda intelectual humanista. Isso tem sido verdade por pelo menos 1.800 anos.²³⁹

O Atrativo do Dispensacionalismo Pré-Tribulacionista

Poucas pessoas podem se manter psicologicamente estáveis sob a ameaça da derrota histórica inevitável. A genialidade do dispensacionalismo pré-tribulacionista é o seu apelo a pessoas psicologicamente derrotadas, cujo nome é legião na Igreja moderna, pois muitos são os que acreditaram no que tem sido pregado pelos últimos dois séculos. Com exceção do pós-milenismo, os outros sistemas de interpretação escatológica oferecem apenas desespero histórico. Mas o sistema pré-tribulacional oferece um pequeno feixe de esperança em meio as trevas do desespero histórico: uma fuga da história – o arrebatamento.

“Estamos debaixo da graça, não da lei.” Assim diz a teologia da maioria dos protestantes. Mas os dispensacionalistas pré-tribulacionistas sustentam uma descontinuidade radical tanto com o passado quanto com o futuro. Os cristãos de hoje, eles argumentam, escaparam do pesado fardo

²³⁸ Gary North, *Tools of Dominion: The Case Laws of Exodus* (Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1990).

²³⁹ Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge* (Nutley, New Jersey: Presbyterian & Reformed, 1969).

FEBRE DE ARREBATAMENTO

moral da aplicação da lei na história, diferente do Israel antes da cruz e também durante a era milenar vindoura. *A vitória na história é corretamente vista pelos dispensacionalistas como sendo a capacidade dos cristãos de aplicar a lei de Deus, executando sanções em termos dela, incluindo sanções civis.* Mas essa capacidade, supostamente, não é concedida à Igreja durante a Era da Igreja. Assim, cristãos não precisam se preocupar com questões legais, porque nesta dispensação, diferente da anterior e da próxima, que será a última, a lei de Deus não tem nada a ver com o evangelho de Cristo.

Esse é um livramento duplo: da derrota total na história e da responsabilidade de estudar a lei revelada de Deus e desenvolver seus princípios na prática. É claro, o peço dessa rejeição da vitória da Igreja na história e da responsabilidade é a afirmação explícita da irrelevância cultural da igreja. Tal afirmação leva à rejeição de qualquer iniciativa que possa produzir vitória ou expandir as responsabilidades culturais dos cristãos. Não é que dispensacionalistas simplesmente rejeitam a Bíblia como um guia legítimo de ética social em nossa dispensação; eles rejeitam a legitimidade de estudar ética social em si. Por que se importar com ética social? Se três quartos da Bíblia não são um guia válido para a ética, então, para se tornarem mestres na ética social, cristãos também devem se tornar humanistas: seja humanistas da lei natural, ou de alguma variedade ainda pior. O cristão deve perguntar-se a si mesmo: por que trabalhar duro por uma vida inteira só para se tornar mais um humanista ético? A resposta é óbvia.

Os dispensacionalistas são mais consistentes em sua rejeição da tarefa de desenvolver a ética social cristã do que os outros protestantes evangélicos, mas a realidade é esta: todos rejeitaram a *motivação* para se tornar um eticista social (pós-milenismo), assim como o *fundamento judicial* da ética social bíblica (teonomia). Eles odeiam a lei de Deus. Eles odeiam a responsabilidade pessoal e eclesial. Dessa forma, eles odeiam a ideia da vitória cristã na história, pois a conformidade ética coletiva à lei de Deus inevitavelmente produz vitória (Dt. 28:1-14).

Se Unindo Ao Lado Perdedor

Mais de quatro décadas atrás, Whittaker Chambers declarou as razões para o seu desligamento do Partido Comunista. O seu livro, *Witness*

[Testemuha] (1952), é o clássico entre testemunhos de ex-comunistas americanos. Eu comprei o livro em 1959, após ter saído de circulação, numa livraria administrada pelo Centro de Conferências Cristãs Forest Home na Califórnia. Ninguém comprou aquela cópia solitária em sete anos. Eu suspeito que ela foi posta na prateleira porque o gerente da livraria achou que era um livro sobre distribuição de panfletos evangelísticos. Eu não sei. Tudo o que eu sei é que ninguém tinha comprado. Chambers dá a seguinte explicação para a sua deserção do Partido:

Em 1937, eu repudiei as doutrinas de Marx e as táticas de Lenin. A experiência e o registro [histórico] me convenceram de que o comunismo é uma forma de totalitarismo, que o seu triunfo significa escravidão aos homens sempre que estejam sob sua influência, e trevas espirituais à alma e à mente humana. Eu decidi romper com o Partido Comunista, independentemente dos riscos à minha vida, ou a mim mesmo e à minha família. Mesmo assim, tão forte é o domínio que o mal insidioso do comunismo exerce sobre seus discípulos, que eu ainda seria capaz de dizer a alguém naquela época: 'Eu sei que estou abandonando o lado vencedor [e me unindo] ao lado perdedor, mas é melhor morrer no lado perdedor que viver sob o comunismo.' (pg. 541)

Chambers estava errado: ele não abandonara o lado perdedor. Mas demorou quase quatro décadas para o mundo ter certeza disso. Deus nos concedeu uma poderosa vitória. Ele removeu um grande inimigo do nosso meio.

Poucos seriam capazes de lutar contra um "inimigo invencível" apenas em nome de seus princípios, mas ainda menos pessoas dedicariam suas vidas a desenvolver uma alternativa teórica a ele. Chambers definitivamente não fez isso. Ele se contentou em apenas testemunhar do mal terrível do comunismo. Ele não tinha nenhuma teologia positiva, nenhuma visão de progresso na história.

É por isso que a escatologia é tão importante. O que se acredita sobre futuro terreno influencia grandemente o que é feito no presente. Precisamos de Cristãos que estão dispostos a dedicar suas vidas a vencer

FEBRE DE ARREBATAMENTO

os inimigos com algo melhor, não apenas entregar suas vidas em nome de uma causa histórica perdida.

A Paralisia do Pessimismo

Uma declaração notável nesse sentido foi feita durante as cerimônias de formatura da pós-graduação do *Wheaton College*. Josef Ton, um pastor romeno, relatou suas experiências. Sua declaração aparece no *Wheaton Alumni* (ago./set. 1991).

Vou ilustrar a importância de discernir os tempos a partir de minha própria experiência. O desastre comunista recaiu sobre o meu país quando eu era um adolescente. Por muitos anos após isso, minha vida foi uma batalha por sobrevivência intelectual e espiritual debaixo da doutrinação marxista e o terror totalitário anticristão. Eu lutei para entender a natureza da calamidade, e o Senhor me deu entendimento. Nos anos 40, eu escrevi ensaios sobre a natureza do fracasso do comunismo. Um deles, publicado com o título de “O Manifesto Cristão”, me fez acabar em prisão domiciliar por seis meses, com duros interrogatórios por parte da polícia secreta. Mas, para mim, o momento crucial veio em 1977, quando um amigo meu me desafiou a estabelecer uma organização que desmascarasse abertamente o comunismo.

Isso é o que eu disse a ele: “O comunismo é um experimento que fracassou. Ele não foi capaz de cumprir nenhuma de suas muitas promessas e ninguém mais acredita nele. Por causa disso, um dia ele irá entrar em colapso sozinho. Agora, por que eu deveria lutar contra algo que já está derrotado? Eu acredito que a nossa tarefa é diferente. Quando o comunismo entrar em colapso, alguém deve estar lá para reconstruir a sociedade! Creio que o nosso trabalho como mestres cristãos é formar líderes que estejam prontos e capazes para reconstruir nossa sociedade sobre uma base cristã!”

Para a minha surpresa, isso é o que o meu amigo me disse: “Josef, você está errado. O comunismo irá triunfar em todo mundo, porque esse é o movimento do Anticristo. E quando os comunistas tomarem o controle dos Estados Unidos, não restará nenhuma força capaz de resistir a eles. Então, eles matarão todos os cristãos.

Conclusão

Temos apenas uma única tarefa: alertar o mundo e nos prepararmos para morrer.”

Poucos anos depois, o meu amigo foi forçado a abandonar a Romênia. Ele chegou aos EUA e se estabeleceu lá. Então, eu fui exilado, e me mudei para os EUA também. Desde então, meu amigo não fez nada pela Romênia. Ele apenas esperou pelo triunfo final do comunismo e a aniquilação do cristianismo.

Por outro lado, quando eu cheguei aqui em 1981, eu comecei um programa de formação de líderes cristãos na Romênia. Nós traduzimos livros didáticos cristãos e os contrabandeamos para a Romênia. Com os nossos parceiros na organização, a *Bible Education by Extension* (BEE), treinamos mais de 1200 pessoas por toda a Romênia. Hoje, essas pessoas que foram treinadas nessa operação clandestina são líderes em igrejas, em denominações evangélicas e em ministérios cristãos importantes.

É por isso que aqueles que sustentam o dispensacionalismo não produziram soluções significativas para as crises sociais da nossa era. Eles rejeitam a lei bíblica. Eles superestimam Satanás. Eles não têm esperanças para a história. Eles não veem esperanças em quaisquer esforços cristãos antes do Arrebatamento para construir um muito melhor para o amanhã. Quando os seus programas sociais são consistentes com sua escatologia, os seus ministérios se tornam, nas melhores das hipóteses, simplesmente análogos a meras missões urbanas.

Essa é a razão pela qual o anticomunismo cristão está morto. Ele morreu em 21 de agosto de 1991. Descanse em paz! Era fácil para pré-milenistas serem anticomunistas. Era impossível para eles oferecer uma alternativa distintivamente bíblica ao comunismo. Eles nunca o fizeram. Eles tinham de apelar para a lei natural ou outros sistemas pagãos “neutros”. Mas ser antipecado não é o bastante; você precisa ter uma posição pró-justiça. Não é o bastante saber o que você *não deve* fazer; você deve saber o que fazer. É por isso que o colapso do comunismo é uma grande oportunidade para os cristãos na Europa para a reconstruir a partir das ruínas deixadas pelo comunismo. O dispensacionalismo não pode contribuir de forma significativa a essa reconstrução. Ele nega a legitimidade da reconstrução.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

1988: O Ano do Fim do Mundo do Dispensacionalismo

Eu escrevi as duas primeiras edições do boletim mensal do ICE, *Dispensationalism in Transition* [Dispensacionalismo em Transição], que teve início em 1988. Eu lancei esse boletim porque eu sabia que 1988 seria o ano em que o “arrebatamento” definido dispensacionalisticamente não poderia ser adiado novamente se o movimento quisesse manter o comprometimento emocional de seus leigos, especialmente seus membros jovens mais brilhantes, que são os meus alvos selecionados. Os líderes do dispensacionalismo, por quase quatro décadas, “apostaram tudo” no Estado de Israel, que surgiu em maio de 1948. Uma geração após 1928, como teólogos de livros comerciais repetidamente prometeram, o arrebatamento certamente aconteceria. Na realidade, ele foi originalmente marcado para 1981: $1948 + 40 - 7$ (o período de tribulação de sete anos). Muitos profetas dispensacionalistas garantiram seus seguidores em 1980, ou antes, que 1981 seria “o ano”. Eles apostaram errado. Havia uma última chance: 1988.

Apostando no fato que o Arrebatamento não aconteceria em 1988 – uma aposta extremamente segura, teologicamente falando – comecei a publicar o boletim. Eu tinha um plano em mente (como geralmente tenho): *desafiar os líderes do movimento dispensacionalista a um combate teológico aberto*, algo que eles veementemente se recusaram a fazer desde meados dos anos 60. Além do mais, eles decidiram décadas atrás focar todos os seus esforços em refutar outros pré-milenistas e amilenistas. Eles já haviam escrito repetidamente que o “pós-milenismo está morto”, e então completamente ignoraram a ascensão do novo pós-milenismo do movimento de Reconstrução Cristã. Eles, com efeito, construíram uma Linha Maginot teológica, com todos os seus canhões apontados para os “pessimistas” rivais. Eu sabia o bastante sobre estratégia para planejar uma Blitzkrieg ao redor dela.

O Vício da Marcação de Data

Mal podia suspeitar que a última cartada do dispensacionalismo começaria naquela mesma primavera, quando Edgar C. Whisenant publicou o seu livro de brochura “dois-em-um”, ambos lançados sob diversos títulos, sobre 88 razões de por que o Arrebatamento certamente

aconteceria naquele mês de setembro. Milhões de cópias foram impressas e distribuídas. Praticamente todas as igrejas dispensacionalistas na América tinham membros que estavam se preparando para a Grande Fuga. “Tudo deve ser interrompido!”

Como era de se esperar, nada aconteceu. “Esperem aí!”, disse Whisenant, “Eu esqueci da passagem de a.C. para d.C. Eu perdi um ano. Eu deveria ter dito 1989.” Não; ele não deveria ter dito nada. Mas ele disse o bastante. O rosto coletivo do movimento dispensacionalista permaneceria vermelho de vergonha por mais tempo. Ou, ao menos, assim eu pensava.

Mas espere aí! Houve mais um adiamento. O boletim de 1990 de Pat Robertson identificou a Guerra de Seis Dias de Israel em 1967 como a primeira vez em que Jerusalém foi completamente liberta do controle dos gentios, como profetizado em Lucas 21:24: “A Guerra de Seis Dias deu aos judeus o controle de Jerusalém em junho de 1967. Ele evento deu corda no relógio cósmico. A duração de uma geração na bíblia é de 40 anos. Dez é o número bíblico da completude. Quarenta anos após 1967 é 2007.”

Mas isso não é tudo. América foi fundada em 1607 em Jamestown. Agora, se você pegar 40 (o número de anos em uma geração) e multiplicar por dez (o número da completude), você tem 400 anos. “O fim da geração do declínio gentio coincide com 10 ‘gerações’ da América... a ‘completude’ na numerologia bíblica da nação gentia mais poderosa que o mundo já conheceu. Tudo isso daqui a apenas 17 anos.”²⁴⁰

Isso foi o bastante para me fazer pensar. Vamos ver, se a cronologia do Bispo Ussher estiver correta, e o mundo foi criado em 4004 a.C., então 1996 será o 6000º aniversário do mundo. Além disso, um dia para o Senhor é como mil anos. Além disso, apenas por seis dias devemos trabalhar. Então, o que está marcado para acontecer em 1996? É óbvio: uma eleição presidencial na América. Agora, se o Pat pudesse se eleger em 1996, e de novo no ano 2000 (O ANO 2000!!!), ele seria presidente por dois mandatos completos, e então, apenas 1260 após a posse do seu sucessor...

²⁴⁰ *Pat Robertson's Perspective* (maio-junho de 1990), pg. 5.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Talvez eu esteja ficando muito profético. Mas você pode entender como a minha mente começou a se comportar quando olhei para os números. Assim como Hal Lindsey em 1970. E Whisenant em 1988. E Walvoord em 1990.

O Cérebro é o Primeiro a Morrer

Em 1974, Aleksandr Solzhenitsyn foi expulso da União Soviética. Após chegar no Ocidente, um dos seus temas mais recorrentes era a perda generalizada de fé no marxismo na União Soviética. Ninguém acredita mais nisso, ele insistia. É uma ideologia morta. Ninguém pode defendê-la, e ninguém deseja fazê-lo.

A lição que aprendemos com a derrocada do marxismo original é essa: *quando um movimento morre, ele morre no topo da pirâmide primeiro*. A sua cabeça fica amolecida antes do corpo ficar frio. Os membros fieis continuam a ir para a igreja mesmo muito depois de os líderes terem abandonado a fé original. Os seminários se afastam da fé; e então os burocratas em meio aos conselhos de várias igrejas; e então os pastores; e, por último, os leigos. Os seus cheques financiam essa deserção, do início ao fim. Leigos ingênuos se recusam a reconhecer o óbvio: quando os porta-vozes no topo da hierarquia, especialmente nas instituições de ensino superior e de formação de ministros, param de defender o credo original contra todos os que o questionam, os sinais do fim já estão visíveis para aquela denominação ou grupo.

A Mudança de Prioridades Irreversível

Há uma progressão nessa deserção lenta. Primeiro, os líderes acham que vale a pena dedicar tempo para responder questionamentos vindos de intelectuais sérios. Eles se sentem seguros em suas instituições de ensino permanentes e bem policiadas. Além disso, eles estão ocupados demais buscando empréstimos para novos projetos de construção (a experiência da União Soviética é análoga: *détente*²⁴¹ somada a créditos ocidentais.) Eles passam a ficar fora de forma, intelectualmente falando.

²⁴¹ Política de distensão entre URSS e EUA na década de 1970. [N. T.]

Conclusão

Segundo, a instituição busca credenciamento de uma organização credenciadora humanista ou teologicamente liberal. Assim que se torna credenciada, ela então adota os padrões acadêmicos “neutros” da organização credenciadora. Ela silenciosamente rebaixa os padrões educacionais e de credo, já que as taxas de matrícula são necessárias para pagar a dívida. Ela começa a substituir cursos de teologia sistemática e idiomas bíblicos por cursos de psicologia “cristã” menos rigorosos intelectualmente. O seu corpo docente passa a se focar em preocupações teológicas gerais – preocupações do corpo acadêmico – em vez do que nos pontos específicos da fé mais antiga, ou seja, os credos sustentados pelos patrocinadores dedicados que financiaram os edifícios originais e pagaram os salários por décadas.

Terceiro, os membros do corpo docente original da instituição vão embora. Eles se demitem por desgosto, ou são demitidos, ou simplesmente se aposentam silenciosamente. Eles são progressivamente substituídos por professores que são certificados (com diplomas de Ph.D. e Th.D.) por liberais como tecnicamente competentes em suas especialidades acadêmicas. Esses novos homens não realizam nenhuma tentativa sistemática de conciliar suas especialidades às formas teológicas originais.

O Seminário Teológico Talbot não possui mais dispensacionistas ferrenhos em seu quadro. O Seminário Teológico Grace demitiu John C. Whitcomb. O presidente do seminário o demitiu logo antes da sua própria aposentadoria – o ato mais simbólico que um burocrata poderia intentar. Uma carta padrão enviada pelo presidente em dezembro de 1992 anunciou a demissão de todo o corpo docente de tempo integral a partir de junho de 1993. As prioridades acadêmicas estão mudando.

Mas e o Seminário de Dallas? Considere a previsão do Rev. Thomas D. Ice, um formando do Seminário de Dallas e o coautor de *Dominion Theology: Blessing or Curse?* (1988):

No ano 2000, o Seminário Teológico de Dallas não será mais dispensacionista. As prioridades [profissionais] estão em outros

FEBRE DE ARREBATAMENTO

assuntos do que na defesa sistemática do dispensacionalismo de críticas externas.²⁴²

Na época em que Ice deu essa entrevista a uma revista reconstrucionista, o seu coautor, H. Wayne House, deixou o Seminário de Dallas para fazer parte do corpo docente de uma pequena faculdade batista em Oregon. Em 1992, ele se desligou daquela instituição. House sempre foi bem mais um ativista que um teólogo. Suas prioridades ativistas produziram mudanças em sua teologia, como podemos ver em seu ensaio na edição de 1992 do *Journal of The Evangelical Theological Society* [Revista da Sociedade Teológica Evangélica].²⁴³

Pergunta: Em que seminário um dispensacionalista entusiasmado irá estudar daqui a uma década? Após ele se matricular, o que lhe será ensinado? Resposta: não Scofield, Chafer, Ryrie ou Walvoord. É por isso que o dispensacionalismo está experimentando uma mudança de paradigma fundamental. Os teólogos mais jovens, que a arquitetaram, são inteligentes demais para admitir publicamente o que estão fazendo, e os mais velhos, que não podem pará-la, estão constrangidos demais para admitir o que está sendo feito com eles e com o trabalho de suas vidas. *Eles estão sendo deserdados*: exatamente o que eles previram que aconteceria aos cristãos na história. Eles foram vítimas da própria profecia.

Walvoord responde com Notas de Aula de 1953

Na edição de julho-setembro de 1990 do periódico acadêmico do Seminário de Dallas, *Bibliotheca Sacra*, a maior revista acadêmica do dispensacionalismo, o Dr. John Walvoord respondeu ao reconstrucionismo. Mais ou menos. Especificamente, ele escreveu uma resenha do livro do Bahnsen e do Gentry *House Divided: The Break-Up of Dispensational Theology* [Casa Dividida: A Ruptura da Teologia Dispensacionalista] (ICE, 1989). Ele se esqueceu de mencionar o subtítulo. Isso não é tudo que ele esqueceu. Ele se esqueceu de analisar o livro em si.

²⁴² Entrevista com Martin Selbrede, *Counsel of Chalcedon* (dez. de 1989).

²⁴³ Cf. Capítulo 7 acima.

Conclusão

Eu ocasionalmente exagero para efeito de argumentação. Não dessa vez. Numa resenha de uma página e meia, Walvoord fez referência ao livro apenas nos dois primeiros parágrafos (oito linhas, no total) e no penúltimo parágrafo. Ele não declarou a sua tese, apenas mencionou que ele lera “alguns livros com mais erros factuais e meias verdades sobre as doutrinas em discussão.” (Ele não identificou nem mesmo um desses erros.) Ele chamou o livro de uma “diatribe”. Pior de tudo, ele não identificou o meu Prefácio de Editor como a fonte de todo esse vitupério; em vez disso, ele culpou Bahnsen e Gentry exclusivamente – o pior tipo de insulto contra a minha pessoa.

Pelas duas páginas seguintes, ele simplesmente repetiu o que parece ser notas de aula dos anos 50 sobre a história do pré-milenismo. Ele deu continuidade à tática que professores do Seminário de Dallas usaram constantemente: contornar toda crítica feita contra o dispensacionalismo, dizendo que os críticos são simplesmente hostis ao pré-milenismo. “O debate contra o dispensacionalismo é equivocado, porque o que está realmente em pauta é a interpretação pré-milenista da Bíblia.” Esta é “a questão central.” Central para quem?

Não para Bahnsen e Gentry, que estavam atacando o dispensacionalismo, especialmente o seu antinomianismo. A seção do livro escrita pelo Dr. Bahnsen aborda apenas a questão da lei bíblica. Walvoord nunca mencionou isso. Ele desafiou *House Divided* argumentando que a Igreja primitiva sustentava exclusivamente o pré-milenismo, uma teoria refutada com sucesso na uma tese de mestrado em teologia de Alan Boyd, que identificou Walvoord como a fonte desse erro. A tática de Walvoord é a apologética tradicional do dispensacionalismo: manter a atenção do leitor focada no pré-milenismo, para que assim ele não leve em consideração nem as origens (tardias) e nem as visões teológicas peculiares do dispensacionalismo, que nenhum grupo na história da Igreja defendeu antes de 1830.

Quase toda a resenha é dedicada à versão do Seminário Dallas da história das escatologias rivais. No final, ele fez outra referência a *House Divided* novamente. E o que ele disse pode servir como um epitáfio para o dispensacionalismo:

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Uma resposta embasada para esse livro requereria outro livro de tamanho equivalente, o qual o presente autor não planeja escrever. Quando Whisenant anunciou que o Arrebatamento aconteceria em setembro de 1988, muitos sugeriram que o presente autor respondesse a esse ensino. A sua resposta, contudo, foi “É só esperar.” Quando a suposta data do Arrebatamento veio e passou, viu-se que tal ensino era errôneo. O mesmo se dará com a teologia do domínio.

Então, Walvoord novamente repete sua resposta: “É só esperar.” Mas, com a idade que ele tem, dificilmente se pode dar ao luxo de esperar. Seus seguidores, assim como os patrocinadores do Seminário de Dallas, já têm esperado por gerações. Que tipo de resposta teológica é essa, quando seus críticos usaram a obsessão de seu movimento com datas como um dos sinais mais óbvios de sua deformidade? Quando tudo o que o líder teológico amplamente reconhecido de um movimento pode responder acaba sendo “é só esperar” a um livro tão detalhado e rigoroso teologicamente quanto *House Divided*, esse movimento está se aproximando de seu fim. Quando o principal periódico teológico do dispensacionalismo publica uma resenha como essa como se fosse teologicamente adequada, o movimento está visivelmente num estado de morte cerebral.

Walvoord fez o que eu nunca imaginei que seria provável: ele apelou aos jornais como prova de sua escatologia. Lembre-se das palavras de Hal Lindsey: “Alguns dos eventos futuros que foram previstos centenas de anos atrás soam como os jornais de hoje.”²⁴⁴ Agora ouça o Walvoord: “Alguém se perguntaria como que os escritores desse livro podem ler os jornais com seus relatos de aumento do crime e de uma igreja decadente e elaborar a ideia de que o cristianismo triunfa no mundo.” Aqui está, em preto e branco: *exegese de jornal*. Aqui temos o deão do dispensacionalismo adotando abertamente a hermenêutica de Hal Lindsey. E por que ele não o faria? Ele já adotou o relógio profético de Lindsey.²⁴⁵

Observação: Recontrucionistas apenas dizem que o cristianismo *será* visivelmente triunfante em um momento futuro, não que ele é

²⁴⁴ Hal Lindsey (com C. C. Carlson), *The Late Great Planet Earth* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1970), pg. 20.

²⁴⁵ USA Today (19 de jan. de 1991).

visivelmente triunfante hoje. Mas esse não é o ponto principal. Walvoord confirma o que Bahnsen escreveu em 1917 com respeito à teologia dispensacionalista. Ele escreveu: "... crentes e incrédulos foram treinados para interpretar a Bíblia em termos de considerações *extrabíblicas* (pesquisa acadêmica secular para os modernistas, eventos mundiais para os dispensacionalistas)." Ele chamou esse fenômeno de exegese de jornal.²⁴⁶ O trabalho de Walvoord está em conformidade com essa análise.

Vou repetir meu refrão interminável: até que um *teólogo* dispensacionalista decida nos enfrentar por meio de uma obra publicada, em uma defesa de House, Ice, Scofield, Chafer e, sim, de Walvoord, nós reconstrucionistas sabemos exatamente para onde o dispensacionalismo está indo: para o abismo.

É só esperar.

Uma Geração Terminal

Eu finalizei meu Prefácio com o seguinte silogismo:

A teologia dispensacionalista leva à paralisia moral. Paralisia moral produz paralisia intelectual. Paralisia intelectual produz paralisia institucional. Paralisia institucional produz extinção através do desgaste. O dispensacionalismo está agora em seu último estágio. Parece que estamos testemunhando o nascimento da geração terminal – não a geração terminal da Igreja de Jesus Cristo, mas do dispensacionalismo.

O ferimento autoinfligido secundário do dispensacionalismo é a sua visão do futuro: o fracasso garantido da Igreja em cumprir a Grande Comissão durante a assim chamada Era da Igreja. O ferimento autoinfligido primário do dispensacionalismo é o seu antinomianismo, que é mais bem expresso no slogan: "nenhum credo, a não ser Cristo; nenhuma lei, a não ser o amor." Este slogan é, na realidade, um credo – um credo projetado e aprovado por adúlteros: "nenhuma lei, a não ser o amor." Este credo produziu uma torrente de adúlteros desde 1980: homens que publicamente afirmaram seu compromisso com o dispensaciona-

²⁴⁶ *Journal of Christian Reconstruction* (Inverno de 1976-1977), pp. 52-53.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

lismo, muitos deles em programas de televisão a cabo. Teólogos dispensacionalistas podem escolher ignorar os deslizes desses adúlteros, assim como daquele polígamo em série que se casa e se divorcia como se estivesse brincando de dança das cadeiras. Eles podem escolher dizer (como sempre, em particular), “Simplesmente não há relação entre a rejeição da lei bíblica por parte do dispensacionalismo e a torrente infindável de escândalos sexuais que aflige nosso movimento.” Mas há uma relação entre sanções e comportamento. Estes adúlteros não são imediatamente excomungados por suas igrejas. *Nenhuma lei, a não ser o amor!*

O dispensacionalismo está perto do fim da estrada. Seus defensores acadêmicos foram dessa para uma melhor. Seus atuais representantes acadêmicos não escrevem mais teologias sistemáticas. Eles se recusam a escrever monografias acadêmicas que mostrem precisamente como, na realidade, as sugestões recentes de revisões para o seu sistema teológico se encaixam entre si, e como essas revisões não minarão o sistema recebido. Nesta década de 1990, todos menos um (o Rev. Ice) se recusaram a responder por uma obra publicada aos desafios intelectuais dos teólogos teonomistas que foram publicados por uma ou mais das editoras que controlo. Desde pelo menos 1965, eles têm brincado de “faz de conta” e de “o silêncio dos cordeiros.” *O que eles realmente têm brincado é de **cabra-cega**.*

No dia 5 de janeiro de 1993, um professor do Seminário de Dallas me enviou uma carta. Ele disse, entre outras coisas:

Não prestei muita atenção aos seus escritos porque você tem se ocupado, principalmente, em nos atacar e deturpar nosso ponto de vista. Se você espera alguma resposta acadêmica ao que você está fazendo, você vai ter que começar a defender seu próprio ponto de vista e nos dar razões sólidas para dar crédito ao que você está fazendo. Sinto uma falta estranha disso em sua literatura.

Essa é uma declaração muito estranha vindo de um representante de uma posição teológica que não produziu nada de novo desde *Dispensationalism Today* [Dispensacionalismo Hoje] (1965) de Charles Ryrie, de um professor de um seminário que demitiu Ryrie sem cerimônias mais de uma década atrás. Deturpações, se realmente existirem, são bem fáceis de serem expostas. Tudo o que é necessário é uma obra publicada em resposta, com refutações linha por linha. Eu

ofereço como um belo exemplo disso *House Divided* de Bahnsen e Gentry. Eles desmantelaram as acusações do Dr. House e do Rev. Ice peça por peça. Mas acadêmicos dispensacionalistas se recusaram a responder às nossas supostas deturpações, exceto o Dr. House, e, então, (misteriosamente) ele não era mais parte do corpo docente do Seminário de Dallas. No fim, os professores mais jovens aprendem uma lição: defenda o sistema publicamente de seus críticos, e você terminará desempregado. É prudente ficar em silêncio. E assim eles ficam.

Febre de Arrebatamento é a minha resposta à acusação desse professor que me desafiou. Se os acadêmicos dispensacionalistas possuem o material, e também estão dispostos a entrar em um debate público comigo na forma de uma série de livros como este, eles deveriam fazê-lo. Cavalheiros, não é muito difícil responder *se* vocês fizeram seu dever de casa. Mas quando tudo o que os representantes intelectuais de um movimento teológico de 160 anos podem produzir é uma única resposta em forma de livro publicado em uma década – *Dominion Theology: Blessing or Curse?* – e então os homens que a ofereceram subsequentemente demonstram-se incapazes de responder a refutação em forma de obra publicada – *House Divided* – um observador atento é levado a concluir: “Eles simplesmente não têm o poder de fogo! A munição deles acabou.” Realmente acabou.

Talvez o professor do Seminário de Dallas que propôs o desafio irá fazer uma resenha de *Febre de Arrebatamento* no *Bibliotheca Sacra*. Ou talvez ele, prudentemente, permanecerá em silêncio. Uma coisa é certa: ele não irá escrever um livro refutando os livros que eu tenho financiado desde 1984. Se ele fosse capaz de fazê-lo, ele já o teria feito muito antes disso.

É por isso que o dispensacionalismo está paralisado: ***seus teólogos são intelectualmente incapazes de defendê-lo***. Não é porque eles são estúpidos; é por que o sistema dispensacionalista é incoerente. Ele agora está visivelmente caindo aos pedaços. Seus revisores oficiais estão tendo sucesso apenas em acelerar o processo de desintegração. O seu tempo é curto.

Em 1988, o Seminário de Dallas permitiu com que o conjunto de 8 volumes completo da *Teologia Sistemática* de Lewis Sperry Chafer saísse de circulação. O seminário permitiu com que a editora *Scripture Press*

FEBRE DE ARREBATAMENTO

publicasse uma versão resumida, de apenas dois volumes, em 1988. Em janeiro de 1993, o conjunto completo foi republicado por Kregel, uma editora independente que se especializa em reimpressões de livros fora de circulação. O fato de que o seminário não se importou em manter em circulação a única teologia sistemática dispensacionalista abrangente já escrita indica que uma mudança silenciosa está em andamento. Essa mudança será, no fim, sentida em igrejas que dependem do Seminário de Dallas para suprir sua atual liderança intelectual e seus futuros pastores.

Um movimento precisa de uma estratégia ofensiva de longo prazo e uma estratégia defensiva no presente para vencer. Primeiro, ele precisa de uma *estratégia de substituição*: fermento. Ele precisa de uma estratégia para substituir a cultura anticristã dominante, e também todos os seus rivais anticristãos e todos aqueles dentro do cristianismo que pregam uma teologia diferente. O dispensacionalismo nunca teve uma estratégia de substituição porque ele prega uma teologia de fuga da história. O dispensacionalismo prega que a Igreja, não o anticristianismo, será substituída no fim da Era da Igreja. Sua estratégia, portanto, sempre foi defensiva: “Formem um círculo com as carroças!”

Esta estratégia defensiva é institucional, não intelectual. Isto nos leva à segunda fraqueza do dispensacionalismo. O dispensacionalismo nunca produziu um teólogo que estivesse disposto a servir como um crítico dos críticos, um defensor contra todos os ataques. A *estratégia do silêncio* sempre foi a estratégia preferida. Ou os teólogos do movimento não têm estado confiantes sobre sua capacidade de defender o sistema (que certamente é a situação no presente) ou eles presumiram que os seus seguidores não são leitores de livros teológicos e, portanto, críticas em forma de obras publicadas por outros teólogos são desprezadas como sendo institucionalmente irrelevantes. O movimento dispensacionalista, no melhor dos casos, lança um livro a cada meia geração para defender o sistema. No caso de *Dominion Theology: Blessing or Curse?*, o seu coautor acadêmico imediatamente começou a recuar, tanto geograficamente quanto teologicamente. Dr. House talvez não seja mais dispensacionalista; ele certamente não defende mais o sistema tradicional com a determinação fanática, porém incoerente, do Rev. Ice. Ice é o último defensor visível do movimento dispensacionalista; seus boletins

Conclusão

respondem aos principais críticos do sistema, a saber, reconstrucionistas. Ninguém mais se importa em defender o sistema.

Sem uma estratégia de longo prazo de substituição cultural, nem uma de defesa intelectual rápida e abrangente, um movimento acaba podendo apenas recrutar e reter os membros menos brilhantes e menos dedicados da próxima geração. Esta é a situação em que os dispensacionalistas se encontram hoje.

Minha conclusão: ***estamos testemunhando a geração terminal do dispensacionalismo***. É só esperar.

BIBLIOGRAFIA

A lista a seguir serve como uma extensão às questões que levantei neste livro. O leitor sério é encorajado a ler um ou mais dos seguintes livros. Ele também é encorajado a buscar refutações publicadas de quaisquer destas obras por parte de teólogos dispensacionalistas. A ausência de tais refutações publicadas reforçará meu ponto básico: a paralisia intelectual que aflige teólogos dispensacionalistas. Estudantes de seminário devem ser especialmente diligentes em verificar se os seus professores leram quaisquer destes livros. Eles discutiram quaisquer destes livros em aula? Estão quaisquer destes livros listados na bibliografia para estudo? Em suma, o apagão acadêmico ainda está em ação?

Obras Gerais sobre Escatologia

Boyer, Paul. *When Time Shall Be No More: Prophecy Belief in Modern American Culture*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 1992. O Prof. Boyer detém a cadeira Merle Curti do departamento de história na Universidade de Wisconsin.

Clouse, Robert G., ed. *O Significado do Milênio*. Base Livros, 2021. Defensores das quatro principais visões do Milênio apresentam os seus argumentos.

Erickson, Millard J. *Escatologia: a Polêmica em Torno do Milênio*. Edições Vida Nova, 2010. Examina visões modernas da escatologia sobre o Milênio e a Grande Tribulação.

Obras Defendendo o Pós-Milenismo ou o Preterismo

Adams, Jay. *The Time Is At Hand*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1966. Uma interpretação amilenista e preterista do livro de Apocalipse.

Alexander, J. A. *The Prophecies of Isaiah, A Commentary on Matthew* (completo até o capítulo 16), *A Commentary on Mark*, e *A Commentary on*

Bibliografia

Acts. Várias editoras. Obras do acadêmico de Antigo Testamento do século XIX do Seminário de Princeton.

Boettner, Loraine. *The Millennium*. Revised edition. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, (1958) 1984. Um estudo clássico das visões milenares e uma defesa do pós-milenismo. [N. T.: Os capítulos referentes à exposição e defesa do pós-milenismo foram publicados em português em *Pós-Milenismo*, Pós-Milenismo Produções, 2025]

Brown, John. *The Discourses and Sayings of Our Lord and commentaries on Romans, Hebrews, and 1 Peter*. Várias editoras. Brown foi um calvinista escocês do século XIX.

Campbell, Roderick. *Israel and the New Covenant*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, (1954) 1981. Um estudo ignorado dos princípios da interpretação de profecias. Campbell examina os temas principais da teologia bíblica do Novo Testamento. O livro é fácil de ler; seus capítulos são curtos; suas referências bíblicas são numerosas.

Chilton, David. *The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation*. Ft. Worth, TX: Dominion Press. Um enorme comentário pós-milenista do livro de Apocalipse.

Chilton, David. *A Grande Tribulação*. Pós-Milenismo Produções, 2025. Uma introdução exegética popular a esta profecia importante, mas já cumprida há muito tempo.

Chilton, David. *Paraíso Restaurado*. Editora Monergismo, 2024. Um estudo do simbolismo profético, da vinda do Reino e do livro de Apocalipse. Profundamente exegético.

Clark, David S. *The Message from Patmos: A Postmillennial Commentary on the Book of Revelation*. Grand Rapids, MI: Baker, 1989. Um breve comentário preterista e pós-milenista.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Davis, John Jefferson. *A Vitória do Reino de Cristo: Uma Introdução ao Pós-Milenarismo*. Edições Calcedônia, 2016. Uma defesa histórica e bíblica do pós-milenismo por um professor do Seminário Gordon-Conwell Seminary.

DeMar, Gary e Peter Leithart. *The Reduction of Christianity: A Biblical Response to Dave Hunt*. Ft. Worth, TX: Dominion Press, 1988. Uma crítica detalhada da teologia popular pietista e abertamente isolacionista do autor de best-sellers e contabilista Dave Hunt. Além disso, uma defesa bíblica e histórica do pós-milenismo.

Edwards, Jonathan. *Uma História da Obra da Redenção*. Edições Vida Nova, 2024. Edwards é geralmente considerado o teólogo mais influente da América. Ele foi um defensor do pós-milenismo.

Gentry, Kenneth L. *The Beast of Revelation*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989. Um estudo preterista da identidade da besta do Apocalipse.

Gentry, Kenneth L. *Before Jerusalem Fell: Dating the Book of Revelation*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989. Uma dissertação de doutorado sobre a data do livro de Apocalipse: anterior a 70 d.C.

Gentry, Kenneth L. *A Grandeza da Grande Comissão: O Empreendimento Cristão num Mundo Caído*. Editora Monergismo, 2025. Uma apresentação minuciosa da natureza abrangente do chamado de Cristo para o evangelismo mundial.

Gentry, Kenneth L. *He Shall Have Dominion: A Postmillennial Eschatology*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1992. Uma declaração abrangente em defesa do pós-milenismo e contra o pré-milenismo e o amilenismo.

Henry, Matthew. *Comentário Bíblico Matthew Henry*. 6 volumes. CPAD, 2025. Um comentário popular de toda a Bíblia por um teólogo do século XVII ainda popular.

Bibliografia

Hodge, A. A. *Outlines of Theology*. Enlarged edition. London: The Banner of Truth Trust, (1879) 1972. Uma introdução à teologia sistemática em formato de perguntas e respostas.

Hodge, Charles. *Teologia Sistemática*. Editora Hagnos, 2001. Uma obra reformada de referência do teólogo mais renomado do Seminário de Princeton no século XIX.

Kik, J. Marcellus. *An Eschatology of Victory*. N.p.: Presbyterian and Reformed, 1975. Estudos exegéticos preteristas em Mateus 24 e Apocalipse 20.

Murray, Iain. *The Puritan Hope: Revival and the Interpretation of Prophecy*. (Edinburgh: Banner of Truth, 1971). Estudo histórico do pós-milenismo na Inglaterra e na Escócia, iniciando no século XVIII.

North, Gary, ed. *The Journal of Christian Reconstruction*, Symposium on the Millennium (Inverno de 1976-1977). Ensaios históricos e teológicos sobre o pós-milenismo.

North, Gary. *Millennialism and Social Theory*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1990. Um estudo da incapacidade do pré-milenismo e amilenismo em lidar com a teoria social como um empreendimento explicitamente bíblico.

Owen, John. *Works*, ed. William H. Goold. 16 volumes. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1965. O teólogo e pregador puritano do século XVII; volume 8 inclui vários sermões sobre o Reino de Deus, e o volume 9 contém um sermão preterista em 2 Peter 3.

Rushdoony, Rousas John. *O Plano de Deus Para a Vitória: O Significado do Pós-Milenismo*. Editora Monergismo, 2008. Um estudo teológico curto das implicações do pós-milenismo para economia, lei e reconstrução.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Rushdoony, Rousas John. *Thy Kingdom Come: Studies in Daniel and Revelation*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1970. Estudos exegeticos; contém vários comentários perspicazes sobre história e a sociedade.

Shedd, W. G. T. *Dogmatic Theology*. 3 volumes. Nashville, TN: Thomas Nelson, (1888) 1980. Uma obra reformada do século XIX sobre teologia sistemática.

Strong, A. H. *Teologia Sistemática*. Editora Hagnos, 2019. Teólogo batista pós-milenista do fim do século XIX e início do século XX.

Sutton, Ray R. *Pacto Pós-Milenista*. Revista Cristã Última Chamada, 2021. Discute a diferença entre o pós-milenismo presbiteriano tradicional e o pós-milenismo pactual.

Terry, Milton S. *Biblical Apocalypics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ*. Grand Rapids, MI: Baker, (1898) 1988. Obra do século XIX de estudos exegeticos das passagens proféticas nos Antigo e Novo Testamentos; inclui um comentário completo do Livro de Apocalipse.

Vos, Geerhardus. *The Pauline Eschatology*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, (1930) 1952. Uma análise acadêmica dos escritos escatológicos de Paulo, escrita pelo erudito fiel às Escrituras que primeiro desenvolveu a teologia bíblica ortodoxa: a ideia de que a apresentação no evangelho na Bíblia se desenvolve com o tempo, mas sem mudança em seu significado, como liberais argumentam.

Vos, Geerhardus. *Redemptive History and Biblical Interpretation*. Edited by Richard Gaffin. Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian & Reformed, 1980. Estes ensaios mais breves abordam a teologia e a escatologia bíblicas. Capítulos 1-7 lidam com a escatologia.

Pós-Milenismo e os Judeus

De Jong, J. A. *As the Waters Cover the Sea: Millennial Expectations in the Rise of Anglo-American Missions 1640-1810*. Kampen: J. H. Kok, 1970. Uma história geral das visões milenares; por todo o texto, menciona-se a importância das profecias referentes aos judeus.

DeMar, Gary e Peter Leithart. *The Legacy of Hatred Continues: A Response to Hal Lindsey's **The Road to Holocaust*** (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989). Uma refutação breve, mas minuciosa, da alegação de Hal Lindsey de que todas as escatologias não-dispensacionalistas são antissemitas. Lindsey nunca respondeu em público a esse livro, publicado um mês após sua obra *The Road to Holocaust* [O Caminho para o Holocausto]. Ele não revisou nenhum de seus erros factuais na edição subsequente. Antes da publicação de *The Road to Holocaust*, ele repetidamente se recusou a se encontrar individualmente em particular ou com Gary North ou Gary DeMar, apesar de ambos terem feito pedidos formais para tal.

Fairbairn, Patrick. *The Prophetic Prospects of the Jews, or, Fairbairn vs. Fairbairn*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1930. O estudioso do século XIX Fairbairn mudou de ideia sobre a conversão dos judeus. Este volume reproduz seus argumentos iniciais para a posição pós-milenista histórica, e os seus argumentos posteriores contra ela.

Schlisse1, Steve e David Brown. *Hal Lindsey and the Restoration of the Jews*. Edmonton, Alberta, Canada: Still Waters Revival Books, 1990. Um pastor reconstrucionista de origens judaicas responde à alegação de Hal Lindsey de que o reconstrucionismo é antissemita. A obra de Schlissel é combinada com a obra de David Brown, que demonstra que o pós-milenismo é o “sistema de interpretação profética que estabeleceu historicamente a base bíblica para o mais glorioso futuro imaginável para os judeus!”

Sutton, Ray R. “A Postmillennial Jew (The Covenantal Structure of Romans 11)” *Covenant Renewal* (junho de 1989). Sutton tem uma conversa com um judeu messiânico pós-milenista.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Sutton, Ray R. "Does Israel Have a Future?" *Covenant Renewal* (dezembro de 1988). Examina as diversas visões do futuro de Israel, e defende a visão pactual.

Toon, Peter, ed. *Puritans, the Millennium and the Future of Israel: Puritan Eschatology 1600-1660*. Cambridge: James Clarke, 1970. Um estudo histórico detalhado das visões milenares com atenção especial ao papel de Israel na profecia.

Obras Críticas do Dispensacionalismo Pré-Tribulacionista

Allis, Oswald T.: *Prophecy and the Church*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1945. Uma crítica clássica abrangente da teologia do dispensacionalismo por um acadêmico pós-milenista do Antigo Testamento. Nunca foi refutada e é raramente mencionada por acadêmicos dispensacionalistas.

Bacchiocchi, Samuele. *Hal Lindsey's Prophetic Jigsaw Puzzle: Five Predictions That Failed!* Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1987. Uma análise das falsas profecias de Lindsey.

Bahnsen, Greg L. and Kenneth L. Gentry. *House Divided: The Break-Up of Dispensational Theology*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989. Uma resposta ao livro de H. Wayne House (então professor do Seminário de Dallas) e Thomas Ice, *Dominion Theology: Blessing or Curse?* Inclui uma discussão abrangente de questões escatológicas escrita por Gentry.

Bass, Clarence B. *Backgrounds to Dispensationalism: Its Historical Genesis and Ecclesiastical Implications*. Grand Rapids, MI: Baker, 1960. Uma obra sobre a história do dispensacionalismo pesquisada minuciosamente, com foco em J. N. Darby. O livro é compacto: 184 páginas.

Bell, William Everett. "A Critical Evaluation of the Pretribulation Rapture Doctrine in Christian Eschatology." Dissertação de doutorado da Universidade de Nova Iorque, 1967. Esta é, de longe, a mais abrangente

Bibliografia

análise crítica das falhas teológicas dos criadores e defensores da posição pré-tribulacionista.

Boersma, T: *Is the Bible a Jigsaw Puzzle: An Evaluation of Hal Lindsey's Writings*. Ontario, Canada: Paideia Press, 1978. Uma análise do método interpretativo de Lindsey, e uma exegese de passagens proféticas importantes.

Bray, John L. *Israel in Bible Prophecy*. Lakeland, FL: John L. Bray Ministry, 1983. Uma discussão histórica e bíblica do papel dos judeus na Nova Aliança, feita do ponto de vista amilenista.

Brown, David. *Christ's Second Coming: Will It Be Premillennial?* Edmonton, Alberta, Canada: Still Water Revival Books, (1876) 1990. Um estudo exegético detalhado da Segunda Vinda e do Milênio por um ex-defensor do pré-milenismo que se tornou pós-milenista.

Cox, William E. *An Examination of Dispensationalism*. Philadelphia, PA: Presbyterian and Reformed, 1963. Uma análise crítica dos pontos fundamentais do dispensacionalismo por um ex-defensor da posição que se tornou amilenista.

Cox, William E. *Why I Left Scofieldism*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, n.d. Um exame crítico dos principais problemas do dispensacionalismo.

Crenshaw, Curtis I. and Grover E. Gunn, III. *Dispensationalism Today, Yesterday, and Tomorrow*. Memphis, TN: Footstool Publications, (1985) 1989. Dois formandos do Seminário de Dallas fazem uma análise crítica e abrangente do dispensacionalismo.

DeMar, Gary. *The Debate Over Christian Reconstruction*. Ft. Worth, TX: Dominion Press, 1988. Uma resposta a Dave Hunt e Thomas Ice após o seu debate em 1988 contra Gary North e Gary DeMar. Inclui um breve comentário em Mateus 24. O livro foi copublicado pela American Vision, Atlanta, GA.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

DeMar, Gary. *Last Days Madness*. Atlanta, GA: American Vision, (1991) 1993. Um estudo das numerosas falsas profecias feitas por dispensacionalistas, e os efeitos desmoralizantes que tais falsas profecias produzem nos que acreditam nelas.

Feinberg, John A. *Continuity and Discontinuity: Perspectives on the Relationship Between the Old and New Testaments*. Westchester, IL: Crossway, 1988. Teólogos de várias posições discutem a relação entre a Antiga e a Nova Aliança; mostra evidências de modificações importantes no dispensacionalismo.

Gerstner, John H. *A Primer on Dispensationalism*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1982. Uma breve crítica da “divisão” dispensacionalista da Bíblia.

Jordan, James B. *The Sociology of the Church*. Tyler, TX: Geneva Ministries, 1986. O capítulo intitulado “Christian Zionism and Messianic Judaism” [Sionismo Cristão e Judaísmo Messiânico] contrasta o sionismo dispensacionalista de Jerry Falwell, et. al. com o dispensacionalismo clássico inicial.

MacPherson, Dave. *The Incredible Cover-Up*. Medford, OR: Omega Publications, 1975. Um estudo revisionista das origens da doutrina do arrebatamento pré-tribulacional. Ele rastreia as revelações particulares de uma mística de 20 anos, seguidora de Edward Irving, Margaret Macdonald, em 1830.

MacPherson, Dave. *The Unbelievable Pre-Trib Origin*. Kansas City, MO: Heart of America Bible Society, 1973. A publicação inicial de MacPherson defendendo sua tese referente a Margaret Macdonald.

MacPherson. *The Great Rapture Hoax*. Fletcher, NC: New Puritan Library, 1983. Evidências adicionais do relato inconveniente das origens do arrebatamento pré-tribulacional.

Bibliografia

Mauro, Philip. *O Evangelho do Reino*. Monoergon, 2017. Mauro acusa o dispensacionalismo de romper com a história da Igreja. [N.T.: Disponível em monoergon.wordpress.com e R. C. Última Chamada]

Mauro, Philip. *The Seventy Weeks and the Great Tribulation*. Swengel, PA: Reiner Publishers, n.d. Um ex-dispensacionalista reexamina as profecias em Daniel e no Sermão do Monte das Oliveiras.

Miladin, George C. *Is This Really the End?: A Reformed Analysis of **The Late Great Planet Earth***. Cherry Hill, NJ: Mack Publishing, 1972. Uma breve resposta dispensacionalista às obras de Hal Lindsey sobre profecia; conclui com uma defesa do otimismo pós-milenista.

Provan, Charles D. *The Church Is Israel Now: The Transfer of Conditional Privilege*. Vallecito, CA: Ross House Books, 1987. Uma coletânea de textos da Escritura com breves comentários.

Vanderwaal, C. *Hal Lindsey and Biblical Prophecy*. Ontario, Canada: Paideia Press, 1978. Uma crítica enérgica do dispensacionalismo e de Hal Lindsey por um amilenista preterista.

Weber, Timothy P. *Living in the Shadow of the Second Coming: American Premillennialism 1875-1982*. Grand Rapids, MI: Zondervan/Academie, 1983. Esta obra examina o dispensacionalismo americano num contexto histórico e social mais amplo.

Wilson, Dwight. *Armageddon Now!: The Premillenarian Response to Russia and Israel Since 1917*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, (1977) 1991. Um historiador pré-milenista analisa a história de profecias dispensacionistas fracassadas. Ele alerta contra a “exegese de jornal”.

Woodrow, Ralph. *Great Prophecies of the Bible*. Riverside, CA: Ralph Woodrow Evangelistic Association, 1971. Um estudo exegético de Mateus 24, das Setenta Semanas de Daniel, e da doutrina do Anticristo.

FEBRE DE ARREBATAMENTO

Woodrow, Ralph. *His Truth Is Marching On: Advanced Studies on Prophecy in the Light of History*. Riverside, CA: Ralph Woodrow Evangelistic Association, 1977. Um estudo exegético de passagens proféticas importantes no Antigo e no Novo Testamento.

Zens, John. *Dispensationalism: A Reformed Inquiry into Its Leading Figures and Features*. Nashville, TN: Baptist Reformation Review, 1973. Breve discussão histórica e exegética por um (então) batista reformado.

Estudos Teonômicos da Lei Bíblica

Bahnsen, Greg L. *By This Standard: The Authority of God's Law Today*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1985. Uma introdução às questões da lei bíblica na sociedade.

Bahnsen, Greg. *No Other Standard: Theonomy and Its Critics*. Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1991. Uma resposta detalhada, ponto a ponto, a dezenas de críticos das defesas anteriores de Bahnsen à teonomia.

Bahnsen, Greg L. *Theonomy in Christian Ethics*. Nutley, New Jersey: Presbyterian and Reformed, (1977) 1984. Uma apologética detalhada da ideia de continuidade na lei bíblica.

DeMar, Gary. *God and Government*, 3 vols. Atlanta, GA: American Vision, 1991. Uma introdução aos fundamentos do governo bíblico, enfatizando o autogoverno.

Jordan, James. *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984. Uma introdução clara às questões das leis casuísticas do Antigo Testamento.

North, Gary. *The Dominion Covenant: Genesis*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, (1982) 1987. Um Estudo das leis econômicas do livro de Gênesis.

Bibliografia

North, Gary. *Moses and Pharaoh: Dominion Religion vs. Power Religion*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1985. Um estudo das questões econômicas que governam o livro de Êxodo.

North, Gary. *Political Polytheism: The Myth of Pluralism*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989. Uma crítica de 700 páginas do mito da neutralidade: na ética, na crítica social, na história dos EUA e na constituição americana.

North, Gary. *The Sinai Strategy: Economics and the Ten Commandments*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1986. Um estudo da estrutura pactual de cinco pontos (1-5, 6-10) dos Dez Mandamentos. Inclui um estudo detalhado da razão pela qual a sanção capital da Antiga Aliança não mais se aplica à violação do sábado.

North, Gary. *Tools of Dominion: The Case Laws of Exodus*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1990. Um exame de 1.300 páginas da economia de Exodus 21-23.

North, Gary. *Westminster's Confession: The Abandonment of Van Til's Legacy*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1991. Refuta, capítulo a capítulo, as críticas oferecidas pela obra do Seminário de Westminster *Theonomy: A Reformed Critique* [Teonomia: Uma Crítica Reformada]. North mostra que o seminário retornou à teologia da lei natural para assim defender o pluralismo político. North diz que esta é, de longe, sua melhor obra polêmica. Rushdoony publicamente disse isso também. Ela contém uma reimpressão do obituário de 1937 de J. Gresham Machen por H. L. Mencken.

North, Gary, ed. *Theonomy: An Informed Response*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1991. Um simpósio de 400 refutando a obra do Seminário de Westminster *Theonomy: A Reformed Critique*. Contém ensaios de DeMar (3), Gentry (3), Sutton, North, e do Rev. John Maphet.

Rushdoony, Rousas John. *The Institutes of Biblical Law*. Nutley, New Jersey: Presbyterian and Reformed, 1973. A obra fundacional do

FEBRE DE ARREBATAMENTO

movimento de Reconstrução Cristã. Ela classifica toda a lei bíblica sob os Dez Mandamentos. Ela inclui três appendices por Gary North.

Sutton, Ray R. *That You May Prosper: Dominion By Covenant*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, (1987) 1992. Um estudo detalhado do modelo bíblico actual de cinco pontos, aplicando-os à igreja, estado e família. Sutton é o presidente do *Philadelphia Theological Seminary* (Episcopal Reformado).

UM DESAFIO AO SEMINÁRIO DE DALLAS

Cavalheiros, a sua instituição não produziu uma teologia sistemática desde quando o seu fundador, Lewis Sperry Chafer, escreveu a dele em 1948. Mesmo assim, ele foi incapaz de responder ao livro de O. T. Allis, *Prophecy and the Church* [Profecia e a Igreja] (1945). Vocês se recusaram a manter sua obra em circulação após 1988. O seu silêncio contínuo é o símbolo de seu dilema. A incapacidade de cada geração em produzir uma teologia sistemática detalhada que responda seus muitos críticos também é.

É hora de vocês, como corpo docente, produzirem uma teologia sistemática. É minha opinião que há concordância insuficiente no Seminário de Dallas para que tal projeto seja concluído. Então, eu agora lhes ofereço este desafio. Anualmente, vocês deverão assinar uma declaração de fé. O corpo docente precisará pagar dois ou três membros para escrever uma defesa de 800 páginas dessa declaração. Deixe claro aos seus estudantes, aos patrocinadores do seminário e ao conselho diretor que esta declaração de fé pode ser defendida de maneira acadêmica e bíblica. Isso assegurará aos pastores e leigos que alguém em algum lugar é capaz de defender o sistema dispensacionalista. Como vocês sabem, eu não acho que alguém o seja.

Eu prevejo que vocês não aceitarão este desafio porque vocês não têm coragem de fazê-lo. Vocês não concordam entre si sobre o que o dispensacionalismo ensina. Se adentrarem em pontos específicos, vocês explodirão o seminário. Se ficarem em silêncio, perderão o que resta da liderança que possuem na comunidade dispensacionalista. Então, vocês não podem se dar ao luxo de ficar em silêncio, mas vocês não têm coragem de serem específicos.

E assim, esta é a minha conclusão: não existe mais ninguém que ariscará publicar uma teologia sistemática dispensacionalista abrangente. A razão é simples: o sistema dispensacionalista tem tantos problemas que seus defensores têm vergonha dele. É hora dos seus defensores mudos pararem de fingir que esse não é o caso.

Talento intelectual é escasso no protestantismo evangélico. Nós precisamos de teólogos que estejam dispostos a dedicar todos os seus dons intelectuais à defesa da fé. Se você não pode, em boa consciência e com todas as suas forças, se empenhar à defesa do dispensacionalismo, é hora de adotar outra posição – uma pela qual valha a pena se dedicar.

UMA ESTRATÉGIA DE TRÊS ANOS PARA PASTORES

Se a mensagem deste livro te convenceu, você tem agora um grande problema: como transmitir esta mensagem à sua congregação, sem perder a maioria deles e sem ser demitido. Isso pode ser feito, mas não da noite para o dia.

Alerta: você ainda não está pronto para liderar sua congregação para fora da escravidão do Egito antinomiano e pelo deserto mais do que Moisés estava, quando ele fugiu para o deserto. Você deve começar a desenvolver uma estratégia de secessão da escravidão cultural: a aliança humanista-pietista. Seu objetivo: **transformar em ativistas metade de sua congregação em 36 meses.**

Primeiro, você deve dedicar os próximos três anos a estudo teológico sério, talvez o mais sério de toda sua vida. Você deve ler pelo menos 30 dentre os livros listados na bibliografia, mas, acima de tudo, *Prophecy and the Church* de O. T. Allis. Nada menos que trinta livros será o bastante. Enquanto faz isso, você deve ler a Bíblia toda, uma vez por ano, no mínimo.

Segundo, você não pode derrotar algo com nada. Não é o bastante saber o que há de errado com o dispensacionalismo. Você também deve saber qual sistema teológico é o correto. Descubra. Pense em toda a sua teologia e a reestruture, ponto a ponto, à medida que ler a Bíblia. Mas não pregue suas descobertas teológicas assim que as fizer. Seja paciente. Espere.

Terceiro, não anuncie à sua congregação no próximo domingo: “Mudei de teologia!” Em vez disso, faça o que o Seminário Teológico Grace fez: **substitua a teologia dispensacionalista pela teologia prática.** Passe a pregar uma série de dois anos de sermões de 6 partes em quaisquer dos seguintes tópicos: evangelismo, disciplina familiar, conseguir um emprego melhor, gerenciar suas finanças, educação cristã, ou uma dezena de outros. Transforme sua congregação em ativistas cristãos: sal e luz para Cristo. Projetos!

Finalmente, ore por sua estratégia por 15 minutos por dia. Quando receber respostas, aliste ativistas em sua igreja para te ajudar.

UMA ESTRATÉGIA DE TRÊS ANOS PARA LEIGOS

Suponho que você tenha terminado de ler *Febre de Arrebatamento*. Você pode ter sido persuadido de que eu estou certo, ou apenas de que talvez eu esteja certo. Agora você deve descobrir se este é o caso ou não.

Você deve localizar uma cópia de *Prophecy and the Church* de O. T. Allis. Assim que conseguir, pegue sua Bíblia e comece a ler Allis. Você deve verificar cada coisa que ele disser que lhe provocar dúvida buscando as passagens bíblicas que ele citar como prova. Isso irá persuadi-lo.

E agora? Se você for um membro de uma igreja dispensacionalista, não vá correndo para seus amigos cristãos gritando, “Olha só o que eu encontrei!” Eles não vão acreditar em você. Sua mensagem minará tudo o que eles aprenderam sobre a lei de Deus, o futuro da Igreja, e da responsabilidade pessoal do cristão. O preço de aceitar as suas crenças recém-descobertas, mas não ainda compreendidas totalmente, é alto demais. Eles não estarão dispostos a pagá-lo ainda. Espere.

Segundo, sente-se e mapeie um programa pessoal de serviço cristão que refletirá o que agora crê sobre a lei de Deus, o futuro da Igreja e sua responsabilidade. Falar é fácil; autodisciplina pessoal é cara. Calcule o custo.

Você precisa devolver a Deus um pagamento simbólico pela graça que Ele concedeu a você. Procure por uma área de serviço em que seus talentos te qualifiquem unicamente, e comece a servir: cinco horas por semana, dez horas por semana, ou o que estiver a seu alcance. Torne-se um cidadão produtivo na cidade de Deus edificada sobre o monte. Ações falam mais alto que palavras.

Se você não aguenta mais a pregação de rejeição de responsabilidades em sua igreja local, transfira-se silenciosamente a outra congregação sem deixar ressentimentos para trás. Se você ficar, trabalhe paulatinamente para persuadir outros, um a um, através do seu serviço (as chances estão contra você). **Não se torne um murmurador ou conspirador.** Em dois ou três anos, quando a sua luz resplandecer diante dos homens, e alguns deles vierem até você atrás de conselhos sobre como eles podem servir a Deus de forma melhor, ajude-os a encontrar a melhor área em que podem servir. Se (e somente se) eles te perguntarem como a sua vida cristã foi mudada, conte-os sobre este livro. Se eles se tornarem ativistas cristãos, eles se tornarão pós-milenistas funcionais.

